Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro

A religiosidade, o papel feminino, as denominações e suas pioneiras



Rute Salviano Almeida

VOZES FEMININAS
NO INÍCIO DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Rute Salviano Almeida

Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro

A religiosidade, o papel feminino,
as denominações e suas pioneiras

ultimato
VIÇOSA|MG

Sumário

Capa
Folha de rosto
Prefácio
Introdução
1. Vozes religiosas: a religiosidade popular e os “intrusos” protestantes
2. Vozes caladas: o papel feminino
3. Vozes educadoras: as missionárias pioneiras estrangeiras 1
4. Vozes educadoras: as missionárias pioneiras estrangeiras 2
5. Vozes intrépidas: as pioneiras em diversas áreas de atuação
6. Vozes companheiras: as esposas de pastores e líderes pioneiras
7. Vozes evangelizadoras: as esposas de missionários em Portugal e as missionárias pioneiras aos indígenas e sertanejos no Brasil
8. Vozes do passado: as pioneiras na pesquisa histórica
9. Vozes avivadas: as pioneiras na renovação espiritual no Brasil
Epílogo
Referências
Créditos

Aos Meus Amados Filhos, Meirélen, Meison e Marlon, que estão sempre no meu coração e nas mãos amorosas de Deus.

> Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá. Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude. Como é feliz o homem cuja aljava está cheia deles! Não será humilhado quando enfrentar seus inimigos no tribunal.
>
> – Salmos 127.3-5



A autora e seus filhos: Meison, Marlon e Meirélen (22 ago. 2013)

A igreja metodista, batista ou presbiteriana, para mencionar apenas três, sobreviveriam se as mulheres não ensinassem nas Escolas Dominicais? Não fizessem soar suas vozes nos cânticos de louvor, quer na congregação, ou seja, na assembleia, ou no coro (o que obviamente não acontece em silêncio)? Não participassem ativamente em reuniões de oração e similares? Será que a mulher ficava calada nos primórdios do cristianismo? A evidência é totalmente contrária.

(REILY, Duncan A. *Ministérios femininos em perspectiva histórica*, p. 44-45.)

Homenagem à historiadora Betty Antunes de Oliveira



Betty Antunes de Oliveira com sua filha primogênita, Nancy.
Fonte: Acervo da família Antunes de Oliveira.

"Mamãe acabou de receber seu livro, ficou um tanto aturdida num primeiro momento, e chorou segurando-o com as mãos trêmulas. Achou-o muito lindo e significativo e não se cansava de dizer que estava feliz por merecer essa homenagem tão cuidadosamente elaborada por você. Ela pediu-me que lhe dissesse o quanto está feliz por merecer sua dedicação nesse trabalho difícil de pesquisa. E que agradece com o coração cheio de gratidão. Eu também lhe agradeço muito. Que o Senhor a abençoe ricamente. Um grande abraço, Bettynha."

[E-mail de Betty Antunes de Oliveira Filha. Março de 2014.]



Betty Antunes de Oliveira aos 95 anos, lendo *Vozes Femininas no Início do Protestantismo Brasileiro* (edição de 2014).

Prefácio

PRIMEIRO, VAMOS AOS FATOS.

Mas esperem... Ainda não se tem história! Faltam os documentos...

E é por essa razão que a maioria das mulheres não faz história. Ou melhor: é por isso que as mulheres não aparecem nos livros de história. Os documentos (será pelo fato de ser palavra masculina?) as escondem.

Quando em 1980 publiquei *As Cruzadas Inacabadas*, recebi uma resenha do professor Duncan Alexander Reily (1924–2004), de quem mais tarde me tornaria parceiro. Reily não me poupou. Disse-me diretamente que a história que eu escrevera sobre a América Latina era uma história somente de homens, tão ausentes as mulheres.

Eu poderia explicar: os documentos não falavam delas. Mas eu preferi dar razão a Reily. Eu tinha que buscar esses documentos.

É precisamente isso que Rute Salviano faz neste livro. E é isso que faz do seu trabalho um livro de história. Ela vai às fontes (palavra feminina).

Vozes Femininas no Início do Protestantismo Brasileiro é também uma crônica da história do Brasil, e não só do protestantismo, e não só do início, em que estão o interesse e a militância da autora. Trata-se de uma crônica necessariamente apaixonada, porque as mulheres ainda não conquistaram o lugar de igualdade que lhes é próprio. Ainda há em alguns círculos religiosos (católicos e evangé-

licos, para nos atermos ao âmbito cristão) muros que impedem o acesso das mulheres ao pleno sacerdócio.

Sobre isso as leitoras poderão comentar melhor.

Quanto a mim, fixo-me na ternura dos relatos sobre as alegrias e as dores de Sarah Kalley, Ana Bagby e Ester Silva Dias. Minhas escolhas têm suas razões.

Quando eu via os autores dos hinos que desde cedo cantei, deparei-me primeiro com as iniciais S. P. K., posteriormente desvendadas nos hinários maiores como Sarah Poulton Kalley. Ler sua biografia foi uma oportunidade de rever sua notável obra, que vai além da lavra poética.

Minha admiração por Ana Bagby alcançou seu clímax quando li uma de suas cartas trazidas à luz por Rute Salviano, na qual relata a dor de perder um de seus filhos; ela que perdeu tantos... Que ternura! Que fé!

Por fim, fiquei pensando se eu estava no Rio de Janeiro quando morreu dona Ester Silva Dias, minha ex-professora de matemática. Não fiquei sabendo de sua morte. Não fui ao seu sepultamento. Não pude homenagear aquela mulher que foi tão importante em minha vida (onde estava eu?!). A saudade cresceu, Rute.

Vozes Femininas no Início do Protestantismo Brasileiro é um livro sobre mulheres, escrito por uma mulher. Só uma mulher poderia escrevê-lo. Na verdade, só você, Rute, poderia escrevê-lo.

Israel Belo de Azevedo

Escritor e pastor da Igreja Batista Itacuruçá, Rio de Janeiro

Introdução

Os livros sobre o protestantismo brasileiro, em sua maioria, trazem poucas referências às mulheres. Em razão disso, esta obra propõe-se a apresentar a contribuição das pioneiras nas denominações evangélicas. Como declara o historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil, Alderi Souza de Matos, “uma das maneiras de valorizarmos as mulheres e defendermos a sua dignidade é tirá-las do anonimato, do esquecimento”.[1]

A história da mulher brasileira é caracterizada pelo patriarcalismo, que, endossado pela religião cristã ocidental, exigia que as mulheres ficassem caladas. A primeira porta aberta foi a educação e, com acesso à escola, as meninas começaram a aprender e se destacaram em seu interesse pelo saber.

Como isso ocorreu e qual foi a contribuição das mulheres protestantes, estrangeiras e brasileiras, que evangelizaram e civilizaram, será o objetivo principal deste livro.

A historiadora Eula Kennedy Long afirmou em seu livro *Do Meu Velho Baú Metodista* que, com pequenos retalhos, desejava apresentar um quadro do metodismo, consciente, porém, que faltavam muitos pedaços. Nosso sentimento é o mesmo, pois apresentamos somente recortes de algumas vidas preciosas, mas oxalá esse pouco constitua uma boa amostra do grande papel desempenhado pelas cristãs evangélicas.

O período enfatizado será o de meados do século 19 a meados do século 20, quando ocorreu a implantação das primeiras igrejas protestantes no Brasil. A presença anterior de protestantes no Brasil Colônia é considerada como movimento pontual e passageiro e não será apresentada.

Será destacado apenas o protestantismo de missão com suas primeiras denominações: congregacional, presbiteriana, metodista e batista. O protestantismo de imigração, iniciado quando protestantes estrangeiros vieram como comerciantes ou colonizadores, foi muito importante como fator de evangelização e influência para a vinda dos missionários, mas não será aprofundado nesta obra.

Estamos conscientes de que o universo de mulheres estrangeiras e brasileiras que contribuíram para a evangelização do Brasil é tão grande quanto é pequeno o registro sobre esse maravilhoso trabalho. Como afirma o historiador congre-gacional Douglas Nassif Cardoso, “ao empreendermos uma aproximação da vida e da obra de Robert Reid Kalley, no exame dos documentos e textos oficiais de suas igrejas, percebemos um profundo silêncio sobre a ação das mulheres”.[2]

De igual modo, constatamos que as esposas dos líderes protestantes e outras colaboradoras na evangelização não foram destacadas da mesma forma que o foram os missionários pioneiros e os primeiros pastores brasileiros. Isso não significa que não realizaram excelentes ministérios.

Cada personagem apresentada possuía múltiplos talentos. As missionárias foram professoras, pregadoras e musicistas. As musicistas foram pesquisadoras e evangelistas e as

evangelistas foram humanitárias e conselheiras. Pois assim são as mulheres, múltiplas em suas próprias naturezas abnegadas e desprendidas.

No capítulo 1, será enfocada a religiosidade brasileira: o sincretismo, a superstição, as grandes festas, a veneração de santos e os sacerdotes. Os protestantes, ou “acatólicos”, considerados hereges também serão destacados.

No capítulo 2, o papel feminino poderá ser conhecido por meio das vozes caladas, submissas, controladas e trêmulas. Como viviam as mulheres? O que lhes era permitido? Quais as dificuldades que enfrentavam? Como deveriam agir para serem boas filhas, esposas e mães? Quais delas conseguiram sair do anonimato e de que maneira o fizeram?

Nos capítulos 3 e 4, as pioneiras estrangeiras que deixaram seus países e famílias para apresentar a mensagem do evangelho de Cristo serão apresentadas. Elas comprometeram-se com a educação e a evangelização, em um processo completo de civilizar o povo, educando sua mente e alma.

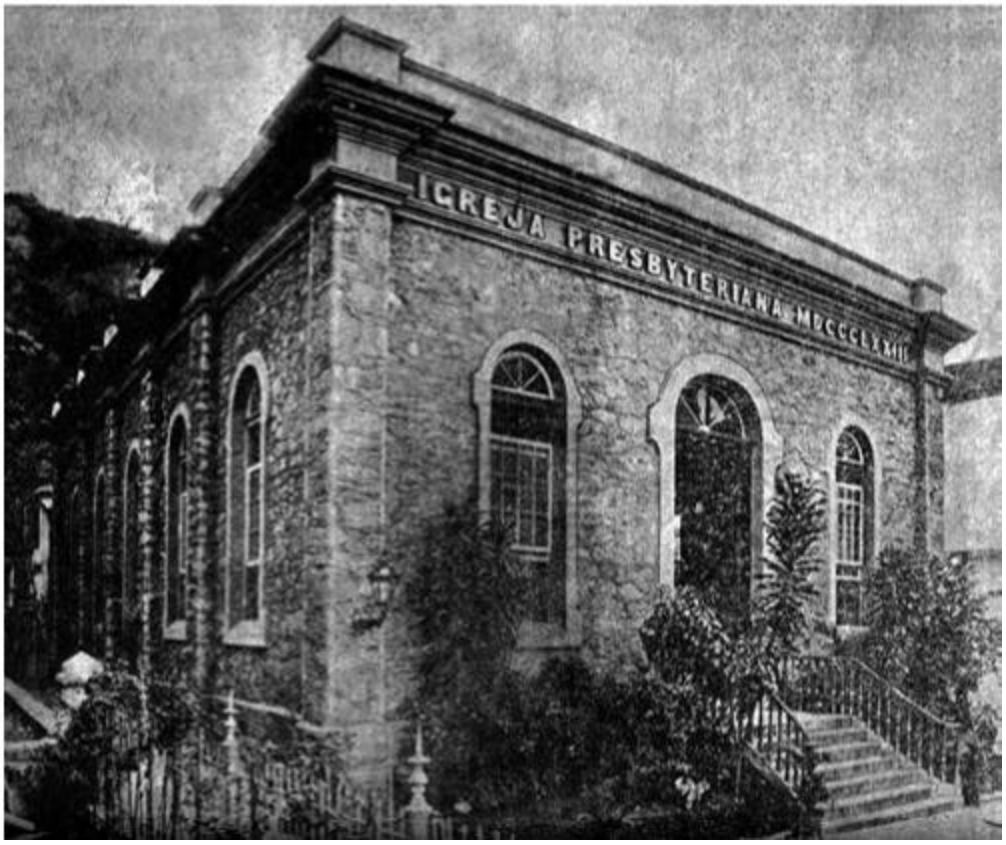
Os capítulos 5 ao 8 serão dedicados às pioneiras brasileiras em diversas áreas de atuação. Elas enfrentaram perdas, conviveram com epidemias, inundações e doenças, mas, sem perder o ânimo, evangelizaram, visitaram, pregaram, ensinaram, escreveram, compuseram letras e músicas de hinos, pesquisaram nossa história e foram cristãs avivadas que desfrutaram de intensa comunhão com Deus.

Como considerações finais, serão feitas reflexões sobre a religiosidade brasileira da época enfatizada e da época

atual. O que mudou? O que precisa mudar? Quais as lições que o passado oferece e que devem servir de alerta para os cristãos evangélicos de hoje?

Por que as mulheres, apesar de seus grandes serviços prestados, não são dignas de menção ou, pelo menos, de serem contadas entre os que contribuíram para o bem-estar espiritual e moral do Brasil? Será que vale a pena refletir sobre tudo isso?

Que o querido leitor enriqueça seu conhecimento e, principalmente, extraia desta obra modelos dignos de serem admirados e seguidos. Que mulheres compassivas, inteligentes, abnegadas, desprendidas e servas do Senhor Jesus Cristo continuem a fazer diferença hoje em dia. E queira Deus que nunca deixem de fazer parte da história evangélica brasileira!



Salão de cultos da Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro sem aparência de templo. Fonte: Acervo de Alderi Souza de Matos.

Constituição Imperial de 1824 – Artigo V: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”.

(BARBEIRO, Heródoto. *História do Brasil*, p. 161.)



Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro (templo atual em estilo neogótico). Observa-se a linda configuração em forma de cruz de seu telhado.
Fonte: Acervo de Alderi Souza de Matos.

---

1. MATOS, Alderi Souza de. “Para memória sua”: A participação da mulher nos primórdios do presbiterianismo no Brasil, FIDES REFORMATA, v. III, n. 2, julhodezembro de 1998. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. p. 95.↩
2. CARDOSO, Douglas Nassif. Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil. São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2005. p. 17.↩

Capítulo 1

Vozes religiosas: a religiosidade popular e os “intrusos” protestantes

O Brasil não tem mais fé, a religião aqui está quase morrendo. Não restam dela mais que as aparências exteriores: as grandes festas que de hábito terminam pela devassidão nas classes populares e uma idolatria em relação às estátuas: mas *aquele que é o caminho, a verdade e a vida* é desconhecido [...]. Para este estado, senhor, a que chegamos na educação da juventude, para este desmoronamento da ordem social, devido aos princípios subversivos e anárquicos que corroem os filhos da luz, não existe para mim senão um remédio [...] os bispos reavendo o seu papel natural, recobrando o seu antigo poder moral de que tanto precisam e que perderam, dedicar-se-ão à reforma dos costumes, à melhora da educação, e serão um esteio para a pátria.[1]

Essa frase pode até parecer protestante, mas não é. Ela foi proferida pelo bispo de São Paulo Antônio Joaquim de Melo, no período da introdução do protestantismo. O bispo relatou que o sincretismo religioso deixava pouco do cristianismo na crença brasileira. Assim como o povo foi formado pela mistura de três raças, também sua religião era uma mistura, e dela faziam parte o animismo (tudo tem alma)

indígena, a superstição africana e a devoção católica. Portanto, como ele afirmou, o Brasil não tinha mais fé.

O catolicismo era a poderosa Igreja do Estado. Sua autoridade, além da fé, dirigia a vida civil, os costumes e a legislação. O brasileiro vivia sob sua sombra e disciplina e lhe devia obrigações. Era também depositária do conhecimento, aumentando seu prestígio.[2]

Porém, era leiga e familiar, pois era seu "cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas crendices da senzala".[3]

A "religião"[4] católica, considerada como o principal vínculo de unidade nacional, não tolerava outras crenças. A crença dos negros era considerada coisa do demônio, a dos índios era coisa de pagãos e selvagens e a dos protestantes era uma heresia que não deveria ser permitida em solo brasileiro.

Os protestantes, por sua vez, consideravam o catolicismo uma crença supersticiosa e atrasada e tinham por tarefa reformá-la: "Preconceitos intransigentes e discriminação eram práticas comuns aos católicos tanto quantos aos protestantes em toda a cristandade".[5]

A marca da Igreja colonial era a devoção a muitos santos e a organização de paróquias em todas as regiões mais populosas, com as capelas patriarcais das casas-grandes, e as igrejas com suas grandes festas: batizados, casamentos, celebrações aos santos, crismas, novenas etc.

A RELIGIOSIDADE POPULAR

O povo brasileiro aceitava os dogmas católicos, mas não os cumpria, pois a liturgia da missa não contribuía para a

participação dos fiéis, mas os afastava. As saudações eram feitas em latim em voz nem sempre audível e o celebrante ficava separado do povo, quase oculto.

Dois catolicismos eram aparentes: um da missa e outro popular da devoção aos santos, das festas e procissões. O povo sentia a necessidade dessa exteriorização de sua religiosidade pelo distanciamento do sacerdote e por sua falta em regiões mais distantes, o que era compensado pela iniciativa leiga do espaço e tempo sagrado: “Pela identificação popular com cerimônias festivas; com o culto ao ar livre das procissões; com a individualização do culto, passando da matriz para a capela, o oratório e o santo padroeiro”.[6]

Na população mais afastada dos centros, a maioria analfabeta, a religiosidade era marcada por uma associação íntima entre o adorador e seu “santo” particular. E, nessa relação pessoal, o adorador tratava seu santo como alguém que o aborreceu ou o decepcionou. O santo só era bem tratado se tudo estivesse bem e a família recebesse o que pedira: “Se deixasse de cumprir o seu dever, poderia terminar com a cabeça enterrada na areia ou amarrado numa árvore do quintal recebendo uma série de cipoadas como castigo”.[7]

No Pará, a devoção à padroeira Nossa Senhora de Nazaré tornou-se tão extremada que o próprio bispo Dom Macedo Costa reconheceu que aquela devoção era “adoração” *(latria)*, pois a maioria das pessoas cria que a imagem era a própria Virgem Maria. O povo indignou-se com ele por chamar o festival de duas semanas, em honra da padroeira, de “libertinagem”.[8]

As práticas religiosas ocupavam importância considerável na vida individual e social. As cerimônias, com a pompa litúrgica e a música sacra, quebravam a monotonia e eram, para muitos, as únicas distrações cotidianas. As pessoas lotavam as igrejas nos domingos e nos dias de festas.

PROCISSÕES E FESTAS

Eram muitas as procissões. As da Semana Santa impressionavam pela criatividade, pompa e riqueza com que eram celebradas. Outras eram um espetáculo festivo, com espírito carnavalesco. Outras ainda, sem pompa e sem aparato, eram organizadas por grupos de fiéis como simples devoção, com a reza do terço ou da ladainha. E ainda havia procissões nas calamidades, como praticadas em religiões antigas.

A existência dos santos negros cooperou para a aceitação do catolicismo pelos escravos, que eram batizados compulsoriamente assim que chegavam ao Brasil. Possuidores de sentimento religioso, entregavam-se às demonstrações de fé e se sentiam lisonjeados com o aparecimento, de vez em quando, de uma nossa senhora preta.

As festas religiosas correspondiam à Bíblia dos iletrados, papel desempenhado na Idade Média pelos vitrais com suas lindas ilustrações de cenas bíblicas. Contudo, a mensagem passada por essas festas não ensinava o que era o cristianismo ou a Bíblia.

A falta da leitura bíblica não somente pelo povo analfabeto que não poderia fazê-la, mas também nas pregações dos sacerdotes favorecia o desconhecimento da

verdadeira adoração a Deus. O povo desconsiderava a Bíblia, pois não conseguia perceber nela a religião que aprendia.



Festa do Divino (coleção particular).
Fonte: SCHWARCZ, Lilia Moritz.*As barbas do imperador***.**
2º caderno de ilustrações, figura 1.

A Festa do Divino, chamada de Folia do Imperador do Espírito Santo, era realizada na semana anterior à festa de Pentecostes. Nela, um grupo de jovens folgazões, tocadores de violão e de pandeiros, precedidos de um tambor, percorria as ruas da cidade cantando quadrinhas relacionadas com o motivo religioso. O grupo escoltava um porta-bandeira, cujo chapéu era ricamente enfeitado de flores e de fitas. Os

fiéis carregavam o trono do Imperador do Espírito Santo, que era um menino de 8 a 12 anos, vestindo casaca e calção vermelhos e colete branco bordado em cores.[9]

A menina Helena escreveu em seu diário sobre essa festa, com detalhes do ponto de vista infantil:

> Eu acho a Festa do Divino uma das melhores que nós temos. Isto de a música levar nove dias indo a todas as casas buscar, debaixo da bandeira, as pessoas que fazem promessas alegra a cidade muitos dias seguidos. Há três anos seguidos que eu não deixo de levar cera debaixo da bandeira. Vovó faz promessa todo o ano e quando chega a Festa do Divino eu ganho um vestido novo para levar a cera. [...] Este ano, além da cera de vovó, eu tive de levar um milagre de meu pai, uma perna com manchas vermelhas de feridas. Esta perna foi promessa de mamãe quando meu pai esteve com uma ferida do coice de um burro na canela, na Boa Vista. [...] Eu desejo muito que meu pai também saia imperador, mas já estou perdendo a esperança de ele ser sorteado.[10]

Helena informou como ficava caro para os negros as despesas de serem reis e rainhas do Rosário, uma festa na Igreja do Rosário, em Diamantina, Minas Gerais. Ela contou que uma ex-escrava de sua avó fora sorteada, e comentou: “Coitada de Júlia! Ela vinha há muito tempo ajuntando dinheiro para comprar um rancho. Gastou tudo na festa e ainda ficou devendo”.[11]

Atualmente, o povo pobre também tem despesas com os preparativos para o Carnaval, que se originou de uma das mais animadas festas, o Entrudo, correspondente do Carnaval italiano, que era realizado durante três dias antes da Quaresma. Nessa celebração o povo atirava bolas de cera cheias de água nas pessoas. Todos, dos mais pobres aos aristocratas, e em todos os lugares, participavam desses folguedos. Quando as bolinhas acabavam, jogavam

água com bacias ou jarros de água, deixando as vítimas encharcadas.[12]

Apesar dos magistrados se declararem contrários aos excessos cometidos no Entrudo e o proibirem por lei, não puderam impedir sua realização, que continuou por muito tempo e deu origem ao Carnaval.

AS SUPERSTIÇÕES

Contrária à devoção, aparecia a superstição como outra forma de sentimento religioso, baseado no temor ou na ignorância: “No Brasil vemos reproduzir-se, sob todas as suas formas, a fraqueza supersticiosa, filha do Demônio e da esperança”.[13]

> Os sacerdotes, afastados da supervisão de seus superiores, mergulham numa ociosidade total, chegando a perder a noção de seus deveres, e apoiando, com o seu exemplo, os vícios dos fiéis. A religião se modifica, desaparece, e é substituída pela ignorância e por uma grosseira superstição.[14]

Eram muitas as superstições da época: mulheres recém-casadas não deviam cheirar rosas; pentear o cabelo à noite manda a mãe para o inferno; varrer a casa à noite faz a vida desandar; quebrar o espelho traz desgraça etc.

As mulheres, especialmente, eram muito supersticiosas e, mesmo sabendo que a prática era considerada pecado, preferiam pecar, confessando-a depois, do que abandoná-la.

Uma das superstições mais interessantes era intitulada de “correio celestial”, quando o fiel escrevia uma carta ao seu santo e depois a queimava para que suas cinzas subissem e levassem o pedido aos céus.

A arruda era especialmente usada como amuleto, sendo bastante comercializada, pela crença de que mantinha a casa livre de feitiçarias. Os amuletos eram usados por todos, e até os bebês usavam raiz seca de arruda no pescoço. Essas raízes, colhidas na véspera de São João, à meia-noite, depois de secas, eram benzidas e, antes de se colocar no colar, rezava-se uma oração a São João, para preservar o pequeno das desgraças.[15]

OS SACERDOTES

O clero nacional era em sua maioria liberal e estava mais próximo do temporal do que do espiritual, desempenhando papel importante nos partidos como eleitores e parlamentares.

Porém, foi a questão do celibato que despertou a opinião pública no século 19, devido à necessidade de o Brasil se apresentar de maneira mais digna no intercâmbio com países europeus. A partir da vinda da família real portuguesa, núncios apostólicos visitaram o país e apresentaram relatórios pessimistas sobre a situação da Igreja brasileira.

Eles denunciavam a ignorância do povo, a falta de cultura do clero e as transgressões do celibato, afirmando: “Os padres vivem publicamente com concubinas, rodeados de filhos. Aos bispos falta, pelo menos, o zelo que os deve distinguir e, em geral, pertencem à escola da Universidade de Coimbra”.[16]

A regra do celibato, mesmo não cumprida, era imposta pela Cúria Romana. E, como bispos e párocos eram funcionários civis, o governo do padre Feijó entendeu que os

administradores dos estados poderiam alterar em benefício dos seus súditos pontos de disciplina da Igreja como esse, o que contribuiu ainda mais para a imoralidade pública.

O regente Feijó posicionou-se contra o celibato e a favor de uma igreja mais nacional, porém o grupo vencedor foi a favor do celibato e da romanização. Mas a prática continuou, pois não havia o mínimo pudor do clero e o povo considerava normal que seus líderes religiosos possuíssem mulheres.

> Nenhum homem do povo acredita ou compreende o celibato clerical. Nem mesmo acredita na pureza do sacerdote, senão excepcionalmente. Fora do altar, os padres são homens como os outros. O vigário com sua amásia e filhos, teúdos e manteúdos, não diminuiu em nada a autoridade sagrada. Noventa por cento dos graves vigários colocados (do Rio Grande do Norte) deixaram descendência. Exige-se do padre fidelidade infalível aos deveres da assistência cristã. Os vigários velhos foram de uma dedicação inexcedível.[17]

Em defesa dos padres são colocadas sua autoridade, dedicação e generosidade, afirmando-se que, apesar de suas fraquezas em relação ao celibato, eles foram um tipo de pai para o povo pobre, sendo reconhecidos por todos por seu zelo apostólico e sua bondade pastoral.[18]

Contudo, essas virtudes não deveriam ser excludentes, e fica registrada a denúncia contra uma instituição que ordenou um dogma praticamente impossível de ser cumprido e sem base bíblica, pois a Bíblia recomenda que o ministro deve ser marido de uma só mulher: “É preciso que o presbítero seja irrepreensível, marido de uma só mulher e tenha filhos crentes que não sejam acusados de libertinagem ou de insubmissão” (Tt 1.5).

E os padres amigos do povo eram exceção, e não regra, porque a assistência cristã não ocorria regularmente. Existiram, porém, muitos padres que foram bons sacerdotes e preocupavam-se com a instrução de seu povo, tendo auxiliado na distribuição de Bíblias.

AS VOZES PROTESTANTES: OS INTRUSOS ACATÓLICOS[19]

> A introdução do protestantismo brasileiro é de ontem: a obra congregacionalista data de 1855, a presbiteriana, de 1859. O catolicismo brasileiro do fim do século passado assemelhava-se ao europeu do século 16. Ainda hoje, em muitos pontos do Brasil, se vivem e se reproduzem as polêmicas, as reações, as perseguições religiosas, da segunda metade do século passado. Esse ambiente seria muito parecido com aquele em que se operou a Reforma do século 16.[20]

O conservadorismo interesseiro de governadores fiéis à religião tradicional, os costumes corrompidos dos sacerdotes e a profunda sede espiritual do povo provocaram a necessidade de reforma na Igreja no século 16, e quadro semelhante ocorria no Brasil do início do século 19, fazendo-se necessárias mudanças eclesiásticas.

O país, descoberto dezessete anos antes das famosas teses de Lutero, só as conheceu depois de três séculos. A França e a Holanda não tiveram êxito em estabelecer suas colônias, “enquanto a Inglaterra investia com seus navios pela costa brasileira. Depois disso, o Brasil foi ‘hermeticamente segregado’ de qualquer influência não católica romana por mais um século e meio”.[21]

Pode-se afirmar que, no início do século 19, não havia traço de protestantismo no país. Mesmo sendo encontrados

alguns imigrantes não católicos, não havia cultos que configurassem a presença evangélica.

Algumas das igrejas protestantes, originadas da Reforma, derivam seus nomes de seus fundadores: como luteranos, de Lutero, e menonitas, de Menno Simons. Outros nomes são derivados da convicção doutrinária: como os batistas e os pentecostais. Outras recebem seus nomes de sua forma de governo: como os episcopais, congregacionais e presbiterianos. E há ainda a metodista, assim chamada pelo seu método e organização.

Protestantes ou evangélicos?

A palavra "protestante", usada para os seguidores da Reforma, foi introduzida durante a convocação da Dieta[22] de *Espira*, no ano de 1529, por seus adversários. E adveio do protesto feito por luteranos contra a interferência do poder civil nas decisões das igrejas reformadas.

Assim como na Europa, os chamados protestantes no Brasil receberam esse nome de outros religiosos. Eles próprios, em sua maioria, não o adotavam, pois se consideravam simplesmente evangélicos.

> Começou há semanas, por causa de um artigo sobre "Protestantismo", escrito por um romanista. Não tomamos parte porque não nos consideramos protestantes. Mas, sabendo que os artigos eram dirigidos a nós, rebatemos publicando alguns artigos muito interessantes, traduzidos pela sra. Taylor, intitulados "Um retrato de Maria no Céu". Estes artigos tocaram num ponto sensível do romanismo, provocando a ira dos padres.[23]

Protestantes ou evangélicos são os seguidores das confissões reformadas que têm o evangelho de Cristo como fonte de doutrina. Quando o doutor Robert Kalley fundou a

primeira igreja de doutrina reformada no Brasil (congregacional), deu-lhe apenas o nome de Igreja Evangélica.

Uma comissão do Conselho Internacional Missionário, de 1962, informou que as palavras “evangélico” e “protestante” são permutáveis, sendo o termo “evangélico” mais usado e preferido: “A palavra ‘protestante’ é às vezes empregada por escritores católicos, mas não pelos próprios protestantes. Isto é verdade não somente no Brasil, mas em toda a América Latina”.[24]

No decorrer deste livro, os dois termos serão usados como sinônimos.

A introdução do protestantismo no Brasil

Após a abertura dos portos brasileiros por Dom João VI, em 1808, teve início a entrada dos protestantes. Em 1810, o Tratado de Aliança e Amizade, em seu artigo XII, afirmava: “Os vassalos de S. M. Britânica residentes nos territórios e domínios portugueses não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa de sua religião”.[25]

A assinatura desse tratado, entre Inglaterra e Portugal, possibilitou uma tolerância religiosa fundamental para o desenvolvimento do protestantismo. Quando esses já estavam instalados no país e as perseguições se iniciaram, inclusive com sugestões de se retomar a Inquisição, recorreu-se a ele:

> Artigo IX: Não se tendo até aqui estabelecido ou reconhecido no Brasil a Inquisição, ou Tribunal do Santo Ofício, Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, guiado por uma iluminada e liberal política, aproveita a oportunidade que lhe oferece o presente tratado para declarar espontaneamente, no seu próprio nome e no de seus herdeiros e

> sucessores, que a Inquisição não será para o futuro estabelecida nos meridionais domínios americanos da Coroa de Portugal.[26]

Posteriormente, na Constituição Imperial de 1824, reforçou-se esse artigo, porém sem a permissão de construção de templos. E, como garantia o artigo 179, parágrafo 5º, “ninguém podia ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado”.[27]

Perseguições e proibições

Os protestantes pioneiros foram verdadeiramente vocacionados e enfrentaram múltiplas dificuldades que se iniciavam com a longa viagem marítima, os enjoos, pouco conforto e risco de sérios perigos. Depois, seguiam-se o aprendizado da língua, a adaptação à cultura e aos costumes, bem como as saudades da terra natal e dos parentes, aumentadas pela dificuldade de comunicação, além do sofrimento físico agravado com as febres malignas e doenças contagiosas.

Enfrentando sofrimentos físicos e emocionais, restava-lhes somente confiar na graça e sustento de Deus, pois a parte espiritual precisava estar repleta para suprir as outras áreas. Acrescia-se a tudo isso a propaganda caluniosa da qual eram alvos:

> As informações que se tinha dos protestantes eram as piores possíveis. Eram dadas pelos padres, que diziam ser uma peste perigosa o tal protestantismo. Diziam que um protestante era semelhante a uma cascavel, enroscada à beira do caminho, esperando a passagem dos incautos, para mordê-los e inocular-lhes o veneno de sua doutrina danosa. Que falavam mal dos santos, difamavam a mãe de Jesus, dizendo que ela era como uma meretriz comum. Assim, quem ouvisse um padre falar de protestantes e levasse a sério, saía na disposição santa de matar o primeiro crente que encontrasse.[28]

O povo aprendeu também a acreditar que o demônio se apossava dos corpos deles e seus pés se transformavam em cascos fendidos. Portanto, eram comuns os xingamentos: “bodes”, “bíblias”, “heréticos” e outros.

O reverendo Chamberlain, fundador da Escola Americana, futura Universidade Presbiteriana Mackenzie, surpreendeu certa vez um grupo de residentes de uma zona rural ao tirarem os sapatos a fim de mostrar que não eram “bodes protestantes”.[29]

Em Carolina, um padre informou que o missionário Ernesto Wooton era o Anticristo e tinha esporões como galo. Ao buscar abrigo em uma casa, quando em viagem, o proprietário não permitiu que sequer apeasse do cavalo:

> O homem lhe falou franco, dizendo estar ciente de ser ele o Anticristo, e que ali ele não se arrancharia, salvo se deixasse que ele lhe tirasse as botas e lhe revistasse os pés, para ver se tinha ou não esporões de galo. O missionário lho permitiu. Ele tirou uma bota, revistou-lhe o calcanhar, e viu, estupefato, a brancura do pé, alisou-lhe a pele fina e calçou de novo a bota. [...] mandou que o missionário se hospedasse e pregasse, e lhe garantiu que, visto ter o padre lhe mentido, dali por diante, quem não se arranchava mais em sua casa era ele.[30]

Essas eram as manifestações mais comuns e mais inofensivas, assim como a invenção de casos. Dizia-se que a missionária Carlota Kemper possuía um quarto escuro no sobrado do colégio em Lavras, Minas Gerais, no qual todos os sábados se encontrava com S. Majestade Satânica a fim de receber o dinheiro para as despesas da escola. Como não havia bancos na cidade, o fato de dona Carlota, como tesoureira, possuir os fundos necessários para a manutenção da instituição despertava a curiosidade popular.[31]

Cantigas zombando dos protestantes também eram inventadas:

> Meu glorioso Sebastião,
> Meu Santo, que podes,
> Livrai-me da peste
> E dos malditos bodes.
> Se o sangue tivesse
> O novo batismo
> Livrai-me da peste
> E do protestantismo.
>
> Oh! Mártir de Cristo,
> Tem de mim compaixão,
> Livrai-me dos bodes,
> São Sebastião![32]

Em Bom Jardim, Pernambuco, a perseguição resultou em mortes quando dois grupos assaltaram a casa de cultos. Acreditando que a multidão que se aproximava era de protestantes, o primeiro grupo atirou no segundo e, como resultado, muitos morreram. Os crentes saíram pelos fundos e quatro deles foram presos e espancados para confessarem que eram os assassinos.[33]

Pernambuco foi o estado das perseguições mais duras. Salomão Ginsburg, um dos mais perseguidos, quase foi morto pelo bando do cangaceiro Antônio Silvino. Porém, após ouvir sua pregação, emocionado, decidiu não fazê-lo e se tornou defensor do protestantismo. Quando foi preso, lia a Bíblia no cárcere para os companheiros.[34]

Havia também falta de oportunidades profissionais para os evangélicos: “Os jesuítas organizaram uma liga contra os protestantes, e estão de certo modo persuadindo os

empregadores a não dar emprego aos membros de nossas igrejas".[35]

Em 22 de fevereiro de 1903, foi promovido pelo frei Pedavoli um "Auto de Fé" para queimar Bíblias, bem ao estilo medieval. O evento ocorreu em uma praça pública da cidade de Recife e foram queimadas 214 Bíblias falsas (protestantes). Porém, ao ser retirado um exemplar da fogueira, descobriu-se que era uma Bíblia católica, e a cidade, ao saber do fato, ficou muito agitada.

Posteriormente, o frei publicou, com duas semanas de antecedência, um programa que afirmava a queima de 26 Bíblias, 42 Novos Testamentos, 45 cópias do Evangelho de Mateus, nove de Lucas, doze de João, quatro de Marcos e nove de Atos, além de muitos outros livros usados. Na lista também havia cerca de trezentas cópias de diferentes jornais protestantes religiosos.[36]

Essa publicação gerou artigos nos jornais condenando a intolerância religiosa e o procedimento audacioso do frade italiano que insistia em queimar Bíblias: "O código religioso dos povos mais civilisados do mundo é a suprema injuria atirada à face da Constituição do nosso paiz que garante liberdade de consciencia, em toda a sua plenitude".[37]

Diante das inúmeras manifestações repercutidas pelo país, o Congresso condenou a queima pública de Bíblias. Contudo, as perseguições continuavam ocorrendo de norte a sul:

Orientação dos bispos aos paroquianos

Lembramos aos caríssimos parochianos que evitem, com maximo cuidado, qualquer communicação com hereges, em assumpto religioso. Todos os que dão seu nome a qualquer seita religiosa, mesmo sem intenção de adherirem a EUa, incorrem em Excommunhão reservada, de modo especial ao Summo Pontífice. Do mesmo modo nessa excommunhão os que assistem às suas reuniões ou serviços religiosos.

É proibido, sob pecado mortal, assistir, ainda que por espírito de curiosidade, às pregações, conferências ou cerimônias religiosas de taes seitas.

Da pastoral Coltectiva dos Snrs. Bispos, de 1910. Trecho do Jornal Echo da Parochia de Bragança Paulista.[38]

Outras dificuldades relacionavam-se com o casar e o morrer. A Igreja era a responsável pelos sepultamentos e o herege protestante não podia ser enterrado em solo sagrado. Todos os casamentos eram realizados somente pela Igreja e apenas esses tinham efeitos legais.

Os padres não casavam os protestantes, e, quando os próprios pastores o faziam, dizia-se que não tinham direito para isso: “Nas colônias alemãs parece que já por volta de 1830 os protestantes casavam mediante contrato em cartório, acompanhado de cerimônia litúrgica; mas diante da lei tais pessoas passavam por não casadas, e sua descendência, por ilegítima”.[39]

O doutor Kalley, primeiro missionário permanente no Brasil, foi o protestante que abriu caminho para a superação desses obstáculos legais. Na falta de leis para o casamento de acatólicos, o pastor criou um contrato de casamento que foi utilizado até a aprovação da lei sobre o assunto.[40]

O decreto n° 3069, de 17 de abril de 1863, regulou os casamentos não católicos, autorizando a sua celebração nas igrejas evangélicas, precedidos de proclamas. Para isso era necessário que a eleição do pastor fosse registrada na Secretaria do Império, e as certidões de casamentos, na Câmara Municipal.

Esse decreto regulou também o registro de nascimentos e óbitos dos aca-tólicos, que deveria ser feito pelos escrivãos dos juízes de paz, em livros apropriados, e estabeleceu que nos cemitérios públicos houvesse "lugar separado" para tais pessoas serem sepultadas:

> Para dar execução a esta ultima parte do decreto, visto não haver ainda nos cemitérios públicos "logar separado" para os acatholicos – o Marquez de Olinda, que era então o ministro do Imperio, officiou ao bispo do Rio de Janeiro, pedindo-lhe para fazer "alguma ceremonia catholico-romana" a fim de retirar a sagração de uma parte do terreno, para que os acatholicos fossem ahi enterrados.[41]

Em relação à regulamentação do casamento civil, somente após a Proclamação da República esse assunto foi regulamentado, com a separação entre Igreja e Estado. Em fevereiro de 1891, a primeira Constituição republicana confirmou a separação e estabeleceu a liberdade de culto, a obrigatoriedade do casamento civil e a secularização dos cemitérios.

O protestantismo de missão

O protestantismo brasileiro pode ser dividido em protestantismo de imigração, surgido com os imigrantes luteranos que chegaram ao país em 1824, e o protestantismo de missão, iniciado posteriormente por atividades missionárias de evangélicos estadunidenses, ou por iniciativas particulares, como foi o caso do congregacional Robert Kalley.

Tanto os anglicanos, oriundos dos comerciantes ingleses, quanto os luteranos, originários dos imigrantes alemães, elegeram como seu campo de missão os seus próprios conterrâneos, enquanto os demais protestantes escolheram evangelizar todos os brasileiros.

Será enfocado neste livro apenas o protestantismo de missão, cujas denominações eram semelhantes em suas principais crenças, mas diferentes em seus governos administrativos e em suas estratégias evangelísticas.

Os metodistas se destacaram na organização de escolas, assim como os presbiterianos, visando influenciar as futuras gerações; os batistas preocuparam-se com a evangelização direta, com o objetivo maior de converter do que influenciar.

Os congregacionais procuraram alianças com os intelectuais das cidades; os batistas, sem esquecer as metrópoles, se embrenharam nas selvas. E, a exemplo dos presbiterianos, seu crescimento foi homogêneo: urbano onde as cidades eram fortes e rural onde o campo era forte.[42]

Os congregacionais

A palavra congregacionalismo aplica-se a um tipo de organização político-administrativa que deu nome ao movimento de congregações independentes e autônomas surgido na Inglaterra no final do século 16. Nos Estados Unidos, a primeira igreja chamada congregacional foi organizada em Salem, Massachusetts, em agosto de 1629.[43]

No Brasil, o responsável pela organização da igreja congregacional foi o doutor Robert Kalley, de origem presbiteriana. Ele não foi enviado por nenhuma junta estrangeira, veio por conta própria e chegou ao Brasil em 10 de maio de 1855, após ministério na Ilha da Madeira, em Portugal.

Sua decisão surgiu após tomar conhecimento da necessidade espiritual do país, do tamanho de seu território e do idioma português, que lhe facilitaria a pregação do evangelho.

Como Kalley era avesso a organizações legalistas e centralizadas, denominou as igrejas que surgiram de seu trabalho simplesmente de evangélicas: Igreja Evangélica Fluminense, em 1858, e Igreja Evangélica Pernambucana, em 1873.[44]

A celebração da Ceia do Senhor

Kalley elaborou 27 artigos de fé, apresentando o documento à Igreja Fluminense no dia 1º de janeiro de 1876. Posteriormente à aceitação pelos congregacionais, o governo imperial sancionou também a base doutrinária, em novembro de 1880.[45]

> Como instituída por nosso Senhor Jesus Cristo, o pão e o vinho representam, vivamente, ao coração do crente, o Corpo que foi morto e o Sangue que foi derramado no Calvário, e participar do pão e do vinho representa o fato de que a alma recebeu seu Salvador. O crente faz isto em memória do Senhor, mas é da sua obrigação examinar-se primeiro, fielmente, quanto à sua fé, seu amor e seu procedimento.[46]

A Ceia do Senhor é celebrada pelos congregacionais e pelos batistas apenas de forma simbólica, como um memorial, pois, para Kalley, "a ideia de que o pão e vinho tornam-se em Deus e devem ser adorados opõe-se aos sentidos, à razão e às Escrituras. Adorá-los é idolatria [...]".[47]

O jornalista João do Rio, que publicou, em 1904, uma série de artigos sobre as religiões acatólicas, registrou o que segue:



Casa de oração da Igreja Evangélica Fluminense.
Fonte: *Esboço histórico da escola dominical*, p. 159.



Pr. João Gonçalves dos Santos.
Fonte: *Esboço histórico da escola dominical*, p. 154.

A celebração da Ceia do Senhor na Igreja Evangélica Fluminense

[...] Entre; hoje é o dia da comunhão. Entrei. Uma sombra tranquila aquietava-se na sala. Os ruídos de fora, da alegria movimentada da rua, chegavam apagados. No coro, nem viva alma; pelos bancos, alguns perfis emergindo da sombra, muito atentos

e calmos; ao fundo, em derredor de uma mesa onde havia garrafas e pratos de prata, vários senhores. E naquela paz vozes cantavam:

Disposta a mesa, ó Salvador,
Vem presidir aqui,
Ministra o vinho, parte o pão
Tipos,[48] **Jesus, de Ti!**

Depois, no silêncio que se fizera, o pastor disse: – bendito Deus! – E a prece evoluía-se direta, pedindo para que se rerifwasse o fato em memória da morte de Cristo. Era a consagração.

Gonçalves dos Santos **tomou o pão e o park, os presbíteros foram pela sala com os pratos lavrados de prata, onde branquejavam os pedaços do bolo sem fermento.**

– Tomai isto e comei!

Sentei-me humilde no último banco. Como nos Evangelhos, eu via os homens darem de comer o pão de Deus, e darem a beber o sangue de Jesus. Era tocante, naquele mistério, na paz da vasta sala, quase deserta. E, com gula, a cada um que eu seguia no gozo da suprema elicidade, parecia-me ver o seu olhar – o olhar, a janela da alma! – voltar-se para o céu na certeza tranquila de um repouso celeste.

Quando a cerimônia terminou, como um ruflo de asas brancas, de novo as vozes sussurraram:

Eu trouxe a salvação
Dos altos céus louvor,
É livre o meu perdão,

É grande o meu amor.
(João do Rio–1904)[49]

Os presbiterianos

Os presbiterianos têm suas raízes em dois reformadores pós-Lutero, o francês Calvino e o suíço Zwínglio, ambos reformadores na Suíça. Calvino foi o principal teólogo do movimento e escreveu ***As Institutas***, um importante manual de instrução cristã.

No continente europeu as igrejas que adotaram a teologia e estrutura eclesiástica calvinistas receberam os nomes de reformadas, mas nas ilhas britânicas foram conhecidas como presbiterianas.

Essas igrejas são governadas por um conselho de presbíteros com suas funções em âmbitos: locais, no conselho de cada igreja; regionais, nos presbitérios e sínodos; e, em âmbito nacional, no Supremo Concílio.[50]

O presbiterianismo brasileiro foi implantado pelo estadunidense, que é proveniente do movimento puritano na Inglaterra. Por questões políticas e pessoais, o rei Henrique VIII, que governou a Inglaterra de 1509 a 1547, decidiu separar a Igreja da Inglaterra da Igreja de Roma. Pela lei da supremacia, votada em novembro de 1534, ele se tornou chefe supremo da nova igreja, a Igreja Anglicana.

Posteriormente, surgiram grupos nessa igreja que defendiam uma reforma de fato, com doutrinas e liturgia diferenciadas da Igreja de Roma. Esses grupos eram de puritanos, que desejavam purificar a Igreja Anglicana introduzindo padrões mais elevados de conduta moral; e de

separatistas, que defendiam a separação entre Igreja e Estado, formando igrejas independentes.

Perseguidos, os puritanos refugiaram-se nos Estados Unidos, em busca de liberdade para desenvolverem seu culto. Lá o presbiterianismo se desenvolveu e, em 1859, a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana aprovou o relatório da sua Junta de Missões Estrangeiras que propunha o envio de missionários para o Brasil.

> Já há algum tempo que a comunidade cristã tem tido sua atenção voltada para o Brasil como campo atraente de trabalho missionário, com apelo especial às igrejas evangélicas deste país. O território brasileiro é mais vasto que o nosso; o clima é igualmente variado e saudável; o solo se presta tanto a produtos de clima temperado como de clima tropical; a população ainda é relativamente pequena; os recursos, ricos e vários, ainda estão em grande parte inexplorados. Mas há forças em ação, tanto na Europa como no Brasil, que rapidamente atraem ao último grande número de imigrantes. Provavelmente não está longe o dia em que o Brasil terá seu lugar entre as nações mais importantes da Terra em população e nos outros elementos de grandeza nacional. É de alta importância para seu presente e para seu bem-estar futuro que a mente nacional esteja imbuída de ideias e princípios religiosos corretos, e estes deverão proceder, em primeiro lugar, das igrejas evangélicas de nosso país. Talvez jamais tenha havido época mais oportuna que esta para agirmos. É certo que o catolicismo romano é a religião oficial do país, mas o governo é liberal, e também o é grande parte das classes mais inteligentes; ao mesmo tempo, a tolerância religiosa é garantida por textos legais.[51]

Em 12 de agosto de 1859, aportou no Rio de Janeiro o jovem pastor Ashbel Green Simonton, o primeiro missionário ao Brasil da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América. Durante oito anos de atuação, o destemido missionário muito realizou: organizou no Rio de Janeiro a primeira igreja presbiteriana, em 12 de janeiro de 1862; fundou a *Imprensa Evangélica,* o

primeiro jornal evangélico no Brasil, em 5 de novembro de 1864; organizou o primeiro presbitério, em 16 de dezembro de 1865; e fundou o primeiro seminário teológico, em 14 de maio de 1867.[52]

No dia 17 de dezembro de 1865, foi ordenado ao sagrado ministério o ex--padre José Manoel da Conceição, considerado o primeiro pastor protestante brasileiro.[53]

Com a vinda dos imigrantes estadunidenses para o Brasil, surgiu o interesse de uma missão no país e, em 1869, foram enviados para Campinas os missionários Edward Lane e George G. Norton.[54]

Um marco significativo para a denominação presbiteriana foi a criação do Sínodo do Brasil, em 1888, quando pôde desfrutar de autonomia eclesiástica.

Em 31 de julho de 1903, surgiu a Igreja Presbiteriana Independente, pela divisão na denominação, devido à discordância da participação de presbiterianos em organizações como a maçonaria, da posição dos missionários nos conselhos eclesiásticos e do local e método de instrução dos futuros ministros.

O líder dos discordantes era o reverendo Eduardo Carlos Pereira, um dos principais gramáticos do Brasil, redator do jornal *O Estandarte* e sucessor de Simonton na *Imprensa Evangélica*. Na falta de consenso, sete pastores e nove ministros retiraram-se e estabeleceram a nova igreja.[55]

Desde sua implantação no Brasil, a igreja presbiteriana destacou-se na publicação dos primeiros jornais evangélicos. Em 8 de junho de 1899, Álvaro Reis fundou *O Puritano*, tendo Erasmo Braga e Franklin do Nascimento como colaboradores. Esse jornal se tornou o principal órgão

do presbiterianismo nacional durante sessenta anos. Em 1958, o periódico uniou-se ao *Norte Evangélico* para a formação de *O Brasil Presbiteriano.*

O reverendo Álvaro Reis, líder capacitado, era o pastor da Primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, à época da visita do jornalista João do Rio, que registrou um culto em 1904.



Rev. Álvaro Reis.
Fonte: *Presbiterianismo no Brasil*, p. 16.

Uma visita à Primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro

A sede da Igreja Presbiteriana fica na rua Silva Jardim, nº 15.

É um dos mais lindos templos evangélicos do Rio. A

sala pode conter 800 pessoas. Tudo reluz, as paredes banhadas de sol, as portas envernizadas, as fechaduras niqueladas, o púlpito severo.

Pelas aleias do jardim, brunidas, anda-se sob o desfolhar das rosas, e da montanha a pique que lhe fica aos fundos desce um intenso perfume de mata. A primeira vez que eu lá estive, a sala estava apinhada, não havia um lugar; e, por trás de sobrecasacas severas, de fatos[56] sombrios, na luz crua dos focos, eu via apenas o gesto de um homem de larga fronte, descrevendo a delícia da moral impecável. Perguntei a um cavalheiro que o ouvia embevecido, quase nas escadas:

– Quem é?

O cavalheiro passou o lenço pela testa alagada.

– Admira não o conhecer: é o dr. Álvaro Reis.

[...] Dias depois, voltei a conversar com o dr. *Álvaro Reis*.

A casa do pastor era ao lado esquerdo do templo, oculta nos roseirais. O protestantismo trouxe para os nossos costumes latino-americanos não sei se a pureza da alma, de que o mundo sempre desconfia, mas o asseio inglês, o regime

inglês, a
satisfação de bem cumprir os deveres religiosos e de viver com conforto.

[...] Nessa mesma noite eu ouvi, no templo cheio, Álvaro
Reis. A sua larga fronte parecia inspirada e ele, desfazendo
sutilmente as frases diamantinas da Bíblia, num polvilho de bem,
falava da caridade, da caridade que sustenta todos os que creem em Jesus – da caridade suavemente doce que protege e esquece.

(João do Rio)[57]

O auxiliar do pastor Álvaro Reis, em seu resumo de crenças e práticas dos presbiterianos, ressaltou suas diferenças em relação às doutrinas católicas em um bom exemplo da mensagem apologética da época que contrapõe suas doutrinas às da Igreja Romana, como: não crer na infalibilidade papal, na intercessão dos santos, não cultuar imagens etc.

Os metodistas

A denominação metodista originou-se na Inglaterra, no seio da Igreja Anglicana, no século 18. Seu fundador foi o sacerdote anglicano John Wesley (1703–1791), que foi aluno e professor da Universidade de Oxford e se destacou por sua vida de intensa comunhão com Deus e por sua preocupação social.

O nome metodista foi usado, a princípio, como apelido dado pelos universitários ao pequeno grupo de Wesley, o

Clube Santo, devido à sua insistência sobre as virtudes do método. Eles faziam tudo com método e ordem, como: hora certa para a oração, estudo bíblico, comunhão semanal, visitação dos doentes, necessitados e encarcerados.

O objetivo de Wesley era renovar a Igreja Anglicana, reformar a nação e difundir a santidade bíblica por toda a terra. O desenvolvimento do meto-dismo contribuiu para sua transformação, posteriormente, em igreja. Alguns metodistas emigraram para os Estados Unidos da América, onde formaram a Igreja Metodista Episcopal.

Sua forma de governo é a episcopal, que significa o governo pelos bispos. Os bispos não têm dioceses, mas são os ministros principais da igreja e são os superiores dos pregadores itinerantes, nomeando-os anualmente para os campos de trabalho.

Os oficiais da igreja local são: o pastor, os ecônomos, que se dedicam à administração da igreja, e os diáconos, que são responsáveis pelo patrimônio.[58]

As decisões nas igrejas metodistas são tomadas pelas conferências: distritais, anuais e gerais. Nas conferências gerais são eleitos os bispos e demais oficiais gerais e os presidentes das juntas e dos departamentos.

Uma das características iniciais do metodismo foi seu forte combate às bebidas alcoólicas. Desde o início do movimento, Wesley já combatia ardorosamente o alcoolismo, imprimindo em seus seguidores o ideal de completa abstinência.

As mulheres estadunidenses metodistas fundaram as uniões de temperança; o missionário metodista pioneiro reverendo Kidder pregava contra o uso das bebidas

alcoólicas em todos os lugares; e Martha Watts, a educadora, empenhava-se em conseguir compromisso de abstinência total: “Eu, Eula Lee Kennedy, comprometo-me com o auxílio de Deus a nunca tomar bebidas alcoólicas, incluindo vinho, cerveja e licor de maçãs [...]”.[59]

A Igreja Metodista Episcopal foi a primeira denominação a iniciar suas atividades missionárias junto aos brasileiros. Em sua conferência geral de maio de 1835, resolveu enviar à América do Sul o reverendo Fountain E. Pitts, que lançou os fundamentos do trabalho metodista no Brasil, Uruguai e Argentina.[60]

A seguir, em 1836, o reverendo Justin Spaulding, na mesma noite de sua chegada ao Rio de Janeiro, pregou para umas trinta a quarenta pessoas da congregação organizada pelo reverendo Pitts, que o aguardavam com ansiedade.

Logo, Spaulding organizou uma Escola Dominical, com crianças brasileiras, que foi a primeira escola dominical não permanente no Brasil. Em novembro de 1837, para auxiliá-lo no trabalho, veio o reverendo Daniel Parish Kidder.[61]

A missão desses missionários pioneiros não teve continuação, pois precisaram retornar aos Estados Unidos. E foi somente após a guerra civil que o reverendo Junius E. Newman, um pregador metodista leigo, veio para o Brasil junto com outros imigrantes, em 1867, sendo esse ano considerado o da fundação do metodismo no país, e Newman, o fundador do metodismo permanente no Brasil. Foi ele quem organizou, em agosto de 1871, a Igreja Metodista Episcopal do Sul, em Santa Bárbara.[62]

A capela dessa igreja foi construída junto ao cemitério do campo e serviu para o uso alternado de três denominações:

metodistas, batistas e presbiterianos.[63]

Em 1874, foi enviado como missionário ao Brasil o reverendo J. J. Ransom, que começou a pregar em português, no Rio de Janeiro, em 1879. Em março daquele mesmo ano, Ransom organizou a primeira igreja metodista no Rio de Janeiro, recebendo em profissão de fé os primeiros brasileiros convertidos, o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque e Senhorinha Francisca de Albuquerque, sem necessidade de batismo, aceitando como válido o batismo da Igreja Católica. Posteriormente, o ex-padre manifestou o desejo de se tornar membro da igreja batista e foi batizado pelo pr. Robert Thomas, no poço anexo à capela em Santa Bárbara.[64]

A igreja metodista no Rio de Janeiro cresceu e construiu um belo templo na praça José de Alencar, onde, em 1904, o jornalista João do Rio assistiu a um casamento.



Templo metodista da praça José de Alencar, no Rio de Janeiro.
Fonte: http://www.jornalriocarioca.com/jornal/wp/content/uploads/2011/09/IMETODISTAS.jpg>. Acesso em: 4 dez. 2011.

Um casamento celebrado na Igreja Metodista do Rio de Janeiro, em 1904

– Amados irmãos, estamos reunidos aqui à vista de Deus, e na presença destas testemunhas, para unir este homem e esta mulher em santo matrimônio, que é um estado honroso, instituído por Deus no tempo da inocência do homem, significando-nos a união mística entre Cristo e a sua Igreja. Esse estado santo, Cristo adornou-o com a beleza da sua presença, fazendo o primeiro milagre em Cananeia da Galileia; São Paulo o recomenda como um estado honroso entre os homens; e por isso não deve ser empreendido ou contraído sem reflexão, mas, sim, reverente, discreta, refletidamente, e no temor de Deus.

No ar pairava um suave perfume, senhoras de rara elegância tinham fisionomias imóveis, cavalheiros graves pareciam ouvir com atenção a palavra do pastor e tudo cintilava ao brilho dos focos luminosos. Era um casamento na Igreja Metodista, na praça José de Alencar. Ao fundo, via-se, à mão direita do pastor, o noivo, à esquerda, a noiva, e por trás dos vitrais,

lá fora, naquele recanto onde corre devagar um rio, a turba dos curiosos que não entram nunca.

– Estas duas pessoas apresentam-se – continuava o ministro
evangélico – para serem unidas nesse estado santo. Se alguém
sabe coisa que possa ser provada como causa justa, pela qual
estas pessoas não devam legalmente ser unidas, queira dizer agora, ou do contrário – nunca mais fale sobre isso.

[...]

O ministro então disse ao noivo: – Queres casar com esta mulher para viveres juntos, segundo a ordenação de Deus, no estado santo
do matrimônio? Amá-la-ás, confortá-la-ás, honrá-la-ás e guardá-la-ás na doença e na saúde; e deixando tudo o mais
guardar-te-ás para ela somente, enquanto ambos viverem?

– Sim! – fez o noivo.

– Queres casar com este homem para viver, segundo a ordenação de Deus, no estado santo do matrimônio? Obedecê-lo-ás, servi-lo-ás, honrá-lo-ás e guardá-lo-ás na doença e na saúde,
e deixando todos os outros guardar-te-ás somente para ele, enquanto ambos viverdes? – Quero – disse a linda senhora. Houve a cerimônia do anel, enquanto os assistentes abanavam-se. O ministro tomou-o, deu-o ao noivo, que o enfiou

no quarto dedo da mão esquerda da noiva, repetindo as palavras do pastor:

– Com este anel eu me caso contigo e doto-te de todos os meus bens terrestres, em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo, amém!

– Oremos! Pai nosso que estás nos céus [...] Era um
Padre-nosso [...] Depois, juntando as mãos do noivo, o
ministro disse:

– O que Deus ajuntou não o separe o homem. Visto como têm consentido unir-se, e têm assim testemunhado diante de Deus e
das pessoas aqui presentes, e portanto têm prometido
fidelidade um ao outro e assim declarado, juntando as mãos, eu os declaro casados no nome do Pai, do filho e do Espírito
Santo. Deus o pai, Deus o filho, Deus o Espírito abençoe,
preserve e guarde-vos; o Senhor misericordiosamente com o seu
favor olhe para vós; e assim vos encha de todas as bênçãos e
graças espirituais, para que no mundo por vir tenhais vida eterna. Amém!

Estava terminada a cerimônia.

(João do Rio)[65]

No Brasil, os metodistas destacaram-se especialmente no campo educacional, pois não desvinculavam a evangelização da educação.

Os batistas

Alguns grupos da Igreja Anglicana, no início do século 17, chegando à conclusão de que o governo da Inglaterra não permitiria mudanças para expurgar todos os elementos romanistas, organizaram congregações separadas e adotaram o sistema congregacional de administração.

Esses dissidentes, os separatistas, foram perseguidos mais intensamente no governo de Tiago I e se refugiaram na Holanda. Em Amsterdã, em 1609, John Smyth, líder do grupo, consciente de que era necessário que seus membros fossem batizados para organizar a igreja, e não conhecendo quem pudesse ministrar o batismo, batizou-se a si mesmo e, em seguida, batizou as 36 pessoas de seu grupo. Aquela congregação foi considerada a primeira igreja batista dos tempos modernos.[66]

Originada em virtude de perseguição, a defesa da liberdade religiosa foi uma das principais bandeiras dos batistas, e, juntamente com ela, a separação entre Igreja e Estado.

O historiador estadunidense Bancroft afirmou: “A liberdade de consciência, plena liberdade de pensar, é desde o principio um trophéo dos Baptistas”. E o nobre John Locke informou: “Os Baptistas foram os primeiros propugnadores da liberdade absoluta – liberdade justa, real, imparcial”.[67]

A marca distintiva dos batistas está expressa no significado do seu próprio nome: aquele que batiza. Das denominações protestantes destacadas neste livro é a única cujo batismo é por imersão. Entendem os batistas que possuem base bíblica para a adoção desse batismo, desde a etimologia do termo grego *baptizo*, que significa mergulho, imersão ou submersão (sendo incoerente uma imersão por aspersão), e por ter sido esse o batismo de Jesus.

A Confissão de Fé de 1644 esclarece que a administração dessa ordenança é pela imersão do corpo na água, sendo um símbolo da morte, sepultura e ressurreição de Cristo: “Certamente como o corpo é sepultado na água e levantado outra vez, assim os corpos dos santos serão levantados pelo poder de Christo no dia da ressurreição para reinar com elle”.[68]

Nas igrejas batistas o batismo só é realizado após uma pública profissão de fé e possibilita o ingresso na igreja. Isso reforça a necessidade de se ter idade suficiente para fazê-la, conforme esclarece sua declaração doutrinária:

> O batismo e a Ceia do Senhor são as duas ordenanças da igreja estabelecidas pelo próprio Senhor Jesus Cristo, sendo ambas de natureza simbólica. O batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal. Simboliza a morte e o sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos. O batismo, que é condição para ser membro de uma igreja, deve ser ministrado sob a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.[69]

Portanto, batismo e Ceia do Senhor são ordenanças, e não sacramentos, pois não conferem nenhuma graça, sendo

celebrações memoriais.

Os batistas no Brasil

O primeiro missionário batista no Brasil foi Thomas Jeiferson Bowen, um estadunidense que havia trabalhado na Nigéria e, por razões de saúde, pediu transferência à Junta de Richmond, chegando ao país em 1859. Conhecedor da língua ioruba, quis dedicar-se à evangelização dos escravos, o que despertou as suspeitas da polícia, chegando a ser preso. A curiosa notícia no *Diário do Rio de Janeiro* foi encontrada pelo historiador Othon Ávila do Amaral.

> Dizem-nos que um pastor americano, ultimamente chegado de Richmond, traz intenção de converter as almas desgarradas às doutrinas das seitas anabatistas, que professa. Começou já a exercer a sua missão pregando aos pretos-minas, cuja língua fala perfeitamente, ao que nos informam. Espíritos supersticiosos e timoratos, esses pobres pretos começam a tributar uma profunda veneração pelo missionário. Tal pregação pode desviar diversos prosélitos entre as inteligências broncas e incultas, estabelecendo, no país, uma seita cuja manifestação é inconvenientíssima. À autoridade compete a verificação deste fato.[70]

Em 1861, Bowen voltou para sua terra. O fracasso da missão desanimou a manutenção do trabalho missionário no Brasil, o que se agravou com a Guerra de Secessão. Com a derrota dos sulistas, muitos pensaram em refazer a vida em outros países. E, a partir de 1865, várias levas de imigrantes deixaram sua pátria. Dentre eles, um grupo se estabeleceu na província de Santa Bárbara, em São Paulo.

Lá eles organizaram, em 10 de setembro de 1871, a primeira igreja batista em solo brasileiro, na região do Campo, sob a liderança do pastor Richard Ratcliff. Em 12 de outubro de 1872, a Primeira Igreja Batista Missionária Norte-

Americana do Brasil enviou carta à Junta de Missões Estrangeiras, em Richmond, solicitando o envio de missionários para o Brasil.[71]

> Não estamos pedindo ajuda para a construção de uma casa de cultos ou para pagar o nosso pastor; estamos sendo capazes de mantê-la com as bênçãos da Providência; porém, não estamos capacitados a mandar nossos obreiros para pregarem aos outros; tampouco temos esses obreiros e os meios para esse propósito. E assim dizemos: “Passa à Macedônia e ajuda-nos”. Prometemos que se daí eles vierem nós os receberemos, não como foi feito com o grande Apóstolo, mas nossos lares estarão abertos para recebê-los. [...] Esperamos ainda ter uma grande comunidade batista neste país, que será acrescida à grande família batista do mundo, ensinando, pregando e praticando a fé uma vez entregue aos santos.[72]

Esse apelo foi atendido, quando o general sulista Hawthorne veio ao Brasil para solicitar do Imperador uma doação de terras, e voltou para sua pátria impressionado com a hospitalidade dos brasileiros. Depois da morte de sua única filha, de 12 anos, entronizou Cristo em seu coração amargurado, e, sentindo uma dívida de gratidão pelo Brasil, quis influenciar seus compatriotas à evangelização do país. Tornando-se agente de missões, em 1880, apresentou relatório à Junta Batista de Missões Estrangeiras:

> O Império Brasileiro é do tamanho dos Estados Unidos e todos os seus territórios, menos o Alaska, e tem uma população de mais ou menos dez milhões de habitantes.
>
> [...] O governo é justo e estável, sábio e firmemente administrado e oferece segurança de vida, liberdade e prosperidade, um governo onde o mérito é devidamente recompensado e o crime é prontamente punido.
>
> Imigrantes industriosos de todos os climas e países, mas especialmente dos Estados Unidos, são convidados e recebidos com corações e braços abertos, e toda a proteção e comodidade lhes são dadas que possam ser necessárias para o progresso e a prosperidade.

> [...] O povo do país é polido, liberal e hospitaleiro ao mais alto grau. Tem grande admiração pelo povo americano, e está, evidentemente, na condição mais favorável para receber de nossa parte um cristianismo mais puro.[73]

Pelo apelo pessoal de Hawthorne aos jovens William e Ana Bagby, a junta os enviou como o primeiro casal missionário para o Brasil, em 1881. Unidos aos missionários recém-chegados Zacarias Taylor, sua esposa, Katherine, e ao ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, fundaram em 15 de outubro de 1882 a Primeira Igreja Batista da Bahia.

A fidelidade dos batistas à sua prática do batismo por imersão colaborou para que ficassem mais expostos e fossem mais perseguidos, pois batizavam em lugares públicos, como rios ou praias.

Em Salvador, um conselheiro amigo disse aos missionários pioneiros que eles poderiam atrair mais o povo se substituíssem a imersão por uma aspersão decente. Mas Zacarias Taylor respondeu com sabedoria: “Eu vim ao Brasil para proclamar a lei de Deus, não para legislar sobre ela”.[74]

Os batistas e seu hinário

Nas igrejas evangélicas destaca-se o amor pela música. Os batistas sempre gostaram de cantar. A doutrina era transformada em letras de hinos. O "pai do *Cantor Cristão*", tradutor e compositor de 102 hinos, foi Salomão Ginsburg, judeu russo. Convertido ao evangelho, chegou ao Brasil para trabalhar com a Igreja Evangélica Fluminense, mas filiou-se à igreja batista.

Ginsburg já havia reunido dezesseis hinos, em 1891, num pequeno folheto intitulado *Cantor Cristão*, que fora publicado em Recife, quando ainda pastoreava a Igreja Evangélica Pernambucana. Em sua quarta edição, em 1893,

já continha 63 hinos, e a décima edição, publicada em 1903 pela Casa Editora Batista, incluía 225 hinos e dezenove coros diversos.[75]

Foi provavelmente esta versão a utilizada pelo pastor Francisco Fulgêncio Soren no culto presenciado pelo jornalista João do Rio, em 1904.



Casa de oração da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, na rua de Sant'Anna.
Fonte: AZEVEDO, Israel Belo de, org. *Coluna e firmeza da verdade*. Contracapa.



Pastor Francisco Fulgêncio Soren.
Fonte: AZEVEDO, Israel Belo de, org. *Coluna e firmeza da verdade*. Caderno fotográfico.

Culto na Igreja Baſsta do Rio de Janeiro, em 1904

– Entre, entre, o senhor vai perder!

Foi então que eu entrei. Todos os bicos de gás silvavam, enchendo de luz amarela as paredes nuas. No fundo, em letras largas, que pareciam alongar-se na cal da parede, esta inscrição solene negrejava: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu a seu fLlho unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha vida eterna”. Na cátedra, ninguém. Do lado esquerdo, o órgão, e diante dele uma senhora com a •sionomia paciente, e um cavalheiro irrepreensível, sem uma

ruga no fato, sem um cabelo fora da pasta severa. Pelos bancos uma sociedade complexa, uma parcela da mul dão, isto é, o resumo de todas as classes. Há senhoras que parecem da vizinhança, em cabelo e de *malinée*; crianças trêfegas; burgueses convictos, sérios e limpos; nas primeiras fLlas, operários, malandrins,[76] de tamancos de bicos revirados, com o cabelo empastado de cheiros suspeitos, soldados de polícia, um bombeiro de cavanhaque, velhas pretas a dormir, negros atentos, uma dama de chapéu com uma capa crispante de lantejoulas, cabeças sem expressão, e para o fm, na porta, gente que subitamente entra, olha e sai sem compreender. O templo está cheio. O pastor parece concentrado, olhando o rebanho de ovelhas, a maior parte ignorante do aprisco. Nessa noite não se perde em erudições teológicas; nessa noite chama com o órgão do Senhor os carneiros sem fé. E é uma coisa que se nota logo. A propaganda, a atração da Igreja é a mÚsica. Ganham-se mais ftéis entoando um hino que fazendo um discurso cheio de virtudes. O sr. Soren, o pastor calmo, irrepreensível, parece compreender os que o frequentam, sem esquecer sua missão evangélica. É positivamente o professor. Sem o perfume dos hinários e sem aquelas letras negras na parede,[77] a gente está como se estivesse numa aula de canto do Instituto de música, ouvindo o ensaio de um coro para qualquer creche mundana.

– Vamos mais uma vez – diz ele com um leve acento[78] inglês.

– Este hino é muito bonito! Cantado por duzentas vozes faz um efeito! Sabem a letra? Vamos [...]

A dama, com um ar de bondade indiferente, corre ao teclado, acordando no órgão graves e profundos sons que se perdem no ar vagarosamente. Depois, receosa, acompanhando cada acorde, a sua voz, seguida do pastor, começa:

– Oh, Se-e-e-nhor!

Muitos lêem os versos, acompanhando a voz do pastor, outros, nervosos, precipitam o andamento. Mas, naquele ensaio, logo me chama a atenção um preto de casaco de brim sem colarinho. O órgão domina-o como um som de violino domina os crocodilos. Nos seus dentes brancos, nos olhos brancos, de um branco albuminoso, correm risos de prazer. Sentando na ponta do banco, os longos braços escorrendo entre os joelhos, a cabeça marcando o compasso, ele segue, com as mandíbulas abertas, os sons e as vozes que os acompanham, depois como o sr. Soren diz:

– Vamos repetir. Já se adiantaram: um, dois, três!

O negro também, abrindo a face num repuxamento da face inteira, cantou:

– Oh! Se-e-e-nhor!

E todo o seu ser irradiou no contentamento de ter decorado o verso bonito! [...]

Entretanto o hino acabara bem. Quase que houve palmas. Estavam contentes.

O sr. Soren consultou o relógio e aproveitou a boa vontade dos irmãos.

– Vamos, más um hino. É lindo! Estudemos só a primeira parte. De Deus até Salvador.

A organista tocou primeiro a música para que os batistas aprendessem o tom, e todos começaram o novo hino, as crianças, as senhoras, os homens graves, enquanto o negro abria as mandíbulas e uma velha fechava os olhos enlevados e sonolentos. Quando as vozes pararam num último acorde, o sr. Soren disse algumas palavras sobre a glória de Deus e estendeu as mãos. Amém! Estava acabado o estudo.

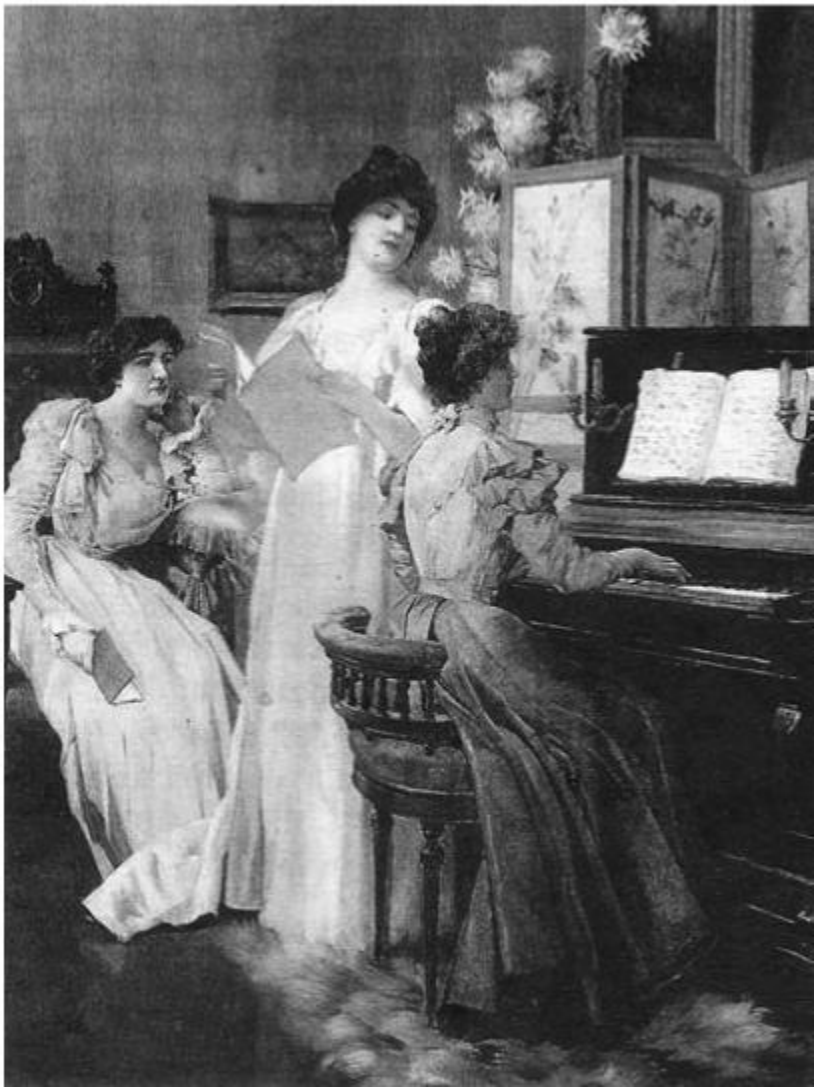
(João do Rio)[79]

Na necessidade de defender o que criam e de ocupar espaço para evangelizar, os missionários evangélicos tornaram-se, em muitos casos, radicais. A pregação que deveria ser evangélica, apresentando Cristo como único meio de salvação, e Deus como o único a ser adorado, tornou-se uma cruzada anticatólica, à medida que se entrava em polêmicas.

Para o protestantismo, o catolicismo era o responsável pela situação miserável dos países latino-americanos e não era cristianismo verdadeiro, mas uma forma de paganismo, e por isso tinha sido incapaz de cristianizar a América Latina. Para os católicos, o protestantismo não passava de um instrumento do imperialismo estadunidense e desintegrava a família, colocando em risco a sociedade.[80]

No confronto entre catolicismo e protestantismo não houve vencedores, e pode-se afirmar, infelizmente, que o objetivo mais importante de oferecer ao povo as Escrituras Sagradas não foi completamente cumprido. Somente uma pequena parte da grande população brasileira pôde desfrutar do primeiro contato com a Bíblia, pela leitura pessoal ou pelas pregações ouvidas.

No capítulo seguinte, o foco estará no papel feminino, nas mulheres como escravas das convenções e em suas vozes, enclausuradas no período colonial, transformando-se, lentamente, em vozes trêmulas que começavam a se expressar e serem ouvidas.



Hora de Música. Oscar Pereira da Silva (1901).
Fonte: DEL PRIORE, Mary, org. *História das mulheres no Brasil,* p. 231.

Ah, o piano [...] Casa que se prezasse ostentava, em lugar de destaque, um vasto piano de cauda, importado da França ou da Alemanha [...]. Prenda indispensável, tanto quanto a culinária, o estudo do piano era imposto a quase todas as moças. “E quase todas, quando casavam, traziam o piano como parte do mobiliária da casa” [...].

(Jorge Americano apud CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da, sup. *Nosso século: Brasil (1900–1910)*, v. 1, p. 129.)

---

1. MAURO, Frédéric. O Brasil no tempo de Dom Pedro II (1831–1889). Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1991. p. 139.↩
2. COARACY, Vivaldo. Memórias da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. p. 410.↩
3. FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Círculo do Livro (s.d.). p. 26.↩
4. A religião é o cristianismo; o catolicismo é uma igreja entre as que se denominam cristãs. O termo religião é usado erroneamente, como até hoje, tomando-se a parte pelo todo.↩
5. VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980. p. 13.↩
6. RIBEIRO, Boanerges. O protestantismo no Brasil monárquico. São Paulo: Pioneira, 1973. p. 55.↩
7. VIEIRA, David Gueiros. Op. cit. p. 170-171.↩
8. Ibid. p. 171.↩
9. DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. v. 2. Trad. e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro (s.d.). p. 577.↩
10. MORLEY, Helena. Minha vida de menina. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 56.↩
11. Ibid. p. 57.↩
12. KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil. Trad. Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Livraria Martins Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 134.↩
13. DEBRET, Jean-Baptiste. Op. cit. p. 393.↩
14. AZZI, Riolando. O clero no Brasil: uma trajetória de crises e reformas. Brasília: Rumos, 1992. p. 48.↩
15. DEBRET, Jean-Baptiste. Op. cit. p. 393.↩

16. AZZI, Riolando. Op. cit. p. 47.↩
17. CASCUDO apud HOORNAERT, Eduardo. O cristianismo moreno do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 141.↩
18. BEOZZO, José Oscar, org. História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, a Igreja no Brasil no século XIX. 2. ed. Petrópolis: Vozes, Tomo II/2. P. 1985. p. 193.↩
19. Acatólicos era o termo usado para designar todo aquele que não pertencia à religião (igreja) oficial do Império brasileiro, que era o catolicismo.↩
20. SALUM, Isaac Nicolau, no prefácio do livro de LÉONARD, Émile-G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social. 2. ed. Trad. Linneu de Camargo Schützer. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações; São Paulo: ASTE, 1981. p. 7.↩
21. HAHN, Carl Joseph. História do culto protestante no Brasil. Trad. Antonio Gouvêa Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989. p. 19.↩
22. Dieta era a denominação da antiga assembleia política em certos países da Europa Central.↩
23. HARRISON, Helen Bagby. Os Bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987. p. 39.↩
24. HAHN, Carl Joseph. Op. cit. p. 16.↩
25. RIBEIRO, Boanerges. Op. cit. p. 17.↩
26. FARIA, Ricardo de Moura et al. História. v. 1. Belo Horizonte: Editora Lê, 1989. p. 249.↩
27. RODRIGUES, José Carlos. Religiões acatholicas apud HAHN, Carl Joseph. Op. cit. p. 43.↩
28. CAMPÊLO, Zacarias. Minha vida e minha obra: memórias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970. p. 170.↩
29. READ, William apud LONG, Eula Kennedy. Do meu velho baú metodista. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968. p. 29.↩
30. CAMPÊLO, Zacarias. Op. cit. p. 170. Notas 249↩
31. GAMMON, Clara. Assim brilha a luz: a vida de Samuel R. Gammon. Trad. Jorge Goulart. Lavras: Imprensa Gammon, 1959. p. 84.↩

32. MEIN, David. Os batistas em Alagoas. p. 68-69 apud LÉONARD, Émile-G. Op. cit. p. 109. O pai da autora, Sebastião Pessoa Salviano, pernambucano, quando aceitou a mensagem do evangelho em 1935, foi expulso de casa por seu pai. Ele recebera seu nome em homenagem ao santo católico. Mas São Sebastião não livrou seu afilhado dos pés de bode, como pedia a cantiga, pelo contrário Sebastião tornou-se pé de bode também, um crente fiel ao evangelho e grande homem de Deus.↩
33. HAMILTON, J. E. “the spirit of Rome – persecution”, Foreign Mission Journal, v. 50, junho de 1900. p. 396 apud OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. “Batistas no Brasil perseguições” (2 de 2), O Jornal Batista, Rio de Janeiro, 30 de julho de 2006. p. 11.↩
34. LÉONARD, Émile-G. Op. cit. p. 122.↩
35. GINSBURG, Salomão L. “A marvellous Spirit of Revival”, FMJ, LIII, novembro de 1902. p. 157 apud OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Op. cit. p. 106.↩
36. CANNADA. “More Bibles burned”. p. 210 apud OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Op. cit. p. 108.↩
37. Jornal Pequeno, Recife, 26 de setembro de 1903 apud MENEZES, João Barreto de; MAGALHÃES, Symphronio de. “A queima de Bíblias e o nosso protesto”, O Jornal Baptista, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1903.↩
38. Baptista Paulistano, São Paulo, dezembro de 1912.↩
39. BEOZZO, José Oscar, org. Op. cit. p. 248.↩
40. CARDOSO, Douglas Nassif. Robert Reid Kalley, médico, missionário e profeta. São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2001. p. 141.↩
41. LUZ, Fortunato. Esboço histórico da escola dominical da Igreja Evangélica Fluminense, 1855–1932. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1932. p. 104.↩
42. AZEVEDO, Israel Belo de. A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996. p. 190.↩
43. Pronunciamento do dr. Horace Lane aos professores do Mackenzie College em 1892 apud PORTO FILHO, Manoel da Silveira. O congregacionalismo brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Educação Religiosa e Publicações/UIECB, 1997. p. 12-16.↩
44. PORTO FILHO, Manoel da Silveira. Op. cit. p. 19.↩

45. REILY, Duncan Alexander. Ministérios femininos em perspectiva histórica. 2. ed. Campinas: Cebesp / São Bernardo do Campo: Editeo, 1997. p. 122.↩
46. Ibid. p. 114.↩
47. Ibid. p. 158.↩
48. Tipos: símbolos.↩
49. RIO, João do. As religiões no Rio. Org. e notas de João Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 138-139.↩
50. MATOS, Alderi Souza de. “Presbiterianos: origem e significado do termo”. Disponível em: http://thirdmill.org/files/portugueses/23860~11_1_01_10-25-49_ AM~Presbiterianos_origem_e_significado_do_termo.html. Acesso em: 14 nov. 2011.↩
51. RIBEIRO, Boanerges. Op. cit. p. 17.↩
52. REILY, Duncan Alexander. Op. cit. p. 129.↩
53. MATOS, Alderi Souza de. Pioneiros presbiterianos no Brasil (1859–1900). São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 28.↩
54. Ibid. p. 14-15.↩
55. Presbiterianismo no Brasil, 1859–1959. Projeto da Comissão Presbiteriana Unida do Centenário. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959. p. 12.↩
56. Fatos: ternos (termo usado em Portugal e, antigamente, no Brasil).↩
57. RIO, João do. Op. cit. p. 141, 144, 149.↩
58. MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos. v. 3. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1947. p. 316-317.↩
59. LONG, Eula Kennedy. Op. cit. p. 216.↩
60. Ibid. p. 24.↩
61. Ibid. p. 25-26.↩
62. Ibid. p. 53-54.↩
63. Ibid. p. 55.↩
64. Ibid. p. 60.↩
65. RIO, João do. Op. cit. p. 150-152.↩
66. AMARAL, Othon Ávila. “Batistas celebram quatro séculos”, Visão Missionária, ano 87, nº 4, outubro-dezembro de 2009. p. 14.↩

67. TRUETT, George W. Os Baptistas e a liberdade religiosa. Discurso proferido do alto da escadaria do Capitolio Nacional de Washington, 16 de maio de 1920. Reunião convencional annual dos Baptistas do sul dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista do Brasil (s.d.). p. 9.↩
68. VEDDER, Henry C. Breve historia dos baptistas. Trad. A. E. Hayes. Recife: Faculdade theologica Baptista do Recife, 1934. p. 236.↩
69. PEREIRA, José dos Reis. Breve história dos batistas. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987. p. 108.↩
70. Diário do Rio de Janeiro, 26 de maio de 1860 apud PEREIRA, José dos Reis. História dos batistas no Brasil, 1882–1982. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 325.↩
71. OLIVEIRA, Betty Antunes de. Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 438-440.↩
72. Ibid. p. 441-442.↩
73. Trecho do relatório apresentado à Junta Batista de Missões Estrangeiras dos Estados Unidos apud HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 15.↩
74. HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 43.↩
75. BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. Música sacra evangélica no Brasil: contribuição à sua história. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Livraria Kosmos Editora, 1961. p. 192-193.↩
76. Malandrins: malandros (malandrice), vagabundos, vadios.↩
77. Provavelmente um versículo bíblico como era costume nas igrejas batistas.↩
78. A palavra correta é sotaque.↩
79. RIO, João do. Op. cit. p. 162-165.↩
80. AZEVEDO, Israel Belo de. As cruzadas inacabadas: introdução à história da Igreja na América Latina. Rio de Janeiro: Gêmeos, 1980. p. 121.↩

Capítulo 2

Vozes caladas: o papel feminino

A história da mulher brasileira, como a história de tantas mulheres, é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que, legitimada pela religião cristã ocidental, transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais. A mulher do Brasil oitocentista, formada e constituída socialmente nesta ordem, era subordinada e dependente do pai ou do marido, sendo feita propriedade do homem e silenciada por ele [...].[1]

A mulher brasileira do século 19 era considerada a rainha do lar, mas, em extremo paradoxo, era súdita do homem e escrava de sua casa. Durante o período colonial foram-lhe exigidos submissão, recato e docilidade. Seu papel era o de esposa e mãe, e sua tarefa era cuidar da casa, dos filhos e do marido. Ela não frequentava escola e seu aprendizado restringia-se à costura e culinária. Se fosse mais abastada, teria acesso ao piano e à pintura.

A mulher não precisava ser instruída, só ensinada, e lhe cabia pouca educação, pois aprendia só o necessário e adequado: “Uma mulher já é bastante instruída quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar”.[2]

Os estrangeiros no Brasil indignavam-se com a opressão feminina e a degradação sistemática da mulher que a

condenava à ignorância e reclusão. E declaravam que seu opressor faz sombra e silêncio em torno dela: “Pode privá-la de escrever e até mesmo de falar. Mas não saberá abafar as ardentes aspirações de uma alma entusiástica, nem tampouco conseguirá proibir a brisa de soprar, as roseiras de florescer, o sol de fulgurar”.[3]

Aos doze anos, a mulher é a crisálida que espera a luz do amor para tornar-se dourada borboleta; aos treze, é um poema lírico a que falta a última estrofe; aos catorze, é um hino de harpa eólia; aos quinze, é um astro em torno do qual rodopiam a graça, a harmonia e o amor; aos dezesseis, é uma estátua de Madona que procura um coração de homem para dele fazer o seu altar [...] E é preciso fazê-lo com urgência, pois, aos vinte e dois, será “uma lágrima da noite banhando um túmulo de virgem”, ou melhor, uma solteirona.[4]

Depois do casamento e do nascimento dos filhos, elas murchavam como os delicados frutos do solo porque amadureciam prematuramente: “Após um florescimento rápido, deixam-nas apodrecer: aos quatorze anos tornam-se mães, aos dezesseis desabrochou toda a sua beleza, e aos vinte estão murchas como as rosas desfolhadas no outono”.[5]

VOZES SUBMISSAS: ESPOSAS E MÃES

A exigência da submissão feminina prolongou-se ainda no século 19. Como propriedade do marido, a mulher lhe devia obediência total e inquestionável e, por ele, era silenciada, repreendida e constrangida.

> Efetivamente, nunca conversei com as senhoras brasileiras com quem mais de perto privei no Brasil sem delas receber as mais tristes confidências acerca de sua existência estreita e confinada. Não há uma só mulher brasileira que, tendo refletido um pouco sobre o assunto, não se saiba condenada a uma vida de repressões e constrangimento. Não podem transpor a porta de sua casa, senão em determinadas condições, sem provocar escândalo. A educação que lhes dão, limitada a um conhecimento sofrível de francês e música, deixa-as na ignorância de uma multidão de questões gerais: o mundo dos livros lhes está fechado [...]. Pouca coisa sabem da história de seu próprio país, quase nada de outras nações, e nem parecem suspeitar que possa haver outro credo religioso além daquele que domina o Brasil; talvez mesmo nunca hajam ouvido falar da "Reforma". [...] Em suma, além do círculo estreito da existência doméstica, nada existe para elas.[6]

Nas observações de visitantes estrangeiros, a família patriarcal brasileira consistia no marido autoritário, cercado de concubinas escravas, nos filhos, por ele dominados, e em sua mulher submissa, que tolerava suas amantes. A esposa era passiva e indolente, vivia enclausurada em casa, gerava inúmeras crianças e maltratava os escravos.[7]

As mulheres começavam a gerar filhos a partir de 12 ou 13 anos e continuavam a tê-los até em idade avançada. Era comum a prole constituir-se de mais de dez filhos. Ocorreu um caso extremo de uma menina casada aos 10 anos, mãe aos 11 e que, com 45 anos, já tivera 25 partos: "Dez dos quais malsucedidos. A incidência de infecções puerperais vinha somar-se à debilitação provocada pelas sucessivas gestações, muitas das quais em idade imatura".[8]

Esses filhos, normalmente, não eram gerados em atos de amor. O romantismo não tinha vez na sociedade patriarcal e, para a felicidade conjugal, bastava o atendimento de necessidades práticas, da estima, do respeito mútuo e da reciprocidade de serviços, sobretudo em caso de doença.

A mulher não se destacava como parceira do marido e participante de seu sucesso, pois seu papel era outro. Mesmo as esposas dos grandes estadistas brasileiros são completamente desconhecidas. Como exemplo, o escritor Joaquim Nabuco, filho de dona Ana Benigna, considerada coadjuvante ativa do esposo nas obrigações sociais da corte, ao escrever a biografia do pai, o conselheiro Nabuco, referiu-se à sua mãe somente em uma nota de rodapé na página 958.[9]

A boa esposa tinha a obrigação de saber agradar o marido. Para melhor fazê-lo, foi publicado no *Jornal do Comércio*, em 1888, um "decálogo" que trazia a seguinte receita:

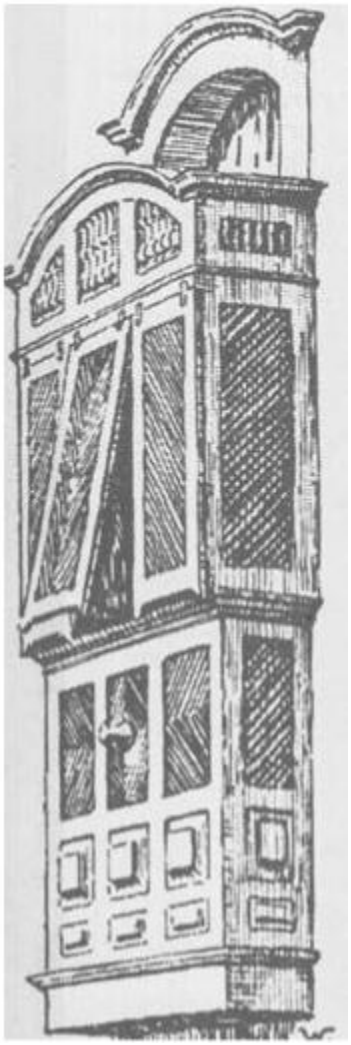
1. Amai a vosso marido sobre todas as coisas.
2. Não lhe jureis falso.
3. Preparai-lhe dias de festa.
4. Amai-o mais do que a vosso pai e a vossa mãe.
5. Não o atormenteis com exigências, caprichos e amuos.
6. Não o enganeis.
7. Não lhe subtraiais dinheiro, nem gasteis este com futilidades.
8. Não resmungueis, nem finjais ataques nervosos.
9. Não desejeis mais do que um próximo e que este seja o teu marido.
10. Não exijais luxo e não vos detenhais diante das vitrines. Estes dez mandamentos devem ser lidos pelas mulheres doze vezes por dia, e depois ser bem guardados na caixinha da *toillete*.[10]

O comportamento da mulher variava de acordo com a sua classe. As mais abastadas eram servidas e viviam reclusas e guardadas, como declarava um provérbio português que “dizia que a mulher virtuosa da classe superior deixava sua casa apenas em três ocasiões durante sua vida: para ser batizada, para se casar e para ser enterrada”.[11]

Apenas mulheres livres e pobres que lutavam para sobreviver atravessavam praças e ruas para lavar roupa nas fontes ou nas beiras dos rios, e trabalhavam como domésticas, costureiras, cozinheiras ou vendedoras ambulantes.[12]

As mulheres ricas não ficavam ociosas. Suas moradias de grande porte comportavam parentes, criados e escravos, e elas “supervisionavam a produção de roupas, alimentos, utensílios e tinham outros afazeres como cuidados com a saúde da família, com a instrução e as obrigações religiosas”.[13]

Responsáveis pelas compras aos vendedores que vinham à sua porta, dependiam de suas varandas ou janelas para ter contato com a rua.



O *muxarabiê*, treliça de madeira colocada nas janelas, permitia a visão do mundo exterior para a mulher. Fonte: BRANDÃO, Helena Câmara Lacé. “Esperando na janela”, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 5, n° 54, março de 2010, p. 39.



Primeiras ocupações da manhã. Aquarela de Debret (1826) mostra o impedimento do contato da mulher branca com o mundo exterior.
Fonte: BRANDÃO, Helena Câmara Lacé. “Esperando na janela”, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 5, n° 54, março de 2010, p. 42.

Esse espaço da residência foi importante para a socialização feminina, mas não era lugar de permanência, pois se corria o risco de ficar malfalada, sendo chamada de janeleira, namoradeira ou mesmo rameira.[14]

> Na rua não se encontram senão negros e negras; os brasileiros pouco saem de casa e as brasileiras ainda menos. Estas são vistas apenas no momento em que vão à missa, ou à tarde, após o jantar, quando ficam em suas janelas. É então permitido olhar para elas à vontade, pois durante o dia, se

> por acaso se encontram na janela e percebem que estão sendo observadas, recolhem-se imediatamente.[15]

Não somente a mulher casada era protegida do mundo exterior; a solteira também era constantemente vigiada e controlada.

VOZES CONTROLADAS: AS FILHAS

A jovem precisava ser vigiada constantemente para que sua virgindade fosse resguardada. De sua castidade e pureza dependia a honra dos homens de sua casa. Portanto, eram controladas por seus pais, os únicos responsáveis em lhes arranjar maridos que continuassem com o controle.

> A maioria das moças, suponho, aceita cegamente os desejos dos pais, casando com os maridos que lhes são oferecidos, como fato consumado; e ficam felizes com qualquer mudança que possa aliviar a monotonia de suas vidas. Pode haver um entendimento anterior entre os jovens, mas a sociedade não o reconhece; até o casamento, o destino da mulher é dirigido pelo pai ou guardião; a mãe pouco tem a dizer sobre isso.[16]

O hábito da vigilância sobre as jovens era a garantia do sistema de casamentos por alianças políticas ou econômicas, por isso não podia ser descuidado. As moças de classe alta eram casadas por seus pais na prematura idade de 12 ou 13 anos, geralmente com homens muito mais velhos.

A educação e os planos para a vida eram diferentes para homens e mulheres. Os filhos de famílias ricas eram enviados à Europa para estudar, enquanto as filhas não precisavam de estudo. Um ditado popular afirmava: “Mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada”.[17]

Os pais favoreciam a ignorância feminina para que elas não trocassem correspondências amorosas com possíveis pretendentes. Usando, porém, de criatividade, a moça encontrava recursos interessantes para se comunicarem, e utilizava as escravas como alcoviteiras.[18]

> A educação das meninas é negligenciada [...] elas são, em geral, deixadas aos cuidados das negras. Até se casarem quase nunca saem de casa, a não ser quando sob a vigilância da mãe vão à missa; companhia de homens lhes é absolutamente proibida, e este rigor as leva frequentemente a se entregarem a uma negra de sua confiança, que por caridade cristã assume o honrado papel de alcoviteira, com o que é satisfeita a natural inclinação das brasileiras para a aventura, de modo que até as filhas das famílias melhores, mais cultas, apesar de severamente vigiadas, quase sempre encontram oportunidades para desafiar a vigilância dos pais.[19]

O pouco que as moças ricas estudavam era línguas e piano, ensinados por preceptoras estrangeiras. O português era pouco estudado, mas a gramática francesa precisava ser decorada.[20]

VOZES EM BUSCA DA EDUCAÇÃO

Quando as portas das escolas lhes foram abertas, a permanência nelas era bem curta, pois tão logo entravam na puberdade já eram consideradas prontas para o casamento e abandonavam a aprendizagem.

> Pouca coisa tenho a dizer sobre a escola para meninas. Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres, o nível de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos frequentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que lhes retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze

são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreita e não tarda a tomá-las.[21]

Os estrangeiros no Brasil retrataram o ritmo lento em que se desenvolveu a educação das mulheres. Às leitoras recomendavam-se leituras amenas e delicadas, e entre as prerrogativas masculinas encontrava-se o controle das leituras ao alcance das mulheres, na crença de que, controlando suas leituras, controlariam também seus sonhos e fantasias.

Foi com esse pensamento em mente que o bispo Antônio Joaquim de Melo executou um projeto educacional para a formação de novos padres e para a educação feminina. Em 1859, foi inaugurado o primeiro colégio feminino, o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu, SP, sob a direção das freiras francesas, as irmãs de São José.[22]

O objetivo da educação das jovens era que elas se tornassem educadoras, conforme os preceitos e doutrinas do catolicismo conservador. Seriam mães cristãs que ensinariam aos futuros cidadãos os princípios da fé e da piedade.

A abertura de colégios religiosos para a educação de moças era um ponto de partida na conquista de espaços de profissionalização, com o objetivo de que a jovem encontrasse uma maneira de atuar fora do espaço privado.

Os protestantes, contudo, não se preocuparam apenas em fornecer educação para as crianças, mas também em conceder um aprendizado de qualidade, criando escolas onde membros de famílias influentes estudaram e, posteriormente, desempenharam importantes papéis na política brasileira.

Sua atuação fecunda, com escolas ao lado das sedes evangélicas, fez recuar o analfabetismo. Os adoradores do Cristo redivivo transmitiram verdadeira espiritualidade e afastaram a ignorância.[23]

A posição de Horace Lane, diretor da Escola Presbiteriana Mackenzie, era de absoluta independência em relação à denominação, o que fortaleceu o seu projeto educacional e lhe garantiu continuidade:

> [...] A instrução religiosa é um instrumento para desenvolver o caráter e dar uma base segura para a educação moral, porém em relação ao aluno é, propriamente, uma finalidade absoluta, dando-lhe, à medida que ele possa compreender, as verdades salvadoras do cristianismo. Não podemos categoricamente supor que o aluno tenha recebido dos pais ou de sua igreja a instrução religiosa adequada, mas podemos supor que, morando em um país qualquer nominalmente cristão, ele tenha alguma ideia a respeito de Deus, embora, às vezes, vagas e errôneas. É dever do professor ajustar estas ideias à verdade e relatá-las ao aluno de tal modo que ele chegue à certeza de que existe um Deus que o ama e que está em toda parte, que a Bíblia é a palavra de Deus, que Deus mandou seu filho para salvar o mundo, que Cristo é Deus e Deus é Cristo, que Deus fez tudo, até nós somos obra de sua mão. A Bíblia fornece material para todos os graus de instrução religiosa, desde o jardim de infância até a universidade. Nenhum método de reavivamento ou de púlpito, nenhuma pressão de caráter emocional deve ser feita em qualquer departamento da escola para influenciar os alunos a se tornarem protestantes. O protestantismo não deve ser elogiado nem a religião católica romana, atacada. O nosso alvo é formar o caráter, desenvolver a personalidade, formular um padrão de moral e estabelecer convicções religiosas.[24]

A campanha evangélica implantou muitas escolas onde a educação e o evangelho produziriam melhores frutos. Sendo erradicado o analfabetismo, o povo teria condições de ler, analisar e refletir sobre as doutrinas cristãs diretamente da Bíblia: “Com o objetivo de apoiar o trabalho missionário

emergente, foram criadas inúmeras escolas junto às igrejas”.[25]

A MODA FEMININA

Apesar do calor do Rio de Janeiro, a imitação das modas europeias levava as damas brasileiras a vestirem pesadas roupas de veludo. De início, não usavam chapéus e preferiam usar sombrinhas, bem úteis sob o sol tropical.

No começo do século 20, elas percorriam as ruas com saias amplas e longas, usando chapéus pequenos e xales de seda da Índia, indiferentes aos tecidos importados que não eram apropriados e provocavam irritações na pele.

A influência europeia era grande. A moda e a língua francesa dominavam a elite brasileira. Um padre de Recife escreveu o seguinte, em 1843: “Nossas moças e jovens senhoras só querem agora ser chamadas de *demoiselle, made-moiselle, madame*”.[26]



Moda feminina. Moça com chapéu e leque.
Fonte: CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da, org. *Nosso século: Brasil (1900–1910)*, v. 1, p. 129.

As senhoras vestem saias compridas, amplas, cheias de subsaias [...]. Todas de cabelos longos, enrodilhados no alto da cabeça e sobre os quais equilibra-se um chapéu que, para não fugir com o vento, fica preso a um grampo de metal [...]. Usam, como fazendas, o surah, o faille, o chamalotte, o tafettá e o merinó [...], o infalível leque de seda ou gaze na mão.[27]

A principal tortura da moda era o uso do espartilho, uma armação de fitinhas de aço ou barbatana, sustentando um tecido elástico de seda ajustado por furos nos quais passavam cordões apertados. A finalidade da peça era forçar a postura, dar realce aos seios e comprimir o ventre.[28]

> O espartilho parecia inspirado na armadura medieval, mas era um tormento recebido com volúpia. [...] Se a mulher era gorda com pretensão a elegante, começava a comprimir as abundâncias dentro do estranho tormento. [...] Depois de cingido e apertado, “madame” comparecia confiante e risonha a uma festa onde não podia comer nem tomar um copo de água porque a compressão do aparelho digestivo não lhe permitia tal liberalidade. Tinha de debicar como passarinho. [...] Não podia curvar-se. [...] Se rebentasse o cordão, aconteceria algo semelhante ao estouro de um pneu.[29]

As saias excessivamente compridas eram características da moda daquela época. Como a cauda não devesse arrastar, a senhora mantinha a saia segura por trás, num gesto elegante, que evitava que varresse as ruas. Além de ter de segurar a saia, toda senhora devia trazer consigo uma sombrinha, uma pequena bolsa com dinheiro e um lenço.[30]

Elas não se maquiavam: “Não há pintura de olhos, de lábios, nem de rosto. As mulheres [...] são figuras de marfim ou cera, [...] evadidas de um cemitério. Quando passam em bandos lembram uma procissão de cadáveres”.[31]

O cosmético usado era apenas o pó de arroz, e, no Nordeste, passavam azeite de babaçu no rosto e nos cabelos. Quanto à aparência, em contraste com a atualidade, achava-se bonito ser gorda: “Era considerado o encanto principal da beldade do Brasil e o maior elogio que se pode dizer a uma mulher é dizer que está ficando cada

dia mais gorda e mais bonita, coisa que na maioria delas cedo acontece, pela vida sedentária que levam”.[32]

OPINIÃO MASCULINA SOBRE O PAPEL FEMININO[33]

O homem do século 19 considerava a mulher um ser sem opinião própria e que precisava ser instruído apenas para o papel que lhe fora destinado na sociedade patriarcal; e ela aprendia a ser tola, adequando-se a um retrato do qual não era a autora:

Não há meio de os homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que os seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós. [...] e o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disto![34]

Como a educação feminina fosse lenta, cada empreendimento nesse sentido era considerado uma grande conquista. Em 1858, foi fundado, no Rio de Janeiro, o Liceu de Artes e Ofícios, com o objetivo de oferecer aulas noturnas gratuitas sobre a arte aplicada à indústria. Contudo, somente em 1881 foram abertas aulas de desenho e música para as mulheres e resolveu-se comemorar esse fato com a produção de uma coletânea intitulada *Polyantheia*[35] *commemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino*.

O documento apresentava a opinião de 127 homens de letras de renome sobre a questão da profissionalização da mulher. Apenas quatro mulheres participaram do texto que expressa mais a opinião masculina.

A maioria opinou que educar a mulher era contribuir para a dignificação da família, da nação e do mundo, que sua educação representava sua emancipação e que o fundamental era sua preparação moral e religiosa.

Opiniões diversas sobre o papel feminino no século XIX[36]

Formar o homem é a função moral da mulher. A sua instrução deverá sempre ser instituída tendo em vista este alto destino, que só pode realizar-se no lar. Libertar a mulher da oficina e do trabalho exterior, tal deve ser a condição necessária de qualquer plano que tenha por fim fornecer às nossas companheiras uma instrução equivalente à nossa. [...] Nada mais quimérico do que certas doutrinas hoje em voga sobre uma igualdade mal-entendida do homem e da mulher, nada mais desmoralizador do que lançar a mulher na concorrência industrial com o homem. Ser mãe e esposa é quanto basta à sua glória, à felicidade sua e nossa.
– Miguel Lemos

A posição da mulher nas sociedades é o thermometro de civilisação dos povos, e a família, a mais bela das instituições sociaes. A influencia da mulher no lar domestico faz-se sentir sob a tríplice modalidade de filha, que alegra e distrahe; de esposa, que auxilia e consola; de mãe, que vela e educa. É ahi que se forma o caracter dos

cidadãos, e si, na família tanto influe a mulher, é obvia a magnitude de seu papel nas evoluções sociaes. Sua instrucção portanto igualará o nível de seu desüno. A lei da divisão do trabalho commette ao homem o mundo, à mulher o lar. O mundo é como o gelo que faz definhar a planta; o lar, como a estufa que zela o melindre da flor, e a instrucção, como a primavera que faz reflorir o espírito. Fóra do lar enrudecem, sem instrucção esterilisam-se. Floresçam, pois, os espíritos à primavera que desponta e zelem-se às flores o seu mimo: o sentimento, o seu perfume: o pudor.
– Senna Campos Junior

Se a mulher é o primeiro livro em que o menino estuda deve ela aprender para poder ensinar e preparar-se para ser mestra desde o berço da criança que a chamará de mãe, pois é sublime para o homem confessar que bebeu com o leite a instrução que possui, poder repetir com Lamarüne: "O que sei devo-o à minha mãe".
– Dr. Moreira de Azevedo

Educar a mulher é educar a humanidade. Desse ente elevado a quem chamamos mãe depende inteiramente o nosso futuro. Se ela nos incute os verdadeiros princípios, só por infeliz exceção não seremos bons cidadãos, bons pais, bons crentes.
– Dr. Fernando Mendes

Quanto mais elevada for a mulher, pela instrução e independente pelo trabalho, tanto mais ter-se-á elevado e enobrecido a família, tanto mais livre e próspera será a pátria.
– J. Simões

A posição social da mulher na vida moderna tende a rivalizar com a do homem; a indústria não conhece sexos; inteligência, aptidão, honestidade, são grandes qualidades de operários que a mulher possui em grau elevado. A máquina, igualando as forças, destruiu em grande parte no trabalho o monopólio masculino, e hoje, em vez de depender absolutamente do homem para seu sustento, a mulher luta com ele nas oficinas, ganha como ele o salário com que ampara a família, ou contribui para os gastos do casal.
– Joaquim Nabuco

Opinião feminina que coincide com a da maioria dos homens das letras e significa a aceitação do próprio papel voltado para a família e a pátria:

A base fundamental do engrandecimento de uma nação deve ser a instrução do homem. A nação que cuida de instruir a mulher terá caminhado muito para a instrução daquele, e, portanto, para o seu engrandecimento.
– G uilhermina de Azambuja Neves

Em conclusão, a principal opinião era de que a mulher não devia produzir grandes obras, mas formar grandes homens, deixando claro que devia ficar restrita ao mundo doméstico. Contudo, elas ousaram escrever e deixaram livros que demonstram seu talento literário.

VOZES ENTRE ELAS: JORNAIS PARA SENHORAS

> Melhorando de dia para dia, as edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós. Não deixarei de recomendar aos leitores fluminenses a publicação mensal da mesma casa, o Jornal das Famílias, verdadeiro jornal para senhoras, pela escolha do gênero de escritos originais que publica e pelas novidades de modas, músicas, desenhos, bordados, esses mil nadas tão necessários ao reino do bom-tom.[37]

O *Jornal das Famílias* podia não ser o preferido das senhoras, pois aquelas que começavam a gostar da leitura talvez não achassem interessantes os “mil nadas” que ele oferecia. Elas almejavam conteúdo mais rico em suas leituras.

As mulheres que não sabiam ler foram aprendendo: lendo seu livro de preces, copiando receitas de culinária, transcrevendo versos e, assim, passaram da escrita guardada no fundo da gaveta para a partilhada com as amigas. Depois, em um voo mais alto, fizeram pequenos jornais manuscritos, apresentaram seus escritos em reuniões sociais e finalmente os publicaram.

Somente no início do século 20 a literatura feminina brasileira começou a ter algum espaço. No século 19, mesmo produtivas, mulheres dedicadas às letras ficaram excluídas da historiografia literária, apesar de a escrita feminina ser presença constante nos periódicos da época.[38]

Depois de 44 anos da inauguração da imprensa no Brasil, por dom João VI, foi lançado no Rio de Janeiro o primeiro periódico feminino, *O Jornal das Senhoras*, por Joana Paula de Noronha, argentina radicada no Brasil.

> Em seus artigos ela conscientizava suas leitoras a sair da passividade e a persuadir os homens que para cumprir bem seus deveres elas precisavam ser educadas e tratadas com respeito. Alertava sobre o verdadeiro sentido do amor no casamento. Esse sentimento tão puro não poderia acobertar relações tão injustas e desiguais, nas quais a abdicação feminina era total. Ela dizia: “O amor, a coisa maior do mundo, não pode existir entre senhor e escrava”.[39]

No primeiro editorial, Joana fazia um convite a todas as leitoras para que enviassem artigos que seriam publicados no anonimato, e complementava: “Não temais dar expansão ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da Divindade, e aquilo que Deus dá, os homens não podem roubar”.[40]

Uma das razões para a criação desses periódicos foi a necessidade feminina de conquistar seus direitos à educação, à profissão e, posteriormente, ao voto. Alguns jornais femininos foram:

– *O Jornal das Senhoras* (1852–1855), fundado por Joana Paula Manso de Noronha – RJ.

– *Bello Sexo* (1862), fundado por Julia de Albuquerque Sandy Aguiar RJ; redigido por várias mulheres.

– *O Sexo Feminino* (1875–1876), fundado por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, professora da corte; redigido por ela e suas filhas.

– *A Mulher* (1881), fundado por Maria Augusta Generoso Estrella e Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira, em

Nova York.

– *A Família* (1888–1897), fundado por Josefina Álvares de Azevedo – SP.

– *O Eco das Damas* (1885), fundado por Amélia Carolina da Silva Couto RJ; escrito por distintas escritoras, que, além da questão feminina, lutaram pela abolição da escravatura.[41]

Não foi fácil iniciar esses jornais. O medo de não agradar, o receio do que iriam pensar, o temor de não ser competente, levaram Maria Augusta e Josefa Águeda, duas estudantes de medicina em Nova York, a afirmar: “Com as mãos trêmulas pegamos na pena para discutir uma das mais delicadas matérias: a justificação de que a mulher é inteligente, e digna de grandes cometimentos”.[42]

Uma leitora convidada a escrever confessou sua boa disposição, mas declarou que estava tremendo, com medo e cheia de coisas que queria dizer, mas não podia, o que era efeito da educação incompleta que recebera.[43]



Parte superior da primeira página do jornal *Bello Sexo*, publicado em 21 de agosto de 1862.
Fonte: BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX,* p. 105.

Beito Sexo

Ahi vai o nosso Jornal, queridas amigas; e depois de ter ouvido os conselhos de meu marido, que tanto tem praticado na vida de escriptor, peço-vos licença por instantes para cumprir com um dever de cortezia, para com todos os ilustres senhores redactores das folhas diárias e periódicas, e depois serei comvosco.

Senhores redactores. Eu sou a primeira que conheço o acanhamento de minha intelli-gencia e instrução, e por isso a ousadia que tomo em apresentar em publico esta folha, que por força será imperfeita em todos os lugares por onde a minha pobre penrta tem de marcar o meu pensamento; mas eu só tenho em mente obrigar o meu sexo a vir a imprensa concorrer com o seu contigente para o progresso social, para esse grande bem publico, e assim fazer com que se desenvolvão grandes inte•igencias, grandes capacidades, grandes genios que existem no meu sexo, olhados com pia indiferença, abandonados pelos homens de lenras, esquecidos pela fraqueza de sua constituição propria.

Eu desejo que as minhas companheiras de sexo marquem na minha terra uma época de sua grandeza, iltustração e completo progresso; desejo que as minhas companheiras de coltegio venhão encontrar-se comigo neste labyrintho da vida, e provar que os nossos pais, os nossos mestres, não despenderão, nem trabalharão de balde; desejo que não se limitem só a ser mais de famílias esquecendo seus deveres de filhas da pátria; porque assim como os homens trabalhão para o nome e gloria de seus filhos, nós, como mulheres, devemos emprehender também trabalhos de intelligencia que tanto tem de contribuir para a ufania d'aqueUes que trouxemos em nossos seios, que por eltes tanto padecemos e que mais custou-nos a crial-os, e educal-os para Glória de Deus e orgulho dos pais?

(Julia de Albuquerque Sandy Aguiar)[44]

Julia de Albuquerque reconheceu sua ousadia ao publicar o jornal, e Joana brincou com o fato de uma mulher redigir um periódico: "Ora pois, uma senhora à testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?", foi a frase-chave de seu primeiro editorial.

Seu jornal abordava temas como moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica, e foi o primeiro redigido inteiramente por mulheres. Em um rompimento com a imprensa tradicional, que dedicava ao público feminino temas como bordados, cosméticos e modas, o jornal criou um espaço

para as reivindicações das mulheres e, sobretudo, impulsionou a instrução, a educação, as mudanças de atitudes e de ideias.[45]

A iniciativa de Joana de começar uma imprensa feminista foi aprovada e adotada por outras mulheres que se tornaram jornalistas, e isso se transformou em uma verdadeira bola de neve, surgindo periódicos em todo o país.

No fértil celeiro nordestino, os inúmeros jornais traduziam as inquietações femininas e o momento político nacional. As mulheres escreveram artigos, poemas e contos sobre a abolição da escravatura e almejavam desenvolvimento profissional e político.[46]

Discorrendo sobre a situação da mulher, exigindo direitos e protestando contra injustiças, algumas redatoras escreviam sobre a acomodação feminina a uma condição de inferioridade e chamavam a atenção das mulheres:

> Deixei bem acentuado nos meus dois artigos precedentes que a mulher brasileira, na sua suprema meiguice e conformidade com as condições em que se acha, apresenta o maior obstáculo à determinação de qualquer movimento cujo efeito seja libertá-la do seu estado de subserviência, nulidade e escravismo.[47]

VOZES LITERÁRIAS: PRIMEIRAS ESCRITORAS E POETISAS

Abolicionistas e admiradoras das ideias liberais, as primeiras escritoras enfrentaram preconceitos políticos e discriminação sexual. Contudo, além de inúmeros artigos, a produção de livros foi significativa.

Uma delas foi Dionísia Gonçalves Pinto, nascida no Rio Grande do Norte, em 1810. Ela adotou o pseudônimo de

Nísia Floresta Brasileira Augusta, seguindo a moda nacionalista da época: Nísia, diminutivo do seu nome; Floresta, fazenda onde nasceu; Brasileira, por seu ufanismo; e Augusta, em homenagem a Manuel Augusto, grande amor de sua vida.[48]

Em 1831, Nísia estreou na imprensa publicando no jornal pernambucano *Espelho das Brasileiras* uma série de artigos sobre a condição feminina. Seu primeiro livro foi *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, no qual abordou os direitos à educação e ao trabalho. A autora não encorajava as mulheres à revolta, mas à busca de crescimento pessoal, apresentando uma visão idealizada do triplo papel de mãe, esposa e filha:

> Filha! Amai e respeitai os vossos pais, não por uma fórmula de obediência vulgar, mas por um sagrado dever que é tão doce de se cumprir para os amorosos protetores da nossa infância [...].
>
> Esposa! Guardai intacta a fé que jurastes ao homem por vós escolhido e fazei vossa delícia em dar-lhe prova [...] de que vós sois para ele não já um autômato para joguete, mas uma amiga circunspecta e devota, uma companheira inseparável e necessária à sua vida em qualquer vicissitude [...].
>
> Mãe! Esta, ó mulheres, esta é a um só tempo a vossa mais doce, a mais nobre, a mais relevante obra a cumprir.[49]

Essa obra lhe deu o título de precursora do feminismo no Brasil. Em 1942, publicou *Conselhos à Minha Filha*, dedicado à filha Lívia em seu aniversário de 12 anos, que teve grande repercussão.[50]

Vivendo em Paris, em 1950, lançou um romance histórico: *Dedicação de Uma Amiga*. Nísia obteve projeção fora do país e publicou livros em francês. Ela foi competente

educadora e escritora profícua de poesias, artigos e romances.

Foi nesse século do romance que nasceu em São Luís, em 1825, a primeira mulher a escrever um romance: Maria Firmina dos Reis, mulata, filha ilegítima, cresceu e ganhava a vida como professora particular.

Sua obra denominada *Úrsula*, publicada em 1859, narrava uma história de amor entre uma jovem e um bacharel em direito, entrelaçando-se com a narrativa da vida dos escravos. E o que mais a distinguiu foi o tratamento dado ao escravo, que não era um coadjuvante, mas foi individualizado por ela.[51]

As poetisas brasileiras eram, em sua maioria, provenientes de famílias abastadas e intelectuais, sendo parentes de escritores consagrados. Suas casas eram ambientes propícios para o desenvolvimento de seus talentos, pois saraus e reuniões literárias lá ocorriam frequentemente.

Um dos lares mais poéticos foi o de Alberto de Oliveira, que, com Raimundo Correia e Olavo Bilac, formou a tríade de parnasianos.[52] Todos os dezessete irmãos, incluindo as sete irmãs, faziam versos que recitavam em seus encontros mensais. As moças presentes sabiam de cor e declamavam inúmeras poesias. Entre elas, estava Amélia de Oliveira, irmã do poeta, considerada a mais culta entre as irmãs. Foi excelente poetisa, cujos versos eram editados em revistas e só foram publicados postumamente.[53]

Amélia ficou noiva do poeta Olavo Bilac, que, ao ler um de seus versos no *Almanaque da Gazeta de Notícias*, escreveu-

lhe uma carta não somente expondo seu desagrado, mas proibindo-a de publicar novamente.

Carta do poeta Olavo Bilac à sua noiva, Amélia de Oliveira

Minha Amélia

[...] Antes de tudo, quero dizer-te que te amo, agora mais do que nunca, que não me sais um minuto do pensamento, que és a minha preocupação eterna, que vivo louco de saudade. [...] Não me agradou ver um soneto teu [...] desagradou-me a sua publicação. Previ logo que andava naquilo o dedo do Bernardo ou do Alberto. Tu, criteriosa como és, não o farias por tua própria vontade. [...] Há uma frase de Ramalho Orügão, que é uma das maiores verdades que tenho lido: – "O primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida". – Não é uma grande verdade? [...] há em Portugal e Brasil cem ou mais mulheres que escrevem. Não há nenhuma delas de quem não se fale mal, com ou sem razão. [...] Não quer isto dizer que não faças versos, pelo contrário. Quero que os faças, muitos, para os teus irmãos, para as tuas amigas, e principalmente para mim – nunca para o público [...].

Teu noivo

Olavo Bilac

São Paulo, 7 de fevereiro 1888.

“Eu amo você, mas você não pode desenvolver seus talentos, assim como eu desenvolvo os meus, afinal de contas, você é apenas uma mulher.” Essa era a mentalidade reinante, que a maioria dos homens fazia valer.

O noivado durou apenas um ano. O poeta o rompeu argumentando sua pobreza. Amélia, inconformada, dedicou-lhe a seguinte poesia:

> Não te peço a ventura desejada
> Nem os sonhos que outrora tu me deste,
> Nem a santa alegria que puseste
> Nessa doce esperança, já passada.
>
> O futuro de amor que prometeste
> Não te peço! Minha alma angustiada
> Já te não pede, do impossível, nada,
> Já te não lembra aquilo que esqueceste!
>
> Nesta mágoa sorvida ocultamente,
> Nesta saudade atroz que me deixaste,
> Neste pranto, que choro inda por ti,
>
> Nada te peço! Nada! Tão somente
> Peço-te agora a paz que me roubaste,
> Peço-te agora a vida que perdi![54]

Nenhum dos dois se casou, e, quando Bilac adoeceu, Amélia cuidou de sua comida e remédios, mas não entrou em seu quarto.[55]

Adelaide Castro Alves Guimarães, irmã de Castro Alves, e Ernestina Varela, irmã de Fagundes Varela, também foram poetisas que atuaram como colaboradoras e confidentes de seus irmãos.[56]

Josefina Álvares de Azevedo, irmã do poeta Álvares de Azevedo, jornalista, dramaturga e proprietária do jornal *A Família*, foi ardente defensora do direito ao voto pelas

mulheres. Ela montou uma peça humorística intitulada *O voto feminino*, afirmando: “Queremos o direito de intervir nas eleições, de eleger e ser eleitas, como os homens, em igualdade de condições”.[57]

Francisca Júlia, irmã de Júlio César da Silva, menos conhecido, foi considerada a maior poetisa do parnasianismo e teve um poema seu creditado a Raimundo Correia. Olavo Bilac afirmou: “Não é meu nem do Raimundo, só pode ser de Alberto de Oliveira. Não há dúvida, é molecagem do Alberto esse pseudônimo feminino”.[58]

Considerada notável por ser capaz de escrever uma poesia máscula que nem parecia escrita por mulher, com apenas 19 anos, ela já demonstrava grande talento. Seus livros para crianças alcançaram muito sucesso: *O Livro da Infância* foi muito usado nas escolas, e, em *Alma Infantil*, encontram-se os famosos versos infantis:

O PATINHO

O pintainho do pato
Galante, amarelo e novo
Mal saiu da casca do ovo
Busca as águas do regato.

Todo ele, tão lindo e louro,
Enquanto nas águas bóia
Tem a graça de uma jóia
Feita em ouro.[59]

Em atitude contrária à de Olavo Bilac, o esposo da escritora Júlia Lopes de Almeida, Filinto de Almeida, esquecia-se de si mesmo para falar dela e entre eles havia uma mútua atração.[60]

Ele foi seu parceiro na escrita do romance *A Casa Verde*. E Júlia dedicou-lhe seu *Livro das Noivas*: “Meu Filinto. Lês na minh’alma como em um livro aberto. Não te dou um livro literário, mas dou-te um livro sentido”.[61]

Júlia era o modelo de mulher-esposa-mãe que se dedicava às letras. De família de posses e instruída, era casada com um homem proeminente, tinha quatro filhos e uma casa bem cuidada, sendo ótima anfitriã.

A Academia Brasileira de Letras foi projetada em muitos encontros em seu próprio lar e, mesmo reconhecida como legítima representante da elite literária brasileira, não pôde ingressar na academia por ser mulher.

A poetisa Narcisa Amália também sentiu-se interditada. Ela declarou em seu poema *Invocação*: “Quando intento librar-me no espaço. As rajadas em tétrico abraço. Me arremessam a frase – mulher”.[62]

Nascida em 1852, Narcisa foi uma profícua escritora que lutava por seus ideais. Em meio a elogios, os críticos a censuravam por ousar escrever e se meter em lutas políticas, porque as palavras femininas deviam expressar surpresa, submissão ou incerteza. Uma mulher que falasse agressivamente era considerada mal-educada ou mesmo louca.

O mundo literário, espaço novo, não foi de fácil penetração para a brasileira; porém, o espaço sagrado, a igreja, sempre esteve de portas abertas ao desenvolvimento de sua devoção, mas não ao desenvolvimento de seu dom espiritual.

A DEVOÇÃO FEMININA

As mulheres só eram aceitas nos espaços públicos quando envolvidas em atividades relacionadas à igreja. Ao frequentarem os colégios, adentraram outra porta aberta: a da educação, da casa/quintal para a igreja/escola.

Os viajantes estrangeiros retrataram as evidentes atitudes de devoção, superstição e solidariedade das brasileiras. A presença marcante da mulher em atos de devoção explicava-se por sua maior religiosidade, frequência aos cultos e missas e pelo cumprimento das recomendações sacerdotais.

> A mulher utiliza as oportunidades devocionais, supersticiosas, ostentatórias e solidárias para atuar, transformar, marcar a presença, resistir ou impor padrões. [...] Estes comportamentos-sentimentos são por excelência o espaço do conflito dialético feminino. Nele vemos operar o arranjo, o desarranjo [...]. Assim, escravas travestem-se de senhoras para freguentar a igreja. Senhoras curvam-se como escravas ante o sagrado. “Confidências”, “murmurações”, “intrigas”, pautam os relacionamentos. A pobreza, o sofrimento, a fé, reúnem [...] somam. A exibição, a riqueza exposta, a mobilidade social, hierarquizam e dividem.[63]

A igreja, como espaço sagrado e palco da vida social, era frequentado com alegria e até ansiosamente aguardado. Com o consentimento de pais rudes e de maridos ciumentos, as mulheres podiam aparecer em público: “Os festivos e grandiosos rituais católicos eram abrilhantados pela presença das damas em seus trajes e penteados de gala: diamantes e ouro, flores e modelos parisienses, de acordo com as posses e a posição social”.[64]

As missas eram locais de encontros assíduos. Sempre havia uma jovem ajoelhada numa igreja, ou uma dama idosa, com aparência piedosa, que permanecia orando por muito tempo junto ao altar. E a vida da devota era de

constantes rezas, meios jejuns, promessas e muita credulidade.

> Nunca passei um dia na minha vida tão enjoado como Sexta-feira da Paixão. Chininha inventou que estava triste pela morte de Jesus Cristo e foi ler alto a Paixão para vovó, como se faz no Colégio, e nós todas tivemos de ficar escutando. [...] foi dia de jejum de todos em casa. Eu sou infeliz nas horas de sacrifício. Não gosto de fazer sacrifício. Como sabia que era obrigada, eu tive de jejuar. De manhã, às sete horas, só se toma uma xícara de água de saco, rala, que nada vale. Às dez horas, almoço: bacalhau com abóbora, feijão e angu: coisas que a gente só come para mexer mais com a fome. Durante o dia a mesma água de café, fraca. Jantar às quatro horas e mais nada.[65]

A sobrecarga de deveres religiosos, em vez de proporcionar fé e paz, produzia um sentimento de culpa e de desesperança. Helena, adolescente mineira, achava que era muito difícil ir para o céu, porque eram necessárias muitas tarefas religiosas: "E as missas? Se vovó me desse o dinheiro que gasta em missas, eu estaria rica. Não sei se será pecado o que estou escrevendo aqui. Por seguro eu contarei tudo ao padre'.[66]

Se a católica achava muito difícil ir para o céu, tendo que cumprir tantas obrigações, a protestante acreditava que o céu já estava garantido, pois sua salvação não era por obras, mas somente pela fé em Jesus Cristo. Contudo, nesse início do protestantismo brasileiro, suas vozes também foram caladas.

VOZES CALADAS: AS MULHERES NO INÍCIO DAS IGREJAS PROTESTANTES

A conversão ao protestantismo ocorreu, principalmente, entre as mulheres mais pobres. Ao aderir ao novo credo,

elas ingressavam em uma comunidade na qual eram chamadas de irmãs, e podiam se relacionar e crescer intelectualmente, sendo incentivadas ao estudo na escola anexa e ao aprendizado da Bíblia.[67]

A maioria dessas mulheres, solteiras ou viúvas, aceitou sozinha a nova fé, porque: "A conversão a um outro credo religioso, minoritário e heterodoxo, poderia também ser entendido como um ato de insubmissão, de contestação ao chefe da família, ou à tradicional opção religiosa'.[68]

As casadas que contestaram sofreram segregação familiar, como Archimínia Barreto, filha de um padre, abandonada pelo marido após sua conversão. Contudo, a pregação de um único padrão moral para ambos os sexos era atrativa para quem considerava injusto suportar aventuras extraconjugais do marido, enquanto lhe era cobrada rigorosa fidelidade.

Porém, havia um profundo desencontro entre a pregação de igualdade e a prática eclesiástica, e uma marcante divisão de papéis entre homens e mulheres foi claramente observada nos primeiros anos dos batistas no Brasil:

> Desde o início do estabelecimento do trabalho batista na Bahia que as missionárias norte-americanas estavam preocupadas com o trabalho específico para a conversão das mulheres. Havia uma espécie de divisão sexual do trabalho, onde os missionários homens faziam a evangelização dirigida ao sexo masculino e as missionárias ocupavam-se em arrebanhar prosélitos entre as mulheres e organizar as sociedades femininas.[69]

As diferentes esferas de atuação originaram-se no puritanismo e conservadorismo dos missionários pioneiros. A isso juntou-se a filosofia patriarcal e machista da superioridade masculina, reforçando essa prática.

Mulheres não falavam

Nalgum tempo, se ainda me restar alguma dose de bom humor, será divertido glosar usos e costumes da primitiva grei batista na Bahia.

Naquela igreja de 1882, mulheres não falavam. Ainda se está por fazer um estudo crítico das influências originárias do meio e da época que determinaram a conduta dos pioneiros missionários batistas norte-americanos no Brasil. Algumas peculiaridades doutrinárias ou de interpretação remanesceram nalguns do grupo egresso do tronco batista comum. [...] As questões administrativas não haviam arredado, de todo, o gosto da antiga raiz puritana e conservadora, cujo mérito não vem a pêlo.

A norma mais disciplinar do que doutrinária do silêncio das mulheres na igreja não prosperou, no decurso dos anos, no Brasil fora rígida, porém na última década do Império e no início da República. [...] chegou a figurar nas "regras de ordens e regulamentos para a Igreja", de que se cogitou desde maio de 1883, cópias das quais foram entregues às "Senras. Irmans para sua consideração". Em novembro daquele ano resolveu-se que os irmãos se reunissem e se unissem em oração cada têrça-feira antes do quarto domingo, não "como reunião da Igreja, mas membros reunidos onde as irmans podem faltar,

pois que a Egreja recommenda taes reuniões para oração".

Foi o caso que numa das sessões de 1883, presentes todos os membros da igreja, exceto a Senhora Teixeira, um irmão interrogou ao moderador Z. C. Taylor: "[...] por que as irmãs não podiam faltar nas secções?"

Conforme consta da ata o Senr. Moderador declarou que "[...] já tem uma reunião especial onde as Senras. podem faUar". A seguir adiou-se o assunto para outra sessão. Quanto parece, não se voltou mais à matéria em termos de indagação ou de contestação.

Em dezembro de 1885 entrara em pauta o caso de uma certa irmã Saturnina. Cumpria fôsse ouvida, preliminarmente, por "uma commissão das irmans a ela". Quais as irmãs que a integrariam? Como constituir a comissão de irmãs sem lhes ouvir, pelo menos, a voz de aquiescência ao mandato? Mulheres ainda não falavam na Igreja em 1885, muito menos nas sessões. O impasse foi resolvido com prontidão e simplicidade.

Reza a ata: "O irmão Antonio Marques offereceu sua mulher, o irmão Borges a deite e o irmão João Baptista a deite". [...]

Corria o mês de junho de 1892, o irmão Hilário José Lopes propôs e foi aprovado "que as Senras. ocupassem um lugar reservado no salão do culto". De 1882 a 1892, dez anos de silêncio das mulheres e agora o confinamento no salão do culto, que não

**deveria ser
grande.**

(Ebenézer Cavalcanü)[70]

O autor dessas notas declarou que, em 1928, ainda encontrou na Primeira Igreja Batista de Belém do Pará o regime de separação implantado pelo tradicional puritanismo.

Na estrutura administrativa batista, o poder era exercido pela assembleia dos membros, da qual as mulheres faziam parte, porém não se manifestavam, não propunham nem discutiam, apenas votavam, sacramentando as decisões masculinas.

> O silenciamento feminino significava de fato que na igreja repetia-se a misoginia da sociedade circundante, que alijava a mulher das instâncias políticas e deliberativas, inclusive negando-lhe o voto. Entre os batistas, onde a presença e a importância do leigo eram fundamentais para o próprio sucesso da denominação, cercear o voto feminino seria incoerente e pouco inteligente. Porém, na verdade tratava-se de um voto sem peso e certamente com as vicissitudes do voto de cabresto que reinava na política dos coronéis baianos naquele momento.[71]

Em 1933, ainda perdurava o triste preconceito, e, mesmo votando na igreja, as mulheres não eram qualificadas para o voto como cidadãs brasileiras.

Opinião de um batista sobre o voto feminino

Por mais estranho que pareça a muitos, affirmamos que o voto feminino estabelecido na

nova lei eleitoral é a victoria de um ideal evangélico.

Em vez de fugir à responsabilidade, como com muita habilidade fez há tempos um i•ustre prelado, quando entrevistado por um dos jornaes desta capital, declaramos que se nas nossas igrejas a mulher tem tido direito de voto em todas as deliberações, inclusive o de eleger ou demittir pastores, não vemos porque não havia de assiste--lhes o mesmo direito na esphera cívica quando se cogita de escolher os futuros dirigentes do país.

***Não ignoramos o perigo a que nos conduz o voto feminino sabendo que a mulher brasileira, em geral, não está preparada para cumprir tão alta missão*; em todo o caso é uma opportunidade que a mulher esclarecida por um verdadeiro espírito christão não deve perder de mostrar-se como exemplo no cumprimento dos seus deveres cívicos segundo a norma inculcada.**

***Professor J. Luciano Lopes* (grifo nosso – português da época)**[72]

O articulista falou sobre o ideal evangélico que entendia ser de igualdade, mas sua opinião diferia desse ideal. Seriam inúmeros os artigos que demonstrariam que o tempo não conseguiu acabar de vez com o preconceito contra a mulher cristã, cumpridora dos deveres cívicos e familiares.

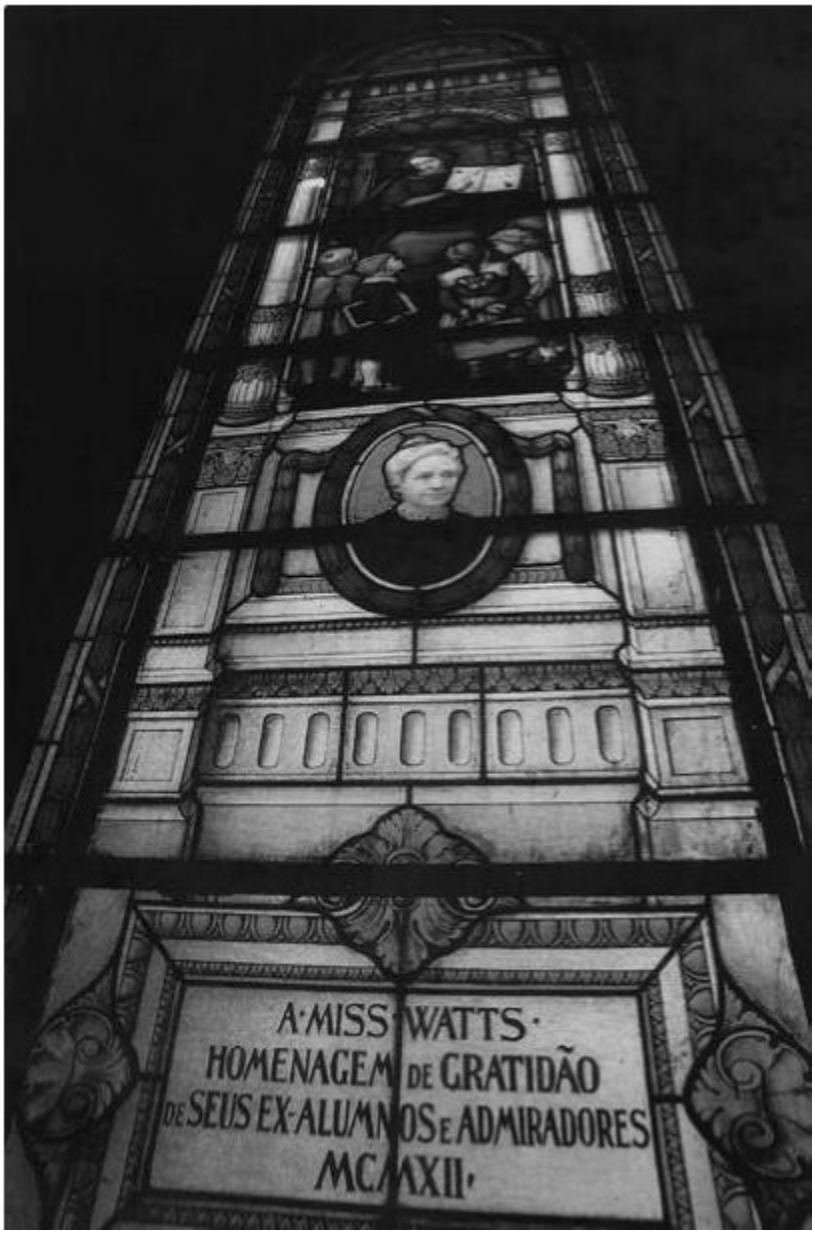
No próximo capítulo serão enfocadas as missionárias protestantes estrangeiras que chegaram ao Brasil na segunda metade do século 19, ainda durante o Império, quando as mulheres começavam a transitar pelas ruas da cidade fazendo compras, a passeio ou mesmo a trabalho.

No final desse século, a participação feminina na sociedade brasileira, até então restrita a uma função familiar, lentamente se transformava, com a participação no mercado de trabalho.

Novidades tecnológicas como o bonde também contribuíram para a saída de mulheres do espaço restrito da casa para as ruas. As grandes mudanças políticas e sociais na virada do século, entre as quais a abolição da escravatura e a proclamação da República, foram fundamentais para modificar o papel social da mulher.

A possibilidade de maior participação no espaço público, com a busca da educação e a consequente profissionalização do magistério, foi importante para a emancipação feminina. Como professoras, elas podiam se sustentar e educar melhor seus próprios filhos.

As educadoras estrangeiras Sarah Kalley (congregacional) e Carlota Kemper (presbiteriana) serão destacadas no próximo capítulo. Elas foram fundamentais para a sociedade na qual estavam inseridas, ministrando um ensino civilizador e promovendo o progresso social e espiritual dos brasileiros.



!Vitral em homenagem a Martha Watts. Salão Nobre do Instituto Educacional Piracicabano.
Fonte: ELIAS, Beatriz Vicentini. *Vieram e ensinaram.* Álbum de ilustrações.

Se por um lado o grande objetivo da missão de Martha Watts era “salvar almas”, sua prática educacional ultrapassou os limites da evangelização. Tornou-se uma educadora amplamente

reconhecida até mesmo na esfera pública, chegando a ser convidada por Prudente de Moraes, então governador de São Paulo, para implementar as reformas educacionais por ele pretendidas [...]. Dando uma ideia de tal contribuição, um inspetor escolar da época em seu relatório definiu este colégio (Piracicabano) como sendo a "célula-mãe da instrução no estado de São Paulo".

(Zuleica Mesquita: contracapa do livro *Evangelizar e civilizar.*)

---

1. OLIVEIRA, Lilian Sarat de. "Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX nos caminhos da civilização", *XII Simpósio Internacional – Processo civilizador*, 10 a 13 de novembro de 2009, Recife-PE. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/ processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/ C_Oliveira3.pdf. Acesso em: 12 jan. 2011.↩
2. EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil.* Trad., prefácio e notas de Gastão Penalva. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. p. 269.↩
3. Ibid. p. 270.↩
4. CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da. *Nosso s*éculo: *Brasil (1900–1910).* v. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 135. Sup.↩
5. TUCKEY, J. K. apud LEITE, Míriam Moreira, org. *A condição feminina no Rio de Janeiro – s*éculo XIX. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993. p. 42.↩
6. AGASSIZ, Luiz; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil, 1865–1866.* Trad. João Etienne Filho. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 278.↩
7. HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino*: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850–1940. Trad. Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003. p. 38.↩
8. QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher*: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viageiros do século XIX. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 111.↩

9. MELLO, Evaldo Cabral de. “O fim das casas-grandes”. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de, org. *História da vida privada no Brasil*: Império: a corte e a modernidade nacional. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 467. Obs.: Sem citar o nome da mãe, ele declarou: “A mulher com quem ele se casou”. Mulheres restritas a notas de rodapé é um bom tema para ser desenvolvido.↩
10. PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do sul”. In: DEL PRIORE, Mary, org. História das mulheres no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto; UNESP, 1997. p. 285.↩
11. HAHNER, June E. Op. cit. p. 43.↩
12. Ibid. p. 40-41.↩
13. Ibid. p. 44.↩
14. BRANDÃO, Helena Câmara Lacé. “Esperando na janela”, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 5, nº 54, março de 2010. p. 39.↩
15. MANET, Édouard (1849) apud LEITE, Míriam Moreira. Op. cit. p. 113.↩
16. SMITH, Herbert H (1873, p. 460/1) apud LEITE, Míriam Moreira. Op. cit. p. 78.↩
17. RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. “Mulheres educadas na colônia”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira *et al*. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 9.↩
18. DEBRET, Jean-Baptiste. Op. cit. p. 361-363. Obs.: O cajá era utilizado para transmitir a mensagem “venha aqui imediatamente”, pela reunião das sílabas cá (aqui) e já (imediatamente).↩
19. BELMAN, E. apud LEITE, Míriam Moreira. Op. cit. p. 70.↩
20. RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. “Preceptoras alemãs no Brasil”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira *et al*. Op. cit. p. 281.↩
21. AGASSIZ, Luiz; AGASSIZ, Elizabeth Cary. Op. cit. p. 277.↩
22. MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina (1859–1919)*: uma face do conservadorismo. 2. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2008. p. 56-57.↩
23. MATOS, Alderi Souza de. *Erasmo Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira*: perspectivas sobre a missão da Igreja. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 57-59.↩
24. GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. *Religião, educação e progresso*: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em

São Paulo entre 1870 e 1914. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. p. 130-131.↩

25. HACK, Osvaldo Henrique. *Protestantismo e educação brasileira*: presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 63.↩
26. MAURO, Frédéric. Op. cit. p. 164.↩
27. EDMUNDO, Luís apud CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da, sup. Op. cit. p. 129.↩
28. CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da, sup. Op. cit. p. 132.↩
29. FERREIRA, Barros apud CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da, sup. Op. cit. p. 131.↩
30. AMERICANO, Jorge apud CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da, sup. Op. cit. p. 132.↩
31. EDMUNDO, Luís apud CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da, sup. Op. cit. p. 132.↩
32. GARDNER. *Viagem ao interior do Brasil*. p. 88 apud FALCI, Miridan Knox. "Mulheres do sertão nordestino". In: DEL PRIORE, Mary, org. Op. cit. p. 245.↩
33. Fonte: BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?*; Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989, p. 21-34.↩
34. TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In: DEL PRIORE, Mary, org. Op. cit. p. 408.↩
35. Antologia referente a algum evento notável.↩
36. Fonte: *Polyantheia commemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino do Imperial Lyceu de Artes e Officios.* Rio de Janeiro: 1881 apud BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Op. cit. p. 21-34.↩
37. ASSIS, Machado de apud ZILBERMAN, Regina. "Leitoras de carne e osso: a mulher e as condições de leitura no Brasil do século XIX", *Revista de Estudos Literários*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, outubro de 1993. p. 36.↩
38. MUZART, Zahidé Lupinacci. "Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX", *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 11 (1): 336, janeiro-junho de 2003. p. 225.↩
39. ROCHA, Patrícia Souza. *Mulheres sob todas as luzes*: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009. p. 54.↩

40. NORONHA, Joana Paula Manso de. *O Jornal das Senhoras,* 10 de janeiro de 1852, editorial apud ROCHA, Patrícia Souza. Op. cit. p.44.↩
41. BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Op. cit. p. 102-111.↩
42. *A Mulher.* Nova York, janeiro de 1881. p. 2 apud BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Op. cit. p. 110.↩
43. *O Jornal das Senhoras,* 10 de janeiro de 1852. p. 2 apud MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras de mulheres no século XIX.* Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 70.↩
44. AGUIAR, Julia de Albuquerque Sandy. "O bello sexo", *Bello Sexo*, v. 1, n. 1, quinta-feira, 21 de agosto de 1862. p. 1 apud BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Op. cit. p. 110.↩
45. MUZART, Zahidé Lupinacci. Op. cit. p. 227.↩
46. Ibid. p. 228.↩
47. Maria da Conceição. "Reflexões sobre a mulher", *A Família*, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1890. p. 1 apud BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Op. cit. p. 122-123.↩
48. ROCHA, Patrícia Souza. Op. cit. 137.↩
49. FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. p. 200-202 apud LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia, org. *Vozes femininas do Império e da República.* Rio de Janeiro: Quartet e Faperj, 2008. p. 139.↩
50. ROCHA, Patrícia Souza. Op. cit. p. 138-139.↩
51. TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In: DEL PRIORE, Mary, org. Op. cit. p. 413.↩
52. Parnasianos: poetas que reagiram contra o lirismo romântico e passaram a cultivar uma poesia erudita e impessoal, caracterizada por grande apuro da forma.↩
53. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance*: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos – 1890–1930. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 29.↩
54. Ibid. p. 33.↩
55. Ibid. p. 38.↩
56. Ibid. p. 57.↩
57. AZEVEDO, Josefina Álvares de. *A mulher moderna*. p. 124 apud HAHNER, June E. Op. cit. p. 164.↩

58. BITTENCOURT, Adalzira. *A mulher paulista na história*. p. 60 apud ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Op. cit. p. 95.↩
59. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Op. cit. p. 99-100.↩
60. RIO, João do. "Um lar de artistas". In: *O momento literário.* Rio de Janeiro/Paris: Garnier (s.d.). p. 29 apud ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Op. cit. p. 92.↩
61. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Op. cit. p. 84.↩
62. TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In: DEL PRIORE, Mary, org. Op. cit. p. 424.↩
63. DEL PRIORE, Mary. "Mulher e sentimento na iconografia do século XIX". In: LIMA, Lana Lage da Gama, org. *Mulheres, adúlteros e padres*: história e moral na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Dois pontos, 1987. p. 73.↩
64. QUINTANEIRO, Tania. Op. cit. p. 78.↩
65. MORLEY, Helena. Op. cit. p. 42.↩
66. Ibid. p. 151.↩
67. SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria.* Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História FFLCH-USP, São Paulo, 1998. p. 299.↩
68. Ibid. p. 300.↩
69. Ibid. p. 309.↩
70. CAVALCANTI, Ebenézer. "Mulheres não falavam", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 21 a 25 de janeiro de 1970. p. 7.↩
71. SILVA, Elizete da. Op. cit. p. 310.↩
72. LOPES, J. Luciano. "Salvemos o Brasil", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 23 de março de 1933. p. 7.↩

Capítulo 3

Vozes educadoras: as missionárias pioneiras estrangeiras 1

Nas escolas protestantes instaladas ainda nas últimas décadas do Império, o ensino ministrado, embora acanhado, era mais rico e aprofundado que o oferecido nas escolas públicas de primeiras letras. [...] Nas décadas finais do Império, já se começava a discutir a questão da importância da ciência para a educação nacional numa tentativa de se colocar o país à altura do século. [...] Não foram nem as escolas públicas nem as confessionais católicas, mas as americanas de confissão protestante, as que vieram consagrar, com sua ação, a mentalidade científica da época.[1]

Os historiadores demonstram que não houve qualquer preocupação da sociedade patriarcal em educar as mulheres até meados do século 19. Como já colocado, a clausura doméstica, o isolamento e a ignorância marcaram o espaço feminino durante o período colonial e o início do Império.

Com a abertura dos portos para o mercado mundial, novos ares europeus trouxeram a urbanização, o capitalismo e a cultura burguesa, exigindo uma redefinição social em relação à educação feminina.[2]

A educação e a religião foram fatores importantes para o desenvolvimento social da mulher brasileira e se constituíram no anseio da alma e na vocação das primeiras missionárias protestantes ao Brasil. As educadoras protagonistas na implantação do protestantismo foram de uma dedicação extrema à evangelização e à educação do povo.

SARAH KALLEY (1825–1907): A TALENTOSA INGLESA CONGREGACIONAL[3]

A sra. Kalley não foi somente uma excelente esposa: foi também a companheira inteligente e consagrada, o braço direito do seu marido, em tudo o que este empreendeu, daí por diante, em seu mister de pastor e evangelista. Ela foi bem o “complemento” do seu esposo. Possuidora de uma sólida instrução e de um talento invulgar, auxiliava o seu marido em tudo, absolutamente em tudo – até no preparo dos seus sermões, quando o dr. Kalley se achava impossibilitado de estudá-los, por estar adoentado ou por ter de ocupar-se com trabalhos de maior relevância. Ela compôs quase todos os hinos dos “Psalmos e Hymnos”, porquanto, dos 182 hinos, assinados pelo dr. Kalley, apenas 13 foram realmente compostos por ele; controlava o trabalho dos colportores; fazia os “esboços” dos sermões que os presbíteros ou diáconos tinham de pronunciar, na ausência do dr. Kalley etc.[4]



Sarah Poulton Kalley.Fonte: Acervo da Associação Basileia.

Sarah teve luz própria. Ela organizou a primeira escola dominical permanente, iniciou cursos educacionais, liderou evangelistas, compôs hinos e escreveu um livro de orientação ao cuidado do lar, que foi livro-texto nas escolas públicas.

Sua infância e educação

Sarah Poulton Wilson nasceu em Nottingham, na Inglaterra, em 25 de maio de 1825. Filha de William Wilson e de Sarah Poulton Morley, ficou órfã de mãe com apenas quatro dias de vida. Passou a infância entre a casa de campo de seu pai e a casa de seus avós maternos, em Londres. Seus

familiares eram puritanos e pertenciam à Igreja Congregacional.

> Desde sua infância mostrava um entusiasmo genuíno pela vida: transbordava de vitalidade e de um vívido humor. Mesmo quando mais velha, esta característica permaneceria inalterada. Ela manteve seu prazer juvenil pela vida e, mesmo idosa, ainda atraía jovens para perto de si. Era muito inteligente, e como pertencia a uma família rica, fora muito bem-educada, falando fluentemente tanto francês quanto alemão, tendo viajado extensivamente por todo o continente europeu. Seus dons artísticos eram muitos: música, poesia, pintura – era talentosa em tudo isso. Algumas de suas aquarelas ainda existem e demonstram amplamente sua habilidade como artista. Seus talentos em música e poesia seriam de grande utilidade nos anos seguintes.[5]

Sarah recebeu a típica educação burguesa e foi educada pelos melhores professores londrinos. Aos 10 anos, ingressou num internato próximo à cidade de sua avó paterna. Lá, estudou por seis anos e foi excelente aluna, assimilando os bons hábitos transmitidos pelo rigoroso internato puritano.

Uma das características mais marcantes de Sarah foi sua profunda espiritualidade. Desde o início de sua vida, dedicou-se ao serviço cristão; para ela o viver era Cristo. Um amigo declarou que quanto mais amadurecia, mais “a santidade brilhava em seu rosto”.[6]

Como tivesse facilidade para lecionar, seu pai, que era superintendente da escola dominical, entregou-lhe uma classe de rapazes. Além das aulas bíblicas, criou um curso noturno de conhecimentos gerais para eles, dentre os quais destacou-se William Deatron Pitt, o primeiro a vir para o Brasil ajudar o casal Kalley e que se tornou ministro

presbiteriano. A influência de Sarah foi duradoura e muitos daqueles alunos tornaram-se cristãos comprometidos.

Missionários eram recebidos regularmente na casa de seu pai e a jovem gostava de ouvir suas histórias. Além disso, ela organizou uma classe de costuras para moças que confeccionavam roupas para enviar aos campos missionários sobre os quais estudavam.

Seu irmão Cecil Wilson foi, em fins de 1851, enviado para o Egito para se recuperar de uma tuberculose. Recebendo notícias desanimadoras dele, ela partiu com seu pai e seu irmão Henry para estar com Cecil em Beirute. De lá, foram até a Síria para uma consulta com o doutor Robert Kalley, que o examinou. Com a doença muito avançada, o rapaz faleceu logo depois.

Seu casamento e chegada ao Brasil

Robert Kalley retornou para a Inglaterra no mesmo navio que os Wilsons. Como fosse viúvo, apaixonou-se pela jovem Sarah, pois ficou impressionado com o seu interesse e entusiasmo pela obra missionária. Ela, por sua vez, encantou-se com o seu modo de orar e expor as Escrituras. E eles casaram-se em 14 de dezembro de 1852.

Kalley, que fora missionário na Ilha da Madeira, passou os anos seguintes nos Estados Unidos, em companhia de madeirenses, conversando sobre a carência espiritual do povo brasileiro. Até que, compadecido, o casal missionário decidiu iniciar, voluntariamente, um trabalho missionário no Brasil.

Chegaram ao Rio de Janeiro no dia 10 de maio de 1855. Não conseguindo uma casa na cidade, passaram algum

tempo em hotéis, até que alugaram uma residência em Petrópolis, a qual chamaram de *Gernheim* (lar muito amado).

A educadora competente

Em Petrópolis, Sarah ministrou a primeira aula bíblica a cinco crianças de uma família inglesa, contando a história do profeta Jonas: “Foi no domingo, 19 de agosto de 1855, que a sra. Kalley inaugurou a escola dominical, para instrução bíblica de crianças”.[7]

Alguns domingos depois, o doutor Kalley dirigiu uma classe de homens negros com os quais conversava a respeito das Escrituras. Em maio do ano seguinte, tiveram início aulas em português.

A facilidade de Sarah para línguas permitiu que a escola dominical atingisse pessoas de diversas nacionalidades, com ministrações, cânticos e estudos bíblicos em inglês, alemão e português. Segue-se um depoimento de uma de suas primeiras alunas, Christina Faulhaber, em 1917:

> Quando eu tinha a idade de 7 anos [...] frequentava a “Classe Bíblica” do dr. Robert Reid Kalley em Petrópolis, em sua chácara [...]. Reuniam-se ali, das 2 ou 3 às 4 horas da tarde, aos domingos, para o estudo da Bíblia, sentados em volta de uma mesa grande, na sala de jantar, cerca de 30 a 40 alemães, meninos e meninas, em sua maioria, cada um trazendo seu Novo Testamento. Quem levasse decorado três versículos, recebia um cartãozinho com um texto bíblico: quem conseguisse adquirir 10 cartõezinhos, recebia um cartão maior, e quem conseguisse 3 maiores, recebia um livro. Em todas as ocasiões, cantavam-se hinos. À saída, encontrávamos os que vinham para o estudo bíblico em português – esses eram em menor número [...] Após o estudo em português, reunia-se a classe inglesa. Por diversas vezes, fizemos piquenique na chácara do dr. R. R. Kalley.[8]

Nesse depoimento a didática de Sarah Kalley é revelada. Ela usava recursos motivacionais: distribuição de prêmios, promoção de encontros festivos e memorização de versículos bíblicos. O bom resultado de suas aulas motivou-a a ensinar às crianças também durante a semana, à noite.

Era constante a preocupação do casal Kalley em abrir escolas primárias junto com as igrejas, mas só foi possível fazê-lo após dezessete anos de sua chegada ao Brasil. Em 1871, Sarah escreveu à sua tia Lydia Morley sobre a negativa do governo ao pedido de licença para a abertura da escola primária:

> Nós, já há vários anos, estamos ansiosos por abrir uma “escola diária” em benefício das crianças da Igreja Evangélica Fluminense, mas não pudemos encontrar professores habilitados; e agora estamos em maiores dificuldades, porque tememos que as autoridades contrariem o nosso propósito como acaba de acontecer com os presbiterianos. Esperamos, todavia, que a influência dos filhos dos crentes, obrigados a frequentar as escolas existentes, produza bons frutos. Ouvimos falar de casos em que as nossas crianças não se ajoelham, quando a “Hóstia” é levada em procissão, pelas ruas; etc [...] E os pais proíbem que ensinem a seus filhos as doutrinas do romanismo.[9]

Finalmente, em 30 de maio de 1872, foi fundada a Escola Evangélica de Instrução Primária, conhecida por Escola Diária. O professor era José Vieira de Andrade, homem culto que ocupou cargos de responsabilidade na igreja.[10]

Ao final de seu ministério, Sarah abriu uma classe noturna de geografia e história, no meio da qual oferecia noções de outras matérias. Ela declarou: “Não era o que eu preferia fazer, mas a necessidade nos obriga a fazer qualquer coisa, para saciar a sede de instrução da nossa sociedade”.[11]

A intelectualidade do casal Kalley despertou a atenção até mesmo do imperador Dom Pedro II, que gostava de conversar com o missionário sobre suas viagens ao exterior.

A companheira dedicada

Sarah Kalley foi esposa de um grande homem, pois o doutor Robert Kalley, além de médico, era um autêntico servo de Deus preocupado em cuidar da alma e do corpo dos que necessitavam. Os biográfos do casal são unânimes em afirmar que a maior parte do trabalho realizado era feito pelos dois, e ela pôde ajudar o marido em diversas áreas nas quais era mais habilidosa:

D. Sarah foi uma constante e eficaz colaboradora do seu espôso. Serviu-lhe de secretária e até esboços de sermões preparava para ele, quando se encontrava enfêrmo, impossibilitado, portanto, de pensar. Os colportores e pregadores quando eram convidados a substituir o dr. Kalley, na sua ausência, recebiam dela, também, o material necessário para as suas pregações. Todos os trabalhos dos colportores estavam sob a sua responsabilidade. Muitas vezes, pela enfermidade do espôso, e a seu pedido, escrevia cartas pastorais, para as Igrejas Evangélicas Fluminense e Pernambucana. Nas constantes viagens que fazia o dr. Kalley, d. Sarah sempre o acompanhava. Com êle, sofreu grandes perseguições, no Rio, em Petrópolis, em Niterói e em Recife. Nunca, porém, se lastimava.[12]

Logo quando chegou ao Brasil, o doutor Kalley tratou de muitas pessoas vitimadas pela cólera, que assolava a região, e nessas ocasiões não perdia a oportunidade de anunciar a salvação por meio de Cristo.



Dr. Robert Reid Kalley.
Fonte: LUZ, Fortunato, coord. *Esboço histórico da escola dominical da Igreja Evangélica Fluminense*, p. 49.

Notícia sobre oferecimento de ajuda do dr. Robert Kalley Notícias diversas

Consta-nos que a molésüa reinante já se manifestou na Parahyba do Sul, na estrada de Minas, entre Petropolis e essa villa; alguns casos fataes já se têm dado e as vicrimas com difficuldade têm achado que lhes dê sepultura.

O sr. vice-presidente da provincia autorisou, por indicação do sr. dr. Mello Franco, a installação de

uma enfermaria nessa estrada. Está encarregado d'essa commissão o sr. dr. Porciúncula.

O sr. dr. Robert Kalley, sacerdote protestante Inglez,[13] **que se acha entre nós de viagem, offereceu à commissão sanitaria do município da Estrella os seus serviços em favor da pobreza.**

(*Correio Mercantil,* 20 de novembro de 1855)[14]

Sarah foi companheira fiel em tempo de sossego ou de perseguições, que foram muitas: no Rio, em Petrópolis, Niterói e Pernambuco. Os opositores do casal Kalley os insultavam na igreja, na rua e mesmo em casa.

Eles fundaram em Recife, em 1873, a Igreja Evangélica Pernambucana. Naquela cidade, o povo dirigia-lhes injúrias e atirava-lhes pedras da rua, porém prosseguiram e conseguiram ver frutos de seu trabalho.

O método de evangelismo de Sarah era diferenciado: ela evangelizava conversando com as famílias que visitava, presenteando com literatura evangélica, escrevendo cartas etc.

As autoridades locais consideravam os dois igualmente como evangelistas que disseminavam suas heresias. Foi apresentada queixa pelo presidente da Província do Rio de Janeiro contra o doutor Kalley. A reclamação era de que ele "pregava o protestantismo ao povo, e também pregava aos doentes e à família dos mesmos e que Sarah Kalley o ajudava nisto".[15]

Até mesmo nos trabalhos literários o doutor Kalley era auxiliado por sua esposa, em uma ajuda mútua e alegre que foi abundantemente abençoada e abençoadora. Essa bela

parceria pôde ser percebida em diversos momentos: Sarah esboçando os sermões, o reverendo Kalley pregando-os; os dois traduzindo obras; os dois responsáveis pelo hinário *Salmos e Hinos*; os dois viajando juntos e evangelizando etc.

Como líder dos colportores

Os colportores eram os evangelistas que distribuíam Bíblias e literatura evangélica. Em 1864, Sarah assumiu definitivamente essa liderança, um serviço que fazia somente quando o esposo estava doente ou ausente: “Conforme o costume, a sra. Kalley recebia, em cada dia da semana, a visita de um colportor, que ia prestar-lhe as contas do seu trabalho, na venda de livros pelas ruas da cidade”.[16]

A sua direção segura e serena fazia com que os colportores lhe confidenciassem dificuldades diversas. Ela os aconselhava e orientava segundo as Escrituras, e procurava animá-los pessoalmente ou por cartas. Era, porém, firme na cobrança de resultados e relatórios. Quando ausente do país, demonstrava sua preocupação para com eles por meio de frequente correspondência.

Sarah preparava notas para a pregação do esposo, e supria os pregadores leigos com esboços de sermões que muito os ajudavam e eram apreciados por seus ouvintes. Esse auxílio, prestado silenciosamente pela devotada senhora, era tido em alta estima por esses pregadores.[17]

Como compositora e editora do hinário Salmos e Hinos

Sarah Kalley é conhecida no meio evangélico brasileiro, principalmente, pela produção do hinário congregacional muito apreciado e utilizado pelos protestantes no início de suas denominações no Brasil. Muitos cânticos dos *Salmos e Hinos* fazem parte de outros hinários evangélicos.

Além de escrever as letras, ela foi a principal responsável pela elaboração do hinário, traduzindo ou compondo cerca de duzentos hinos, alguns em colaboração com seu esposo. O hinário impresso para os brasileiros, em 1861, foi uma reimpressão do anterior, com acréscimo de hinos novos: cinco hinos de Kalley, e seis salmos e doze hinos de Sarah.[18]

Essa primeira edição brasileira foi publicada só com as letras dos hinos. Sarah trabalhou bastante para que a segunda edição do hinário fosse publicada, em 1865, acrescida de mais de vinte hinos novos, em um total de 83 cânticos.[19]

> A sra. Kalley estava preparando uma segunda edição dos “Psalmos e Hymnos” – para isso compunha vinte e seis hinos novos e corrigia os que haviam saído na primeira edição brasileira e no aditamento de 1863. Trabalhou ativamente durante as quatro semanas de outubro [...]. Parece que lhe foi necessário comprar um piano, a fim de organizar a parte musical, destinada ao ensino das classes.[20]

A ela cabiam a seleção dos novos hinos e o trabalho de revisão, e ao doutor Kalley, a questão dos direitos autorais e a proibição de cópias clandestinas, bem comuns à época. A maior preocupação do pastor era em relação à doutrina, porque às vezes inseriam-se novas frases que não estavam de acordo com a mensagem bíblica.

O casal Kalley traduziu hinos do alemão e inglês e compôs novas letras. Sarah, com mais talento poético, adornava a doutrina elaborada pelo esposo. Essa união produziu para os evangélicos um excelente hinário, que contém os primeiros hinos em português.

Suas outras atividades

A missionária era multitalentosa e polivalente, executando muitas atividades: evangelista, professora, musicista, pintora, escritora etc. Em 1867, Sarah fundou uma classe especial na Igreja Evangélica Fluminense para jovens de ambos os sexos, com o estudo de biografias de vultos bíblicos.

Ela possuía um grande desejo de organizar uma sociedade de senhoras, mas isso não funcionaria, pois as mulheres brasileiras não saíam sozinhas às ruas. Portanto, resolveu iniciar a sociedade com três senhoras alemãs que não seguiam a restrição; e, para sua alegria, na primeira reunião, estavam presentes onze senhoras. Sarah foi a presidente daquela associação até seu retorno para a Escócia.

Além de outras ocupações, o casal Kalley preparava a lição da escola dominical e se reunia com os professores para explicá-la e tirar as dúvidas. Sarah dirigia o culto das crianças, ao qual compareciam em média quarenta pequenos, e lecionava música para os adultos. A agenda da Igreja Fluminense naquele ano de 1871 foi intensa, como pode ser observado a seguir:

AGENDA DA IGREJA FLUMINENSE

Segundas-feiras: estudo de música e ensaio dos hinos
Terças-feiras: reunião da Sociedade de Senhoras
Quartas-feiras: culto semanal
Sextas-feiras: reunião dos professores da escola dominical para o preparo das lições
Domingo: escola dominical e culto

Em 1986, Sarah, pelo interesse demonstrado pelos jovens, criou a classe de música juvenil. Quando se juntavam as duas classes, formavam uma turma de mais de quarenta alunos.

Como hábil pintora, ela ajudou na preparação de paisagens que ilustravam o sermão do pastor Kalley: “A sra. Kalley ocupou-se durante algumas horas em preparar um mapa da cidade de Jerusalém para ilustrar o sermão da noite, em que o pastor iria falar sobre o Calvário ou o monte em que crucificaram Nosso Senhor Jesus Cristo”.[21]

Seu livro *A Alegria da Casa*

O livro escrito por Sarah com instruções domésticas foi considerado um guia completo para as donas de casa. Em 1880, foi aprovado para ser utilizado nas escolas públicas do Rio de Janeiro.



Capa do livro *A Alegria da Casa*, de Sarah P. Kalley. 9. ed.
Ilustrações de Alfredo Moraes.
Lisboa: Livraria Evangélica, 1916.

O dr. Kalley e sua esposa resolveram empregar uma parte do seu tempo, neste ano (1866), em preparar livros novos que atraíssem maior número de leitores e facilitassem o trabalho diário dos vendedores de livros religiosos. Assim

publicaram uma obra de grande utilidade – *A Alegria da Casa*, que era vendida a $320 o exemplar.[22]

SUMÁRIO DO LIVRO

A ALEGRIA DA CASA OU RAIOS DE LUZ SOBRE A VIDA FAMILIAR

> Capítulo I – Acerca da cozinha Capítulo II – Acerca do quarto de dormir Capítulo III – Acerca das salas Capítulo IV – Acerca das janellas e exterior da casa Capítulo V – Acerca das despezas da casa Capítulo VI – Acerca do asseio do corpo Capítulo VII – Acerca do vestuário Capítulo VIII – Acerca do tratamento dos doentes Capítulo IX – Acerca do tratamento dos filhos Capítulo X – Acerca do marido e da mulher.[23]

Sarah discorreu sobre a educação dos filhos da mesma forma que o fazem os psicólogos contemporâneos, afirmando que para lidar bem com os outros é necessário, em primeiro lugar, cuidar de si mesmo: “Primeiramente os paes têem de tratar de si mesmos; a mãe sobretudo há de governar o seu proprio espírito com paciência; pois se ella mostrar máo genio á creança; esta aprenderá logo a mostral-o tambem”.[24]

Ela escreveu sobre o combate aos mosquitos e a substituição de papel para embrulhar os alimentos por uma lata de alumínio, que, além de comportar uma maior quantidade, poderia ser reutilizada. E a missionária não perdeu a oportunidade de inserir mensagens bíblicas em seu livro.

Pérolas de Sarah Kalley extraídas de *A Alegria da Casa*

“Se quiser ter uma casa agradável e saudável, não há de ser preguiçosa, nem descansada.”

“O asseio não vem senão quando a cabeça que manda e o braço que executa se esforçam juntos para alcançá-lo.”

“Comer ao almoço o suficiente, ao jantar com temperança, e pouco ou quase nada à noite.” “Um lugar certo para cada coisa, e cada coisa no seu lugar.”

Inserções de conselhos bíblicos e orientações sobre a vida espiritual no livro *A Alegria da Casa*

***Sobre comprar fiado*: “Tendo dívidas, não podereis escolher as vossas compras à vontade, nem fazer tão bom ajuste, por eles, sentir-vos-ei em uma espécie de dependência, e não sereis livres de ir onde quiserdes. O preceito da Bíblia sobre este ponto é: ‘A ninguém devais cousa alguma, senão amor’ e, quem fielmente observar esta regra, achar-se-á em paz consigo mesmo e com os outros”.**

***Sobre a saúde do corpo:* “Se a saúde do corpo é de tão grande valor, muito mais é a saúde d’alma. E se o charlatanismo, no tratamento de doenças físicas, produz resultados funestos, ainda mais indispensável é achar médico competente para tratar das**

doenças do espírito humano. Quem será senão aquele que o formou, que o conhece perfeitamente, que nas Escrituras Sagradas tem dado as únicas receitas absolutamente infalíveis, e que por meio do precioso sangue de Cristo 'sara os quebrantados de coração, e lhes ata as suas feridas'. Acautelemo-nos contra tudo que não condiz com as palavras de Deus quanto à saúde de nossas almas".

Sobre o lidar com doente em perigo de morte: **"Não lhe deveis mentir, encobrindo a verdade; é justo que o doente saiba do seu estado. Escolhei ocasião em que estejais a ler na Bíblia Sagrada, ou fazendo oração com o enfermo, para lhe descobrirdes a verdade, falando-lhe com grande ternura, e animando-o a por toda a confiança na sabedoria, poder e amor do bondoso Salvador".**

Sobre o cuidado com a vida interior: **"O hábito de ordem exterior ajuda a adquirir hábitos de ordem no regulamento de ideias, pensamentos e costumes intelectuais. Não esquecer o que sempre deve ter o primeiro lugar no arranjo da vida espiritual. O grande mestre diz: 'Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça'".**

Sua partida do Brasil, viuvez e últimos anos

Em diversas ocasiões, Sarah escreveu aos seus parentes dizendo estar preocupada com a saúde do esposo e com a intensidade do trabalho que realizava em idade avançada. Ela achava que já era tempo de parar, pois não podia continuar esforçando-se por mais tempo. No mesmo entendimento, o pastor Kalley escreveu aos líderes da Igreja Fluminense:

> Há um ano, eu desejava retirar-me do Brasil, porque sentia que me faltavam as fôrças para encarar os trabalhos e a responsabilidade da função que preenchia entre vós. Não me retirei porque julguei que, se fosse possível, deveria esperar a volta do sr. João dos Santos. Não me senti, portanto, dispensado pelo amo. Agora me sinto ainda menos competente para estes trabalhos e me parece que não estou apenas dispensado, mas que é meu dever voltar para a Europa, logo que tiver feito os arranjos que forem necessários.[25]

Em 7 de julho de 1876, a igreja se reuniu para a despedida do casal Kalley. Em 10 de julho, embarcaram com destino à Europa. Na Escócia, fixaram residência em Edimburgo, onde posteriormente construíram uma casa que recebeu o nome de Campo Verde, em homenagem ao Brasil.

O casal Kalley não teve filhos, mas adotou duas crianças brasileiras: João Gomes da Rocha e Silvana Azara de Oliveira, mais conhecida como Sia, sendo esta adotada quando eles já estavam na Escócia.

De Edimburgo, os missionários não cessavam de escrever, enviar estudos e orar por seu rebanho brasileiro. O carinho do casal pela igreja era extremo. Em uma carta na qual o doutor Kalley informou sobre uma crise de enfermidade da esposa, ficou transparente o sentimento de amor e cuidado:

> Meus queridos amigos e irmãos: Minha cara mulher teve um ataque muito sério na noite de 13 deste mês. Parecia perigoso; e, durante seis dias, não podia levantar a cabeça da almofada. Ainda não se pode pôr de pé. Escrevo-vos esta no quarto, que podia ter sido tão triste para mim! [...] A sra. Kalley, neste momento, está sentada numa cadeira – melhor, mas incapaz de fazer qualquer coisa, até a mais leve [...] Para mim estes dias têm sido muito solenes e vizinhos da Eternidade! [...] Há um minuto, ela me perguntou a quem eu estava escrevendo; Respondi-lhe – à Igreja Evangélica Fluminense. Ela me replicou – "O Senhor os guarde, o Senhor os guie, o Senhor os abençôe!" Ao que eu respondi: Amém![26]

Dez anos depois, foi a vez de Sarah preocupar-se com o marido enfermo. Por dois anos, o doutor Kalley foi se enfraquecendo, até que em janeiro de 1888 sobreveio-lhe um problema cardíaco que impediu o funcionamento dos pulmões, ficando em agonia por mais de quinze horas.

Em carta às igrejas brasileiras, Sarah relatou a última noite do esposo, que, mesmo com muita dor no peito e dificuldade de respiração, orava por todos: "Senhor, abençoa teus servos no Brasil, abençoa Santos, Jardim, Bernardino! Senhor, abençoa Tua obra em suas mãos! Senhor, abençoa os crentes em Pernambuco!".[27]

No dia seguinte perdeu a visão. E, após convulsões, ele bradou: "Deixem-me ir! Deixem-me ir! Isto é a morte, ó minha querida mulher!". E faleceu. O médico que esteve presente durante toda a noite afirmou: Esta é uma morte triunfante![28]

No seu enterro, no dia 24, pregou o missionário Hudson Taylor. Sarah, apesar de muito abalada, havia se lembrado de um sermão proferido pelo reverendo Lowe, por ocasião do sepultamento do reverendo Balfour, e o adotou para se despedir daquele que fora seu companheiro por 35 anos:

> Santo bem-aventurado! Pensarei mais frequentemente no céu, porque estás ali! Olharei, mais atenta, para a multidão dos espíritos dos justos aperfeiçoados, porque és um deles!
>
> E quando, pelo sangue e pela justiça do Filho de Deus, e em razão daquela misericórdia que excede os Altos Céus, livre do mais profundo Inferno, chegar a minha hora para entrar naquele puríssimo santuário, no meio das prodigiosas solenidades e regozijos da minha nova situação [...] olharei em redor para te reconhecer e ir encontrar a doçura do teu amplexo triunfante![29]

Sarah ainda viveu quase vinte anos após a morte do doutor Kalley. Embora idosa, franqueou sua confortável residência aos jovens estudantes universitários que estavam distantes de suas famílias e amorosamente "inspirou a muitos, exercendo sobre todos benéfica influência e atraindo-os a Cristo, o que lhe grangeou o carinhoso cognome 'Mãe de Edimburgo'".[30]

Ela continuou sendo referência para os brasileiros congregacionais, com os quais sempre mantinha contato. Sentindo a necessidade de encontrar uma solução mais definitiva para apoiar o trabalho no Brasil, fundou em setembro de 1892, em Edimburgo, a Missão Auxílio para o Brasil. Como secretária, fez apelos pessoais para conseguir apoio financeiro para a instituição missionária.

A partir de novembro de 1906, Sarah adoeceu e faleceu em 8 de agosto de 1907, na sua residência em Campo Verde, com pouco mais de 82 anos de idade. Ela foi sepultada em 12 de agosto de 1907, no Dean Cemitery, junto a seu marido, o doutor Kalley.[31]

Como conclusão do relato da vida dessa extraordinária missionária, seguem suas próprias palavras sobre seu ministério no Brasil: "Damos louvores ao Senhor, porquanto almas preciosas têm sido admitidas na Família bem-

aventurada do Pai Celeste e ao gozo seguro da morada eterna, além da morte, de modo que ninguém as poderá arrebatar da mão de Jesus”.[32]

MARTHA WATTS (1845–1909): A MISSIONÁRIA METODISTA SEMEADORA DE ESCOLAS[33]

> Era tão modesta, tão despretensiosa, tão corajosa, tão firme, tão verdadeira e tão cheia de amor por seu país adotivo que foi quase uma dor e um choque quando descobriu que para ela não havia esperança de voltar a trabalhar entre seus brasileiros amados enquanto vivesse. Para ela, a vida só valia a pena se pudesse trazer almas ao seu Senhor em sua pátria adotiva. Ela amava a nós – sim, mas amava mais o Brasil. Que ternura tinha para com as crianças! Que prazer era para ela acompanhar seu crescimento físico, moral, mental e espiritual![34]

Martha Watts é uma personagem singular entre as missionárias protestantes. Em primeiro lugar, porque não veio para o Brasil acompanhada de um marido; era solteira e assim permaneceu. Em segundo lugar, porque veio com uma missão específica: fundar uma escola para meninas brasileiras. E, em terceiro lugar, porque foi a primeira missionária enviada por uma sociedade feminina.

Essa sociedade foi a metodista, fundada nos Estados Unidos em 1878, após a guerra civil, quando as mulheres começaram a se organizar, buscando novos espaços de atuação, especialmente por intermédio de ações missionárias, defesa do direito ao voto feminino e combate ao álcool.



Martha Watts.
Fonte: MESQUITA, Zuleica, org. *Evangelizar e civilizar* (capa do livro).

Sua nomeação e chegada a Piracicaba

Martha Hite Watts nasceu em Bardstown, no estado americano do Kentucky, no dia 13 de fevereiro de 1848.[35] Era filha de uma numerosa família com nove filhos, cujo pai era advogado.

Na sua mocidade mudou-se para Louisville, onde frequentou a Igreja Metodista da Broadway. Lá se formou

professora e viveu o período da Guerra de Secessão, na qual seu noivo foi morto. Foi lá também que recebeu o chamado para o campo missionário. Sua carta de recomendação foi publicada no *Woman's Missionary Advocate* em janeiro de 1881.

Martha passou por sete anos de experiências em escolas, tinha o corpo saudável e forte, a mente ativa, amabilidade e força de caráter. O mais importante, contudo, era sua vocação missionária: "Por dois anos, ela desejou servir como missionária e quando viu abrir-se o Brasil, a fé simples foi manifesta em sua resposta: Eis aqui a criada do Pai".[36]

Ela embarcou em 26 de março, acompanhada por outros missionários: John J. Ranson, James W. Koger, com esposa e filho, e o reverendo James L. Kennedy. A viagem foi longa, e a missionária só chegou a Piracicaba depois de passar por Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, em 19 de maio de 1881, quase sessenta dias após sua partida.

Chegando à cidade, hospedou-se no Hotel Piracicabano e, no dia seguinte, foi com mrs. Koger levar a carta de apresentação, informando que eram enviadas de uma associação religiosa de ensino americana para fundarem um colégio naquela cidade, à residência do vereador Manoel de Moraes, membro do partido republicano.

O vereador clamava pela construção de prédios escolares e ficou seduzido pela perspectiva de um centro de difusão da cultura e um recurso para combater a ignorância. Seu filho, Nicolau, relatou:

> Nesse mesmo dia, surdo às suas insistentes recusas, estavam ambas aboletadas em nossa casa como hóspedes. De começo, foi uma tragédia! Meu pai a se entender com elas mais por gestos do que por palavras. Minha mãe, coitada, na maior atrapalhação de sua vida, para hospedar

> condignamente duas estranhas cujos hábitos e língua desconhecia. A cabo de uma semana de convivência, clarearam-se os horizontes, quebraram-se as arestas do protocolo, diluiu-se a prevenção do ambiente e a mais franca camaradagem se estabeleceu entre hóspedes e hospedeiros.[37]

O futuro Colégio Piracicabano contou com o apoio de Manoel de Morais e de seu irmão, Prudente de Morais, futuro governador do estado e presidente do Brasil. Os irmãos Morais foram os primeiros a matricularem seus filhos na nova escola protestante.

Piracicaba, à época, era uma cidade com cerca de 20 mil habitantes, com “ruas não calçadas e mal iluminadas com lampiões de querosene, que, em ocasiões de lua cheia, nem se acendiam”. A lua cheia à noite iluminava a cidade interiorana e dispensava o gasto com o caro querosene importado, e o sol do dia iluminava a bela Piracicaba. Martha descreveu “sua cidade”:

Descrição da cidade de Piracicaba e seus costumes

[...] Quando nós aportamos na Bahia, nos disseram que Piracicaba era uma das más importantes cidades do interior. Eu estava encantada com a perspectiva de viver em uma bela cidade, e
não levei em conta as palavras complementares “do interior”.

[...] A cidade foi construída no alto e nas encostas da
colina. De onde moramos, podemos ver belas e verdes colinas no início e no final da rua; à direita,

nós podemos ver a colina do outro lado do rio; à esquerda, a vista livre de edifícios nos mostra várias chácaras, ou residências suburbanas.

[...] É bastante frio no inverno que começa em abril e termina em agosto, quando começa a estação das chuvas, que permanecem o verão todo, tornando o calor mais suportável. As manhãs estão muito frias [...] às vezes, cai geada e as folhas das bananeiras caem. Esse nível de temperatura é desastroso para o café, quando se prolonga por algum tempo.

[...] O número de habitantes da cidade fica entre cinco mil e oito mil habitantes. Na região, incluindo as pequenas cidades da vizinhança, há mais ou menos vinte mil pessoas.

Não existem aqui •nas residências, a maior é onde funciona o Tribunal, com a prisão nos fundos. Foi construída por um americano [...]. A estação da estrada de ferro é um edifício muito bom, não muito distante do centro da cidade. [...]

Existem duas escolas públicas aqui, uma para meninos e outra para meninas. Também existem algumas escolas particulares, onde as crianças estudam juntas e em voz alta de modo que se pode ouvi-las à distância. Existem boas mercearias, quase tão bem sortidas quanto as que temos aí. [...]

Quase todas as casas aqui são feitas de barro e, embora os mais progressistas estejam agora construindo suas casas de tijolos, eles ainda seguem o estilo arquitetônico de seus antepassados. A maioria delas só tem um andar e o telhado é bastante inclinado, cerca de quarenta graus, coberto com telhas de barro. [...] Não existem chaminés porque aqui não existem lareiras. Vocês podem imaginar essas casas desconfortáveis e sem lareira? Muitas delas têm piso de chão batido nos cômodos internos e todas elas têm cozinha de chão batido. [...] As salas e os quartos são forrados, o que os torna mais confortáveis e de aparência mais limpa. Os vestíbulos são espaçosos e há muitas janelas e portas.

[...] O mobiliário é escasso e feio. Carpete é uma coisa desconhecida aqui, mas os que podem têm tapetes espalhados pela casa. Cortinas raramente são vistas.

A moda é ter um sofá de vime encostado à parede e três ou quatro cadeiras arrumadas em ângulo reto ao sofá. Isso subsitui a nossa lareira. As visitas devem sentar-se no sofá. Toda casa, eu suponho, deve ter uma rede num canto. As portas da rua são muito altas e largas e os degraus ficam do lado de dentro. É proibido por lei fazer os degraus do lado de fora. As portas permanecem abertas durante o

dia todo e os visitantes se fazem anunciar batendo palmas ao invés de baterem à porta. [...] A classe mais alta se veste da mesma forma que nos vestimos nos Estados Unidos, mas os pobres e os negros não têm nem mesmo vestimentas minimamente decentes. Todas as mulheres e a maior parte dos homens se enrolam em xales pela manhã e à noite, parecendo figuras orientais [...]

(*Martha Watts/-1881*)[38]

Reforçando o seu objetivo de evangelização, informou que estava aprendendo a língua para poder contar a história de Jesus, rogou que continuassem orando por ela e por seu trabalho, porque isso lhe daria saúde física e espiritual.

O Colégio Piracicabano



Martha Watts, ao centro, com seus primeiros alunos. Fonte: ELIAS, Beatriz Vicentini. *Memória, encantamento e beleza,* p. 27.

Dez dias depois de sua chegada, o missionário metodista reverendo James William Koger iniciou suas pregações, e Martha reunia crianças antes do culto matutino, dirigindo a pequena escola dominical. A igreja e o colégio caminhavam juntos, e teve início a construção do templo nos terrenos do colégio. Em 13 de setembro de 1881, foi aberto o Colégio Piracicabano, dois dias depois da organização da primeira igreja metodista em Piracicaba.

Foi sábia a escolha do nome da escola. Enquanto outras instituições denominavam-se colégios internacionais, a de Piracicaba adotou o nome da cidade, para que fosse identificada como instituição para a comunidade local, e não vinculada ao exterior.

No início, só uma aluna se matriculou: Maria de Azevedo Escobar, filha de Antônio Gomes Escobar, jornalista de *O Piracicabano* e do informativo protestante *Palavra de Deus*. Martha não se abalou com o fato, e o reverendo Kennedy declarou que ela “com tenacidade dirigiu o colégio como se houvesse cem alunas em vez de uma só; e para essa conservou o estabelecimento aberto com três professoras”.[39]

Os demais alunos foram chegando aos poucos e eram das melhores famílias locais, tendo alguns deles desempenhado papel significativo na vida do país. Filhos de imigrantes de origem protestante também matricularam-se, porque lá não estariam sujeitos à discriminação religiosa.

O colégio, com sua ideologia liberal, permitia crescimento pessoal com estudos humanísticos, literários e científicos no currículo. Os alunos eram agrupados em classes, segundo

suas idades e grau escolar, não como nas outras escolas, onde crianças de 4 a 16 anos estudavam juntas.

Em vez de bancos, havia carteiras duplas, de modelo e procedência estadunidense. Era utilizado o método intuitivo e concreto, que pressupunha lições

curtas e observação dos objetos reais ou figurados nas "lições de coisas". Havia à disposição: quadros-negros, mapas, cartazes, microscópios e aparelhos para os laboratórios de ciências exatas, físicas e naturais.[40]

Martha estava feliz, cumprindo a missão de sua vida, e declarou que era precioso educar as meninas para que elas ensinassem a seu próprio povo: "Não será muito difícil encontrar boas meninas que, com uma pequena ajuda nossa, possam se sustentar lecionando ou trabalhando em casa, enquanto estudam para se preparar para o trabalho em campos maiores".[41]

A cerimônia de lançamento da pedra fundamental aconteceu em 1883. Estiveram presentes homens influentes na política e cultura, como: Francisco Rangel Pestana, Manoel de Moraes Barros e Prudente de Moraes. As alunas cantaram a "Marselhesa" e o pastor Ransom lançou uma campanha para a compra de mobiliários para as escolas públicas. Ao final do movimento, a quantia arrecadada possibilitou a compra de cadeiras e bancos envernizados para aquelas instituições. Foi um bonito testemunho de preocupação com a educação das crianças em geral, e não somente das que podiam frequentar o colégio.

O clero local não estava satisfeito com o crescimento do colégio protestante. No jornal *A Província de São Paulo*,

reproduziu-se o sermão da Semana Santa de 1883, no qual o pároco de Piracicaba criticava os protestantes, chamando-os de “lobos vestidos de ovelhas”, e as alunas de “judas”, moças donzelas, por fora enfeitadas de fitas e elegâncias, por dentro cheias de corrupção como um bem pintado túmulo de um cadáver podre, a recitar algumas frases de francês e a passear em uma sala de baile com o vestido erguido à frente.[42]

Enquanto isso, Martha condoía-se pelas alunas que não frequentavam a escola por mais tempo, já que os pais não achavam importante a instrução das filhas. Ela afirmou que muitos de seus alunos eram menores de 15 anos, “pois a maioria dos pais parece pensar que ‘lê’, ‘screvê’ e ‘ritmética’, e bem pouco desta última, bastam para uma menina, embora com bem pouca idade ela possa assumir o fardo de um marido e das responsabilidades da sociedade”.[43]

Em 1884, o novo prédio do Colégio Piracicabano foi inaugurado. Era uma casa bonita, com espaço para salas de aula e de música e com dormitórios no andar superior, onde também havia a capela. Os recursos para a construção vieram das juntas estadunidenses.

Os primeiros anos demonstraram pioneirismo e ousadia, oferecendo ensino para crianças de ambos os sexos. A escola continuava crescendo, e de apenas uma aluna no início, três anos depois estava com 68 matriculados. Isso despertou mais oposição. O padre implantou uma escola para moças chamada *Nossa Senhora Assunção*, em concorrência. Na inauguração do colégio católico, Martha

esteve presente em uma demonstração de fraternidade cristã.

Após cinco anos de trabalho, a missionária voltou à sua pátria em férias. Assumiu a direção interina Mary Washington Bruce e o clero fez uma oposição forte, porém mais sutil. Em janeiro de 1887, o inspetor literário doutor Abílio Vienna fez uma intimação a miss Bruce, obrigando-a a excluir os meninos com mais de 10 anos da escola, a ensinar a religião do Estado e a lhe enviar uma lista do corpo docente.

O reverendo Kennedy levou a intimação para o jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, que publicou um artigo condenando o fato, na edição de 4 de fevereiro de 1887. A repercussão do caso continuou com um veemente discurso de Rangel Pestana na Assembleia Provincial de São Paulo, reprovando a determinação. O inspetor pediu demissão de seu cargo.

Educando e evangelizando

O colégio estava crescendo e Martha relatou com felicidade sobre sua escola que começara com uma estudante e três anos e meio depois estava com 57 alunos. Ela afirmou: “Faremos o que pudermos pelos alunos para levá-los a Cristo, ou pelo menos preparar o caminho para a futura geração. É uma longa espera, vamos pedir a Deus com insistência”.[44]

A missionária não desvinculava a educação da evangelização. Para ela seus alunos precisavam do conhecimento para o desenvolvimento intelectual, mas necessitavam mais da instrução espiritual: “Sempre temos leituras da Bíblia, cânticos e orações, e as pessoas esperam

por isso; elas assistem respeitosamente e se levantam para as orações".[45]

Uma das alunas se converteu e a educadora se alegrou muito, mas também se entristeceu com o sofrimento dela causado pela perseguição de sua família: "É o fio da espada que o cristianismo traz, às vezes, dividindo mãe e filha. Ore por ela, que ela possa ser amparada até o fim e sair deste momento purificada sete vezes".[46]

Segundo ela, os pais só queriam ver a Jesus em um crucifixo ou em uma figura de gesso. Martha relatou que muitas crianças aceitavam o convite da salvação em Cristo, mas não resistiam o suficiente para se tornarem membros da igreja porque a persistência significava o ostracismo social.

A missionária fazia apelo constante às mulheres estadunidenses para que viessem ajudá-la e lamentava a falta de resposta porque o Brasil precisava de muitas escolas: "Venham, irmãs, me ajudem e aprendam a língua e, como o Senhor está abrindo as portas para nós, vamos entrar e tomar posse em seu nome!".[47]

O colégio foi considerado o mais progressista na educação do sexo feminino. Em 27 de dezembro de 1890, o jornal *Gazeta de Notícias*, de Piracicaba, informou sobre seus exames:

> Numa das salas do edifício e com grande concorrência de famílias e cavalheiros dos mais distintos da nossa sociedade, foram examinadas as alunas em diversas matérias, como sejam: português, francês, inglês, aritmética, álgebra, história e retórica. O adiantamento que todas mostraram naquelas disciplinas chegou a surpreender as muitas pessoas que estavam presentes. Não trepidamos em afirmar que é um dos melhores estabelecimentos de ensino do estado de São Paulo.[48]

O Piracicabano foi um colégio que se destacou ao estabelecer três princípios básicos para a educação: classes mistas, dignidade da instrução superior para as mulheres e liberdade de religião no campo educacional.

Por determinação da Junta de Missões, Martha foi transferida para Petrópolis para fundar uma nova escola metodista, o Colégio Americano. Quando deixou o Piracicabano, ele estava com 110 alunos matriculados, e, entre as professoras, havia seis ex-alunas que lecionavam com salários pagos pela própria escola.

Os Colégios Americano de Petrópolis, Mineiro de Juiz de Fora e Isabela Hendrix em Belo Horizonte

De 1895 a 1900, Martha Watts esteve no Rio de Janeiro, onde fundou o Colégio Americano de Petrópolis. Ela chegou à cidade em 5 de abril de 1895 e ficou encantada ao ver o terreno adquirido para ser a sede do colégio, considerando-o três vezes melhor do que o de Piracicaba. Só faltavam recursos para a compra de móveis, que foi realizada com móveis e cadeiras a preços baixos e confecção de algumas mesas simples.

O ano escolar foi próspero em Petrópolis, e de apenas três alunos iniciais, passou para 53 matriculados, um ano e alguns meses depois.

A missionária continuava fazendo todo o possível para ensinar o evangelho de Jesus aos alunos e notou um aumento de interesse no estudo da Bíblia. Contudo, sempre que aceitavam a mensagem do evangelho, sofriam

consequente perseguição familiar, como ocorreu com Henriqueta Lopes:

Primeiro, sua mãe tirou sua Bíblia (a segunda), e então a proibiu de me escrever. Não fez nenhuma promessa e, quando a oportunidade surgiu, me escreveu em segredo. Ela me assegurou constantemente que não importava o que eles pudessem fazer-lhe, eles não conseguiriam tirar Jesus de seu coração. Pobrezinha! É de se ter pena por ela, pois sua saúde está bem fraca ou nada melhor. Orem por ela, amigas e irmãs, que ela possa aguentar até o final.[49]

A missionária sentia-se desanimada às vezes, mas pela graça de Deus continuava firme. Ela informou que o colégio cresceu até certo ponto, pois muitas pessoas retiraram seu apoio ao descobrirem que a Bíblia era usada como livro-texto.

Martha visitou o Colégio Piracicabano, encorajou suas colegas missionárias e observou com orgulho: “Os alunos de nossa pequena escola são os mais bem-comportados que se pode achar em qualquer lugar. Não tenho um aluno sequer antagônico em relação às Escrituras. Que todos eles venham a conhecer Jesus como seu Salvador!”.[50]

No início de 1900, ela ainda era capaz de muito trabalho, porém, após dezenove anos dedicados ao serviço missionário no Brasil, ela pensava que não conseguiria completar mais uma rodada devido às dores que sofria, mesmo motivada a continuar.

Depois de um período de férias nos Estados Unidos, Martha regressou para o Brasil e dirigiu o Colégio Mineiro em Juiz de Fora, de 1902 a 1904. Em 1903, ela informou que havia 65 crianças matriculadas.

Quando o governo estadual transferiu a capital de Ouro Preto para Belo Horizonte, o conselho municipal, visando apressar o desenvolvimento da nova capital, ofereceu a qualquer sociedade benemérita terrenos para a construção de uma residência, uma igreja e um colégio.

A Igreja Metodista aceitou a oferta e recebeu um belo terreno, uma quadra inteira na principal avenida da cidade; para lá foram nomeados o reverendo Kennedy como pastor e Martha Watts como educadora. Encantada com o terreno doado, ela escreveu:

> Se a senhora pudesse conhecer a situação e ver o terreno que a cidade nos deu ficaria impressionada e daria glória a Deus. A cidade está dividida em lotes em que cabe apenas uma casa com pouco espaço para um quintal ou jardim, enquanto nosso lote é um quarteirão inteiro, em um dos melhores lugares da cidade. Espero que logo esteja pronto para construir e plantar árvores frutíferas e para dar sombra. Para o prédio vamos ter metade do quarteirão, ou uma “fazenda” como disse alguém.[51]

Ela chegou à cidade em setembro e, em 5 de outubro de 1904, iniciou a escola com apenas cinco alunas, das quais três eram filhas do pioneiro reverendo Kennedy. A missionária que já começara uma instituição com apenas uma aluna não desanimou. O colégio recebeu o nome de Isabela Hendrix, em homenagem à mãe do bispo Eugene Hendrix, que angariara os fundos para a sua construção.

Martha conclamou os professores para que fizessem tudo que fosse possível para transformar os alunos em bons cidadãos brasileiros, e que tudo seria feito para a glória de Deus.

Aos poucos, ela conquistou a simpatia e confiança das famílias mais cultas de Belo Horizonte, e, depois de dois

anos e meio em propriedades alugadas, ficou pronto o primeiro edifício escolar, próximo da residência pastoral.

O colégio crescia em número de alunos e em prestígio, mas, assim como aconteceu em Piracicaba e em outros lugares, a perseguição começou com o desenvolvimento da escola. Martha lamentava o fato porque a instituição era admirada e falava-se bem dela, mas muitos tinham medo da influência religiosa: “Os padres estão sempre pregando e trabalhando contra nós. A maravilha é termos tantos alunos quanto temos. Significa que Deus está trabalhando para o povo brasileiro. A ele honra e glória!”.[52]

Ela dirigiu o colégio de 1904 a 1908, quando se aposentou e voltou para os Estados Unidos. O crescimento da escola e da igreja foi tão grande que se tornou conveniente a venda do local para a construção de um templo e um colégio maiores na zona residencial.

Seu falecimento

Quando retornou para Juiz de Fora, após suas férias nos Estados Unidos, Martha recebeu a notícia do falecimento de seus grandes amigos, os irmãos Morais. Em uma correspondência de junho de 1903, ela lamentou não tê-los visto novamente e relatou que, graças a Deus, o doutor Prudente havia declarado sua fé em Cristo e o doutor Manoel havia feito o mesmo muito tempo antes.

Prudente de Morais tinha por Martha afeição e admiração e, sobre ela, havia declarado que era dotada de espírito superior, inteligência e generosidade, sabendo construir verdadeiras amizades. Sobre o Colégio Piracicabano, informou que ele “veio abrir novos horizontes ao ensino

público adotando e difundindo os excelentes métodos de pedagogia americana, de que tanto se utilizou São Paulo graças a esta ilustrada educadora".[53]

Logo após voltar para os Estados Unidos, Martha Watts tropeçou ao descer de uma carruagem e fraturou a bacia. Após sete meses imobilizada, descobriu-se o câncer que veio a vitimá-la. Ela faleceu em 30 de dezembro de 1909, aos 64 anos de idade.[54]

[...] Piracicaba, Juiz de Fora, Petrópolis e Belo Horizonte, todas essas cidades sentiram sua mão formadora, pois sob a direção de Deus ela usava sua mente grande e forte para planejar a expansão de Seu reino. Estivesse ela hoje convosco, iria exclamar: "Não choreis por mim. Estou segura em meu lar, para sempre. Chorai pelo Brasil. Orai pelo Brasil. Dai ao Brasil a única coisa que pode torná-lo liberto em Cristo Jesus – a Bíblia aberta. A educação cristã, um evangelho puro, missionários plenos do Espírtio. Não me canteis qualquer loa fúnebre. Cantai 'Cristo para o Mundo', 'Saudai o nome de Jesus'". Sim, irmãs, louvemos a Deus por essa vida maravilhosa vivida para sua glória. Louvai-O pelo lugar que ele foi preparar para ela. Louvai-O para que, quando ele vier, ela seja arrebatada para encontrar-se com ele nos ares e louvai-O para que nós, que estamos vivas e aqui permanecemos, possamos ir com ela.[55]

Martha Watts será sempre lembrada por ter sido um marco na história da educação brasileira com a introdução de novos métodos pedagógicos. O mais importante, contudo, é que amou seus alunos, os valorizou e foi uma mestra que lhes apresentou o Mestre dos mestres.

* * *

Estes resumos biográficos das pioneiras educadoras no Brasil ainda não terminaram. No próximo capítulo serão destacadas mais duas: Carlota Kemper, missionária presbiteriana que foi chamada de “a mulher mais culta no Brasil”, possuidora de saber impressionante e humanidade ímpar, e Ana Bagby, esposa do missionário batista William Bagby, uma evangelizadora por vocação, que queria como salário e recebia como maior bênção a conquista de almas para Cristo.



Alunos, professores e diretores em frente ao Colégio Progresso Brasileiro, s.d.
Fonte: *Texas Baptist Historical Collection – Baptist General Convention of Texas*.

A primeira escola foi o jardim de infância do Colégio Progresso Brasileiro, no Largo dos Guaianazes, uma escola americana

dirigida por mrs. Bagby. As reminiscências tornaram-se meio confusas: um jardim espaçoso cheio de árvores, meninos e meninas brincando juntos, o carro grande puxado a cavalo que levava e trazia a criançada.

(Sérgio Buarque de Holanda apud LOUREIRO, Noemi Paulichenco. *Anna Bagby, educadora batista*, p. 84.)

---

1. HILSDORF, Maria Lucia Spedo apud LOUREIRO, Noemi Paulichenco. *Anna Bagby, educadora batista (1902–1919)*. Dissertação de pós-graduação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998. p. 77.↩
2. MANOEL, Ivan A. Op. cit. p. 24.↩
3. Fontes: ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. v. I-IV. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941, 1944, 1956; CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley:* missionária pioneira na evangelização do Brasil. São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2005; FORSYTH, William B. *Jornada no Império*: vida e obra do dr. Kalley no Brasil. Trad. Maurício Fonseca dos Santos Junior. São José dos Campos: Fiel, 2006. p. 97; SILVA JUNIOR, Ismael da. *Heróis da fé congregacionais*: dr. Roberto Reid Kalley e d. Sarah Poulton Kalley. v. I. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1972.↩
4. ROCHA, João Gomes da. Op. cit. v. IV. p. 357.↩
5. FORSYTH, William B. Op. cit. p. 97-98.↩
6. Ibid. p. 98.↩
7. ROCHA, João Gomes da. Op. cit. v. I. p. 33.↩
8. CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley:* missionária pioneira na evangelização do Brasil. São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2005. p. 185.↩
9. ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado.* Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil do qual resultou a fundação da “Igreja Evangélica Fluminense”, pelo dr. Robert Reid Kalley. v. III. Terceira fase: 1868 a 1872, Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1946. p. 172.↩
10. SILVA JUNIOR, Ismael da. Op. cit. v. II. p. 82.↩

11. ROCHA, João Gomes da. Op. cit. v. IV. p. 273. Obs.: A sociedade brasileira já era considerada como dela.↩
12. SILVA JUNIOR, Ismael da. Op. cit. v. I. p. 65.↩
13. Dr. Kalley era escocês, de Edimburgo.↩
14. ROCHA, João Gomes da. Op. cit. v. I. p. 34.↩
15. VIEIRA, David Gueiros. Op. cit. p. 120.↩
16. ROCHA, João Gomes da. Op. cit. v. II. p. 13.↩
17. Ibid. p. 252-253.↩
18. CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley:* missionária pioneira na evangelização do Brasil. São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2005. p. 25.↩
19. ROCHA, João Gomes da. Op. cit. v. II. p. 18.↩
20. Ibid. p. 59.↩
21. Ibid. p. 255.↩
22. Ibid. p. 111.↩
23. KALLEY, Sarah Poulton. *A alegria da casa ou raios de luz sobre a vida familiar*. 5. ed. Lisboa: Barata & Sanches, 1894. p. 61-63.↩
24. Ibid. p. 43.↩
25. ROCHA, João Gomes da. Op. cit. v. IV. p. 161.↩
26. Ibid. p. 341.↩
27. Ibid. p. 375.↩
28. Ibid. p. 376.↩
29. Ibid. p. 374.↩
30. BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. Op. cit. p. 323.↩
31. LUZ, Fortunato, coord. Op. cit. p. 493.↩
32. ROCHA, João Gomes da. Op. cit. v. III. p. 176.↩
33. Fontes: ELIAS, Beatriz Vicentini. *Vieram e ensinaram.* Colégio Piracicabano, 120 anos. Piracicaba: UNIMEP, 2001; ELIAS, Beatriz Vicentini. *Memória, encantamento e beleza.* Colégio Piracicabano, 125 anos. Piracicaba: UNIMEP, 2006; HILSDORF, Maria Lucia S. “Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da história da educação”. *Revista de Educação do Cogeime*, ano 11. n. 20, jun. 2002, p. 93-98; LONG, Eula Kennedy. Op. cit.; MESQUITA, Zuleica Coimbra, org.

Evangelizar e civilizar: cartas de Martha Watts, 1881–1908. Trad. Anna Magdalena Machado Bracher e outras. Piracicaba: UNIMEP, 2001; RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro*: uma historiografia de mulheres metodistas. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 92-93.↩

34. DANIEL, Tula C. apud MESQUITA, Zuleica, org. Op. cit. p. 155.↩
35. Apesar das fontes sobre Martha Watts informarem seu nascimento em 13 de fevereiro de 1845, citamos o ano de 1848, em virtude de uma carta que ela própria escreveu em 16 de fevereiro de 1900, afirmando: “Há três dias, completei meu quinquagésimo segundo aniversário”.↩
36. *Woman’s Missionary Society of the Methodist Episcopal Church of Soul. 3a annual report,* 1881. p. 6 apud ELIAS, Beatriz Vicentini. *Vieram e ensinaram*. Colégio Piracicabano, 120 anos. Piracicaba: UNIMEP, 2001. p. 39.↩
37. BARROS, Nicolau de Moraes. Trecho do discurso de setembro de 1958, na comemoração do aniversário do Colégio Piracicabano apud ELIAS, Beatriz Vicentini. *Vieram e ensinaram.* Colégio Piracicabano, 120 anos. Piracicaba: UNIMEP, 2001.. p. 43.↩
38. Martha Watts apud ELIAS, Beatriz Vicentini. *Vieram e ensinaram*. Colégio Piraci-cabano, 120 anos. Piracicaba: UNIMEP, 2001. p. 44-46.↩
39. LONG, Eula Kennedy. Op. cit. p. 66.↩
40. HILSDORF, Maria Lucia S. Op. cit. p. 97.↩
41. MESQUITA, Zuleica, org. Op. cit. p. 57.↩
42. *A Província de São Paulo*, 28/03/1883 apud HILSDORF, Maria Lucia S. Op. cit. p. 98.↩
43. Martha Watts, carta de novembro de 1887 apud MESQUITA, Zuleica, org. Op. cit. p. 79.↩
44. MESQUITA, Zuleica, org. Op. cit. p. 70.↩
45. Martha Watts, carta de abril de 1889 apud MESQUITA, Zuleica, org. Op. cit. p. 85.↩
46. MESQUITA, Zuleica, org. Op. cit. p. 108.↩
47. Ibid. p. 59.↩
48. LONG, Eula Kennedy. Op. cit. p. 66-67.↩
49. Ibid. p. 113.↩
50. Ibid. p. 117.↩

51. Ibid. p. 147.↩
52. Ibid. p. 148.↩
53. MORAES, Prudente de. “Martha Watts”, *Gazeta de Piracicaba*, Piracicaba, 20 de janeiro de 1910 apud RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Op. cit. p. 92-93.↩
54. MESQUITA, Zuleica, org. Op. cit. p. 11.↩
55. Ibid. p. 156-157.↩

Capítulo 4

Vozes educadoras: as missionárias pioneiras estrangeiras 2

O presidente Salles, do Brasil, era amigo dos missionários. Uma carta sua revelou que sua família fora educada em escolas evangélicas. Crianças católicas romanas podiam frequentar escolas evangélicas, quando a ida a uma igreja evangélica levaria a excomunhão. [...] Outras mulheres pioneiras mostravam entusiasmo por escolas. Os seis primeiros educandários evangélicos no Brasil foram organizados por senhoras.[1]

Foi com bastante desprendimento que missionárias estadunidenses deixaram seus lares e partiram para um país desconhecido. Sem ideia do que as aguardava, sem conhecer a língua e os costumes, saíram movidas apenas pelo sublime desejo de servir a Deus.

Ana Bagby, uma delas, escreveu um diário, contando sua experiência a bordo do navio. Partira recém-casada, acabara de sair da casa de seus pais e estava disposta a deixar de vê-los por longo tempo. Então, além dos enjoos, a jovem sofria com as saudades:

> Domingo, 27 de fevereiro
> Quão insípido é um domingo a bordo! Tive tanta saudade de minha mãe ontem à noite! [...] Chorei muito, minha bela mãe! Sua filhinha jamais a esquecerá. Sonhei que papai e eu éramos parceiros num jogo. Sonhei com o

> resto da família também. Parece que a noite é mais agradável que o dia. Oh! Meu Pai Celestial, fica comigo. Careço tanto de tua companhia. É imensa a minha solidão quando não sinto a tua presença a meu lado. Tu és tudo para mim.[2]

Ana, porém, era vocacionada. O objetivo de sua vida era ser missionária e a tristeza da despedida foi substituída pela paz de Deus em seu coração.

O mesmo ocorreu com Carlota Kemper, com a diferença de que ela veio solteira e assim permaneceu. Contudo, como Ana, fez do Brasil sua pátria e aqui morreu, após 45 anos no seu campo missionário.

A missionária Carlota foi considerada “a mulher mais sábia no Brasil”. Sua erudição era múltipla em: línguas, matemática, astronomia, história natural, teologia, filosofia e pedagogia.

Que privilégio teve o país de contar entre as suas primeiras educadoras com Sarah, Martha, Carlota e Ana, missionárias dedicadas, apaixonadas pelo evangelho e dispostas a educar crianças e jovens brasileiros.

A MISSIONÁRIA PRESBITERIANA CARLOTA[3] KEMPER (1837–1927): PROFESSORA HUMANITÁRIA E CAPACITADA[4]



Carlota Kemper.
Fonte: Acervo do Museu Presbiteriano Dr. Júlio Andrade Ferreira, Campinas, SP.

Amada, santa velhinha, talvez nunca suscitasse ciúmes numa festa dos deuses a que estivesses presente. Mas que importa? Tu tinhas muito mais! [...] a delicadeza do espírito, a cultura intelectual, e todos os primores de uma alma tão nobre e tão pura e generosa que à tua sombra muitas almas em flor foram colher frutos e saíram fartas e contentes. [...] Teu nome, Carlota Kemper, é uma preciosa pérola engastada num colar de grande preço e que algum dia será gravado nas páginas de ouro da história da mulher cristã, como já o teu nome está gravado no escrínio dos corações dos teus ex-alunos, teus filhos do Brasil.[5]

A missão no Brasil foi a segunda que a Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos estabeleceu no estrangeiro. Dois jovens ministros, Eduardo Lane e George Nash Morton, ofereceram-se para missões e chegaram em 1869.

O local de atuação foi Campinas, em São Paulo. A escola dominical e a escola noturna para adultos foram iniciadas, e esse foi o começo da obra educacional presbiteriana com o Instituto Campinas, posterior Colégio Internacional e Instituto Evangélico.

Carlota foi encaminhada para essa escola, não sendo a primeira missionária educadora no Brasil, mas o que a destaca é que ela se fez brasileira, amando profundamente seu campo missionário e manifestando o desejo de morrer nele. Mais tempo teria servido ao país se não tivesse chegado já com 45 anos.

A comissão executiva de missões hesitou em aceitar alguém com aquela idade, mas, como tinha excelente saúde, grande preparo, conhecimento de línguas e dedicação aos estudos, resolveu abrir uma exceção. E o futuro demonstrou ser essa uma decisão acertada, pois ela faleceu aos 90 anos, tendo vivido metade de sua vida como missionária no Brasil.

Sua instrução

Charlotte (Carlota) Kemper nasceu em 21 de agosto de 1837, na Virgínia. Era filha de William Samuel Kemper e Sarah Humphreys Kemper. Os antepassados de seu pai eram prussianos e os de sua mãe eram ingleses.

Seu pai quis dar-lhe excelente educação e a entregou aos cuidados de sua tia Patsy, proprietária de uma escola. Foi

bem difícil para a menina contemplar de perto a residência dos seus pais sem poder estar com eles. Uma vez ela fugiu para a sua casa, mas a tia a trouxe de volta. E, mais tarde, ela confessou: “Eu compreendi que a liberdade bem interpretada não significa fazer tudo o que nos agrada, e que obediência à autoridade é uma das pedras fundamentais do edifício do caráter”.[6]

Aos 7 anos ela foi enviada a uma escola pública para completar o curso primário, de onde foi transferida para uma escola do Norte que se supunha ser melhor do que as do Sul. Seu curso secundário ocorreu na chamada Academia de Charlottesville. Seu professor de ética, o escritor McGuffey, foi um grande amigo que a ajudava no preparo das lições e lhe contava histórias, prática repetida por ela quando professora.

A instrução de Carlota foi completa: clássicos, álgebra, geometria, piano e grego. Com 15 anos, a jovem foi para a Universidade em Richmond e estudou psicologia, ética, alemão, latim, italiano, francês, matemática avançada, física, botânica, violão e canto.

Bonanças e crises na juventude

Ao completar dois anos de estudos em Richmond, Carlota pôde relaxar lendo, tocando piano e guitarra, passeando e divertindo-se com jogos e charadas. Foi uma época feliz de risos e música. Aos 17 anos, ganhou um carro que usava, principalmente, para ir à igreja.

Após uma estadia em Gordonsville, onde seu pai fundou um colégio para meninos, a família mudou-se para uma pequena fazenda entre Alexandria e Mount Vernon, local e

época de agradável memória para Carlota. Mas os tempos alegres e descontraídos, infelizmente, acabaram e a jovem se viu diante de uma triste e inesperada realidade.

Por essa época, a guerra civil rebentou no sul dos Estados Unidos e arrasou tudo. Seus irmãos foram para a linha de fogo e seu pai serviu como oficial intendente. Carlota e sua mãe se mudaram para o Colorado, buscando refúgio durante quatro anos em vários lugares.

De 1861 a 1865, Carlota trabalhou como secretária de seu pai, no campo ou em Richmond. Ela experimentou os horrores e humilhações da Guerra Civil: "Com a derrota dos confederados, todos os bens de valor da família foram confiscados. Um oficial de Elmira, Nova York, mandou, em sua presença, encaixotar o seu piano e o enviou para sua esposa'.[7]

A jovem viu coisas terríveis, e esse triste período de sofrimentos ela denominou de anos nos quais a esperança e o desespero se alternavam.

Nos anos seguintes, foi professora particular e lecionou em diversas localidades e, por fim, em um seminário feminino, o Augusta Female Seminary, na Virgínia, onde foi professora dedicada e querida pelas alunas.

Quando a diretora miss Baldwin faleceu, deixou-lhe uma herança de 10 mil dólares, que Carlota investiu na construção de igrejas e na manutenção de seminaristas. Foi-lhe sugerido que guardasse um pouco para a sua velhice, mas ela respondeu que não precisava daquele dinheiro e gastou-o em benefício de outros.

VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

Carlota, em sua mocidade, ouviu a voz clara e distinta de seu Mestre: “Carlota Kemper, segue-me'. E sua resposta foi:”Eu te seguirei, Senhor, para onde quer que me mandares'. Durante todo o tempo de sua vida, nunca se esqueceu daquela voz.

A oportunidade de ser missionária surgiu após lecionar às jovens da Virgínia. Ela respondeu prontamente ao apelo feito pelo doutor Eduardo Lane, que a trouxe ao Brasil quando voltava dos Estados Unidos.

Ela foi a terceira missionária educadora enviada pelos presbiterianos. Chegando a Campinas, ficou encarregada da direção da Escola de Moças do Colégio Internacional, foi gerente financeira e lecionou diversas matérias.

Carlota teve como alunos líderes conceituados do presbiterianismo, como: Eduardo Carlos Pereira, Álvaro Reis e Erasmo Braga. O reverendo Álvaro Reis, posteriormente pastor da Primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, não se cansava de render tributos ao grande talento da mestra.

Em sua fase inicial, a escola passou por dificuldades para implantar um novo sistema de educação. Convinha adequar os métodos às necessidades locais e reformar os padrões de ensino, sem desvinculá-los da cultura do país.

Outros desafios eram: enfrentar a desconfiança do povo, encontrar mestres competentes, suprir a falta de livros, obter carteiras e outros materiais escolares e, principalmente, lidar com poucos recursos financeiros.

Carlota colaborou como pôde para o colégio e para a denominação. Ela preparou um livro de inglês para

brasileiros, que foi utilizado nas escolas do país por muitos anos, e traduziu livros didáticos.

A missionária era extremamente dinâmica e independente. Aos 50 anos possuía uma saúde de ferro: ensinava o dia inteiro, dirigia o internato e até tarde da noite estudava, traduzia ou escrevia. Deitava-se à meia-noite e acordava às cinco horas da manhã.

A epidemia de febre amarela

Campinas, um lugar agradável, salubre, acima do nível do mar, com ventos resfrescantes, limpo e bem tratado, estava tranquila, enquanto nas cidades litorâneas a peste atacava.

Chegou, porém, a calamidade, no ano de 1891, quando a cidade e municípios vizinhos foram devastados pela febre amarela. Muitos missionários morreram. Quando começou o terceiro surto epidêmico, os mais jovens e menos aclimatados foram retirados da cidade. Somente o doutor Lane e dona Carlota permaneceram. Depois de algumas semanas, ela adoeceu e o doutor Lane, ajoelhado junto ao seu leito, pediu a Deus que abençoasse a última dose de remédio que ele ia ministrar-lhe. Em poucas horas, ela melhorou.

Depois de uma semana, foi apanhado pela febre o próprio doutor Lane e dona Carlota cuidou dele até a sua morte. A missionária não pôde ir ao cemitério, mas escolheu as passagens e instruiu o criado para que fizesse o ofício protestante. A respeito do doutor Lane, declarou que “um dos mais nobres missionários que a Igreja já teve, e dos mais eficientes, foi tomado neste ‘carro de fogo’ da terrível febre amarela. Ele resolveu ficar na cidade infestada da

febre, para cuidar do seu pequenino rebanho, e, assim, deu a vida pelas ovelhas que o Senhor lhe havia confiado”.[8]

A administradora, evangelista e produtora de material didático

Não sendo mais possível manter a escola em Campinas, foi escolhida a cidade de Lavras, em Minas Gerais, para sua nova instalação por ser um local de bom clima e com possibilidades de se tornar um centro ferroviário. Para lá se encaminharam os missionários, que viajaram quatro dias de trem e algumas horas a cavalo.

A caravana chegou em 1º de fevereiro de 1893, liderada pelo reverendo Armstrong, e nela estava a destemida professora dona Carlota. A escola, denominada Instituto Gammon, foi aberta em dois pequenos prédios alugados e iniciou as aulas com poucos alunos.

Dona Carlota ocupava-se com a administração e com a visitação. Com seu espírito carismático, logo travou relações, sendo apelidada pelo povo da cidade de “a velhinha que anda depressa”. Com 55 anos, era considerada velhinha, mas tinha vigor da juventude.

Muitos eram seus encargos, entre eles o de tesoureira da missão, por seis ou sete anos. O fato de uma mulher cuidar das finanças causava admiração, e deu margem a falatório do vigário da cidade, afirmando que o demônio colocava o dinheiro nos sapatos dela.[9]

Naqueles dias, ouviam-se muitos “causos” sobre os protestantes. Acreditava-se que o dinheiro deles não prestava e se transformava em carvão. E, um dia, quando dona Carlota fazia compras à porta de sua casa, a criada do

vigário, que morava perto, resolveu verificar se o dinheiro dela viraria carvão. Como isso não aconteceu, contou a ele, que retrucou dizendo já ter abençoado aquele dinheiro, e por isso ele não se transformara.

Por acreditarem que os hereges tinham os pés fendidos, ela observou que o povo, quando passava por ela, olhava para o chão. Um dia sua criada a viu lavar os pés e exclamou: “Oh, os seus pés são iguais aos nossos! O padre tinha dito que os protestantes têm os pés fendidos como os de cabra!”.[10]

Durante vinte anos, a missionária foi responsável pela preparação das lições internacionais da escola dominical, que eram utilizadas no Brasil, em Portugal, nas colônias portuguesas nos Estados Unidos e nas ilhas do Havaí. Traduziu livros e textos para utilização no colégio e sermões para a pregação de ingleses e estadunidenses.

Além disso, nunca se descuidou de seu trabalho evangelístico, pois o amor às almas perdidas a levava de casa em casa e, principalmente, aos lares mais humildes, onde deixava literatura e palavras de conforto, além de ajudar de outras maneiras.

A professora capacitada e amiga de seus alunos

Tendo passado praticamente a vida inteira em sala de aula, dona Carlota lecionou muitas disciplinas e era consultada como se fosse uma enciclopédia. Centenas de jovens frequentaram suas aulas e foram auxiliados na busca do conhecimento. A mestra demonstrou em seu diário sua preocupação para com eles:

> Às vezes entre moças que mal desabrocharam para a vida, outras entre moços que viviam sonhando os seus sonhos – sonhos áureos – do que viriam eles a ser, quando, fechando as portas da escola [...] com o diploma na mão, tivessem de lançar os seus barcos no oceano da vida ativa. [...] Eu estremecia ao pensar nos possíveis naufrágios, ao penetrarem nestas traiçoeiras águas as engalanadas embarcações tão ricas de sonhos e de belas esperanças. E a oração que tem subido e ainda sobe deste coração ao Trono é esta: "Senhor, ajuda a estes jovens navegantes no mar desconhecido".[11]

Sua bondade para com os candidatos ao ministério pastoral era conhecida de todos. Muitos estudantes lhe pediam dinheiro emprestado, e nunca voltavam de mãos vazias, mas alguns não eram escrupulosos no pagamento. Ao ser criticada por se deixar levar pelo coração, respondeu que não deixaria de ajudar porque os rapazes precisavam de roupa decente para pregar: "Eles devem ter o orgulho próprio dos moços quanto à sua aparência pessoal. Se eu puder auxiliá-los na compra de uma gravata, de uma camisa ou um par de sapatos, eu o farei com prazer".[12]

Dona Carlota também impressionava os que a conheciam por sua grande cultura. Ela gostava de ler os clássicos latinos, resolver problemas de trigonometria e fazer cálculos, achando fascinantes os logarítimos. Escrevia latim com perfeição e repetia a oração dominical em oito línguas: latim, grego, italiano, espanhol, alemão, francês, português e inglês.

A missionária era excelente também em engenharia. Após a conclusão do edifício do ginásio, houve o problema da água para o prédio e a chácara. O professor de matemática e o doutor Gammon estavam estudando a questão das bombas, rodeados de livros sobre o assunto:

> Sem dizer nada d. Carlota foi para o quadro-negro [...] e começou a fazer uma porção de cálculos. Ela não tinha livro à mão, mas ia ilustrando tudo com desenhos de êmbolos, canos curvos e bombas, o que levou o Pascoal (Pita), que pretendia estudar, a dizer: “Esta velhinha acaba mais é se afogando num mar de figuras e desenhos, sem achar saída. Imaginem querer ela saber mais do que os homens”. [...] Afinal ela acabou as operações e do outro lado do quadro-negro disse simplesmente: “A bomba que os senhores propõem não serve. É preciso que seja um carneiro hidráulico com tal e tal força, com um cano desta largura etc.”. Os homens concordaram, e o dr. Luebeck (o professor de matemática) deu-lhe a mão: “Eu a felicito e me orgulho de aprender com a senhora”.[13]

Dona Carlota possuía a dignidade dos pensadores, era brilhante e vigorosa, feminina, apreciadora da beleza e das coisas delicadas, gostava de costurar e de cozinhar e se vestia bem e com simplicidade.

Ela foi uma verdadeira mestra. Amava a sua profissão e conseguia fazer com que seus alunos amassem o estudo. Sabia dar aos fatos antigos um colorido moderno, interpretando-os de acordo com a situação. Seus antigos discípulos são testemunhas sobre sua minuciosidade como professora e sua infinita paciência com alunos menos inteligentes.

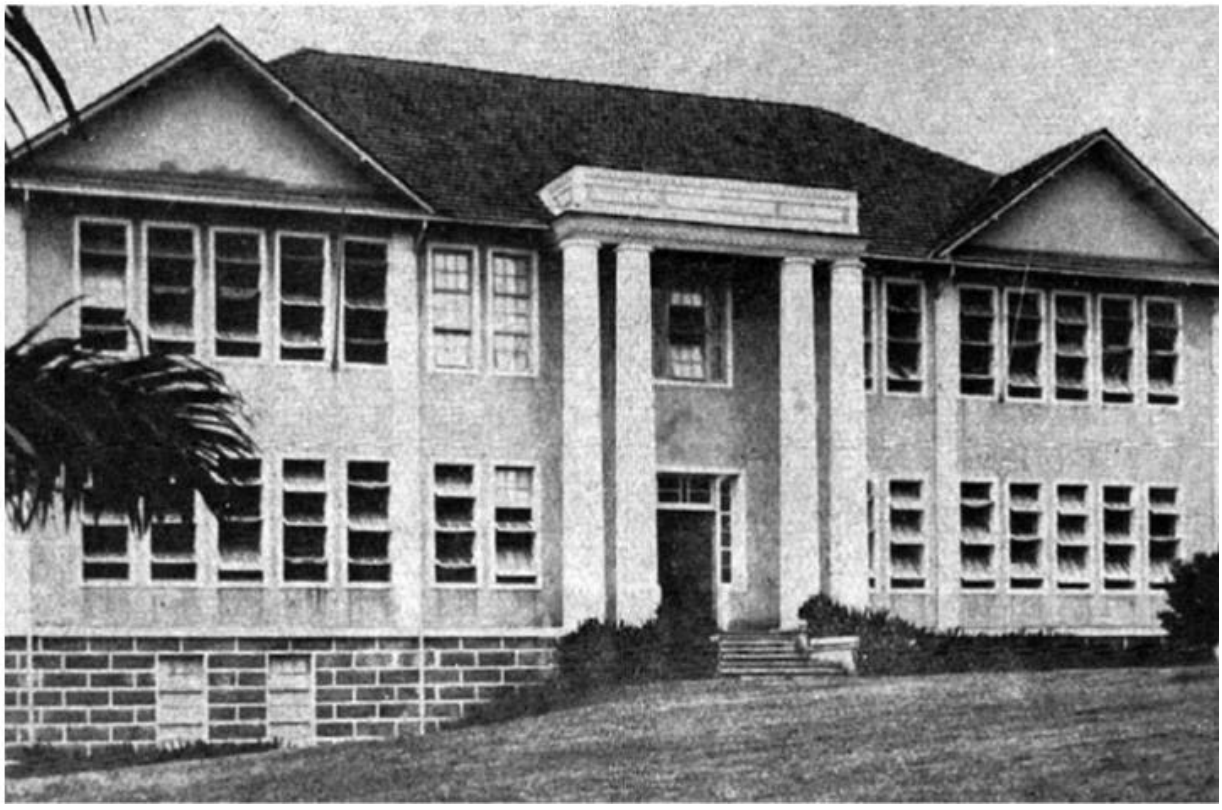
A qualquer hora do dia ou da noite, eles podiam procurá-la para pedir alguma informação e ela tinha prazer em atendê-los. Seus favoritos eram os rapazes, e as moças ficavam enciumadas, então explicava: “Eu não tive irmãs. Meus irmãos foram os meus companheiros e o meu coração parece pender sempre a favor dos moços”.[14]

Dona Carlota sabia que os rapazes teriam maior responsabilidade na entrega da mensagem do evangelho, pois ela própria nunca falava em público diante dos homens, nem mesmo para fazer uma oração. Quando

obrigada a se assentar no púlpito, não dizia uma palavra sequer e, se isso se tornasse absolutamente necessário, pedia a alguém que falasse por ela. Pertencendo à escola tradicional estadunidense, trouxe esse costume de que mulher não devia falar para homens. Mas ensinar podia? Qual é a diferença?

Carlota podia preferir os rapazes, mas foi uma escola de moças que ela fundou e que, posteriormente, recebeu o seu nome.

O Colégio Carlota Kemper



Colégio Carlota Kemper.
Fonte: SYDENSTRICKER, Margarida.*Carlota Kemper,*p. 36.

Em janeiro de 1894, foi alugado um sobrado que, após três anos, foi adquirido para a instalação de uma escola de moças. Em 1908, recebeu o nome de Colégio Carlota Kemper, numa justa homenagem àquela que foi sua organizadora e ainda o servia.

O ensino da Bíblia era ministrado em todos os anos. O ideal da escola era de que as moças brasileiras fossem preparadas para o melhor serviço em seus lares e em suas igrejas. O colégio oferecia um curso de onze anos, desde o jardim de infância, o primário, e até o ginasial, com cursos de artes domésticas, música, desenho, pintura etc.

A missionária humanitária

Uma vez uma aluna lhe perguntou por que nunca tinha se casado, ao que ela respondeu que sempre fora feia. Conta-se que chorava muito quando criança porque seu pai dizia que precisava ser muito simpática para compensar sua feiura. Mas ninguém a considerava feia, pelo contrário: sua atração pessoal e sua personalidade empolgante embelezavam seu espírito e impressionavam a todos.

E o mais importante era que sua humanidade a tornava linda espiritualmente. Extremamente bondosa, quando estava em Campinas, dona Carlota doava mantimentos ou pratos de sopa aos pobres que nos sábados batiam à sua porta. E a todos falava de Cristo. Leprosos vinham a cavalo, e só Deus pode mensurar os benefícios daquela semente lançada.

Em Lavras, num dia frio e chuvoso, dona Carlota convidou uma missionária recém-chegada para ir com ela visitar uma

família negra que morava longe. A lama era tanta que parecia impossível caminhar. Ao chegarem:

> Um velho paralítico jazia no leito, enquanto a filha com diversas crianças se acotovelava no único recanto da casa em que não chovia. As faces do velho se iluminaram quando viu d. Carlota. Ele parecia compreender que ela poderia dar-lhe alguma coisa mais preciosa do que alimento e roupa, embora estes não lhe fossem menos necessários. Calmamente, ela pegou a Bíblia e perguntou-lhe que passagem desejava ouvir. A nova missionária não compreendia ainda a língua portuguesa, mas alcançou desde logo uma visão nova da obra missionária e do que a vida, o ensino e o exemplo de d. Carlota significam para todas as classes.[15]

Aquela jovem foi impactada pelo exemplo da missionária, e anos depois também penetrava em centenas de lares pobres e sofredores, inspirada por aquela visita.

Muitas são as histórias de seus atos caridosos. Em Lavras, era sempre vista em companhia de Maria Isabel, a filha do doutor Gammon, com cestas de roupas e alimentos, distribuindo-os aos pobres. Ela não gostava de dar coisas velhas, comprava tecidos e os costurava, ou doava suas próprias roupas.

Seus últimos anos

Aos 70 anos, cozia e fazia crochê; aos 75 anos, temendo ficar cega, decorou toda a Epístola de Hebreus; e, com 80 anos, por ocasião da gripe espanhola, assumiu a cozinha, fazendo o caldo para os doentes. Sempre demonstrou um espírito feliz e agradecido: “Quando a idade, por demais avançada, envolveu seus dias nas sombras da cegueira completa, nem assim, naquelas longas horas de tédio, revelou amargura”.[16]

Dona Carlota levantou uma oferta para a construção do novo prédio do Colégio Carlota Kemper, e teve a alegria de ver o novo edifício pronto. Dez dias antes de ficar acamada, percorreu todas as dependências, dizendo: “O novo Kemper está pronto; a velha Kemper pode morrer”.

Durante seus últimos anos, seu hino predileto foi: “Da linda pátria estou mui longe, cansado estou. Eu tenho de Jesus saudades, quando será que vou?”. Aproximava-se o momento de sua partida.

No dia 1º de março de 1927, sofreu uma ligeira crise de paralisia, provavelmente um AVC. Nos primeiros dias sofreu bastante. A mente, que sempre fora lúcida, vacilava. Depois cessaram as dores e ela se queixava apenas de cansaço. Finalmente, não reclamava mais, parecia alheia a tudo e só respondia quando lhe perguntavam como estava.

Sua fraqueza foi se acentuando e no dia 15 de maio de 1927, um domingo, partiu ao encontro do seu Senhor. O doutor Gammon narrou que seu rosto havia se transformado depois da morte e que ela estava bonita, como se dormisse: “Sua face, de longa data desfigurada pela paralisia, se relaxara, dando-lhe a aparência de vinte anos menos. Seus cabelos brancos, ondeados, pareciam uma coroa de glória”.[17]

O enterro da linda missionária educadora foi um dos maiores daquela época em Lavras, com todas as classes, credos e raças representadas. Chamada, com razão, de “Miss Bondade”, amou profundamente os brasileiros e se preocupou com suas enfermidades e necessidades.

Em reconhecimento ao seu trabalho, seu nome foi gravado em placas de ruas em Lavras e no Rio de Janeiro.

Mas a maior honra foi ter sua memória impressa no coração de seus alunos e sua influência marcada no caráter de jovens brasileiros, dos quais foi mestra bondosa e dedicada.

A MISSIONÁRIA BATISTA ANA BAGBY (1859–1942): ESPOSA, MÃE, EVANGELISTA E EDUCADORA[18]

“Almas, almas, são o que desejo de salário [...] quero ver de novo o milagre da conversão!”, dizia. Ela havia escrito à família nos Estados Unidos: “Tenho estado longe do trabalho tanto tempo que sinto fome por ele” [...]. “Os homens são tão abençoados pelo seu ministério às massas através dos púlpitos”, comentava ela. Um colégio lhe forneceria comparável, se não superior, influência.[19]

Ana Bagby declarou que os homens podiam alcançar muitas almas falando a grandes multidões, e que ela também queria um ministério assim. Sua filha Helena informou que precisara falar no funeral do pai, mas o fizera constrangida, pois não era costume que as mulheres falassem publicamente, o que reforçou essa declaração de sua mãe. Contudo, essa mentalidade era fruto apenas da tradição humana, pois com certeza não foi transmitida por Cristo.



Anne Luther Bagby.
Fonte: Acervo do *Texas Baptist Historical Collection – Baptist General Convention of Texas.*

Ana Bagby foi missionária e esposa de missionário. Ela atendeu ao apelo para o campo no Brasil e não se sentia realizada apenas como evangelista na esfera do seu lar. Sua vocação pedia-lhe uma participação mais ativa, contudo, considerava que as tarefas das esposas eram mais árduas

que as dos maridos: “Pois inadiáveis trabalhos domésticos (como o parto e o cuidado da prole) frequentemente interferiram com a aprendizagem do(s) idioma(s) do povo com quem deveria trabalhar ou com o ‘trabalho missionário’ como tal”.[20]

Conhecida pelos batistas brasileiros como a pioneira batista estadunidense, foi uma verdadeira e completa missionária. Além de seu trabalho como educadora e evangelista, foi esposa exemplar de um pastor abnegado e mãe extremosa, que legou filhos para a educação e evangelização da pátria brasileira e da nação argentina.

Infância, namoro e chamada para o campo missionário

Anne (Ana) Ellen Luther nasceu em Kansas City, Missouri, em 20 de março de 1859. Era filha do pastor e professor John Hill Luther e de Anne Luther, descendentes de huguenotes franceses. Aos 11 anos, ela se decidiu por Cristo e, um ano depois, foi batizada nas águas geladas do rio Mississippi.

Inicialmente, a menina estudou em casa e depois fez os cursos complementares. Em 1877, seu pai foi pastorear uma igreja em Galveston e sua família mudou-se para o Texas. Convocado para dirigir o Baylor College, John Hill encarregou a filha, uma moça franzina de apenas 1,52 metros de altura e 42 quilos, de ser a professora de matemática.

Ana sonhava em ser missionária e um diálogo registrado em sua biografia relatou a conversa entre suas alunas que a admiravam, respeitavam e notavam seus olhos vermelhos:

> – Interessante – comentou uma aluna, certa vez –, você já reparou nos olhos vermelhos da professora de manhã? – Sim – respondeu a outra –, dizem que ela molha o travesseiro de noite, chorando, porque se sente chamada para ser missionária. – Quem a obriga a isso? – insistiu a primeira. – Deus – declarou a segunda.[21]

Em Calvert, onde foi enviada como mensageira à primeira Convenção de Escolas Dominicais, conheceu seu futuro esposo, William Buck Bagby, a quem logo declarou que queria ser missionária.

Já o namorado, William, pensava em ser pastor. Por isso, em 1879, ela lhe escreveu uma carta afirmando que a esperança de ser missionária era sua vida: “Lembra-se, sr. Bagby, que o senhor disse que eu seria mais feliz se não fizesse planos de ir como missionária para o estrangeiro? Pois eu me sinto muitíssimo feliz em fazê-los”.[22]

Hawthorne, agente de missões estrangeiras, que conhecera o Brasil e ficara impressionado com a hospitalidade recebida, soube do chamado de Ana, a procurou e lhe propôs o desafio de ser pioneira no Brasil. Ela prontamente aceitou o convite, mas lhe disse que ele precisaria convencer William.

O jovem, que acabara de ler o livro *O Brasil e os Brasileiros* e tinha desejo de conhecer a América do Sul, recebeu a visita de Hawthorne e uma carta de Ana:

> Imagine só! O general Hawthorne quer que eu vá para o Brasil. Ele declara que o povo é bom e agradável, o governo, favorável ao cristianismo, e, ainda, que o clima é excelente. [...] Papai está contente por eu o ter escolhido para meu futuro lar. Mamãe e tia Addie o aprovaram da mesma forma. Parece-me que o dedo da Providência Divina aponta nessa direção. Agora, quando? Sinto que seria melhor entrar imediatamente no trabalho. Sempre tive receio de demoras. Não quero atrapalhar os seus planos. Dizem-me que posso ir sozinha, mas que seria muito melhor se estivesse

casada. O general Hawthorne garante meu sustento. Ele diz que sabe que poderia, sem dificuldade, angariar todos os fundos. Penso que seria muito melhor eu ir enquanto sou lembrada por minhas alunas e amigas, se preciso depender delas para meu sustento. Sr. Bagby, de maneira alguma quero interferir em seus planos. Estou disposta a manter nossa decisão: estou pronta a ir sozinha e esperar pelo senhor, ou irmos juntos. Afinal, decida como o senhor achar melhor.[23]



Anne Luther.
Fonte: Acervo do Texas Baptist Historical Collection – Baptist General Convention of Texas.

Percebe-se a determinação de Ana de que, com a decisão tomada, iria para o Brasil; cabia a William decidir se iria com ela ou depois:

> Resolvido. A decisão está tomada. No que depende de mim estou pronto a ir para o Brasil no momento em que a junta nos mandar. Não foi um capricho ou impulso que me moveu, mas uma consideração cuidadosa, intensa, em oração, e espero que o nosso Pai esteja na direção [...]. Lamento que não tenha chegado a esta decisão antes de partir daí, mas eu temia dar um passo errado. Achei que qualquer pressa indevida podia acabar mal. Nunca senti pressão de sua parte, mas considerei que você estava agindo com a devida independência. Você não imagina como todo o futuro me parece radiante esta manhã, com o desaparecimento da neblina e da demora, de que tanto temos falado.[24]



William Bagby.
Fonte: https://decpibrj.com.br/pr-william-buck/. Acesso em 24 set. 2021.

William escreveu para a irmã contando de sua ida para o Brasil e do bem que lhe faria casar-se com Ana: “A companhia de certa jovenzinha mui querida me abençoará nos dias vindouros”, afirmou ele.

Casamento e chegada ao Brasil

Eles se casaram no dia 21 de outubro de 1880 na Igreja Batista de Indepen-dence, no estado americano de Missouri, e partiram para o Brasil no dia 17 de janeiro de 1881, em um navio cargueiro à vela que exportava farinha de trigo e importava café.

Em seu diário, Ana relatou: “Terça-feira, 18 de janeiro de 1881. Tenho estado enjoada o dia todo, mas não acho tão ruim como pensei. Na opinião do sr. Bagby, porém, é coisa horrível e muito desagradável [...] Sexta-feira, 21 de janeiro de 1881. Sr. Bagby está passando mal com enjoo, nada para no estômago. Você tem a minha simpatia, meu querido esposo!”.[25]

Após 48 dias de viagem, chegaram à Baía de Guanabara e avistaram as palmeiras do Brasil. Sem ninguém para esperá-los, Bagby se dirigiu à administradora do navio para descobrir o endereço do doutor Coachman, um dentista a quem Hawthorne enviara uma carta de recomendação.

Ao chegar ao consultório, descobriu que o doutor viajara para os Estados Unidos. O que faria? Passados poucos minutos, um ex-soldado sulista entrou e, ao ser apresentado a Bagby, disse que tinha uma carta para ele.

Bagby chamou essa correspondência de “uma carta do céu”; era um convite da sra. Mary Ellis para que se hospedassem em sua residência, em Santa Bárbara, até decidirem onde ficariam. A providência de Deus é fantástica. Basta a disposição do cristão para o serviço e ele faz o resto.

Ao chegarem à colônia dos estadunidenses, Ana escreveu em seu diário: “Estamos muito alegres entre nossos novos amigos. São todos cidadãos do estado de Alabama. Uma

das filhas da dona da casa, sra. MacIntyre, combinou de me ensinar a língua portuguesa em troca de aulas de música”.[26]

A alegria continuou com o recebimento de cartas da família. Dias depois, a saudade bateu forte e Ana chorou com saudades dos pais: “Não pude me controlar e nem estava em condições para buscar o auxílio divino. Sr. Bagby orou por mim. Será pecado ter saudades, às vezes? Será pecado chorar?”.[27]

De Santa Bárbara, o casal foi para Campinas estudar a língua no Colégio Internacional. Lá foram úteis, ocuparam-se e ficaram por quinze meses. Ana lecionou diversas matérias, dirigiu o internato feminino e ensinou música para algumas alunas. Foi em Campinas que nasceu a primogênita Ermine.

Em 9 de março de 1882, chegaram ao Brasil Zacarias Taylor e sua esposa, Kate, enviados pela Junta de Richmond para auxiliar os Bagby na evangelização. Juntos decidiram sobre o local mais adequado para iniciarem seu trabalho. Escolheram a cidade de Salvador e para lá partiram juntamente com o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, a esposa e quatro filhos.

O início do trabalho na Bahia

O grupo chegou à capital baiana, e por três meses as famílias residiram na mesma casa. Depois, mudaram-se para um sobrado de três andares, no antigo colégio de jesuítas. Lá, cada família pôde ter o seu apartamento separado. No mesmo edifício foi preparado um salão para

duzentas pessoas, três salas para escola dominical, um quarto para depósito de livros e um escritório.

Em 15 de outubro de 1882, foi organizada a Primeira Igreja Batista da Bahia com cinco membros: William e Ana Bagby, Zacarias e Kate Taylor e Antônio Teixeira de Albuquerque (os missionários com cartas de transferência da igreja em Santa Bárbara, e o ex-padre com carta de transferência da igreja da Estação, atual cidade de Americana).

Ana estava pronta a fazer qualquer coisa, mas deixou claro em seu diário que seu dom natural e o desejo de seu coração era a evangelização. Ela estava ansiosa para dominar o português e poder evangelizar o povo brasileiro.

> Agora estamos realmente prontos para iniciar o trabalho. Sr. Bagby já está pregando em português e o sr. Taylor lê os sermões que ele mesmo prepara.
>
> Naturalmente d. Kate e eu estamos ansiosas para iniciar classes bíblicas com as senhoras e visitação aos lares, além dos outros trabalhos da igreja. Meu coração como que dói pela ansiedade de começar o trabalho evangelístico, embora esforçando-me, para fazer qualquer coisa, enquanto espero.[27]

A primeira pessoa convertida na Bahia foi Emília, sua empregada. Ana evangelizou todos que com ela trabalharam. As primeiras pessoas a fazerem profissão de fé foram mulheres: Emília, Senhorinha Francisca, a esposa do ex--padre, e Mary O’Rorke.

Com o crescimento da igreja, começou também a perseguição. O interesse do povo despertou a atenção do clero local e das pessoas por ele dominadas. Contudo, os obreiros corajosos estavam dispostos a enfrentar o que fosse. E Ana pediu aos pais: “Não temam, porém, se Deus

quiser que um dos pastores morra pela causa ou que uma das esposas perca um bom e nobre marido, estamos prontos para o sacrifício".[29]

No final de 1883, a igreja estava com 25 membros e a escola dominical, com 35 alunos. Os novos crentes eram dedicados e ativos, e os missionários alegravam-se com o progresso da obra.

No início de 1884, Bagby foi preso quando tentava realizar batismos, acusado de cultuar em lugar público, o que era proibido por lei. Logo no início, batizavam em regatos, rios e na praia. Mas, com o impedimento, passaram a batizar em tanques nos pátios das casas ou em lugares ocultos à noite.

Uma certa noite, o missionário foi apedrejado quando realizava um culto e ficou inconsciente por alguns instantes. Recobrando os sentidos, continuou a celebração e realizou um casamento. Taylor, ao saber do acontecido, declarou que a ferida era a coisa mais bela que já vira, e que preferiria ter uma marca como aquela a possuir a coroa de qualquer rei da Europa.

Após dois anos na Bahia, o casal Bagby seguiu para o Rio de Janeiro. William era um evangelizador por excelência e um plantador de igrejas. Mesmo sendo poucos os resultados nos primeiros anos na capital, a conversão de Francisco Fulgêncio Soren abençoou o trabalho batista no Brasil. O jovem foi para os Estados Unidos preparar-se para o ministério e se tornou o pastor da igreja onde se convertera, liderando-a por quase quarenta anos.

Ana Bagby: enfrentando a morte dos filhos

> Prefiro que meus filhos morram agora a vê-los crentes frios, pois eu os quero inflamados com amor por Jesus. Não é desejo de Deus que nenhum de nós se torne frio ou indiferente na sua obra. Mesmo que seja necessário perder aquilo que mais amo na terra, eu não me oporei, se isso for necessário para manter o meu calor espiritual.[30]

No início de 1886, Ana passou por duras provas quando seu esposo quase morreu de febre amarela. Chegando a época de férias, embarcaram com os três filhos – Ermine, Taylor e Luther – para os Estados Unidos.

A filha saudosa ficou muito feliz ao rever seus pais queridos, mas sofreu um duro golpe quando em sua terra natal perdeu o pequeno Luther, ou Lutero, de 3 anos de idade, devido à febre escarlatina. Na ocasião, escreveu:

> Confio que Deus guardará o meu
> Lutero Para um dia unir-nos de novo,
> Onde mamães e seus bebês para sempre, espero,
> Estarão com Jesus e seu povo[31]

Após quinze meses, regressaram ao Brasil, acompanhados de uma nova missionária, miss Maggie Rice. Em 8 de fevereiro de 1888, Ana deu à luz Willson Jaudon, o que compensou um pouquinho a perda do pequeno Luther.

O Rio de Janeiro sofria com a epidemia de febre amarela,[32] e miss Maggie, que já fazia progressos na língua e conquistava a todos com sua simpatia, faleceu vítima da febre.

O lar de Ana sofreu terrível nova perda quando, em 6 de agosto de 1891, morreu repentinamente seu quinto filho, John Zolli, com grave infecção intestinal. Ele tinha apenas 14 meses e foi uma ocorrência muito triste.

Carta de Ana Bagby sobre o falecimento de seu filho

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1891.
É difícil descrever [...] o pequeno John, nosso ZoUi, caiu doente com um forte resfriado na segunda-feira, há duas semanas,
mas teve febre alta somente umas horas e estava inteiramente são
no sábado e no domingo seguintes. [...] Na segunda-feira, ele
parecia um pouquinho adoentado, mas não me preocupei. Na
terça-feira, mandei chamar um médico, temendo febre intermitente. Isso eliminanos com quinino, ele aceitou bem.

Quarta-feira de noite, começou um problema intesdnal. O médico considerou o menino em tão boas condições que nem veio na quinta. Na sexta-feira ele descobriu que a criança estava ameaçada com bronquite, e de tarde voltou com o dr. Camargo, um brasileiro em
quem temos muita confiança. Ele disse que o dr. Cleary estava preocupado sem moüvo. Disse-me que meu filho ficaria bom. [...] Sua febre se foi na terça-feira, mas infelizmente ele dava sinais de perturbação cerebral.

Oh, como agonizei uma semana inteira em oração! Deus me fez pronta a cedê-lo, mas, oh, eu não podia vê-lo sofrer, se bem que me

diziam que ele estava inconsciente! Isso levou dois dias inteiros e uma noite e meia, morrendo o nosso querido!

Quarta-feira à noite, ou quinta-feira de manhã, mrs. Rogers, miss Ema e eu lavamos seus membros gordinhos e feições de cera e vestmo-lo [...] e deitamo-lo no seu carrinho branco, para aguardar seu caixão. Quando veio o caixãozinho, nós o rodeamos de flores.

Ele era a teteia da igreja e da vizinhança. Ninguém, ao vê-lo, deixava de admirar o tamanho desse bebê rosado. Todos os membros da igreja vieram ao enterro. [...] Os missionários metodistas também vieram e haviam até ajudado a cuidar dele, e o casal| Rogers, vizinhos presbiterianos, levaram nossos filhos para a casa deles, para dormirem lá duas noites, e vieram nos fazer companhia. O sr. Rogers não dormiu duas noites.

Às cinco horas da tarde cantamos um hino em inglês e depois em português, üvemos leituras da Bíblia, em ambas as línguas, e depois nosso bebê foi levado ao belo cemitério do Caju. [...]

Junto ao seu pequeno corpo, imóvel na morte, tive a oportunidade de explicar, a vários vizinhos, o plano de salvação,

e creio que
sua morte será o meio de trazer não poucos a Jesus. [...]

Agora, meus queridos, não lamentem a nossa tristeza. Na realidade não me lamento. Sinto-me só, mas não posso desejá-lo de volta. Se eu pudesse esquecer suas últimas horas de sofrimento e
lembrar somente sua brilhante, linda vidinha de quatorze meses,| poderia sentir-me feliz novamente. Afinal de contas a separação é por pouco tempo.

Não se entristeçam.|

(*Anne–1891*)[33]

Naquele difícil período de suas vidas, os Bagby mudaram de residência por quinze vezes para escapar dos males da falta de saneamento. Eles aprenderam que não podiam habitar em casas pequenas ou em regiões de aluguéis mais baratos, e sim em casas espaçosas e ventiladas.

Mais de vinte anos depois, quando moravam em São Paulo, o casal Bagby sofreu a trágica perda de mais um filho. No feriado de 7 de setembro de 1912, o colégio dirigido por Ana e a Primeira Igreja Batista de São Paulo realizaram um piquenique na praia José Menino, em Santos. Quatro rapazes do grupo alugaram um barco. O barco virou e dois morreram afogados: Willson, filho dos Bagby, e Luís, seu amigo. Os corpos estavam desaparecidos, e Ana então

orou: “Senhor, se levaste para ti a alma do nosso filho, permite que tenhamos o seu corpo intacto”.[33]

O local onde ocorrera o afogamento era conhecido por não deixar retornar os corpos afogados, a não ser depois de dois ou três dias e sem condições de reconhecimento. Porém, Deus atendeu ao apelo da mãe angustiada e os corpos retornaram à praia, o que foi considerado um milagre.

> Willson era bom nadador e, apesar das roupas inadequadas, teria escapado de morrer, não fora, conforme testemunharam os companheiros, o seu empenho em salvar o amigo que não era crente. Por duas vezes conseguiu trazer Luís à tona, mas este em seu desespero, agarrando-se ao pescoço daquele que tentava salvá-lo, sufocou-o fazendo-o afundar.[35]

As circunstâncias em que ele morreu serviram de conformação para seus familiares, especialmente para a corajosa mãe, que mandou colocar em sua sepultura uma Bíblia aberta com a inscrição de João 15.3: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida por seu companheiro”.

O jovem Willson dava aulas gratuitas de inglês a Luís, procurando ensinar-lhe o evangelho:

> A causa da morte de Willson em si tem sido um bálsamo para a dor através dos anos. Mas o misterioso desaparecimento de seu irmão e meu, Olavo (Oliver), sete anos depois, quando uma rara carreira médica no campo missionário lhe era oferecida, tornou-se uma chaga aberta no coração da família, que só o Espírito de Deus tem podido sanar. No ano de formatura na faculdade de medicina de Galveston, Texas, ele subitamente desapareceu, em 19 de fevereiro de 1919. Nunca mais tivemos notícia dele.[36]

A sofrida Ana escreveu que agora entendia como as pessoas podiam enlouquecer e que estava esperando em

Deus para se alegrar. Dois filhos faleceram na infância, um faleceu na juventude e um estava desaparecido... quanta dor para um único coração de mãe.

Uma Bíblia que foi lhe dada por suas filhas Alice e Helena, no Natal de 1940, traz suas anotações, uma foto de seu filho desaparecido e uma breve genealogia de sua família, com os nomes dos filhos, locais e datas dos nascimentos e falecimentos:

1. Ermine, Campinas, Brasil, 2/7/1881
2. Luther Henry, Bahia, Br. 15/09/1883, (*Belton, Tex*) morreu (il)/8/1886
3. Taylor Crawford, Rio, Br. 29/05/1885
4. Willson Jaudon, Rio, Br, 5/2/1888, (Santos) morreu 7/9/1912
5. John Zollie, Rio, Br, 10/06/1890? (Rio, Br) morreu 3/8/1891
6. Oliver Halbert, *Waco, Tex* 25/08/1895, morreu 5/2/1919
7. Alice Anne, Rio, Br, 20/06/1896?
8. Helen Edna, Friburgo, Br, 13/08/1900
9. Albert Ian, São Paulo, 26/(il)/190?[37]

Chama a atenção o fato de Ana ter considerado o filho Oliver como morto, na mesma data de seu desaparecimento, como se fosse um pressentimento de mãe.

O colégio em São Paulo

Quando esta instituição deixar de ganhar almas para ti, Senhor, deixa-a morrer.[37]



Casal Bagby com alunos e professores do Colégio Progresso Brasileiro, São Paulo (1910–1911).
O pastor Bagby e Ana estão na última fileira, ao centro.
Fonte: Acervo do *Texas Baptist Historical Collection – Baptist General Convention of Texas.*

O casal Bagby permaneceu no Rio de Janeiro por quase dezesseis anos. Após a organização da primeira igreja batista, cooperação denominacional e desenvolvimento de liderança, o pastor fez trabalho itinerante e organizou novas igrejas.

Em relatório à junta, ele reforçava que sua principal missão era evangelística e que a principal atividade do missionário não devia ser limitada, “mas sim deve pregar o evangelho em muitos campos. [...] Não sentimos ser plano de Deus mandar-nos ao Brasil para sermos pastores provisoriamente das igrejas que organizamos. Consideramos esse trabalho secundário”.[39]

Em outubro de 1900, quando retornou dos Estados Unidos, o doutor Soren assumiu o pastorado da igreja do Rio e o doutor Bagby pôde sair de férias, em companhia de Ana e dos filhos: Taylor, Willson, Oliver, Alice e Helena, recém-nascida. Ermine já estava nos Estados Unidos.

De volta ao Brasil, fixaram residência em São Paulo, onde o grande desejo do coração de Ana tornou-se realidade com a fundação do Colégio Batista. Deveres caseiros e as exigências de oito bebês, com a perda de dois, tinham reduzido em vinte anos o tempo e energia que desejava dedicar à evangelização, mas aquele colégio lhe concederia a oportunidade desejada.

> Em nossa vizinhança, mantinha uma escola particular a sra. Mary McIntyre, que nos convidou para assistirmos à sua festa de encerramento. Ficamos encantadas. Soubemos, então, que ela desejava vender a instituição; e, tendo eu motivos para crer que a União Geral de Senhoras do Sul dos EE.UU. daria forte apoio a tal empreendimento, indaguei das condições. Ela oferecia o seu nome e influência, juntamente com algumas escrivaninhas bastante estragadas por 10.000$000, afirmando que o lucro mensal, eliminadas as despesas, montava a 2.000$000. [...] Não havia tempo para consulta com a nossa Junta de Richmond, e, estando nós em vésperas da data de abertura dos colégios, consultamos os nossos companheiros de trabalho, os casais J. J. Taylor e A. B. Deter, que nos deram seu inteiro apoio. Fechamos, portanto, o contrato e dedicamo-nos, eu e a ex-diretora, a visita aos alunos. [...] No dia 10 de janeiro de 1902 fundou-se, portanto, o “Colégio Progresso Brasileiro”, exibindo em seu letreiro, em letras garrafais, o nome

da ex-diretora, à Alameda dos Bambus, nº 5, no mesmo prédio ocupado previamente por 32 alunos e suas professoras.[40]

Quem vendeu o colégio foi Mary Ellis McIntyre, que ensinara português para ela em troca de aulas de música, em Santa Bárbara. Ao adquirir o Colégio Progresso Brasileiro, Ana tinha clara a visão do trabalho, que unia a educação à evangelização, pois queria ganhar os estudantes para Cristo.

Antes mesmo da abertura, já havia muitas alunas matriculadas, filhas das melhores famílias paulistanas. Ermine, que já estava diplomada pela Universidade de Baylor, era assistente da mãe. Os métodos modernos de ensino tornaram o colégio prestigiado e a obra batista conhecida.

Ana ampliou o programa educacional da instituição, iniciando um internato feminino que era solicitado por muitas famílias. Embora a responsabilidade aumentasse, a oportunidade de testemunhar de Cristo às alunas aumentaria também. Famílias evangélicas do interior puderam enviar suas filhas para serem educadas em um salutar ambiente cristão.

No início, a missionária enfrentou grandes dificuldades financeiras, pois as entradas eram suficientes só para os pagamentos das prestações do colégio. Ana informou que enviara um apelo à União de Senhoras, mas elas não puderam ajudar “declarando termos compreendido mal as suas intenções em nossa expectativa. Que fazer? Que recurso tínhamos diante de uma dívida que equivalia a três mil dólares?”[41]

As soluções foram: a abertura de um jardim de infância, como havia no Colégio Piracicabano, uma ideia que deu resultados, pois era o único local de ensino infantil particular; e a permissão para o ingresso de meninos de até 10 anos de idade, o que também foi motivado pelos insistentes apelos das mães.

Com um carro antigo adquirido de um colégio vizinho e um cavalo emprestado pelo dono da lavanderia, teve início o serviço de transporte solicitado pelos pais que pediam condução e ofereciam bom pagamento.

O colégio de Ana alcançou tal proporção que, em 1918, ela pediu à Junta de Richmond que tomasse posse dele. Ao escrever sobre a liquidação do colégio, relatou a contribuição do esposo, que era diretor e gerente financeiro, e o pagamento de todas as dívidas:

> O concurso de meu saudoso companheiro na fundação e manutenção do colégio foi muito além da estimativa dos observadores superficiais que sabiam consistir sua paixão principal na evangelização pela viva voz do pregador, enquanto eu era diretora responsável pela instituição. Chegou afinal o dia quando ele reconheceu que o estabelecimento havia expandido além das nossas forças pessoais. Apelamos então à Junta de Richmond para que enviasse outros diretores. Atenderam prontamente ao nosso pedido, enviando o casal E. A. Ingram, que assumiu a direção em julho de 1919. A instituição foi-lhes entregue livre de dívida com um patrimônio de 10:000$000 (dez contos) em móveis, vinte internas, mais de cem externas e um nome sem mácula.[42]

É interessante e bonita essa união de interesses e trabalho conjunto do casal Bagby. A junta assumiu a responsabilidade e comprou a propriedade que ocupava uma quadra inteira no ponto mais alto da cidade. Naquele ano havia duzentas moças matriculadas.

O colégio continuou com seu objetivo de ganhar almas para Cristo. Em 1930, com o nome alterado para Colégio Batista “Dona Ana Bagby”, um prospecto informava que “o Colégio Dona Ana Babgy não se limita a enriquecer o cérebro; ele quer chegar onde dificilmente outros chegam: a alma. Conquistá-la para o Supremo Bem – eis tudo”.[43]

A igreja de Ana

Após a entrega do colégio à junta, Ana dedicou-se a um novo ministério, o ensino às senhoras. Alugou um pequeno quarto na Lapa, onde reuniu um grupo de mulheres, às quais ensinava hinos e explicava a Palavra de Deus. Organizou escola dominical e sociedade juvenil até que o quarto não comportava mais as pessoas, e foi preciso construir e organizar uma igreja.

Em 28 de setembro de 1924, foi organizada a Igreja Batista da Lapa, sendo William Bagby seu primeiro pastor, que informou sobre a preciosa ajuda da esposa naquele trabalho: “Esse trabalho, apesar das grandes dificuldades a vencer, foi grandemente abençoado pelo Senhor, sendo que agora já não é uma simples sala de pregação, porém uma igreja”.[44]



Igreja Batista da Lapa (s.d.).
Fonte: Acervo do *Texas Baptist Historical Collection – Baptist General Convention of Texas.*

Bagby viajou aos Estados Unidos com o objetivo de obter doações para a construção do templo. Porém, a Junta de Richmond não pôde ajudar, e ele retornou com apenas 17 dólares arrecadados. Contudo, encontrou no navio uma miss Prat que, ouvindo seu apelo, pediu-lhe o endereço e enviou-lhe mais de 2.500 dólares. Com essa quantia conseguiram construir um prédio modesto, mas espaçoso, com cinco salas para a escola dominical e salão para os cultos.

Se o Colégio Progresso foi o colégio de Ana, a Igreja Batista da Lapa era a igreja de Ana, pois foi por sua iniciativa que o trabalho foi organizado. Aquele espaço foi dividido com batistas russos e húngaros; um grupo saía e

outro entrava em uma bela cooperação, exemplo de fraternidade cristã.

Durante as férias dos missionários, de 1926 a 1927, seus amigos apelaram para que ficassem nos Estados Unidos, mas eles recusaram, pois ainda desejavam fazer mais pelo Brasil.

Chegando a São Paulo, receberam o apelo da filha Alice, pedindo ajuda em Porto Alegre. Ela fundara com o esposo um educandário e o casal partiu para lá na esperança de ganhar mais almas para Cristo, o que realmente fizeram.

Legado dos Bagby

> Em toda a minha vida de católico, orei só uma verdadeira oração, que tenho certeza foi ouvida e respondida por Deus. Uma noite ajoelhei-me e disse: “Ó Deus, se há qualquer verdade em religião, mostra-me onde se acha” [...] Assistindo à fascinante e apaixonada pregação do dr. Bagby, compreendi que foi por atuação de Deus que eu estava sendo levado a ele, e ele a mim. O dr. Bagby foi um grande homem de Deus. Todos que foram convertidos por sua palavra tinham por ele uma profunda e imperecível afeição. Ele pouco falava de seu trabalho. Era mais homem de ação do que de palavras. Tinha uma nobre e ilustre companheira e grande auxiliar no trabalho: dona Ana Bagby. A gente sentia que ela exercia uma poderosa e benéfica influência sobre ele, que contribuiu grandemente para o sucesso de seu ministério.[45]

Em 1931, os Bagby foram homenageados pelo seu Jubileu de Ouro. Foi um momento emocionante para Bagby, que quase não conseguiu falar, mas, estendendo seus braços à multidão, murmurou: “Vede o que Deus operou”.

Ele permaneceu no Brasil até a sua morte, causada por pneumonia, em 5 de agosto de 1939, em Porto Alegre. Helena Bagby, sua filha, falou em seu funeral, mesmo inibida pela tradição: “Mas quando o moderador da reunião

pediu expressões, senti-me forçar a falar por ele, e o funeral se transformou numa hora evangelística, em vez de ser uma ocasião memorial".[46]

Até mesmo em sua morte, o missionário Bagby continuou ganhando vidas, pois muitas pessoas declararam querer uma religião que encarava a morte daquela maneira.

Dona Ana, após o falecimento do marido, sentiu a dor de perder, alguns dias depois, sua filha Ermine, que era missionária em Buenos Aires e acabara de chegar para visitar sua família, ainda sem saber do falecimento do pai.

Três anos depois, em Recife, faleceu Ana Bagby, após a morte do esposo e de quatro filhos e o desaparecimento do filho Oliver.

> Muitos contam suas possessões em dólares e centavos, outros, em casas e terras, mas os tesouros de Anne Luther Bagby contados consistiram de sua própria família consagrada, das 800 igrejas e 70 mil membros no Brasil, os colégios e outras instituições para a propagação do trabalho de Deus, que ela viu crescer nestes sessenta e dois anos de trabalho na vinha do Mestre.[46]

Nesse relatório podia ser contabilizada a última pessoa que ela evangelizou em vida, o motorista do táxi que a levara ao aeroporto, a quem entregou um exemplar do evangelho de João. Consta que pastores de Recife conseguiram identificá-lo e levá-lo a Cristo.

A maior herança que a missionária deixou no Brasil, além de muitas vidas ganhas para Cristo, foram seus filhos. Os cinco que chegaram à idade adulta, todos nascidos no Brasil, tornaram-se missionários na América do Sul.

Ruth Ferreira Matheus, biógrafa de Ana, elaborou um gráfico com o tempo de serviço dos Bagby no Brasil: pais e

filhos, total de 284 anos; cônjuges: mais 164 anos; na Argentina: com a filha Ermine Bagby Sowell, esposo e filha, 113 anos. O total de anos de serviço da família Bagby na América do Sul é de 561 anos. Deus seja louvado!

Coragem de partir, de deixar sua família e terra natal, de se casar com um missionário ou de ser uma missionária solteira. Coragem para enfrentar perdas e separações. Assim foram as vidas das pioneiras estrangeiras no Brasil: cheias de coragem, elas educaram e evangelizaram as crianças brasileiras. Os frutos de seus trabalhos abençoadores só serão conhecidos, em sua totalidade, no reino de Deus.

No capítulo a seguir, serão apresentadas mulheres brasileiras pioneiras em diferentes áreas de atuação: Archimínia, uma filha de padre, que se tornou escritora apologeta, defendendo o recém-chegado protestantismo; a médica dra. Amélia, que cuidou com grande zelo de seus doentinhos; e Eunice, o anjo dos lazáros, aquela que se compadeceu dos filhos abandonados dos portadores do mal de Hansen e os acolheu em educandários.



Fotopintura de Maria Amélia Cavalcanti de Albuquerque, por Júlio Santos (CE).
Fonte: Acervo de Francisco Bonato Pereira.

Dra. Maria Amélia Cavalcanti não foi apenas a primeira médica do Norte/Nordeste do Brasil, foi também uma das mais singulares e expressivas figuras femininas de sua época. Foi uma

mulher admirável: suave e forte, humilde e simples, mas grandiosa em sua maneira de viver.

(MARQUES, Ruy João. *Maria Amélia Cavalcanti:* uma vida, um ideal, p. 57.)

---

1. HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 64-65.↩
2. MATHEUS, Ruth Ferreira. *Ana Bagby, a pioneira*. Rio de Janeiro: UFMBB, 1972. p. 22.↩
3. Seu nome, Charlotte, foi aportuguesado e ela passou a ser conhecida como Carlota.↩
4. Fontes: SYDENSTRICKER, Margarida. *Carlota Kemper.* Trad. Jorge Goulart. São Paulo: Editora Limitada, 1941; GAMMON, Clara. Op. cit.; MATOS, Alderi Souza de. *Pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900).* São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 207-211; *O Instituto*, mensário do Instituto Gammon, ano III, n. 15, Lavras, agosto de 1932. p. 1.↩
5. SYDENSTRICKER, Margarida. Op. cit. p. 53.↩
6. Ibid. p. 8-9.↩
7. MATOS, Alderi Souza de. *Pioneiros presbiterianos no Brasil (1859-1900).* São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 207.↩
8. GAMMON, Clara. Op. cit. p. 55.↩
9. SYDENSTRICKER, Margarida. Op. cit. p. 32.↩
10. Ibid. p. 33.↩
11. Ibid. p. 42-43.↩
12. Ibid. p. 43-44.↩
13. Ibid. p. 47.↩
14. Ibid. p. 43.↩
15. Ibid. p. 65-66.↩
16. Ibid. p. 86.↩
17. GAMMON, Clara. Op. cit. p. 216.↩
18. Fontes: HARRISON, Helen Bagby. Op. cit.; LOUREIRO, Noemi Paulichenco. Op. cit.; MATHEUS, Ruth Ferreira. Op. cit.↩
19. HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 64.↩

20. REILY, Duncan A. Op. cit. p. 183.↩
21. HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 11.↩
22. Ibid. p. 12.↩
23. Ibid. p. 16.↩
24. Ibid. p. 17.↩
25. MATHEUS, Ruth Ferreira. Op. cit. p. 19.↩
26. Ibid. p. 24.↩
27. Ibid. p. 25.↩
28. Ibid. p. 27.↩
29. Ibid.↩
30. Ibid.↩
31. Ibid. p. 44.↩
32. Houve no Rio de Janeiro, entre 1891 e 1894, 15 mil mortos; e, em 1901, 3 mil pessoas faleceram.↩
33. HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 49-50.↩
34. MATHEUS, Ruth Ferreira. Op. cit. p. 31.↩
35. Ibid.↩
36. HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 68-69.↩
37. LOUREIRO, Noemi Paulichenco. Op. cit. p. 38. Obs.: As letras “il” entre parênteses referem-se às partes ilegíveis.↩
38. Ana Bagby apud MACHADO, José Nemésio. “Anna Bagby, a educadora”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 13 a 19 de outubro de 1996. p. 14.↩
39. HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 60.↩
40. OLIVEIRA, Betty Antunes de. Op. cit. p. 573-574.↩
41. LOUREIRO, Noemi Paulichenco. Op. cit. p. 61.↩
42. OLIVEIRA, Betty Antunes de. Op. cit. p. 311.↩
43. Prospecto do Colégio Batista “D. Ana Bagby”. p. 6 apud MACHADO, José Nemésio. Op. cit. p. 5.↩
44. PINHEIRO, Luiz Fernando, ed. *80 anos de bênçãos.* Diadema: Prol Editora Gráfica, 2004. p. 19.↩
45. Theodoro Rodrigues Teixeira apud HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 52.↩

46. HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 80.↩

47. F. Boggs apud HARRISON, Helen Bagby. Op. cit. p. 83.↩

Capítulo 5

Vozes intrépidas: as pioneiras em diversas áreas de atuação

Montada no cavalo, saiu a moça Eunice para a sua missão sem pensar, com certeza, que aquele momento significava o início de uma caminhada que duraria toda uma vida. Sua primeira tristeza foi quando teve que convencer aos filhos das mulheres leprosas que eles deveriam se separar de suas mães para que pudessem crescer em ambiente são, livres da moléstia tão rude e tão má que atingira seus pais. E quando pediu a essas mães que a deixassem levar os seus filhos para que pudessem, livres da doença, conviver com a sociedade e serem úteis a ela [...]. E as suas primeiras lágrimas brotaram quando essas mulheres, com as fisionomias de um sofrimento que ela não sonhava existir, abraçando com amor seus pequeninos filhos, abriam os braços permitindo que ela os levasse, eles, os seus filhinhos queridos, a única alegria naquele mundo de pesadelos, de isolamento e de dor.[1]

Coragem, ousadia, amor e fé fizeram parte da trajetória das mulheres do início do protestantismo brasileiro. Coragem de enfrentar obstáculos, vencer barreiras e se impor diante dos preconceitos. Ousadia de defender sua fé, atacando superstições e idolatrias na tentativa de remover a cegueira espiritual do povo brasileiro. Amor imenso para

cuidar de doentes, sofrer com os portadores do mal de Hansen e abrigar seus filhos desamparados. E muita fé na certeza de que o socorro e a provisão vêm de Deus, que é o vocacionador, o provedor, e somente a ele se deve obediência.

Seguem-se histórias de vidas desprendidas e abençoadoras: Archimínia ousou denunciar a idolatria vigente e defendeu a sua fé; dra. Maria Amélia ousou cursar medicina e se doou aos seus doentinhos; e Eunice Weaver ousou fazer campanhas para construir educandários e acolher crianças separadas de seus pais pela fatalidade de uma doença cruel.

ARCHIMÍNIA BARRETO (1845–1930): PIONEIRA NA LITERATURA APOLOGÉTICA PROTESTANTE[2]



Archimínia Barreto em sua formatura – 1875. Reprodução de Isis Salviano Roverso Soares.
Fonte: BARRETO, Archimínia.*Mitologia dupla:*ou religião católica e sua máscara, p. 16.

> Por todos os títulos a memória desta distinta irmã merece ser perpetuada entre nós. A sua rara fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo desde a sua conversão, já há muitos anos, diante dos constantes esforços do clero romano para induzi-la a voltar à fé abjurada, como também os seus relevantes serviços prestados à Causa, com sua pena burilada, jamais devem ser esquecidos pelos batistas brasileiros.[3]

O nome da intrépida apologista Archimínia Barreto era reconhecido da primeira geração dos leitores de *O Jornal Batista* por sua preciosa contribuição sobre assuntos

bíblicos e, principalmente, por sua vibrante pena apologética com a qual, corajosamente, defendia suas crenças evangélicas.

Archimínia de Meirelles Barreto nasceu em 12 de julho de 1845, em Inhambupe, Bahia. Era filha do padre Fernandes Pinto Meirelles Barreto e de dona Leopoldina Theodolina de Castro. Interessante é o fato de que sua filiação nunca foi ocultada: seu pai padre teve seis filhos, por ele legitimados.

Ela recebeu esmerada educação, dominava o latim e falava bem o francês. Com 30 anos, obteve nomeação para o exercício do magistério público. Foi a primeira professora pública na Bahia de 1875, ainda sob o Império.

Archimínia casou-se com Joaquim Euthychio de Oliveira e deu à luz duas filhas: Eunice e Evangelina. Ela professou a fé em Cristo em 5 de fevereiro de 1893, juntamente com sua irmã Jacquelina, na Primeira Igreja Batista da Bahia, e no mesmo dia foram batizadas pelo missionário Zacarias Clay Taylor.

A apologista intrépida e destemida

Por causa de sua conversão, foi abandonada pelo marido e parentes. Por isso, foi morar com a irmã viúva Jacquelina, juntamente com as duas filhas.

Archimínia foi perseguida e transferida das escolas diversas vezes sob a acusação de que “tinha parte com o diabo”. Os pais de seus alunos, ao saberem de sua fé, os retiravam da escola. Um inspetor a aconselhou a abdicar de sua crença. Mas ela o repreendeu tão energicamente por invadir a seara de sua consciência, que ele se tornou seu maior defensor.

Ela afirmou que quem se desse ao trabalho de estudar o cristianismo, desde seus primórdios, veria que toda a sua pureza ia desaparecendo à proporção que a Roma dos papas adicionava-lhe inovações.[4]

Bastante preocupada com essa impureza religiosa, dedicou-se a escrever artigos nos quais refutava a idolatria, afirmando que o culto romano e a adoração da mãe de Deus eram idolatria: “Como o era a adoração das deusas do paganismo, e os protestantes tão perversos e ímpios como o foram os cristãos, que nunca se prostraram diante de suas imagens tão prezadas”.[5]

A escritora escrevia em periódicos e jornais seculares e, em todas as suas crônicas, não dava trégua aos padres que tentavam de todos os meios impedir que os jornais da cidade publicassem seus escritos.[6]

Archimínia escreveu também folhetos de edificação e evangelização. E, como responsável pela seção feminina de *O Jornal Baptista* por mais de uma década, escreveu às mulheres sobre a missão de mãe, esposa, filha e mestra.

Membro ativa de sua igreja, foi professora da escola dominical, evangelista e diretora dos cultos da Igreja de Vila Nova, na ausência do pastor. Possuidora do dom da oratória, foi excelente pregadora e “foi ela, pela sua pregação, que levou a Cristo o jovem Francisco José da Silva, a quem o missionário Taylor denominava ‘o apóstolo do Estado do Espírito Santo’”.[7]

Seu livro *Mitologia Dupla*

Archimínia foi aconselhada pelo pastor Zacarias Taylor a escrever uma obra sobre a idolatria. Como estrangeiro, ele

preocupava-se em não ofender os brasileiros falando sobre o assunto. E ela aceitou o desafio.

> Eu, porém, que suportei diretamente, por muitos anos, esta cegueira espiritual, desejei ardentemente iluminar a minha pátria, tão digna de melhor sorte, a fim de elevarmos o nosso espírito para o infinito, desprendendo-nos de objetos materiais. Bem sabia eu que uma ideia desconhecida é sempre mal recebida; mas que importa? A verdade, cedo ou tarde, triunfará![8]

A professora baiana dedicou-se a escrever seu livro, com humildade e modéstia, afirmando ser uma nulidade literária, o que não condizia com sua capacidade bem demonstrada no texto que entregou ao público brasileiro.

Dedicatória de Archimínia ao pr. Zacharias C. Taylor

Ilustre amigo dr. Zacharias C. Taylor D. D., pastor evangélico:

Jesus disse: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de
Deus”.

É justo que o pequeno trabalho a ser apresentado ao público, pela mais humilde e mais pequenina serva de nosso Senhor Jesus Cristo, vos seja oferecido como prova de gratidão de que vos sou
devedora.

Conhecendo a minha nulidade literária, jamais me atreveria a escrever para o público, pois sei que a crítica não perdoa as

nossas faltas, embora elas sejam bem intencionadas. Entretanto, a pedido vosso, quando abracei o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitei-me, por amor à verdade, a satisfazer o vosso desejo, não obstante as censuras que eu pudesse sofrer por parte de quem quer que fosse.

Filha legítima de um vigário da Igreja Romana, estava bem a par da idolatria católica, apesar de não ter recebido dele todo o ensino de superstição e carolice de que se acha eivado este sistema de doutrina, mas sim, das pessoas que me rodeavam.

Muito pesarosa do tempo que perdi inutilmente em práticas vãs, devido a minha ignorância sobre os verdadeiros mandamentos da lei de Deus, quando me estimulastes a escrever para o jornal que redigíeis, meu primeiro artigo levou o título *A idolatria e a ignorância,* porque fui vítima daquela em conseqüência desta.

Reconhecendo que a idolatria em que nós, brasileiros, fomos educados pelos portugueses, nossos possuidores, tinha a sua origem em Roma, fácil me foi descobrir a parecença dos *santos* da Igreja Católica Romana com os deuses da Igreja Romana Mitológica; e, no intuito de esclarecer esta verdade aos meus

patrícios, patenteei
resumidamente alguns trechos referentes a estes assuntos no primeiro [...].

Naquela ocasião foi que vós, digno pastor do evangelho, me
aconselhastes a escrever um trabalho mais amplo nesse sentido. [...]

Aceitai, pois, ilustre irmão, este livrinho, a que dei o nome de *Mitologia Dupla,* como lembrança de uma brasileira que sabe
avaliar os esforços que tendes empregado para elevar o seu país ao grau de civilização que possui o vosso [...]. Não vos
desgosteis das injúrias que tendes recebido entre nós. "Perdoai-lhes; eles não sabem o que fazem."

A vossa consciência é a melhor recompensa que tendes.

O que me resta é pedir a Deus a sua santa benção para as verdades que são traçadas em honra e glória daquele que morreu mardrizado para nos dar a vida eterna e que todos possam
certificar-se de que "Deus é espírito e verdade e que em espírito
e verdade deve ser adorado".

Vossa menor irmã em Cristo Jesus.
Archimínia Barreto Bahia, 1899[9]

Archimínia conhecia bem o catolicismo, pois recebera desde criança o "presente de gregos à guisa de religião, e

inconscientemente levamos esse cavalo de Tróia para o capitólio da nossa alma!”.[10]

Sua obra foi intitulada de *Mitologia Dupla,* e nela demonstrou as semelhanças da idolatria religiosa brasileira com a mitologia pagã, como podemos ver no exemplo a seguir:

Divindades da Roma anfga e da moderna

Roma anfga:

NETUNO era o deus do mar. Parece-nos que Netuno era mais poderoso: ele sozinho desempenhava o cargo que tantos presentemente são chamados para ocupar! Netuno era representado sobre um carro em forma de concha: e as senhoras todas são representadas nas igrejas dentro de embarcações.

MERCÚRIO era o deus da eloquência. Desempenhava as funções de mensageiro dos deuses e conduzia as almas dos mortos aos infernos.

Roma moderna:

SENHORA DOS NAVEGANTES, Nossa Senhora da Boa Esperança, No a Senhora de Nazaré, No a Senhora de Mont-Serrate, e ainda São Crispim da Bóia (mais moderno), tomaram o posto de Netuno.

SÃO MIGUEL instrui os ignorantes, iluminando-os com o espírito divino, e deve também conduzir as

almas para o céu ou para o inferno, desde que é ele quem pesa os pecados de todas elas!

Mercúrio era representado por um belo mancebo, com asas na cabeça e nos calcanhares e um caduceu[11] na mão. São Miguel também tem asas e uma balança na mão, dadas pela Igreja de Roma![12]

Seu livro foi dividido em cinco partes: comparação das divindades da Roma antiga e moderna, invocações e cerimônias, festas, superstições e *Maria versus Maozim*, a veneração a Maria que desviava as almas da verdadeira rocha viva: Jesus Cristo.[13]

Como conclusão, afirmou que de Jerusalém saiu o evangelho e de Roma, a idolatria: “Sirvamos ao nosso Rei, a despeito dos mercadores de Roma. A Ele, o Deus de toda a Glória, Pai, Filho, e Espírito Santo, sejam todas as glórias para todo o sempre. Amém”.[14]

Seu legado

Archimínia foi a apologista da época, corajosa, intrépida, que não temia as perseguições. Ela escreveu artigos nos jornais, enfrentou as hostilidades de parentes e amigos e criou, sozinha, suas filhas.

O seu objetivo com o estudo e apresentação do sincretismo, a mistura de santos com deuses pagãos, era de que essa idolatria fosse enxergada e abolida da crença brasileira.

Na realidade, a mitologia não é somente dupla, nem tripla com a inclusão dos orixás africanos, porém é mais multifacetada, conforme as misturas que vão se

incorporando, pouco a pouco, ao cristianismo, que de tão descaracterizado nem devia mais receber essa denominação.

Ebenézer Cavalcanti, escritor do esboço biográfico de Archimínia, reconhecendo seu valor, destacou: “Sua obra completa deve ser reunida e publicada. Bem que seu nome merece ser perpetuado por algum setor pertinente da obra feminina batista no Brasil. Foi pioneira e heroína”.[15]

Após longa enfermidade, Archimínia morreu, aos 85 anos, em 20 de janeiro de 1930. A Primeira Igreja Batista da Bahia registrou em ata alguns dos seus trabalhos, em que foi destacada como um modelo a ser seguido.

O Jornal Batista lamentou o seu falecimento e elogiou seu trabalho de escritora fecunda que escreveu com zelo, energia e competência. Nesse necrológio, o redator, não encontrando adjetivo apropriado para as qualificações dela, declarou: “A veneranda irmã dona Archyminia Barreto, professora aposentada do estado, tinha um caracter másculo e cristão”.[16]

Esse comentário refletiu bem a mentalidade de que a firmeza de caráter e a fidelidade em defender doutrinas só podiam ser privilégios masculinos.

MARIA AMÉLIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE: UMA VOZ PIONEIRA NA MEDICINA PERNAMBUCANA[17]

> Os mais belos momentos, talvez, da vida da menina de Sirinhaém feita, mais tarde, mulher extraordinária, foram, exatamente, os da sua conversão religiosa. Episódio enternecedor, comovendo até quem poderá penetrar bastante nos mistérios de uma alma tão grande, movida pelo sopro poderoso de uma fé que chega, impetuosa e transfiguradora.[18]



Maria Amélia menina.
Fonte: dominiopublico.gov.br. Acesso em: 20 jan. 2011.

Foi no fim do século 19 que a mulher brasileira resolveu desafiar os rígidos princípios da época para estudar medicina. Era um tempo em que até ir ao médico para uma consulta constituía um desafio, pois a moralidade não admitia que o corpo da mulher fosse tocado ou vislumbrado por um estranho.

Óbitos foram registrados por causa da recusa da própria paciente ou de seus familiares em permitirem o exame médico. Predominavam na época as parteiras e as chamadas “curiosas”. Foi somente em 1879 que o imperador Dom Pedro II abriu as escolas médicas brasileiras para as mulheres.

A primeira médica pernambucana era genuinamente brasileira, provinda da mistura de ascendentes portugueses, italianos e indígenas:

> Maria Amélia Cavalcanti de Albuquerque descendia dos primeiros povoadores da Capitania de Pernambuco, da família Cavalcanti de Albuquerque, formada pelo florentino Filipe Cavalcanti casado com Catarina de Albuquerque (filha da união de Jeronimo de Albuquerque, cunhado do donatário Duarte Coelho, com a índia Maria do Espírito Santo Arcoverde, filho do cacique Ubira Ubi "Arco Verde").[19]

Maria Amélia nasceu em 8 de agosto de 1854, na casa-grande de engenho, em Sirinhaém, Zona da Mata. Era filha de João Florentino Cavalcanti de Albuquerque e Herundina de Siqueira Cavalcanti de Albuquerque.

Em 1877, depois de educação esmerada, a jovem tomou a decisão de estudar medicina. Para a época e para o local era algo nunca visto, quase um escândalo. Parentes e amigos procuraram demovê-la de tão "absurda" ideia. Mas ela tinha um ideal, uma vocação que gritava alto em seu coração.

> Sair do Recife, passar longe dele, tantos anos, cheirava a doidice; largar os pais, já idosos, era bem mais que ingratidão, quase um delito; querer viver sozinha no Rio – cidade de costumes tão avançados – parecia, a todos, uma temeridade, um disparate sem nome. Bem exato que ela não era assim, tão criança – estava beirando os trinta; verdade, também, que se tratava de moça sensata, ajuizada, sisuda até. [...] este o pensamento geral – só mesmo para homens. Fortíssimos os preconceitos sociais naquela época! Naquela época e ainda por muito tempo depois.[20]

Dois amigos especiais deram-lhe apoio nesta luta contra o preconceito: o doutor Frederico Maia, famoso dentista, e o prof. Tobias Barreto, talentoso filósofo e poeta sergipano.

Em 16 de março de 1881, Maria Amélia encaminhou à Assembleia Provincial um documento pleiteando uma subvenção que lhe permitisse estudar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Amélia formou-se no Rio de Janeiro em 16 de janeiro de 1892, e foi a primeira médica a clinicar no Recife. Seu consultório ficava na rua 1º de Março, onde atendia senhoras e crianças. Mais tarde o transferiu para sua residência na rua Formosa, vizinha da Primeira Igreja Batista do Recife.

A jovem tornou-se conhecida como Amélia doutora e foi a pioneira na especialidade de tocoginecologia (obstetrícia e ginecologia), exatamente o ramo da medicina que mais expõe a intimidade feminina.

Seu curto casamento

Maria Amélia casou-se em 23 de setembro de 1897, aos 43 anos, com seu primo Gaspar Florentino Cavalcanti de Albuquerque, de 29 anos.[21]

Ela e o marido não tinham afinidades. De idade, cultura e temperamento diferentes, a convivência tornou-se difícil. Gaspar era um homem bom, honesto, alegre e expansivo, mas, apesar de agradável convívio, não possuía qualquer inclinação para as atividades intelectuais e espirituais.

Ele era funcionário municipal, administrava o maior cemitério da cidade e levava uma vida simples e acomodada. Vivia de maneira despretensiosa, sem compromissos, gostando de ouvir e contar anedotas.

O fato de terem visões e filosofias diferentes, provavelmente, os levou à separação. O casal se divorciou

em 19 de outubro de 1922.

A mãe de seus doentinhos

Amélia doutora foi uma excelente pediatra e sempre cuidou de cada criança com desvelo e amor. Ela não teve filhos de seu próprio ventre, mas teve centenas de crianças que tratou desde o nascimento, trazendo-as ao mundo e, depois, cuidando delas em cada enfermidade. Como parteira, nunca sabia se poderia descansar tranquilamente durante à noite.

Pais agradecidos ensinavam seus filhos, que vieram ao mundo pelas mãos competentes da dra. Amélia, a chamá-la de mamãe Amélia. Há nisso, sem dúvida, uma forma honorária de maternidade.

A doutora adotou a sobrinha Zulmira Cavalcanti, moça inteligente e bondosa que tocava muito bem piano, órgão e outros instrumentos, e também se responsabilizou pela educação de seu afilhado Tobias Barreto de Menezes Neto, neto de Tobias Barreto, a quem acolheu ainda menino.

Sua conversão e sua morte

Embora nascida em atmosfera católica e respeitando o catolicismo por longos anos, nunca quis saber nem de devoções nem de rezas. Naquele tempo era moda os cientistas proclamarem-se agnósticos e o mesmo ocorreu com ela, até que um dia lhe veio uma grande sede espiritual.

Sua vida pareceu-lhe vazia, oca, sem sentido algum. Sua alma anelava um convívio íntimo com Deus e ela o buscou. Sua inteligência e fé não a deixaram permanecer agnóstica ou ateia.

Naquele momento crítico de sua vida, foi tocada pela graça divina com esplêndida generosidade. O pastor missionário Salomão Ginsburg, dotado de admirável capacidade de se comunicar e convencer, foi quem a ajudou em seu encontro com Deus.

Maria Amélia Cavalcanti foi batizada na Igreja Batista do Recife em 10 de março de 1908, pelo próprio Ginsburg. Mostrou-se, então, irmã disciplinada e humilde, assídua às reuniões e aos cultos e extremamente caridosa.

> Os resultados do trabalho este ano (1910) foram animadores. Algumas conversões houve que muito contribuíram para o progresso e a popularidade do Evangelho em Pernambuco. A dra. Amélia Cavalcanti convertida há alguns anos atrás, mas devido às muitas perseguições se tinha mantido um tanto reservada, entra em franca atividade no trabalho da Primeira Igreja. Em todos esses anos, esta irmã tem prestado valioso concurso ao trabalho, por sua missão de médica, sendo um meio nas mãos de Deus para levar o conhecimento do Evangelho a muitos corações.[22]

Sua conversão foi aberta, franca e admirável, e sua conduta na congregação foi irrepreensível. Agora, tudo parecia diferente. Uma paz, uma tranquilidade, uma esperança, que jamais experimentara, renovavam sua vida, dando-lhe força e alento.

Sua visão, que não era boa, foi tornando-se mais fraca. Às vezes, usava dois óculos superpostos, tentando enxergar um pouco mais. Sair, atender chamados, dar consultas, fazer partos, tudo era muito penoso e se transformava em enorme sacrifício. Além do mais, as suas antigas “freguesias”, com medo de alguma manobra menos perfeita, já evitavam procurá-la.

E assim foi até que um dia ficou absolutamente cega e teve que renunciar ao trabalho, à sua querida medicina.

Amélia passou a ver o mundo com outros olhos, olhos da fé, da sabedoria e do amor.

Sem condições de sobrevivência, foi morar nas dependências de sua igreja. Era edificante a sua conformação com a pobreza e sua silenciosa e resignada convivência com a cegueira.

Suas amigas e antigas pacientes, esposas de alguns médicos, a supriram de roupas, alimentos e alugaram para ela uma casa pequena e confortável. A solidariedade que recebeu amenizou e serviu de consolação para o final de sua vida.

O pastor José Vidal de Freitas, que pastoreou a Igreja Batista do Recife de 1927 a 1936, era seu vizinho e se tornou um de seus mais devotados amigos nos últimos dias de sua vida.

A doutora faleceu de cirrose atrófica no dia 27 de outubro de 1934, com 80 anos de idade. Seu funeral foi dirigido pelo amigo pastor e foi bem concorrido com a presença de amigos, parentes, antigos pacientes e irmãos em Cristo.

A imprensa registrou seu falecimento e salientou sua condição de primeira mulher pernambucana a se formar em medicina. Inconformado com o injusto silêncio sobre a dra. Maria Amélia, seu primo de segundo grau doutor Ruy Marques esforçou-se na pesquisa e escrita de sua história, declarando: “Não atino porque é, hoje, tão desconhecida, porque nela nem se ouve falar, mesmo aqui, nesta cidade do Recife, que foi tão sua, na qual viveu, a distribuir benefícios, mais de metade de um século”.

Contudo, o que de melhor aconteceu foi que se tornou uma crente em Cristo, o que lhe possibilitou enxergar,

mesmo cega, a luz do evangelho e difundir essa luz com seu testemunho de resignação, fé e dedicação no cuidado do próximo por mais de cinquenta anos.

> Estava encerrada uma existência feita do mais difícil dos heroísmos: o heroísmo do quotidiano bem vivido. Uma beleza sua vida retilínea, seu caráter, sua dignidade. Dignidade de todos os momentos: da juventude colorida e luminosa à penumbra dos últimos anos. Ela soube querer. Soube ser. Soube deixar de ver. Soube estar doente. Soube morrer. Uma mestra. Uma estrela apontando caminhos. Que exemplo para as novas gerações![23]

A doutora Maria Amélia morreu em 1934, mesmo ano em que se formaram na Faculdade de Medicina do Recife as primeiras médicas. Morreu cega, mas iluminou o caminho para que suas conterrâneas enxergassem que era possível transformar a vida tradicional e padronizada daqueles anos.

EUNICE SOUSA GABBI WEAVER (1902–1969): A PIONEIRA NO CUIDADO AOS PORTADORES DO MAL DE HANSEN E ÀS SUAS FAMÍLIAS[24]



Eunice Weaver.
Fonte: http://aew.org.br/quem-foi-eunice-weaver/. Acesso em: 29 set. 2021.

> Na pessoa de Eunice G. Weaver, a dinâmica mulher metodista brasileira de quem nossa igreja se orgulha com razão, ouviram o lamento dos leprosos do país e em apelos ao público e aos governantes conseguiu ela estabelecer pela nação mais de trinta lares ou educandários, que assistem aos filhos dos hansenianos, instruindo-os e preparando-os para o sustento próprio e a integração na sociedade.[25]

A lepra (mal de Hansen) era uma terrível doença que se alastrava no Brasil, sendo que na década de 1930, com aproximadamente 30 mil doentes, não havia um único estado livre da moléstia. Os filhos de leprosos conviviam

com o perigo do contágio ou eram abandonados à própria sorte quando seus pais ficavam em leprosários.

Foi uma mulher metodista a pioneira na fundação de educandários para essas crianças. O seu trabalho extraordinário transformou a vida de muitas pessoas e colaborou com a queda do índice de lepra na população brasileira: de 4 por mil habitantes, em 1931, para 1,5 por mil habitantes, em 1961.

Eunice Sousa Gabbi nasceu numa fazenda de café, na cidade de São Manoel, interior de São Paulo, em 19 de setembro de 1902, filha de Henrique Gabbi, carpinteiro, natural da província de Reggio Emilia, na Itália, e de Leopoldina Gabbi, natural de Piracicaba.

A mãe de Eunice, portadora de hanseníase, era de origem suíça, falava muitas línguas, criou a filha com hábitos regulares de estudo e princípios morais austeros.

Quando a menina tinha 3 anos de idade, a família mudou-se para Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, e lá ela cursou o primário. Seus estudos foram concluídos em São Paulo, onde se formou na escola normal e cursou educação sanitária.

Durante suas férias, ocorreu um fato que mudou sua vida para sempre. Eunice presenciou um bando de esfarrapados, mendigos e doentes que pegavam agasalhos e alimentos deixados à porta da fazenda.

As crianças da casa-grande foram levadas para dentro, às pressas, e as cortinas e as portas foram fechadas. Então, uma mulher abandonou o grupo e se aproximou. Nela havia um ar aristocrático, restos de nobreza, o rosto estava

escondido por um grande chapéu de palha, e falou com voz serena:

> – Sou Rosa! Mesmo que não se lembrem de mim, quero agradecer. Meus pais dizem que me suicidei, é melhor assim, seria segregada; joguei minha roupa no rio, pensaram que me afoguei. Casei-me com aquele homem. Nessa vida de cigano é melhor ser um só.[26]

Rosa Fernandes, filha de vizinhos, foi uma linda e cobiçada jovem que a todos encantava, mas que havia desaparecido. A moça havia contraído lepra nos tempos de colégio. Nunca mais Eunice esqueceria os “olhos de Rosa” e, a partir desse episódio, começava o seu trabalho em benefício dos leprosos. E ela fez o que pôde por muitas “Rosas” que nasciam em lares hansenianos, mas não podiam neles permanecer.

Eunice tornou-se uma bela jovem que impressionava pela nobreza do porte altivo e simples. Em 1927, reencontrou Charles Anderson Weaver, que havia sido seu professor de latim e dirigia o Colégio Granbery. Ele havia enviuvado e tratava da edição de seu livro, em São Paulo, e a moça ficou fascinada por sua cultura, inteligência e bondade.

Casaram-se e foram morar em Juiz de Fora. Seu matrimônio era feliz e com mútuo interesse na solidariedade humana. Embora não tivessem filhos, Eunice cuidou dos quatro filhos dele como mãe amorosa.

Um ano depois do casamento, o doutor Weaver foi convidado pela Universidade de Nova York a dirigir a Universidade Flutuante da América do Norte, instalada em um transatlântico que faria uma viagem ao redor do mundo, para melhor formação de seus alunos. Aceitando o honroso convite, partiu do Rio de Janeiro, acompanhado pela esposa.

Eunice visitou 42 países e aproveitou a oportunidade para estudar jornalismo, sociologia, serviço social e filosofia oriental. Em todos os lugares procurava conhecer de perto o problema da lepra, o que estava sendo feito e quanto restava fazer. Ela recolhia material de experiência para o ministério que era o objetivo de sua vida, estagiando em numerosos leprosários: nas Ilhas Sandwich, no Pacífico Sul, no Egito, na China, no Japão e na Índia.

Finalmente, chegou o dia de colocar em prática seu aprendizado em sua terra natal. Em 1934, o esposo foi nomeado para pastorear a Igreja Metodista de São João, da qual ela se tornou membro. Em Juiz de Fora, começou a fazer a campanha de assistência aos leprosos. A Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros fora fundada em 1932 e, em 1935, Eunice Weaver tornou-se sua presidente.

Em Minas Gerais, o problema da lepra era terrível: o trem passava de madrugada com o vagão de segunda classe cheio de doentes encaminhados ao único leprosário em Belo Horizonte, o Santa Isabel. Eunice levava à estação roupas, cobertores e refeições.

A recomendação feita pelos infectados era sempre a mesma: “Dona Eunice, tome conta de nossos filhos, não os deixe passar fome, não permita que fiquem doentes com esta terrível moléstia”. Aquilo ficava martelando em seus ouvidos.

Sabendo que a lepra não era hereditária, sua primeira campanha foi organizar locais de prevenção da doença, chamados de “preventórios”, que foram transformados em educandários, com o objetivo de educar crianças sem

recalques, fazendo-as participar da comunidade em condições normais.

Em 1935, conseguiu convencer Getúlio Vargas a ajudar oficialmente a causa, e ele lhe prometeu dar o dobro do que ela conseguisse junto à sociedade civil. A classe política se esquivava do assunto, pois acreditava que aquela assistência não daria frutos políticos.

Após esse acordo, Eunice passou a viajar por todo o Brasil, lançando a campanha da federação e percorrendo mais de 146 cidades.

Um dos fatos mais interessantes durante as construções dos educandários ocorreu no Amazonas. Eunice estava no canteiro de obras quando apareceu um bando de jagunços para impedir a obra, alegando que não queriam um leprosário no local e que na região não existia lepra.

Eunice sugeriu ao líder dos jagunços que subissem o rio e que ela lhes mostraria algum leproso, caso contrário não construiria o educandário. Eles assim fizeram e, após várias horas percorrendo o referido rio, não encontraram ninguém. Arrogantes e satisfeitos porque conseguiriam impedir a construção do leprosário, deram a questão por encerrada.

Entretanto, Eunice viu uma choupana e pediu para verificarem se havia lepra. Descobriram, então, que dentro da choupana havia mais de trinta leprosos. O líder, atônito, abandonou as suas funções e passou a ajudar na construção, tornando-se o primeiro coordenador do educandário de Manaus.

O momento mais difícil do seu ministério era quando precisava separar os filhos de suas mães leprosas. Seu coração doía ao contemplar a cena da separação.

Eunice participou de muitas obras assistenciais como fundadora ou auxiliadora de instituições. Era considerada uma heroína nas campanhas de leprosários e abrigos, que tinham o objetivo de cuidar dos filhos de portadores de hanseníase.

Considerada o “anjo dos lázaros”, a “servidora do bem” e a “sacerdotisa da fraternidade”, ela recebeu o reconhecimento da sociedade brasileira e internacional. O governo do Paraguai lhe outorgou a condecoração de Ordem ao Mérito, e a Sociedade Internacional de Leprologia lhe concedeu os mesmos direitos dos membros regulares. O governo de Cuba a condecorou com a Ordem ao Mérito Carlos Finlay.

Eunice foi a primeira mulher a receber, no Brasil, a Ordem Nacional do Mérito, no grau de comendadora, em novembro de 1950. Em 1956, recebeu a Ordem do Mérito da Aeronáutica. Ela representou o país em inúmeros congressos mundiais e organizou serviços contra a lepra no Paraguai, Cuba, México, Guatemala, Costa Rica e Venezuela.

> Alargando sua visão, conseguiu ganhar o interesse de todas as religiões, todas as classes, nessa magnífica obra que atinge até aos nossos territórios. E Eunice Weaver tem sido condecorada não só pelo governo do Brasil, mas por nove outros governos da América Latina e foi a única protestante a receber a célebre medalha católico-romana Damien.[27]

Em 1960, Eunice Weaver recebeu o título de Cidadã Carioca e, em 1965, recebeu o título de Cidadã Honorária de Juiz de Fora. É cidadã benemérita do Rio de Janeiro, da

Bahia e do Pará e recebeu o diploma da Inconfidência, conferido pelo estado de Minas Gerais.

Em outubro de 1967, foi para a ONU como delegada brasileira no 12º Congresso Mundial. Recebeu honrarias, mas sofreu incompreensões. Contudo, corajosa e com elevado caráter, manteve-se lutando bravamente em defesa dos seus “filhos”. Ao enfrentar as situações adversas, contava com o auxílio divino, confiante de que a misericórdia do Senhor não tem fim.

A batalhadora Eunice perdeu inesperadamente o esposo, Charles Weaver, e com a ausência dele a jornada tornou-se mais difícil. A luta por verbas e o desgaste nos serviços administrativos fatigavam-na.

Ela continuou com as exaustivas viagens, sustentada pelo amor e pelo ideal de ajudar os menos favorecidos. Um dia, já com os cabelos brancos, recebeu uma carta de um leproso e se emocionou.

Ele agradecia a acolhida que seus filhos tiveram num dos educandários, falava da boa alimentação, da educação, do carinho com que foram recebidos e, muito especialmente, agradecia o amor que os havia tornado bondosos e generosos. E fazia uma pergunta, que a deixou engasgada de emoção:

> – Por que a senhora escolheu, na vida, este caminho tão duro, de cuidar dessa raça de gente inválida que todo mundo tem pavor? Dona Eunice não respondeu. Sorriu. Sorriu recordando as outras cartas de engenheiros, aviadores, advogados, professores, todos filhos de leprosos e por ela encaminhados na vida, durante esses trinta anos, narrando as suas vitórias, as suas conquistas, os seus trabalhos, que deram às suas vidas as alegrias sadias dos que são construídos com amor.[28]

Eunice faleceu em 9 de dezembro de 1969, aos 67 anos, quando voltava do Rio Grande do Sul, onde fora em busca de doações. Ela morreu como sempre viveu, na dedicação ao próximo.

Seu corpo foi transladado para o Rio de Janeiro, velado na Igreja Metodista e sepultado no Cemitério dos Ingleses, ao lado do esposo. O trabalho que iniciou continuou frutificando, socorrendo e apoiando os hansenianos e suas famílias, pois muitas mulheres valorosas prosseguiram inspiradas no seu imorredouro exemplo.

Hoje, os educandários organizados por Eunice continuam de portas abertas e têm como missão recuperar a cidadania de crianças e adolescentes que estão em situação de risco pessoal e social.

Alguns educandários, contudo, passaram por mudanças de administração e de objetivos, causando decepção ao povo e sendo alvos de relatos tristes. Outros, porém, prosseguem firmes honrando o nome de sua fundadora.

* * *

Neste capítulo foram destacadas mulheres pioneiras em diversas áreas: apologética (defesa da fé), assistência médica e assistência social. Foram vidas a serviço de Deus, vocacionadas e dispostas a cuidar com amor do próximo.

No capítulo a seguir, o destaque será para as esposas de pastores e líderes de associações femininas, que passaram por muitas dificuldades na difícil implantação do protestantismo: mudanças constantes de campos de trabalho, enfermidades próprias e na família, dificuldades financeiras e de adaptação etc.

Mas foram triunfantes e não esmoeceram, pelo contrário, prosseguiram na missão gloriosa de cuidado do rebanho, educação de crianças e organização de uniões femininas.



Membros da Igreja Presbiteriana de Presidente Soares com seu templo ao fundo.
Fonte: *Presbiterianismo no Brasil, 1859–1959*. Álbum comemorativo.
São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959, p. 20.

No Brasil, país tradicionalmente católico, há uma cidade predominantemente protestante. Em Minas Gerais, à beira de longa estrada poeirenta que atravessa a Zona da Mata e se perde no Espírito Santo, está situado o município de Presidente Soares, com 2500 habitantes: 1900 presbiterianos e os demais, católicos. Porém, não há conflitos [...] protestantes e católicos vivem em perfeita harmonia.

(A. Ponce de Léon. “A cidade sem pecado”, p. 98.)

---

1. BRANT, Vera. “Eunice Weaver: uma vida para o bem”. Disponível em: http://www. verabrant.com.br/quadro01.htm. Acesso em: 21 out. 2011.↩
2. Fontes: BARRETO, Archimínia. *Mitologia dupla:* ou religião católica e sua máscara. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1971. p. 7, 9-11, 13-15; CAVALCANTI, Ebenézer. “Archimínia Barreto”, *O Jornal Batista*, 2 de novembro de 1969. p. 1-2, 8; CRABTREE, A. R. *História dos Baptistas do Brasil até o anno de 1906.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1937. p. 159.↩
3. W. E. Entzminger na apresentação da segunda edição de *Mitologia Dupla*, em 1º de outubro de 1925.↩
4. BARRETO, Archimínia. Op. cit. p. 13.↩
5. BARRETO, Archimínia. “Cobrir os céos com os dedos ou a immaculada conceição de Maria”, *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1905. p. 3.↩
6. MESQUITA, Antonio Neves de. *História dos batistas do Brasil.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940, v. II – de 1907 até 1935. p. 68.↩
7. PEREIRA, José dos Reis. *História dos batistas do Brasil. 1882-1982*. p. 70.↩
8. BARRETO, Archiminia. *Mitologia dupla ou* religião católica romana e a sua máscara. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971. p. 10.↩
9. BARRETO, Archimínia. *Mitologia dupla:* ou religião católica e sua máscara. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1971. p. 9-11.↩
10. Ibid. p. 13-14.↩
11. Caduceu: bastão com duas serpentes enroladas.↩

12. BARRETO, Archimínia. *Mitologia dupla:* ou religião católica e sua máscara. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1971. p. 29-30.↩
13. Maozim: ídolo que Antíoco Epifânio, perseguidor dos judeus, quis que fosse cultuado nos anos de 164 a 174 antes de Cristo. Maozim era um novo deus introduzido no templo que desviava a adoração devida somente ao verdadeiro Deus de Israel.↩
14. BARRETO, Archimínia. *Mitologia dupla:* ou religião católica e sua máscara. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1971. p. 253.↩
15. CAVALCANTI, Ebenézer. "Archimínia Barreto", *O Jornal Batista*, 2 de novembro de 1969. p. 8.↩
16. "Professora Archyminia Barreto", *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, 20 de março de 1930. p. 3 apud SILVA, Elizete da. Op. cit. p. 342.↩
17. Fontes: ALCAFORADO, Marcelo. "Uma mulher de verdade", *Algo mais – a revista de Pernambuco*, 6 de setembro de 2010. Disponível em: http://www.revistaalgomais. com.br/noticias/print.php/?not=6634. Acesso em: 9 jan. 2011; CASCÃO, Regina Lucia. "Genealogia Pernambucana". Disponível em: http://www.araujo.eti.br/familia. asp? numPessoa=1885&dir=cascao. Acesso em: 30 set. 2011; FERREIRA, Júlio Pires, ed. *Almanaque de Pernambuco*: ano 13, 1911; GUIMARÃES, Mário V. "As pioneiras da medicina no Brasil e Pernambuco", Sociedade Brasileira da História da Medicina. Disponível em: http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=noticias&codigo=132. Acesso em: 10 jan. 2011; MARQUES, Ruy João. *Maria Amélia Cavalcanti:* uma vida, um ideal. Tentativa biográfica da primeira médica do Norte/Nordeste. Recife: Academia Pernambucana de Medicina – Oficinas Gráficas da Universidade Federal de Pernambuco, 1983. p. 57-87. Disponível em: www.delanocarvalho.com/maca1. aspx. Acesso em: 10 jan. 2011; MESQUITA, Antonio Neves de. *História dos baptistas em Pernambuco*. Recife: Tipografia do CAB, 1929.↩
18. MARQUES, Ruy João. Op. cit. p. 57-87.↩
19. CASCÃO, Regina Lucia. Op. cit.↩
20. MARQUES, Ruy João. Op. cit. p. 57-87.↩
21. Era um costume normal para a época, principalmente no contexto nordestino, o casamento entre primos, até mesmo os chamados primos coirmãos (filhos de pais que também eram irmãos entre si) e o

casamento de homem mais velho com moça bem jovem, mas não era comum a mulher mais velha casar-se com um rapaz mais novo.↩

22. MESQUITA, Antonio Neves de. *História dos baptistas em Pernambuco*. Recife: Tipografia do CAB, 1929. p. 144.↩
23. MARQUES, Ruy João. Op. cit. p. 57-87.↩
24. Fontes: LONG, Eula Kennedy. Op. cit. p. 204; RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Op. cit. p. 107-108; BRANT, Vera. Op. cit.↩
25. LONG, Eula Kennedy. Op. cit. p. 204.↩
26. BRANT, Vera. Op. cit.↩
27. LONG, Eula Kennedy. Op. cit. p. 204.↩
28. BRANT, Vera. Op. cit.↩

Capítulo 6

Vozes companheiras: as esposas de pastores e líderes pioneiras

A mulher do pastor tem uma responsabilidade imediata à do próprio pastor, porque, no meio dos enfados domésticos, tem ela de exercer vivo interesse no labor dele – confortando-o, quando perturbado e desgostoso; alentando-o, quando desanimado pelas quedas e faltas daqueles de quem ele esperava resultados melhores; e caminhando com ele, com toda a alma e todo o coração à Fonte, donde se tira a sabedoria e o vigor para todos os deveres.[1]

As primeiras esposas de pastores brasileiros sabiam que sua missão era de coparticipante da vocação do marido. Elas entendiam que não escolhiam sua moradia e que deveriam ter muito cuidado sobre o que falar e a quem falar; e os jovens seminaristas eram alertados a não olharem somente para a beleza, mas se lembrarem das privações que suas futuras esposas enfrentariam.[2]

Eram registradas nas atas eclesiásticas apenas como as respectivas esposas dos pastores. Mulheres sem nome, mas chamadas de “semeadoras de bondades”, “abençoadoras de vidas” e até mesmo “batalhadoras anônimas do reino de Deus”, em reconhecimento à sua dedicada atuação.

Essas mulheres não foram simplesmente esposas de pastores, mas parceiras abnegadas, dedicadas às famílias, ao próximo e às pequenas congregações, que com muita dificuldade iam sendo organizadas.

CECÍLIA RODRIGUES SIQUEIRA (1885–1968): ESPOSA DE PASTOR, EDUCADORA E LÍDER DAS MULHERES PRESBITERIANAS[3]



Cecília Rodrigues Siqueira.
Fonte: Acervo do Museu Presbiteriano Rev. Júlio Andrade Ferreira, Campinas, SP.

A educadora d. Cecília destacou-se nos meios educacionais do Estado de Minas Gerais e, através dos alunos que passaram pelo Colégio Evangélico, mais tarde líderes políticos, que a Assembleia Legislativa do Estado de

> Minas Gerais achou por bem conferir-lhe o título de Cidadã Honorária de Minas Gerais. [...] Muito justa e oportuna foi também a “Medalha da Inconfidência” que d. Cecília recebeu na histórica cidade mineira de Ouro Preto, a 21 de abril de 1966, conferida pelos seus sessenta anos de magistério, pela sua excelente função de educadora, pelo elevado patrimônio moral, intelectual e espiritual que construiu em nossa Pátria. Convém ressaltar que a Medalha da Inconfidência não é concedida a qualquer pessoa. Até então, apenas duas mulheres tiveram a glória de recebê-la: d. Cecília e uma neta do grande Rui Barbosa. Era aquela uma honra raríssima concedida a mulheres.[4]

Cecília Rodrigues nasceu em Lucena, na Paraíba, em 14 de fevereiro de 1885. Seu pai era Luiz França Rodrigues, pescador, e sua mãe, Tereza Falcão Rodrigues. Quando menina, gostava de brincar de escolinha, e na escola de verdade foi uma das melhores alunas.

Quando estava com 8 anos, observou, juntamente com sua mãe, um col-portor da “nova seita”, a quem um delegado ameaçava queimar suas Bíblias. A mãe apressou-se em informar ao esposo o que ocorria. Seu Luiz era um homem de caráter, respeitado pelas pessoas em sua localidade, e achou injusta a perseguição, dirigindo-se ao lugar do motim.

Lá chegando, pegou o colportor pelo braço e o retirou do local, levando-o para sua casa, onde a esposa o convidou para pregar. O pai da menina foi um dos primeiros a se converter e ser batizado.

Com apenas 11 anos, Cecília também foi tocada pela mensagem do evangelho e a aceitou. A mãe queria que a filha, tão inteligente e vivaz, estudasse, e as duas oravam juntas para que Deus abrisse as portas para isso. Na virada do século 19 para o século 20, ela continuava pedindo a

Deus que realizasse seu sonho de estudar para ser professora.

Estudos e magistério

O missionário George Edward Henderlite convidou Cecília para morar com sua família em Garanhuns e estudar na escola evangélica que seria aberta lá. Seu Luiz concordou prontamente, pois sabia do grande desejo da filha. Muito feliz, ela deixou Lucena e partiu para prosseguir seus estudos.

O fundador e diretor do colégio era o reverendo Martinho de Oliveira, um pioneiro corajoso que enfrentou tremendas perseguições. O primeiro aluno foi Jerônimo Gueiros, membro de uma família que prestou valiosa contribuição à igreja presbiteriana e à sociedade nordestina.

Essa escola, chamada de Escola Paroquial Evangélica de Garanhuns, foi o embrião do Colégio Evangélico Quinze de Novembro, atual Seminário Presbiteriano do Norte, pois, além do curso regular, possuía uma escola teológica que preparava jovens para o ministério evangélico.

Com o falecimento do reverendo Martinho, a escola foi fechada e Cecília foi para Natal estudar na escola do reverendo William Calvin Porter, que também fechou. De volta à sua casa, ela ensinava aos irmãos o que aprendera.

Após um ano, a jovem recebeu uma carta de Eliza Reed convidando-a para estudar e ajudar na escola que abriria em Recife. Ela foi uma das dezoito alunas com as quais a Escola Americana foi aberta, em 1904.

Naquela instituição, denominada posteriormente Colégio Evangélico Agnes Erskine, cursou o secundário, ajudou

outras alunas e auxiliou a missionária em várias e árduas tarefas. Margareth Douglas, substituta de Eliza Reed, comentou sobre o serviço esplêndido prestado por Cecília: “Era ela o meu braço forte, servindo-me de intérprete, informando-me dos planos de trabalho, aconselhando-me, arcando enfim com grande parte da responsabilidade. O nome dela merece menção especial”.[5]

Quando a escola secular de Garanhuns reabriu, sob a direção do reverendo Henderlite, em 1908, ela voltou como professora, trabalhando com alegria e disposição. Como uma jovem progressista, tornou-se líder do movimento em prol dos direitos da mulher, para as quais discursava, enfaticamente:

> Mas, então, por que as mulheres não podem exercer o direito de voto? Não somos, por acaso, tão brasileiras quanto os homens? Não temos tanto quanto eles capacidade para entender e discernir as coisas? Não estamos lado a lado construindo a nação através desta geração que educamos e formamos, através do magistério e de outros afazeres? Por que, então, não podemos também escolher com o voto os nossos governantes? Isso não pode continuar assim, minhas amigas. Levantemo-nos, e lutemos pela conquista de nossos direitos cívicos![6]

Quando, anos depois, recebeu o título de cidadã mineira, recordou os tempos em que ensinava aos homens analfabetos a assinarem o nome para que pudessem votar, mas ela própria não tinha esse direito. Lembrou que na época de luta que agitava a nação, entre o militarismo e o civismo, ela queria muito votar no intelectual Rui Barbosa. Então, preparou seus papéis requerendo seu título de eleitor e os colocou no meio de outros, para que o juiz de direito os assinasse. O juiz, que era pai de seus alunos, reconheceu

sua letra, e rindo falou: “Diga a ela que reforme a Constituição e volte [...]”.

Cecília não se cansou de escrever para os jornais da época e acabou ganhando a luta, mas não se envaideceu, pois “toda a sua vida sempre fora uma batalha, desde quando simples filha de pescadores resolveu educar-se. E ensino era, ao tempo, só para homens, filhos de gente rica”.[7]

Uma violenta epidemia de peste bubônica[8] assolou Garanhuns e, mesmo não querendo deixar a cidade, ela precisou partir, sendo convidada a morar na casa do reverendo George Butler, em Canhotinho, e abrir uma escola na localidade.

Início da vida conjugal e partida para Presidente Soares

Foi na casa do reverendo Butler, o amado médico de Pernambuco, que Cecília reencontrou-se com seu ex-aluno do Seminário Teológico de Garanhuns rev. Cícero Siqueira, por quem se apaixonou.

Casaram-se em 2 de fevereiro de 1917, seis dias após a ordenação dele ao ministério pastoral. Ambos eram tão pobres que ela não teve vestido de noiva, o que não afetou a alegria do casal, que lutou desde o início da vida conjugal por recursos financeiros.

Logo nasceu o primeiro filho, Cleantho. Ele trouxe grande alegria aos pais, contudo, com apenas 2 anos, foi acometido de paralisia infantil e só pôde andar devido à grande fé e ferventes orações de Cícero e Cecília.

Em agosto de 1918, o reverendo Butler viajou para os Estados Unidos, deixando Cícero como pastor da igreja e Cecília como responsável pelo Colégio Evangélico.

Após doze anos na cidade, em 1929, quando o casal estava com oito filhos (Cleantho, George, Cícero, Célio, Cecília, Cephas, Clícia e Cyro), o reverendo Cícero recebeu convite para pastorear em Presidente Soares, Minas Gerais, e para lá se transferiu, em uma difícil viagem de dez dias, com os filhos, dona Luzia, sua mãe, e a esposa grávida.



Família Siqueira em 1929.
Fonte: GRIPP, Roberto et al. Op. cit. p. 138.

Logo após a chegada da família, Cyro, o caçula, foi acometido por séria crise e faleceu. O novo bebê que chegou recebeu seu nome.

A sábia esposa de pastor e preocupada cidadã jequitibaense

Cecília dizia que a profissão de pastor não rendia dinheiro, mas conferia honras. Seu esposo, porém, as recusou quando decidiu transferir-se para a distante vila de Alto Jequitibá, atual Presidente Soares.

Depois de vencidas as dificuldades, quando o nome de Cícero Siqueira era conhecido em toda a região, ele novamente recusou se tornar um político, respondendo que era um embaixador de Cristo e que já tinha a posição mais alta a que poderia aspirar: “Não aceitarei, de modo algum, nenhuma posição política, porque estou muito interessado na política do meu Senhor”.[9]

Como esposa de um pastor tão vocacionado, Cecília contribuiu não somente para o êxito de seu ministério, como também para a melhoria da localidade. Como a rainha Ester, usou do recurso de convidar o prefeito da cidade para um jantar e lhe pedir providências para as ruas enlameadas:

Ela falou ao rev. Cícero: “Com tanta lama nas ruas, brevemente ninguém poderá mais sair de casa. Será que o prefeito não vai dar um jeito nisso?”. Alto Jequitibá era um Distrito de Manhumirim e o prefeito não parecia lembrar-se da pequena vila para melhorar, pelo menos um pouco, as suas ruas. [...] Um dia, dona Cecília disse ao marido: “É preciso fazer alguma coisa para que o prefeito se lembre

das ruas de Jequitibá". O rev. respondeu: "Mas fazer o quê?".

> Ela ficou meditando bastante tempo e depois, com o rosto animado, disse: "Nós poderíamos convidar o prefeito para vir jantar conosco, o que acha?". E assim aconteceu. Em um daqueles dias das ruas bastante enlameadas o prefeito aceitou, com prazer, o convite para jantar, considerando ser uma homenagem que o diretor do Ginásio Evangélico estava lhe prestando. A lama tomava conta das ruas. A estreita calçada da casa pastoral escorregava perigosamente. O prefeito ao sair do automóvel teve de tomar bastante cuidado para não escorregar naquela lama. Então, d. Cecília, aproveitando a oportunidade, sugeriu muito a propósito: "Senhor prefeito, cascalhos poderiam melhorar estas ruas. Se o senhor pudesse mandar colocar cascalhos [...]". O prefeito não teve outra saída e respondeu: "Sim, mandarei colocar cascalhos nas ruas de Alto Jequitibá".[10]

Quando o casal chegou a Alto Jequitibá, o Ginásio Evangélico estava em situação crítica, prestes a encerrar as atividades. Cícero e a esposa fizeram todos os esforços e conseguiram evitar o fechamento.

Cecília relatou que "trabalhou tanto esse homem que às vezes nem podia dormir de tão preocupado. Eu tinha de estar ao seu lado e sempre assistia suas noites de insônia que muito me afligiam".[11]

Em 1963, o colégio, que não foi fechado, estava com 790 alunos, segundo reportagem da revista *Manchete*:

> O Colégio Evangélico foi fundado pelo reverendo Aníbal Mora, em 1924, e se tornou, com o tempo, o principal educandário da região, estudando ali rapazes do Rio, São Paulo, Belo Horizonte e cidades vizinhas. Por outro lado, não há preconceito religioso quanto aos estudantes não protestantes que convivem nas aulas. Foi o reverendo Cícero Siqueira quem realmente impulsionou o colégio, que hoje tem 790 alunos. O efeito desse impulso atingiu não só a cidade, mas todo o município onde funcionam ótimas escolas rurais.[12]

No ano dessa publicação, o reverendo Cícero já havia falecido, mas dona Cecília ainda vivia e pôde ler sobre “seu colégio” e “sua cidade”. A reportagem de 12 de outubro de 1963, intitulada “A cidade sem pecado”, afirmava que em Presidente Soares, Minas Gerais, a grande maioria da população era de protestantes e andava de Bíblia nas mãos.

> No Colégio Evangélico, orgulho da região e um dos mais famosos de Minas, estudam presbiterianos e católicos. Todas as semanas, um sacerdote católico é admitido no estabelecimento, onde reza missa para os alunos católicos. Em Presidente Soares o puritanismo obedece a uma inclinação profunda do povo. Nunca houve bailes na cidade, que não possui clubes sociais. Ninguém ali aprecia bebidas alcoólicas. E na cadeia dois soldados passam o dia bocejando de tédio, porque há anos nenhum cidadão do município tem o desejo de roubar ou matar o seu semelhante.[13]



EM PRESIDENTE SOARES, MINAS GERAIS, A GRANDE

a cidade sem pecado

Manchete EXCLUSIVO

NO Brasil, país tradicionalmente católico, há uma cidade predominantemente protestante. Em Minas Gerais, à beira de longa estrada poeirenta que atravessa a Zona da Mata e se perde no Espírito Santo, está situado o município de Presidente Soares, com 2 500 habitantes — 1 900 presbiterianos e os demais, católicos. Porém não há conflitos. Antecipando o que o Vaticano se esforça por estabelecer, através do Concílio Ecumênico, protestantes e católicos vivem em perfeita harmonia. No Colégio Evangélico — orgulho da região e um dos mais famosos de Minas — estudam presbiterianos e católicos. Tôdas as semanas, um sacerdote católico é admitido no estabelecimento, onde

Reportagem “A cidade sem pecado”.
Fonte: LÉON, A. Ponce de. Op. cit. p. 98.

A atuante membro da igreja e líder do trabalho feminino

O trabalho era excessivo, na igreja e na escola. Cecília dispunha-se a assumir maiores responsabilidades e aliviar a carga do esposo, que reconhecia a disposição dela para a luta: “As ondas da vida não a assustam, como não a atemorizavam os vagalhões do mar de Lucena. Cecília herdou a fibra de seu pai pescador. [...] Ela enfrenta com ânimo forte os embates da existência”.[14]

Mesmo com inúmeras tarefas, ela participava de todas as programações da igreja. Estava em todas as reuniões, desde as ligas juvenis às sociedades de moças. E, como professora da escola dominical, nunca teve férias. Além da responsabilidade de sua classe aos domingos, manteve um curso de preparação de professores que funcionava aos sábados.

Um de seus alunos testemunhou que ela procurava incutir na mente do jovem como viver no mundo tão corrompido, dando seu testemunho cristão. Antes da morte dela, em sua última aula, “advertiu os alunos quanto à vida futura, dizendo-lhes ter orado pedindo a Deus que salvasse todos eles e desejando que viessem a ser homens brilhantes e honestos”.[15]

Cecília prestou relevantes serviços à denominação, e para sua igreja local foi uma figura incomparável, uma amiga sincera e a pessoa mais presente em todas as atividades. Junto do esposo foi organizadora do Trabalho Feminino do Brasil e secretária do ministério por quinze anos (1939–1954).

Em 1946, como secretária-geral do Trabalho Feminino do Brasil, a convite de organizações estadunidenses, integrou uma comissão de representantes da Igreja Presbiteriana do Brasil e visitou 36 estados do país. Lá encantou a todos com sua rara inteligência e seu inglês perfeito: “Ela proferiu conferências sobre o Brasil e a igreja presbiteriana, impressionando grandemente a todos, tornando-se assim, segundo declaração da imprensa da época, ‘a sul-americana mais conhecida na América do Norte’”.[16]

Cecília era de uma eloquência espontânea e simples, de muita fé, espírito dinâmico e de inteligência clara. Por onde atuasse, demonstrava o brilho de sua cultura geral e bíblica e, mesmo após um dia de trabalho duro, ainda se mostrava ativa e risonha.

Ela foi a organizadora dos departamentos da Sociedade Auxiliadora Feminina (SAF), que chegou a ter treze departamentos. Em 1966, quando vice-presidente da SAF, recebeu o título de presidente emérita e, em sua homenagem, foi escolhido o segundo domingo de fevereiro, por ser o mais próximo do seu aniversário, como o Dia da Mulher Presbiteriana.

A mãe abnegada

Apesar de ter recebido medalhas e condecorações, as joias preciosas da esforçada esposa e dedicada mestra foram os oito filhos de quem cuidou e os quais educou com sabedoria. Eles foram seu maior galardão aqui na terra.

Todos se tornaram pessoas de bom caráter e excelentes profissionais, ocupando posições elevadas na literatura, na advocacia, no magistério e na igreja evangélica. Eles

experimentaram os tesouros de abnegação e amor com os quais a maternidade dotou o coração de Cecília. A filha Clícia traçou seu perfil em suas atribuições de mãe na poesia a seguir:

GRATIDÃO

Pelo sofrimento físico,
pelas horas não dormidas.

Pelos cuidados sem conta,
pela intercessão sem repouso.

Pelo caminho estreito
que me apontou em criança.

Pelo sofrimento da liberdade de escolha
a que me obrigou desde cedo.

Pelas histórias tão cheias de encantamento,
que enriqueceram minha infância.

Pelos conselhos sabiamente introduzidos,
"anjo da guarda" da minha adolescência.

Pelo exemplo que me deu e que me dá:
de um caráter inquebrantável,
de uma vida de fé,
de uma vida
de amor e de esperança,
de uma vida feliz.

Por tudo isso
E por muito mais ainda:
Obrigada, mamãe,
muito obrigada.[17]

A educadora por excelência que faleceu no Dia do Professor

Cecília foi professora durante sessenta anos e se destacou nos meios educacionais de Minas Gerais. Seus alunos

tornaram-se escritores, engenheiros, advogados, professores, líderes políticos etc.

Por seu trabalho como educadora, em 29 de janeiro de 1966, a Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais achou por bem conferir-lhe o título de cidadã honorária de Minas Gerais. No trecho de seu discurso, considerado diferente pela serenidade, autenticidade e improviso, ela afirmou que não merecia a homenagem:

> Quando, em setembro do ano passado, o dr. Miranda me disse em Presidentes Soares: "A senhora vai receber o diploma de Cidadã Mineira", eu duvidei, pois não mereço isto. Achei que fosse até uma brincadeira dele. Tratei, inclusive, de esquecer, mas o dr. Batista Miranda perseverou e tanto perseverou e tanto trabalhou que, hoje, estamos vendo e ouvindo estas homenagens a mim prestadas, que, aliás, têm sido conferidas a poucas mulheres. Creio que antes de mim apenas uma mulher as recebeu. Foi a professora Helena Antipoff, fundadora do Instituto Pestalozzi para recuperação de crianças excepcionais.[18]

O Diário da Assembleia de 1º de fevereiro relatou que, ao concluir seu discurso, dona Cecília foi aplaudida de pé por todos os presentes, e a mesa determinou que o magnífico discurso fosse inscrito nos anais da casa. Na ocasião, o deputado Batista Miranda declamou o soneto de Jorge Buarque Lyra, em sua homenagem:

> Como ferro cadente da fornalha
> É Cecília Rodrigues Siqueira
> Que, abrasada de fé, toda batalha
> Da vida vence, altiva, sobranceira!
>
> Com santo entusiasmo ela trabalha
> Sem nunca lastimar qualquer canseira
> Pois sua mão, que o mal com força atalha,
> Só luta pela igreja verdadeira!

Cristã convicta, exímia boletrista
Espírito de luz, nobre mulher
Guardiã que eleva o culto reformista.

Bendito seja o apostolado
Pois é o próprio Deus que assim o quer
Para a glória do nosso Cristo amado![19]

Dona Cecília foi condecorada com a Medalha da Inconfidência, em 21 de abril de 1966, em Ouro Preto, pelo governador do estado. Essa homenagem lhe foi prestada pelos seus sessenta anos de magistério, e pelo elevado patrimônio moral, intelectual e espiritual que construiu como educadora nata e o amor pela terra natal que incutiu nos alunos como ardente patriota.

Valeu a pena o esforço do reverendo Siqueira e de sua esposa para impedir que o colégio fechasse. Os frutos apareceram e multiplicaram-se. E a gratidão da região foi demonstrada com o nome dele dado à rodovia que liga Alto Jequitibá a Alto Caparaó e à construção de um monumento em homenagem ao casal Siqueira, na praça Rev. Cícero Siqueira, no centro de Alto Jequitibá.

Cecília Siqueira foi também uma poetisa de sucesso, tendo composto poemas e hinos evangélicos, como a poesia que segue:

ALGUÉM ORAVA

O cansado sentiu que de repente
Um alívio profundo o invadia
E o aflito, de todos já descrente,
Foi tomado de súbita alegria.

“Nunca mais há de rir”, de um doente
A enfermidade ansiosa repetia.
Mas eis que a enferma se ergue sorridente
Pede o alimento, que já não queria.

“Que houve então?”, diz um desses, "que alterou
O curso do tomento em que eu me achava
E feliz de repente me tornou?"

Alguém que longe ou perto se encontrava
De interceder por outros se lembrou
E reverente com fervor orava.[20]

Cecília viveu em Presidente Soares, MG, por 39 anos, e morreu no Dia do Professor, em 15 de outubro de 1968. Nesse dia chegou animada ao colégio, onde recebeu cumprimentos e abraços. Começou, porém, a se sentir mal e desmaiou na secretaria da escola. E foi orando que faleceu às 22h45. Suas últimas palavras foram: “Amém, Senhor, amém!”.

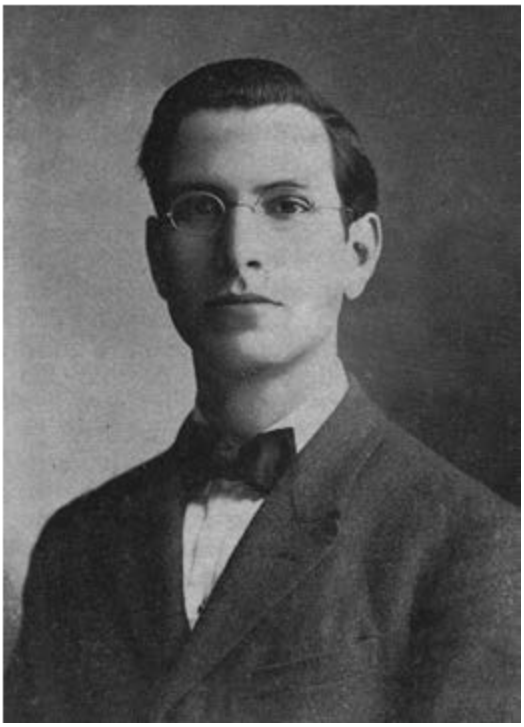
OTÍLIA DE OLIVEIRA CHAVES (1897–1983): ESPOSA DE PASTOR E PIONEIRA NA REPRESENTAÇÃO DAS METODISTAS BRASILEIRAS NO EXTERIOR[21]

Nosso pastorado na Central foi um dos mais abençoados daquela quase centenária igreja e, certamente, um dos mais felizes de nossa vida. (Peço desculpas por usar a expressão nosso pastorado. Acontece que nem meu esposo nem eu consideramos nossa missão no serviço de Deus como coisa à parte.)[22]

São Borja foi o meu primeiro campo experimental. Gostei do nosso trabalho em comum. Aonde ele ia, eu ia com ele; suas alegrias eram as minhas alegrias, seus dissabores eram meus também. Tudo eu fazia como parte do programa que, em solteira, estabelecera para a minha vida de casada. Notei que minha atitude agradava aos irmãos e causava admiração no meio social em que atuávamos, não afeito a essa filosofia de vida. Para mim, esta foi a vontade de Deus, quando criou a mulher – “para ser uma auxiliadora que lhe fosse idônea”. Entretanto, cedo compreendi que, para a alta hierarquia da Igreja, o pastor e esposa eram considerados a mesma pessoa, embora ela nenhuma ligação oficial tivesse, senão a de simples membro de Igreja. A contribuição desta era creditada ao esposo: as suas falhas eram-lhe debitadas.[23]



Otília de Oliveira Chaves.
Fonte: CHAVES, Otília de Oliveira. *Itinerário de uma vida*, p. 55.



Rev. Derli de Azevedo Chaves.
Fonte: CHAVES, Otília de Oliveira. *Itinerário de uma vida,* p. 55.

Otília de Oliveira nasceu na região da mata de Minas Gerais, em Santa Rita de Cássia, no dia 3 de janeiro de 1897. Filha de Jovelino Alves de Oliveira e Francisca Gonçalves de Oliveira, a menina nasceu em uma família tipicamente brasileira. Pelo lado paterno, havia a mistura de raças. Seu avô era mameluco, filho de índia com português. Pelo lado materno, o casamento foi entre parentes. Sua avó foi forçada a se casar com um sobrinho. Ela afirmava que havia se submetido, mas não se conformado com a situação: “Eram tempos em que a mulher não tinha querer”.[24]

Quando seus pais se casaram, sua mãe estava com 15 anos e seu pai, com 20 anos. Começaram a vida em um sítio, na dureza do trabalho da lavoura. Depois, abriram um armazém que prosperou e a família cresceu com a vinda de sete filhos.

Seu pai adquiriu a Fazenda do Capim, antiga residência dos barões de Tefté, onde Otília cresceu cercada de outras crianças que moravam em sua casa para frequentarem a escola próxima. Naquela fazenda de salões enormes e dez dormitórios viviam irmãos, tios, sobrinhos, primos e amigos. Foram dias felizes de brincadeiras, travessuras e castigos.

A menina foi para a escola com 8 anos e concluiu o primário, o que era o máximo para as mulheres, mas seus pais não pensavam assim. Eles a matricularam em um colégio particular em Muriaé que recebia alunas internas.

A escola funcionava como um convento, mas o ensino era bom. A diretora Maria Antonieta despertou em Otília o gosto pelas letras. E ela, com dom de liderança, fundou um grêmio literário denominado Júlia Lopes de Almeida, a poetisa de destaque da época, que se correspondeu com a jovem e a orientou nos dons literários.

O pai a apoiou em sua decisão de continuar os estudos, e a porta aberta foi o Instituto Granbery, em Juiz de Fora, de caráter universitário, com cursos de farmácia e odontologia. O que a família não sabia era que a instituição era dirigida por educadores protestantes. Otília estranhou quando ao ler o currículo viu que Bíblia era uma das matérias do curso, já que a leitura do livro era negada ao povo.

Sua mãe era católica fervorosa, devota de São Sebastião. Sem conhecimento das Escrituras Sagradas, sua fé simples estava na intercessão aos santos. O seu pai era contrário a certas práticas: confissão auricular, celibato sacerdotal, missa em latim e pagamento aos sacerdotes pelos atos religiosos. A mãe, que era assídua às cerimônias e auxiliava nos leilões e festas, depois do casamento não se confessou mais, pois o marido lhe proibira.

Não foi sem motivo a apreensão de Otília ao descobrir que seu novo colégio era protestante. Ela receou que a mãe a proibisse de prosseguir seus estudos. Como boa filha, não ocultou nada, mas foi revelando aos poucos as coisas novas que ouvia sobre religião.

> Disse-lhe que o ambiente do Granbery era bem diferente daquele que vivi no Maria Antonieta. Contei-lhe que a Bíblia era uma das matérias do currículo e que as aulas de religião eram ministradas por professores idôneos e complementadas por assembleias nas quais cantavam-se canções

> religiosas e ouviam-se bonitas mensagens, calcadas nos ensinos dos Evangelhos.[25]

A resposta que recebeu da mãe causou-lhe admiração: “Quando ao que me dizes sobre o ensino religioso do Colégio, nada me perturbou, porque, apesar de não ter conhecimento da Bíblia, minha compreensão de Jesus Cristo e da salvação é exatamente como me mandas dizer que aí ensinam”.[26]

Otília ficou feliz, pois gostava do ambiente de liberdade com responsabilidades do colégio, e se dispôs a se aplicar mais nos ensinos bíblicos.

A família mudou-se para Juiz de Fora pela proximidade de Otília e sua irmã. Lá, foram visitados pelas senhoras da igreja metodista que os convidaram a assistir um culto. Toda a família passou a frequentar a igreja, com exceção do pai, que não se adaptou a Juiz de Fora e voltou para a fazenda.

A jovem era a única mulher no curso de farmácia, formando-se com seus onze colegas. Ao final do curso, apaixonou-se por um aluno de teologia, o gaúcho Derli Chaves, que ainda tinha mais dois anos de estudos. Por isso, seu noivado foi à distância e eles se encontraram apenas duas vezes.

Os jovens casaram-se em 26 de setembro de 1918, tendo início para Otília a vida de esposa de pastor metodista, ainda em experiência, que recebia um salário pequeno.

A lua de mel foi passada em viagem com várias baldeações de trens. Fizeram uma estadia de dois dias na cidade de São Paulo, e, em Alegrete, onde morava a família de Derli, ficaram somente um dia. Após cinco descarrilamentos, falta de comida e muitos incidentes,

chegaram ao seu campo de trabalho, a cidade de São Borja, no Rio Grande do Sul.

A primeira residência foi um depósito do colégio, cheio de ratos, morcegos, baratas, mosquitos, pulgas e percevejos. Livres deles, e com “o carinho e boa vontade de nossos hospedeiros, conjugados ao amor que nos unia um ao outro, tornaram aquele modesto quartinho um pequeno recanto do céu”.[27]

Ainda faltava conseguir moradia definitiva, congregação e recursos materiais, e o único auxílio de que dispunham era a oração. Como um homem de ação, Derli saiu à procura de uma casa, fez amizade com personalidades de destaque, entre elas o doutor Getúlio Vargas, então promotor de justiça da comarca.

O casal convidava pessoas para os cultos no salão do colégio e muitos se interessaram pelo que chamavam de “a nova lei”. Otília visitava as famílias interessadas e as doutrinava no evangelho. Era grande o entusiasmo com o qual o povo aceitava a Palavra de Deus.

Na cidade só havia uma casa desocupada que havia sido abandonada por causa de fenômenos estranhos que nela ocorriam. Era considerada “assombrada”, e foi fácil alugá-la; era grande e perfeita para o casal.

Derrubada uma parede, fizeram um salão que foi usado como a capela metodista, inaugurada com uma grande assistência. O novo pastor estava feliz, já tinha casa e igreja. Faltavam somente os móveis, que chegaram de Alegrete na hora certa, enviados pela família de Derli, como presente de casamento.

> Saltamos de alegria, como crianças. [...] A casinha de nossos sonhos começava a aparecer. De tábuas de caixote, fizemos o restante dos móveis: mesa de jantar, prateleiras e outras pequenas peças para o escritório e para a cozinha. Revesti o que havíamos feito com fazenda estampada. A casa ficou alegre e o pouco que tínhamos encheu os nossos olhos. Tudo ficou bonito, confortável. Nada nos faltou.[28]

A “casa assombrada” virou atração da região e foi local de conversão de almas preciosas. A capelinha enchia-se dominicalmente. As reuniões de estudos bíblicos e de oração, no meio da semana, eram alegres e produtivas. O povo era atraído pelos cânticos e notícias de sucesso.

Como ocorreu em outros lugares, o vigário local começou a agir com energia contra os “novos inimigos da santa madre igreja” que haviam chegado em São Borja. Ele ficava na esquina próxima à capela, avisando que ali funcionava a seita protestante, perniciosa inimiga da igreja. Sua atitude, entretanto, promoveu o metodismo. E muitos se converteram.

Tudo corria bem até a chegada da gripe espanhola, que causou grande calamidade pública. Famílias inteiras foram atingidas pelo mal e muitos morriam, especialmente os pobres da periferia.

Aquela foi uma boa oportunidade para a igreja metodista demonstrar sua fé e humanidade. Na congregação havia um médico, um carroceiro e meia dúzia de senhoras que se dispuseram como bons samaritanos.

Otília, como enfermeira, aviava as receitas formuladas pelo médico e as senhoras solicitavam ao comércio o necessário para preparar a dieta alimentícia, que era levada pelo carroceiro às casas dos necessitados.

Na casa pastoral foi estabelecido um posto de assistência médico-dietética que funcionou até que se amainasse o violento surto da gripe. Nenhum membro da igreja foi contagiado e os crentes tornaram-se conhecidos por seu testemunho amoroso.

Testemunho sobre uma família vitimada pela febre espanhola

No período más grave do surto gripal, assistimos a cenas dantescas. Acompanhando meu esposo em suas visitas aos enfermos, visitamos certa casa onde nos informaram de que todos estavam atacados do mal e não havia quem os tratasse. Batemos à porta e apenas ouvimos uma voz muito fraca dizer: “Entre”. Entramos. O quadro não podia ser mais horripilante! Oito criaturas, entre adultos e crianças, estavam deitadas, mal podendo abrir a boca ressecada pela febre, morrendo de inanição. Uma criancinha de meses, numa rede improvisada em berço, suspensa uns poucos centímetros do chão, estava prestes a ser atacada pelas formigas de um formigueiro de monte que já se aproximava do improvisado berço. Com a rapidez que o caso exigia, pusemos toda a nossa equipe em ação e ainda solicitamos da polícia alguns elementos para procederem à limpeza do rancho. Tudo foi feito com muito amor no sentido de salvar aquela pobre família. Tivemos a alegria de vê-la salva no corpo e na alma.

(*Otília de Oliveira Chaves*)[29]

Diante da prática de amor cristão, os inimigos se calaram, o povo assistia aos cultos e até um padre o fez em oculto, de uma sala anexa à capela. No auge da obra evangelizadora, o casal foi convocado para suprir a falta de dois professores no colégio de Uruguaiana. O reverendo Derli relutou, mas não podia desobedecer às ordens superiores.

Mesmo quando, aos olhos humanos, os rumos tomados pela igreja terrena não são aqueles desejados por Deus, ele está no controle. Quando a hierarquia retirou o reverendo Derli de São Borja, a igreja formada por 33 membros continuou o trabalho cristão e o Senhor capacitou uma das primeiras convertidas, a jovem Naura Causses, a assumir a liderança da congregação.

> Quero prestar minha homenagem à sua memória e recordar quanto lhe deve a Igreja Metodista pela obra extraordinária que desempenhou na Igreja de São Borja. Quando a igreja ficou sem pastor, ela, sem nomeação episcopal, porque naqueles tempos as mulheres ainda não eram admitidas ao ministério, assumiu, por direta indicação do divino Espírito, a direção dos trabalhos da igreja, trabalho que exerceu, com eficiência e por longo tempo, até que a igreja tivesse um pastor para substituí-la.[30]

Após aquele socorro, o casal ansiava por retornar a São Borja, onde fora adquirido um terreno bem localizado para a construção do templo, com contribuições do povo, entre os quais o general Manuel Vargas e seu filho, doutor Getúlio, futuro presidente do Brasil. Porém, no concílio regional foram nomeados para a cidade de Santa Maria.

Otília, esperando o primeiro filho, chegou ao centro educacional que atraía muitos jovens. Enquanto São Borja era modesto fim de linha, Santa Maria era um tronco ferroviário de primeira ordem para onde convergiam ou partiam todos os trens do estado.

A igreja metodista já mantinha seu trabalho na cidade há algum tempo e tinha acabado de abrir ali um educandário para meninas. A congregação, porém, era modesta e ainda não tinha templo nem casa pastoral. Foi lá que nasceu Rute, em 9 de novembro de 1919.

Quando a menina estava com apenas seis semanas, seu pai foi atacado pela peste bubônica que infestava a cidade. Como centro ferroviário, Santa Maria recebia cargas de navios que traziam em seus porões grande quantidade de ratos, portadores do mortífero mal.

Enfrentando a peste bubônica

O reverendo Derli contraiu a peste bubônica ao ser picado ou em suas visitas às famílias da igreja ou no porão da casa que acabara de alugar, onde encontrara um rato morto cheio de pulgas.

Na volta de uma visita pastoral, ele sentiu forte dor na perna e começou a coxear, chegando à casa ardendo em febre. Já sem sentidos, foi colocado no leito, com a febre aumentando e com delírios. O médico que o examinou diagnosticou a peste bubônica e o enviou imediatamente ao sanatório da cidade.

A família precisou deixar a casa para que fosse desinfectada. Otília se desesperava por não poder visitar o marido e, somente após muitas súplicas, conseguiu

permissão para vê-lo. As igrejas evangélicas estavam em oração, um padre pediu para orarem por ele, e a congregação local colocou-se de joelhos implorando a Deus por sua vida.

Ao fim do sexto dia, os médicos perderam a esperança de salvá-lo. Um deles disse a Otília que o marido estava desenganado, com um grande tumor no pé em que fora picado. Eles temiam abri-lo devido ao pus virulento.

Otília, com coragem e disposição, disse que era farmacêutica e entendia de enfermagem e que, se o doutor operasse o tumor, ela se encarregaria dos curativos. Ele concordou e o rasgou, mas largou o bisturi e deixou todo o trabalho de desinfecção e dos curativos para ela.

No dia seguinte, a febre começou a baixar e continuou baixando. Depois de recuperado, o reverendo Derli falou à esposa que o Senhor Jesus lhe aparecera e lhe dissera que não seria daquela vez que ele morreria.

> Foi dura a experiência, mas gloriosa. Eu tinha a certeza de que o Senhor não faltaria, mas não deixo de confessar que há momentos em que a gente tem a impressão de estar só. No entanto, na hora precisa, ouve-se a sua voz mansa e suave: “Não vos tenho dito que, se crerdes, vereis a glória de Deus?”. Foi o que aconteceu comigo. Aleluia![31]

Após 27 dias de internação, enfraquecido e desidratado, o marido voltou para casa. Um mês depois já estava pregando.

De Santa Maria, foram enviados para Cachoeira do Sul. Otília ponderou se a vida do pastor exigia da família uma eterna roda-viva: em dois anos, quatro mudanças? Aflita, recebeu a resposta de Deus de que devia entregar seu

caminho a ele, o que ela fez durante muitos anos de ministério.

Em Cachoeira do Sul, o reverendo Derli fez um excelente trabalho de evangelização, com séries de conferências, reuniões de orações, estudos bíblicos e abertura de novos pontos de pregação. Lá nasceram mais dois filhos do casal: Paulo e Derli Jr. O caçula, porém, faleceu com apenas sete meses.

Apesar da dor da perda, Deus estava confortando o coração de Otília, que perdia a apreensão pelas mudanças. O casal permaneceu cinco anos naquele ministério abençoado e enriquecido com muitas amizades, até que o esposo ganhou uma bolsa para cursar a Faculdade de Teologia da Universidade Emory, nos Estados Unidos.

O reverendo Derli foi sozinho, pois a bolsa era de apenas um ano, e Otília retornou, com os filhos, para o local de sua infância, a Fazenda do Capim.

Na Universidade Emory

O excelente desempenho acadêmico do esposo o classificou como candidato oficial à continuação da bolsa e, ao fim do primeiro ano, a família foi chamada para se juntar a ele no exterior.

Otília, sem conhecimento da língua e com duas crianças pequenas, embarcou para um país estrangeiro ao encontro do marido. Um secretário da Associação Cristã de Moços que ia para Nova York no mesmo navio foi seu anjo da guarda na viagem e na chegada lá.

No sétimo mês de sua estadia, enfrentando ainda as dificuldades naturais de comunicação, foi convidada para

representar as senhoras do Brasil no Concílio Geral das Senhoras Metodistas, em abril de 1927.



Família Chaves na Universidade Emory: rev. Derli, Otília e os filhos, Rute, Paulo e Dóris (no colo).
Fonte: CHAVES, Otília de Oliveira. *Itinerário de uma vida,* p. 89.

Otília foi a primeira brasileira a participar do concílio e, após seu discurso, mesmo com dificuldade de comunicação, foi aplaudida. Aquela experiência serviu para curar sua inibição e, com novo ânimo, sua primeira estadia em um país estrangeiro tornou-se mais prazerosa. Foi lá que nasceu, em 4 de outubro de 1927, sua caçula, Dóris Emory,

que recebeu o segundo nome em homenagem à universidade que os abrigou.

O esposo de Otília foi aluno exemplar e conseguiu em três anos os graus de bacharel em divindade e mestre em artes. E, além dos estudos, trabalhava, conseguindo o suficiente para a volta ao Brasil. A família retornou em abril de 1928, para dirigir a Faculdade de Teologia do Granbery.

A Faculdade de Teologia do Granbery

Enquanto o esposo reestruturava o currículo da faculdade e cuidava da administração, Otília lecionava no colégio, na faculdade e fazia o curso de educação religiosa, graduando-se em 1936. Ela declarou: “Durante o tempo em que meu marido esteve à testa da instituição, fui de tudo um pouco, aluna, professora, mãe, enfermeira e orientadora educacional”.[32]

Eles moravam no edifício da faculdade e formavam com os alunos uma grande família. Tomavam o café da manhã e realizavam o culto doméstico juntos. Aos domingos, após os cultos nas igrejas, reuniam-se com aqueles que voltavam para o dormitório e lhes serviam um copo de leite com bolo:

> Este “boa noite” com o qual nos despedíamos dos alunos tornou-se, ao longo dos dias, alguns dos momentos mais felizes de nossa administração e da vida de muitos acadêmicos. Aproveitávamos aqueles instantes de camaradagem cristã para ouvir experiências do dia, e nos uníamos com eles em oração. Estes encontros muito contribuíram para o fortalecimento da vocação de alguns.[33]

Otília estabeleceu ordem e disciplina. Os alunos arrumavam suas camas, penduravam suas roupas e aprenderam a criar ambientes agradáveis em seus quartos.

A emancipação da igreja metodista em 1930

O período de 1926 a 1930 foi de ebulição política, ocorrendo um surto de nacionalismo no país e nas igrejas. A igreja metodista, em 1926, enviou representantes para a Conferência Geral nos Estados Unidos e solicitou maior atenção ao Brasil. Como resposta, foi autorizada a criação da Conferência Central entre os brasileiros; e, em 1930, em outra Conferência Geral, os metodistas brasileiros solicitaram a autonomia de sua igreja.

Foi criada, então, uma comissão constituída de cinco membros que, com cinco delegados das três conferências anuais brasileiras (entre eles Otília),

formaram uma comissão de vinte pessoas com poderes para a organização da Igreja Metodista do Brasil, em 2 de setembro de 1930.

> Considero como um dos maiores privilégios de minha vida, no seio da Igreja Metodista do Brasil, ter feito parte da comissão que declarou a sua autonomia e ter sido eleita para todos os Concílios Gerais, desde o primeiro, ininterruptamente, até o bipartido Concílio de 1970–1971, que se reuniu, respectivamente, em Belo Horizonte e Rio de Janeiro.[34]

As atividades de Otília na denominação foram extensas: foi participante das juntas regionais e gerais, cooperou na publicação de material para a escola dominical, na redação da *Voz Missionária* e na criação da Junta Interconferencial das Sociedades Metodistas de Senhoras.

Na área literária, traduziu o excelente devocionário *No Cenáculo*, além de outros livros. Escreveu a *Arte de Contar Histórias*, para professores de escola dominical, e *A Educação Religiosa no Lar* e *A Criança, sua Educação Sexual*.

O ministério em Porto Alegre e a coordenação da assistência ao desabrigados na inundação do rio Guaíba, em 1941

Do final de 1939 a 1953, seu esposo pastoreou a Igreja Central de Porto Alegre, denominada por ela “nosso feliz pastorado”. Contudo, naquela capital ocorreu em 1941 uma grande inundação. Otília tornou-se a coordenadora do movimento de atendimento aos desabrigados e o templo da Igreja Metodista transformou-se numa hospedaria-abrigo.

> Uma chuva diluviana, como igual não se tivera notícia no Estado, pelo menos nos últimos setenta anos, fez dos nossos rios verdadeiras caudais, cobrindo tudo que estava ao seu alcance e levando de roldão tudo que tentava impedir sua faina destruidora. Os trens pararam. Trechos enormes da via-férrea foram destruídos; pontes derrubadas. As estradas tornaram-se intransitáveis. O tráfego rodoviário paralisou. O Guaíba, enraivecido, saltou do leito e dava a impressão de que queria tragar Porto Alegre. As ilhas, que ornam o bonito estuário, desapareceram. Mais de um terço da cidade foi tomado pelas águas. O que estas não cobriram, inundaram. A população fugia espavorida da potência das águas. O necrotério enchia-se de cadáveres de pessoas que não tiveram tempo de escapar ou que não quiseram abandonar suas habitações. Viam-se casas descendo rio abaixo, levando sobre seus tetos, quais barcos improvisados, animais e gente numa tentativa última de se salvarem. As cenas se repetiam com aspectos diluvianos e numa rapidez que não dava tempo para qualquer ação salvadora.[35]

A Igreja Metodista Central organizou seu posto de assistência, com equipe de saúde e higiene, cozinha e lavagem de roupas, atendendo mais de trezentos desabrigados. O Exército de Salvação, com sua sede inundada, cooperou com o trabalho. Todos os dias aconteciam momentos de meditação e oração. À hora das refeições, agradeciam a Deus o alimento; pessoas de credos

diversos uniam-se no sentimento de gratidão a Deus, mesmo enfrentando uma tragédia.

De 1938 a 1956, Otília foi representante evangélica internacional e viajou para vários países, participando de diversos congressos de mulheres metodistas na América Latina e se tornando a primeira mulher brasileira eleita presidente da Federação Mundial de Senhoras Metodistas, em 1952.

Seu legado e sua morte

Otília prosseguiu envolvida com organizações internacionais e dando exemplo de perseverança e dedicação para as mulheres evangélicas. Sua vida foi plena e bem vivida. Ela constituiu uma bem-educada e sucedida família. Estudou, lecionou, escreveu, liderou, envolveu-se em causas humanitárias, teve projeção internacional e foi esposa de pastor dedicada ao ministério das igrejas por “eles” pastoreadas.

Aos 52 anos, já avó, concluiu seu mestrado em educação religiosa nos Estados Unidos. Aos 80 anos, escreveu sua biografia, demonstrando que sempre é tempo de crescimento intelectual e espiritual.

Seu livro *Itinerário de Uma Vida* apresenta não somente fatos sobre sua vida pessoal, mas também dados muitos importantes sobre os costumes da época e a preciosa contribuição de sua denominação na evangelização e assistência social no Brasil.

O casal Chaves comemorou suas bodas de ouro em 26 de setembro de 1968. Seu casamento foi realmente de ouro,

uma união de vidas preciosas que irão reluzir por toda a eternidade.

Otília faleceu em 19 de abril de 1983, com 86 anos de idade.

ESTHER SILVA DIAS (1900–1981): PIONEIRA BRASILEIRA NA LIDERANÇA DA UNIÃO GERAL DE SENHORAS BATISTAS[36]

D. Esther Silva Dias foi uma brava, uma grande mulher! Foi uma heroína! Era uma figura de rara nobreza e beleza de caráter. Crente sincera, leal, bem servia de exemplo para muitos. Amou entranhadamente sua igreja, de onde se ausentou somente quando não mais tinha condições físicas para lá estar. [...] Fez um grande círculo de amigos que lhe creditaram confiança. E entre eles cultivou o bom entendimento. Conselheira de gabarito, soube sempre agir com habilidade quando procurada. Testemunhos dos mais belos e variados podemos ouvir daqueles que a admiravam e que de alguma maneira foram por ela ajudados. Muitos com a voz embargada e os olhos umedecidos pelas lágrimas narram experiências da influência que sobre eles exerceu a grande serva do Senhor.[37]



Esther Silva Dias. Ilustração de Elza Sant’Anna do Valle Andrade.
Fonte: STEWART, Dorine Hawkins. *Esther, estrela* singular, p. 3.

Quando iniciou o trabalho batista no Brasil, as senhoras, querendo contribuir com seu crescimento, sentiram necessidade de se unirem em uma associação feminina. E, em 1889, foi organizada na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro a primeira sociedade de senhoras, presidida por Ana Bagby.

O primeiro manual surgiu em 1914 e, em 1922, com a mudança de nome para União Geral de Senhoras do Brasil e a inclusão da Sociedade de Moças, publicou-se o primeiro

número da revista para as mulheres, que foi chamada de *Revista para Trabalho de Senhoras Baptistas*. Mas por que chamar de trabalho a ação das mulheres em sua denominação?

> O crente vai ao culto para “aprender” e para trabalhar. Este conceito de igreja promoveu uma participação pessoal ativa de todos os convertidos e contribuiu para fazer das igrejas evangélicas no Brasil uma dinâmica e crescente instituição. Muitas igrejas europeias estão agora tentando implantar programa semelhante; havia, porém, tendência para negligenciar outros elementos do culto. A mecânica e a magnitude da tarefa levaram ao obscurantismo da devoção e do amor.[38]

A reflexão é bem atual, pois o ativismo exagerado pode levar as pessoas a se dedicarem mais ao trabalho em si do que cultuarem a Deus ou servirem aos irmãos em amor.

O cargo de presidente dessa união de senhoras, a princípio, foi ocupado pelas missionárias estadunidenses. Esther Silva Dias foi a primeira mulher brasileira a se tornar presidente da União de Senhoras Batistas e ocupou o cargo durante 25 anos, apresentando-se em muitas reuniões internacionais.



Capa do primeiro número da revista para senhoras batistas (1922). Fonte: ANDRADE, Elza Sant'Anna do Valle. "70 anos de Visão Missionária", *Visão Missionária,* Rio de Janeiro, 2º trimestre de 1992, p. 4.

Sua infância e conversão

Esther nasceu no Rio de Janeiro, no dia 30 de dezembro de 1900. Seus pais foram Florentino Rodrigues da Silva e Emília Trigueira da Silva, que pertenciam à Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro.

O pai tornou-se pastor e dirigiu pequenas igrejas nos arredores da cidade. Esther teve dois irmãos e uma irmã: Enéas, Silvano e Eunice. A disciplina na família era rígida e,

como primogênita, recebeu orientação firme, pois para seu pai pastor ela tinha que ser sempre um exemplo.

Esther cursou o primário na escola pública em Quintino Bocaiuva. Quando seu pai foi pastorear a Igreja Batista em Valença, ela tornou-se seu braço direito, ajudando-o como diretora da escola dominical, presidente da Sociedade de Crianças e professora na escolinha particular da igreja.

Aos 13 anos fez sua profissão de fé, e aos 14 foi batizada. Com poucos recursos, seu pai não podia custear seus estudos. Porém, conseguiu que a filha fosse matriculada no Colégio Batista Shepard do Rio de Janeiro.

Em 1916, ela iniciou o curso pago com seu trabalho e com contribuições avulsas que recebia. Uma de suas funções era cuidar das meninas pequenas, aprontando-as para as aulas, para as refeições e para dormir.

Ao mesmo tempo em que cursou o primeiro e o segundo graus, fez o curso de obreiras e deu aulas particulares para alguns alunos. Esther graduou-se como bacharel em ciências e letras.[39]

Como gostava bastante de ensinar, lecionou matemática no próprio colégio onde estudou. Seu primo, o engenheiro José Antônio Dias, também era professor de matemática no Shepard e foi natural a amizade entre os dois.

Ele, quieto e sério, e ela, ativa e expansiva. Os opostos se atraíram e o namoro entre os jovens começou. Depois de três anos de noivado, casaram-se, em 1926, em cerimônia oficializada pelo pastor Salomão Ginsburg.

Após a lua de mel, estabeleceram-se em São Paulo, onde o doutor Dias iniciou sua carreira de trinta anos no Banco do

Brasil. Durante aqueles anos, ela serviu à Igreja Batista do Brás e ele atuou como diácono presbiteriano.

Foi em São Paulo que Esther fez um curso de enfermagem, em 1932. Em 1934, o esposo foi transferido para o Rio de Janeiro. O casal não teve filhos, mas se dedicava com amor às pessoas com as quais convivia.

Esse fato e a compreensão do esposo fizeram dela a líder que Deus havia preparado desde a meninice. Ela foi membro ativa da Igreja Batista do Méier, da Igreja Batista de Copacabana e da Primeira Igreja Batistado Rio de Janeiro. Especializada em matemática, exerceu também o magistério em diversos educandários.

A União Geral de Senhoras Batistas[40]

Em 1936, Esther foi eleita secretária-executiva da União Geral de Senhoras do Distrito Federal, e durante 38 anos visitou todas as igrejas da cidade, participou das reuniões das associações e animou as senhoras.

E, quando eleita presidente da União Feminina Missionária Batista do Brasil, enfrentou com diligência e sabedoria os desafios e alcançou os alvos propostos. Após vinte anos, falou de seu sentimento de honra às mulheres que vieram de todo o país para o encontro anual:

> Prezadas irmãs:
> Tem sido para mim grande honra ocupar, durante tão largo espaço de tempo, este cargo que me confiastes, há quase duas décadas e para o qual a vossa simpatia e a vossa bondade têm me reconduzido periodicamente em reeleições sucessivas. Se não estivesse perfeitamente cônscia de que me falecem méritos para tão alta investidura, eu correria o risco de me orgulhar dela. Não existe, entretanto, esse perigo, porque sei, com certeza, que a única razão de ser dessa vossa reiterada prova de confiança reside na magnanimidade de vossos corações.[41]

Como ela e o esposo trabalhavam secularmente, faziam os relatórios financeiros da união de senhoras à noite, que eram atribuição dela e grande responsabilidade.

Esther gostava de citar a frase: “Para Deus temos sempre de fazer o melhor, o bom não basta”. E dava exemplo disso para as presidentes das uniões femininas. Ela atendia aos convites que lhe eram feitos, sem se preocupar com o número de sócias ou com a distância a ser percorrida de trem, ônibus ou a pé, e sempre chegava antes da hora marcada.

Em 1962, as senhoras batistas do Brasil, numa expressão de amor e gratidão, a homenagearam com o título de presidente emérita.

A líder internacional da União Feminina Missionária Batista

Em 1950, Esther foi convidada pelo departamento feminino da Aliança Batista Mundial para assistir às suas reuniões em Cleveland, Ohio, onde prestou relatório, em inglês, do trabalho das senhoras batistas brasileiras.

Em 1953, presidiu uma reunião das senhoras batistas da América Latina, no Rio de Janeiro, e seu relatório foi em espanhol. Esther fez amizades com senhoras de diferentes nações.

Em 1955, participou da Aliança Batista Mundial, em Londres, e, em 1956, foi eleita presidente da União Continental de Senhoras Latino-Americanas. Como porta-voz da América Latina para as senhoras de todo o mundo, recebia correspondência em inglês, que traduzia para o português e espanhol.

Foi realizado no Brasil, em 1960, o Décimo Congresso da Aliança Batista Mundial e, na ocasião, Esther foi coordenadora de hospedagem das representantes estrangeiras. As senhoras participaram da magnífica reunião de encerramento, quando Billy Graham pregou no estádio do Maracanã.

O espetáculo, formado pelas mulheres vestindo trajes típicos, foi lindo. A revista *Manchete* fotografou o evento e na capa colocou a foto de uma senhora representante da Índia, vestida com um lindo sári e com a Bíblia na mão.

> Os dias 26 de junho a 3 de julho de 1960 foram uma festa para os batistas e também para a cidade do Rio de Janeiro. Os jornais e revistas seculares se impressionaram, especialmente, com as roupas coloridas e diferentes dos representantes provenientes da África e da Ásia. E se prepararam para uma grande reportagem na reunião de encerramento, em que Billy Graham deveria falar. Nessa reunião o Maracanã encheu. A revista Manchete publicou duas páginas de fotografias sob o título “Cristo lotou o Maracanã!”.[42]

O encerramento foi majestoso. Mais de 200 mil pessoas lotaram o estádio e cantaram em diversas línguas o hino "*Ó raças, tribos e nações*".

Seus últimos anos no cuidado da família

Esther passou por perdas familiares e sofrimentos: ela cuidou de seus pais e de seu marido, que sofreu por longos anos com mal de Parkinson. Anos depois perdeu seu único cunhado e a irmã, vítimas de câncer.

Seu irmão Enéas ficou viúvo e os dois passaram um bom tempo na companhia um do outro. Ele, que estava afastado da igreja, retornou e juntos os dois assistiam aos cultos e faziam o culto doméstico. Contudo, Enéas também faleceu,

e a família reduziu-se a apenas dois membros: Esther e o caçula, Silvano.

Certo dia, quando estava em pé no ônibus, foi jogada contra o ferro de uma poltrona. Internada, descobriu-se que ela também estava com câncer e várias partes de seu corpo já estavam tomadas pela doença.

Em seus últimos dias recordava as reuniões, os cultos, as assembleias, as pessoas queridas e as irmãs em Cristo. No dia 20 de abril de 1981, aos 80 anos de idade, ouviu a chamada de Deus e o céu celebrou sua chegada.

* * *

Essas foram algumas das abençoadoras e dedicadas esposas e líderes cujas vidas inspiram e servem de modelo para a atual geração. Reforçando o que já foi dito, elas constituem uma parcela muito ínfima do universo feminino evangélico que contribuiu para a disseminação da Palavra de Deus.

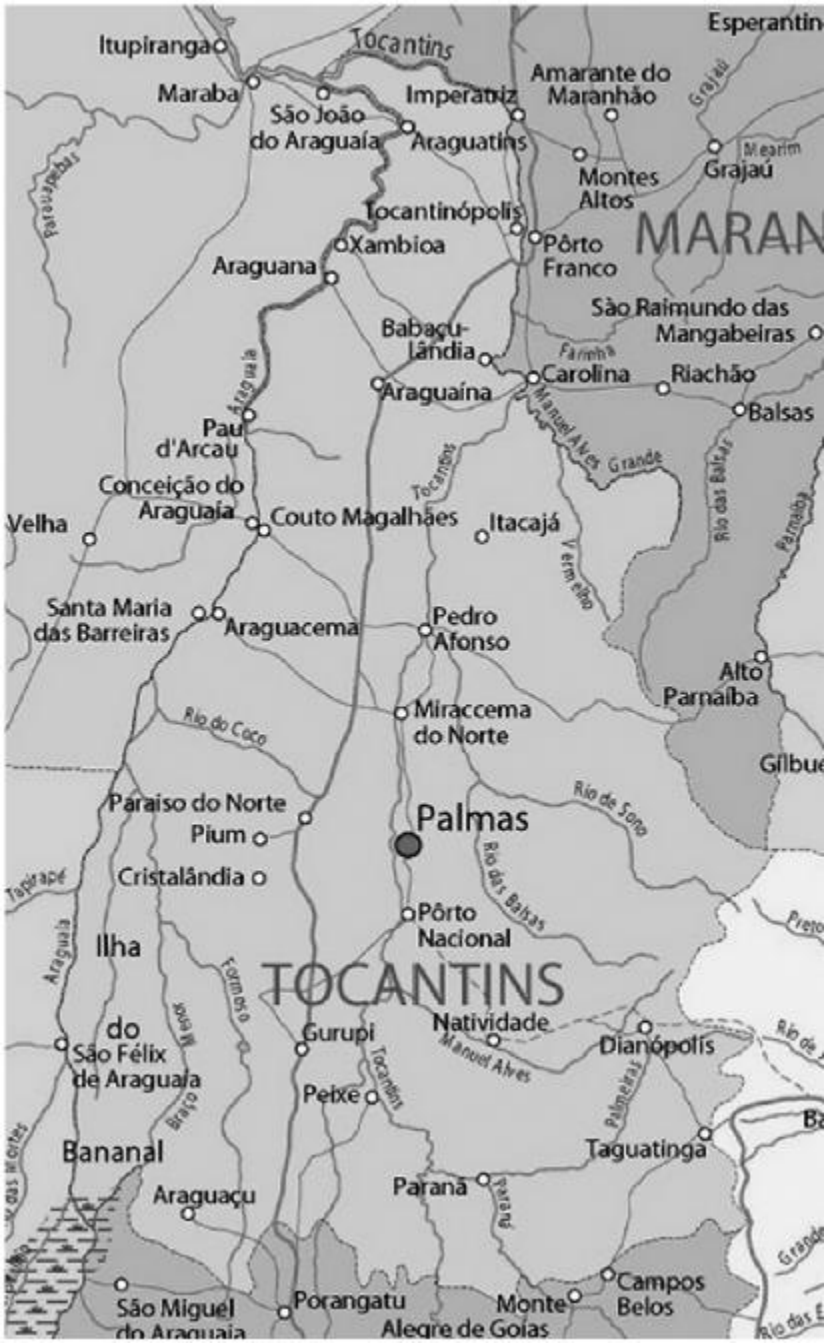
No próximo capítulo, um outro papel feminino evangélico será destacado, o das evangelizadoras, como esposas de missionários ou missionárias pioneiras no sertão, que evangelizaram indígenas, lecionaram, abriram escolas, igrejas e viajaram léguas para transmitir a mensagem cristã.

As missionárias casadas foram auxiliares dos esposos e se dedicaram, principalmente, à educação de mulheres e crianças, pois seus maridos cuidavam da pregação e ensino aos homens.

Mas as missionárias solteiras ensinavam, viajavam, evangelizavam, pregavam e organizavam igrejas. Elas somente não realizavam batismos nem celebravam a Ceia

do Senhor. E, depois do árduo trabalho de evangelismo e implantação das igrejas, apelavam para que pastores fossem enviados.

Seguem-se as histórias empolgantes e inspiradoras dessas mulheres de Deus, que se deixaram ser usadas por ele, ganhando frutos eternos e recebendo galardões nos céus.



Mapa do Tocantins com estados fronteiriços (campo missionário de Marcolina Magalhães).

Fonte: https://guiaminhaviagem.com.br/destinos/america-do-sul/351-brasil/tocantins. Acesso em: 24 set. 2021.

Porto Franco, Carolina, Tocantinópolis, Araguatins, Marabá, Colinas de Goiás, São João do Araguaia, São Domingos do Araguaia [...] todos esses lugares guardam as pegadas da missionária de Cristo, cuja vida de dedicado trabalho tem sido um desafio para tantos e tantos jovens. Nesses lugares todos e em muitos outros, ela tornou-se a professora, a serva exemplar do Senhor, a enfermeira dedicada, a pregadora fiel do evangelho que viveu.
(FREITAS, Ida de. *A missionária que abriu caminhos*, p. 21.)

---

1. KALLEY, Robert. *O Christão*, n. 67, junho de 1897. p. 11 apud CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley:* missionária pioneira na evangelização do Brasil. São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2005. p. 198.↩
2. RIBEIRO, Margarida. Op. cit. p. 134.↩
3. Fontes: GRIPP, Renée Sthler. "D. Cecília Rodrigues Siqueira", *SAF EM REVISTA*, julho a setembro de 1969. p. 9-10; GRIPP, Roberto *et al*. *História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá*. Belo Horizonte: Betânia, 1991. p. 154-193; LÉON, A. Ponce de. "A cidade sem pecado", *Manchete*, n. 599, 12 de outubro de 1963. p. 98; MIRANDA, Batista. "Discurso proferido na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais na outorga do título de 'Cidadã Honorária do Estado' à d. Cecília R. de Siqueira, no dia 29 de janeiro de 1966", *SAF EM REVISTA*, janeiro a março de 1968. p. 1-2; VIANA, Juracy Fialho. *Cecília*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.↩
4. GRIPP, Roberto *et al*. Op. cit. p. 154-155.↩
5. VIANA, Juracy Fialho. Op. cit. p. 54.↩
6. MIRANDA, Batista. Op. cit. p. 2.↩
7. Peste bubônica: doença pulmonar infectocontagiosa, provocada pela bactéria *Yersinia pestis,* que é transmitida ao homem pela pulga por meio do rato. O nome é devido à presença de bubões, tumefação inflamatória dos gânglios linfáticos inguinais.↩
8. GRIPP, Roberto *et al*. Op. cit. p. 192.↩
9. Ibid. p. 155-156.↩

10. Ibid. p. 192.↩
11. LÉON, A. Ponce de. Op. cit. p. 101.↩
12. Ibid. p. 98.↩
13. VIANA, Juracy Fialho. Op. cit. p. 106.↩
14. GRIPP, Renée Sthler. Op. cit. p. 10.↩
15. GRIPP, Roberto *et al*. Op. cit. p. 154.↩
16. Clícia Siqueira Labrunie (Portugal–1958) apud VIANA, Juracy Fialho. Op. cit. p. 156.↩
17. GRIPP, Roberto *et al.* Op. cit. p. 189.↩
18. LYRA, Jorge Buarque apud MIRANDA, Batista. Op. cit. p. 2.↩
19. SIQUEIRA, Cecília Rodrigues. "Alguém orava", *SAF EM REVISTA*, julho a setembro de 1968, contracapa.↩
20. Fontes: CHAVES, Otília de Oliveira. *Itinerário de uma vida:* memórias de Otília de Oliveira Chaves. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1977; RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Op. cit.↩
21. Fontes: CHAVES, Otília de Oliveira. *Itinerário de uma vida:* memórias de Otília de Oliveira Chaves. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1977; RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Op. cit.↩
22. CHAVES, Otília de Oliveira. Op. cit. p. 99.↩
23. Ibid. p. 69.↩
24. Ibid. p. 17.↩
25. Ibid. p. 31.↩
26. Ibid. p. 31.↩
27. Ibid. p. 61.↩
28. Ibid. p. 64.↩
29. Ibid. p. 66.↩
30. Ibid. p. 67.↩
31. Ibid. p. 73-74.↩
32. Ibid. p. 93.↩
33. Ibid. p. 94.↩
34. Ibid. p. 96.↩
35. Ibid. p. 147-148.↩

36. Fontes: STEWART, Dorine Hawkins. *Esther, estrela singular.* Rio de Janeiro: União Feminina Missionária Batista do Brasil, 1984; LOPES, Olinda Silveira. “O que eu ia dizer”, *O Jornal Batista*, 24 de maio de 1961. p. 6; NICHOLS, Sophia. “União Geral de Senhoras – auxiliar à C.B.B.”. In BERRY, William H., dir. Álbum do Brasil Batista: Junta Patrimonial Batista do Sul do Brasil. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1955. p. 60-61.↩
37. LOPES, Olinda Silveira. Op. cit. p. 6.↩
38. HAHN, Carl Joseph. Op. cit. p. 148-149.↩
39. Embrião do atual Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER), antes chamado Instituto de Treinamento Cristão para Moças (ITC).↩
40. Esse nome foi alterado, em 1963, para União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB), pelo ideal missionário e para englobrar todas as mulheres, não apenas as senhoras.↩
41. STEWART, Dorine Hawkins. Op. cit. p. 26.↩
42. PEREIRA, José dos Reis. *História dos batistas no Brasil, 1882–1982*. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 181.↩

Capítulo 7

Vozes evangelizadoras: as esposas de missionários em Portugal e as missionárias pioneiras aos indígenas e sertanejos no Brasil

Quando Noemi[1] Campêlo tombou, Marcolina Magalhães, Beatriz Silva e Lígia de Castro se levantaram e continuaram a obra. Outras seguiram depois. O trabalho cresceu. As igrejas se multiplicaram, o alicerce do edifício foi bem firmado. Um dia o Senhor chamará estas e outras que se estão gastando na obra. Quem as substituirá? Oh, nossa oração é que o Senhor as sustente e fortaleça para que por muitos e muitos anos ainda elas possam continuar levando adiante a obra, inspirando a mocidade como a mim me inspiraram.[2]

Missionárias brasileiras no país e fora dele, mulheres vocacionadas e impulsionadas pelo desejo de agradar a Deus serão apresentadas. Que sublime missão, que vidas inspiradoras, quanto desprendimento, capacidade de identificação com o povo, compaixão e ausência de egoísmo!

Wilhelmine obedeceu ao ide de Jesus e entendia que essa ordem não se limitava a espaço de tempo ou lugar. Ela foi uma missionária não somente por ser esposa de

missionário, mas porque ela mesma tinha o compromisso como mensageira de Cristo.

Herodias, desde menina, gostava de evangelizar e não queria ficar parada diante da seara branca para a ceifa. Ela estava pronta para ir para onde Deus a chamassse.

Vidas que se despediram de pais, irmãos e amigos. Pessoas que deixaram o conforto de seus lares e não retornaram mais. Noêmia Campêlo faleceu dois anos depois de sua partida, uma vida tão curta para um desejo tão grande de evangelizar os índios.

Sua morte impactou sua geração e despertou vocações: "Noêmia Campêlo foi uma verdadeira heroína da fé e, se a denominação batista não tivesse produzido outros frutos no Brasil, a vida, a consagração, a abnegação e o sacrifício dela justificariam a sua existência'.[3]

Marcolina se destacou pelo trabalho desbravador como bandeirante; ela deixou sua terra e partiu em busca de pedras preciosas. Seu desejo era por tesouros espirituais, que só são encontrados na submissão à vontade de Deus. Por quase 56 anos, desenvolveu um trabalho pioneiro de evangelismo, enfermagem, organização de igrejas e escolas, sendo parteira e professora em lugares que nunca tinham tido contato com a mensagem do evangelho.

WILHELMINE LENZ CÉSAR MOTA (1888–1963): A EDUCADORA E ESPOSA DO MISSIONÁRIO PRESBITERIANO PIONEIRO EM PORTUGAL[4]

> Wilhelmine, minha tia-avó, foi uma mulher que ousou sair do seu lugar para atender ao ide de Jesus. O mais incrível é que ela sabia que a ordem de Cristo não se limitava a espaço de tempo ou de lugar; ia mais além. É por isso que considero tão importante o seu testemunho. É verdade que ela foi

> missionária, mas não porque saiu do Brasil, mas porque dentro ou fora de sua nação ela refletia as marcas e virtudes de seu Deus.[5]

Wilhelmine foi considerada esposa de missionário. Os nomeados pelas juntas missionárias eram os pastores, e, se eram casados, naturalmente suas esposas os acompanhavam. Porém, as mulheres presbiterianas consideram Wilhelmine sua primeira missionária a Portugal.

Wilhelmine Lenz César (Mina) nasceu em 8 de junho de 1888, em João Pessoa, Paraíba, e foi a terceira filha do primeiro pastor no Nordeste, o reverendo Belmiro César, e de Cristina Hermínia Lenz César, de origem alemã.

Em 1893, transferiram-se para São Luiz, onde Mina fez sua profissão de fé, junto com seus irmãos mais velhos, Samuel e Daniel. Foi um privilégio para ela crescer em um lar evangélico e testemunhar do socorro divino.

Após a divisão na denominação presbiteriana, a igreja de São Luiz ficou reduzida a 59 membros e o reverendo Belmiro, com oito filhos, o mais velho com 18 anos e o mais novo com 2 anos, precisou lecionar no Liceu Maranhense para complementar sua renda, e seus dois filhos mais velhos começaram a trabalhar na Caixa Econômica. Mesmo assim, passaram por privações. Certo dia, ao saber pela esposa que não havia comida para o jantar, ele juntou a família para oração. Logo depois, ouviram um barulho na porta: "Para espanto de todos, havia uma caixa com mantimentos que dariam para mais de um mês. Nunca souberam quem fez isso. Sabiam apenas que Deus usou alguém para prover esse testemunho de milagre em suas vidas'.[6]

Wilhelmine se formou na Escola Normal da Paraíba, estudou piano por oito anos e tornou-se professora de música. Em 1907, o reverendo João Marques da Mota Sobrinho, português, que substituíra seu pai no pastorado da Igreja Presbiteriana de João Pessoa, pediu-a em namoro.

Dois anos depois, casaram-se, e, em 1910, a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana nomeou seu esposo como seu primeiro missionário a Portugal.

> – Você está dizendo que seremos missionários em Portugal?
> – indagou Wilhelmine, um tanto perplexa.
> – Isso mesmo.
> – Mas assim, de repente?
> – Aqui no Brasil os americanos estão fazendo um ótimo trabalho de missões; Deus tem cuidado do nosso país. Tenho certeza de que a Igreja do Senhor crescerá aqui. No entanto, há outros lugares que carecem ainda mais do evangelho! Estou dizendo que já podemos repartir o que temos com outros![7]

Wilhelmine, relutante, concordou com o marido e ficou imaginando como seria para seu bebê crescer numa terra distante. Pouco depois, a família partiu.

A igreja de João Pessoa sentiu muito a partida deles e “os acompanharam até onde podiam, ficando de pé na praia para darem o último adeus. Foi necessário ao trem que os trouxera engatar mais um vagão aos de costume, a fim de caber todo o imenso acompanhamento”.[8]

O casal não perdeu tempo em iniciar seu trabalho no campo missionário. O pastor Mota Sobrinho possuía o dom da pregação e comovia quem o ouvisse, e Wilhelmine complementava a mensagem com sua música ao piano ou órgão. Ele informou: “Cheguei a Lisboa, a 27 de julho de

1910, e logo compreendi que a missão que deveria desempenhar era bem mais difícil do que imaginara”.[9]

As dificuldades foram a pouca verba para o trabalho, os ajustes do culto evangélico com as novas leis da República Portuguesa e, o mais trágico, a doença e morte do filho deles, com um ano e quatro meses de idade, em 1911.

> Wilhelmine pensou que também fosse morrer; parte de seu coração se fora com o filho. Se já não bastasse a vida de privações que levavam, seu começo de vida numa terra estrangeira não poderia ter-se dado de forma mais sofrida, mais amarga, mais dura. Era como se o mundo inteiro tivesse caído sobre a sua cabeça, pesando com a dor da perda.[10]

O reverendo Mota Sobrinho tornou-se redator e editor do jornal *O Dou-trinador*, que serviu de estímulo para os crentes portugueses com notícias e instruções doutrinárias. Em 1912, o periódico noticiou a chegada de um “roliço bebê” ao lar dos missionários, o menino Jorge, que com certeza alegrou o coração entristecido de sua mãe.



Wilhelmine, seu esposo, rev. Mota Sobrinho, e os filhos Jorge e Hélio.
Fonte: CÉSAR FILHO, Erlie Lenz. *A saga de uma família,* p. 92.

O trabalho cresceu e começou a dar frutos, assim como a família César Mota, que foi acrescida de mais três filhos: Hélio, Lizzie e Selene. Depois de doze anos em Portugal, eles voltaram para o Brasil.

A professora e discipuladora no Colégio Luso-Brasileiro

No retorno, Wilhelmine instalou-se com sua família em Jequitibá, onde por dois anos auxiliaram o reverendo Cícero e dona Cecília na igreja e no ginásio.

O sonho do reverendo Mota Sobrinho era abrir um internato para a população mais distante. E assim o fez, fundando o Colégio Luso-Brasileiro, na cidade de Caratinga, no leste de Minas Gerais. O colégio, com o regime de externato e internato, atendia os filhos de fazendeiros, que recebiam aprendizado cristão.

Dona Mina, como era chamada pelos alunos, lecionava muitas disciplinas e dava aulas de música. Ela se tornou amiga e confidente das alunas que a procuravam constantemente.

Mais do que professora, Wilhelmine tornou-se discipuladora das meninas, ensinando-lhes os princípios contidos na Palavra de Deus e dedicando-se à cozinha quando necessário.

> – D. Mina, hoje é dia de frango aqui no colégio – disse-lhe uma das ajudantes da cozinha.
>
> – Sim, e o que tem isso de mais? Faremos então frango!
>
> – O problema é que ainda precisa ser morto, e ninguém aqui sabe matar frango! Como cozinheira-chefe, aquela tarefa tinha que ser dela, mas o problema era que dona Mina sempre sentira enorme dificuldade para executar essa tarefa, pois se condoía por causa dos frangos. [...]
>
> Com as mãos trêmulas e o coração apertado, ela tentou fazer o que qualquer cozinheira faria naquela hora: segurou firme a faca, e, de repente, lá estava o frango sem cabeça, só que pulando até a outra margem do rio. Quando a ave finalmente tombou sem cabeça, do outro lado, ela pensou que também ia desfalecer.[11]

A história do frango sem cabeça foi um dos assuntos preferidos dos alunos por muito tempo e para dona Mina foi a pior de todas as suas experiências como cozinheira.

A esposa de pastor tinha dificuldades com as viagens porque as bagagens precisavam ser colocadas em baús e

carregadas por burros. Quando o animal tropeçava ou se assustava com algo, derrubava tudo, e colocar as coisas de volta era uma verdadeira prova de paciência.

Outras atividades e seu falecimento

Em 1928, a viagem foi bem mais longa. A família, com oito filhos, mudou-se para São Paulo, com o convite ao reverendo Mota Sobrinho para lecionar no Colégio Mackenzie e na Associação Cristã de Moços.

Dona Mina precisou ajudar no orçamento da casa e passou a costurar, aprimorando-se em vestidos de noiva. Além da costura, fazia colchas de crochê, dava aulas na Associação Cristã Feminina e participava dos trabalhos da igreja: “Seu segredo estava em não desperdiçar nenhum minuto do dia, quer diante da máquina de costura, quer lecionando, tocando e, principalmente, cuidando dos seus pequeninos”.[12]

As mudanças ainda não haviam acabado. Ela mudou-se para o Rio de Janeiro, onde seu esposo pastoreou as Igrejas Presbiterianas de Madureira, do Bananal e da Ilha do Governador. Nelas, dona Mina ensaiou corais, lecionou teoria musical e cooperou com as sociedades femininas.

Wilhelmine faleceu em 20 de dezembro de 1963, com 75 anos de idade. A missionária foi mãe e esposa, dona de casa exemplar, educadora, discipula-dora, musicista, costureira, cozinheira e, principalmente, membro atuante da igreja, serva e amiga do seu Senhor, Jesus Cristo.

HERODIAS NEVES CAVALCANTI (1912–1987): A PREGADORA, ESPOSA DE MISSIONÁRIO EM PORTUGAL E PROMOTORA DE MISSÕES NO BRASIL[13]

Herodias Neves Cavalcanti, missionária emérita dos batistas brasileiros, foi uma missionária das mais extraordinárias. Ela viveu por missões e morreu por missões. Poucas semanas antes de sua trágica morte, ela declarou: “Quero morrer fazendo missões”. E não deu outra coisa. Não somente morreu fazendo missões quando viajava de ônibus para São Paulo, onde ia passar algumas semanas pregando em diversas igrejas, como foi sepultada no Dia Especial de Missões, dia 8 de março. Herodias Neves Cavalcanti foi a mulher mais extraordinária que já conheci. Missões era a vida dela. Evangelismo era uma constante para ela. Em tudo, ela via oportunidade de pregar o evangelho. Foi assim durante toda a sua vida.[14]



Herodias Neves Cavalcanti.
Fonte: *O Jornal Batista,* Rio de Janeiro, 22 de março de 1987, p. 1.

Herodias Pinto nasceu em Macaé, no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1912, no lar de Luiz Pinto da Silva e Joventina

Pinto. Seu pai afirmou que eram católicos arraigados, mas, “logo que tivemos o conhecimento do Evangelho, o aceitamos; e o nosso lar, ainda que humilde, teve sempre o Evangelho de Christo para norteá-lo, e assim foi que Herodias nasceu num lar christão evangélico”.[15]

Desde pequena, a menina já demonstrava evidências de uma verdadeira conversão e gostava de sair pela vizinhança evangelizando por meio da declamação de versos que o próprio pai compunha.

Seu batismo e vocação missionária

Herodias foi batizada aos 12 anos na Igreja Batista de Macaé, onde seu pai era diácono, e fez o curso primário na escola anexa à igreja. Sua família era numerosa e seu pai não podia lhe dar preparo suficiente. Era tão grande seu desejo de estudar que chegou a pedir ao pai que a entregasse para um casal sem filhos que quisesse educar uma criança.

Herodias queria ser missionária e ainda pequena pedia ao pai: “Deixa eu encher minha mala de Bíblias e folhetos e ir só, por este mundo, falar a esta gente que não tem Cristo”.[16]

Os pais dela confiaram que Deus cuidaria da sua educação e assim aconteceu. Quando a pequenina igreja deles recebeu a Associação Batista Macaense, o doutor J. W. Shepard se interessou pela menina. Dias depois receberam uma carta na qual ele informava que a estadunidense mrs. Lawrence Keith custearia as despesas dela no Colégio Batista.

No Rio de Janeiro, Herodias frequentava o curso regular e estudava matérias avulsas de educação religiosa na Escola de Obreiras. E, durante as férias, fazia serviços de itinerante no Rio, São Paulo e Espírito Santo.

Como membro da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, trabalhou com o departamento de crianças de 9 a 12 anos, com a missionária miss Minnie Landrum. Em 1934, foi convidada para ser secretária correspondente da União Geral de Senhoras Fluminenses e se tornou sua primeira itinerante oficial.

A jovem possuía talento natural para o ensino e pregação, alcançando os corações mais rudes e as mentes mais duras. Era possuidora de excelente homi-lética, elaborava bem os pensamentos, coordenava as ideias de forma brilhante e usava como ilustrações histórias comovedoras.

> A sua viagem pelo interior do Estado foi uma verdadeira sagração de triumpho. Professora emérita, faz vibrar os cérebros mais rudes e raciocinar os mais inconscientes. Na EPB[17] era uma deusa no meio de tantos anjos como nunca os tiveram as do Olympo. Na tribuna conjuga com tanta maestria os pensamentos e as palavras, e o julgar das idéas numa forma tão ideal de dizer, que o seu nome se encontra na galeria dos notáveis.[18]

No município de São Fidélis, ao pregar em praça pública impressionava a multidão com o poder do evangelho e com sua eloquência. Seus sermões eram completos e bíblicos, e ela pregava tão bem que chegou a ser comparada com o mestre dos oradores fluminenses, o doutor Sigmaringa, vestido de saias.[19]

Um orador, criticando-a, disse que seus sermões precisavam de voz mais grossa para que fossem completos. O escritor Almenara, que a conheceu pessoalmente e foi

testemunha de seu trabalho, relatou que ela era “de uma espiritualidade tão vigorosa que tive experiências inefáveis. Após seus sermões eu vi em uma igreja 25 decisões; em outra 40; e a quase totalidade destes faz parte activa do rebanho do Senhor”.[20]

Certa vez, a jovem foi convidada a visitar uma família crente e avisada a não pregar o evangelho ao chefe da casa, que era homem rude e inimigo dos crentes. No final da visita, ela o convidou à Escola Popular Batista, ao que ele respondeu duramente: “Não, porque não gosto de crentes”. Herodias replicou meigamente: “Mas o senhor gosta de mim e das crianças [...]”. Então, ele acedeu ao convite.[21]

Com sabedoria, colocou-o para ajudá-la. No dia seguinte, foi um dos primeiros a chegar, e no domingo seguinte, em lágrimas, aceitou a Cristo, sendo, posteriormente, batizado. O inimigo dos crentes se fez irmão deles!

A jovem iniciou um namoro com o pastor Eduardo Gobira, da Igreja Batista de Petrópolis, e ambos, vocacionados, apresentaram-se à Junta de Missões Estrangeiras. Ao falarem à Assembleia da Mocidade, em Recife, empolgaram tanto os jovens que estes decidiram sustentar o casal no campo missionário.

Nas palavras de Almenara, “o Estado do Rio, tendo que dar alguém a Portugal, deu Herodias, o melhor que tinha”. Nomeados pela junta em 1936, casaram-se em 1937 e seguiram imediatamente para aquele país.

Como esposa de missionário em Portugal

Eduardo Gobira e Herodias partiram como embaixadores da fé, como demonstração do amor dos batistas brasileiros aos

batistas portugueses.

> Fomos felizes na viagem. Bôa alimentação, bom camarote. Só fizemos camaradagem com um padre, embora o vapor superlotado. Este padre ia como capellão do exército nacionalista espanhol. Uma manhã elle se aproximou de mim e depois de muito conversar sem conhecer-me convidou-me para a missa e para tomar hóstia. Foi então que surprehendido ouviu alguma coisa do Evangelho. Interessou-se muito e começou a fazer perguntas como estas: “O ministro da sua religião pode casar-se? Como é feito o baptismo? Como a igreja é sustentada? Há algum superior para dirigir a igreja?”. Quando lhe respondi as perguntas e dei a razão da minha fé e lhe falei da esperança da vida eterna (sem purgatório), elle ficou admirado [...]. Chegou o Gobira e eu então lh’o apresentei e desde aquelle dia foi o padre nosso companheiro de viagem.[22]

A chegada do casal a Lisboa foi festiva, com abraços, flores e presentes da primeira igreja. O missionário pioneiro Antonio Maurício alegrou-se bastante com a chegada deles e os levou para conhecer algumas cidades. Em Coimbra, a cidade intelectual de Portugal, Herodias ficou encantada com os estudantes e as casas altas, mas sem qualquer trabalho evangélico. Ela afirmou: “Não sabemos onde Deus quer que estendamos nossas tendas: Coimbra, Lisboa, nas aldeias ou nas villas. Estamos orando neste sentido”.[23]

No mês seguinte, a missionária informou sobre seu trabalho de uma semana na pobre vila de Chança, com cerca de 1.500 habitantes. Lá trabalhou com crianças, e o padre local instruiu algumas a atrapalharem a reunião evangélica. O professor da escola mandou seus alunos que faziam algazarra para seus lares e criticou o sacerdote pelo mau conselho dado. Toda a vila comentou o fato e louvou o comportamento dos protestantes.

Exultante com a presença, em média, de 150 crianças, Herodias afirmou que a reunião crescia e as crianças

dirigiam-se em fila para a igreja, cantando os cânticos infantis: “Naquella noite o pequeno templo de Chança não comportou a multidão que para lá affluía, e assim tivemos a opportunidade de falar não somente às creanças, mas a todos os presentes”.[24]

No seu primeiro campo missionário, na cidade de Leiria, nasceu-lhes a primogênita, Gláucia. Gobira assumiu o pastorado de Chança e, em 1938, mudaram-se para Castelo Branco, onde nasceu a segunda filha, Silvia.

A missão daquela localidade possuía amplas instalações e bons auditórios. Mas o trabalho sofreu oposições: o governador mandou fechar as portas, e eles não conseguiram organizar uma igreja naquela cidade.

Na 11ª reunião da Convenção Batista Portuguesa, em Viseu, o pastor Gobira foi eleito presidente. Por essa razão, a família mudou-se para o Porto, onde ele assumiu o pastorado de Matosinhos e lecionou no seminário: “Neste mesmo ano é acometido de uma grave enfermidade mental que o impossibilita de toda a atividade. Não resistindo à doença, a família Gobira acaba por regressar ao Brasil a 4 de fevereiro de 1941”.[25]

Devido à doença do pastor Gobira, o casal precisou retornar, e Herodias, desenvolvendo sua vocação missionária, trabalhou na Junta de Missões.

Como o evangelho salvará duplamente a mulher portuguesa

Ao regressar o meu esposo de uma viagem que fez à formosa província do Minho, norte de Portugal,

com uma coisa,
especialmente, veio ette bastante impressionado. Foi com o ter visto nos trabalhos mais árduos do campo mulheres acompanhadas de
fLlhos pequenos e raparigas (moças), do mais beUo typo, sujeitas
ao trabalho mais exhaustivo e mais impróprio ao sexo e àqueUa
edade.

Procuradas as causas daquela aberração dos tempos civilizados,
obteve-se a seguinte informação: "Isto é coWIum em todas as províncias portuguesas, mas especialmente aqui no Minho. Às vezes
os esposos, em busca de melhores condições de vida, ausentam-se para outras terras, e nunca mais voltam aos lares, nem de•es se lembram. Outras vezes é que preferem a vida da taberna, onde
passam o dia e a noite, e só voltam a casa para comer o pão que com o trabalho mais árduo a esposa e as •lhas amassaram. E antes
de o comer, o carinho que offerece às fLlhas e os agradecimentos
que dá à esposa são imprecações, e descomposturas, acompanhadas de espancamentos e bofetadas!

Isto, porém, não é somente nas províncias. Na grande e operosa
cidade do Porto, vi não uma, nem duas, mas

dezenas de mulheres, carregando à cabeça enormes cestos de carvão de pedra que ƒravam das embarcações. Seus vesttdos pretos nem sempre indicavam viuvez, como me informaram, mas sim o abandono dos esposos que emigraram, e as esqueceram por completo.

O Evangelho no coração dessas pobres mulheres salvará as suas almas. Mas esse mesmo Evangelho no coração de seus esposos modi•cará esse estado de coisas, estabelecerá um novo rumo na sua vida, e salvará dessa angustiosa situação as suas esposas e tenros fLlhos.

(*Herodias Neves Gobira–1937*)[26]

Outras atividades e sua morte promovendo missões

Além da Junta de Missões, Herodias trabalhou na Casa Publicadora Batista. Em 1948, com bolsa de estudos, foi para os Estados Unidos, onde frequentou aulas no Seminário Batista em Fort Worth. Em 2 de janeiro de 1952, o pastor Gobira faleceu.

O segundo casamento dela, em 1957, foi com o doutor Avelino Pessoa Cavalcanti, cônsul honorário de uma das repúblicas do Caribe. Foi uma preciosa oportunidade de iniciar estudos bíblicos no seu lar e evangelizar esposas dos cônsules de vários países, chegando a ser eleita presidente das consulesas.

Novamente viúva, em 1974, apresentou-se à Junta de Missões Estrangeiras para voltar a Portugal, pois seu ardor

pela obra missionária de modo algum se apagara em seu coração. Ela retornou como missionária autônoma, por um curto período. E, na volta, tornou-se promotora de missões:

> Herodias era a mais ativa promotora de missões que já conheci. Aproveitava todas as oportunidades que se apresentavam para falar sobre missões, para incentivar vocacionados. “Adorava” crianças, pois via em cada uma delas futuras missionárias. Todo ano, durante a época de promoção da oferta missionária, Herodias saía por este Brasil de ônibus, para levar às igrejas as informações dos missionários da Junta de Missões Mundiais e o trabalho realizado. Eu mesmo viajei com ela por vários Estados. Ela era incansável. Estava sempre pronta para servir.[27]

Em 1986, quando viajava para o Espírito Santo, houve um acidente com o ônibus e cinco pessoas morreram. Ela estava no último banco e precisou sair pela janela. Não quis, porém, voltar para o Rio de Janeiro, afirmando: “Deus me deu uma missão e terei de cumpri-la”. E continuou sua viagem, falando em muitas igrejas.

Na madrugada do dia 7 de março de 1987, novamente ocorreu um acidente com o ônibus no qual viajava. Dessa vez, estava na primeira poltrona, sofreu graves ferimentos e seu desejo de morrer fazendo missões foi realizado.

Após o translado para o Rio de Janeiro, seu corpo foi velado na Primeira Igreja Batista de Copacabana, onde foi realizado o culto fúnebre. Ela foi sepultada no domingo, dia 8 de março de 1987, Dia Especial de Missões Mundiais.

Bill Ichter afirmou: “O templo estava repleto. Foi um culto marcado não pela tristeza, mas pela alegria e gratidão daqueles que tiveram o privilégio de conhecer uma bela vida – Uma Vida a Serviço de Deus”.[28]

NOÊMIA CAMPÊLO (1906–1928): A MISSIONÁRIA PIONEIRA ENTRE OS INDÍGENAS[29]

> Noêmia quis viver para a obra de Missões Nacionais, e não pôde alcançar essa vitória. Fez, porém, o melhor que poderia fazer: morreu pelas missões. Foi tudo que podia fazer. E Deus aceitou sua morte como uma oferta de sacrifício. [...] Ela ganhou com sua morte o que não poderia ganhar com sua vida. Acordou da letargia a denominação Batista Brasileira, para o entusiasmo da obra missionária, que hoje empolga as igrejas de todo o território nacional. Aqui minha homenagem sincera a quem se devotou a mim sem reservas, devotamento que lhe retribuí, carregando-a às costas até sua final vitória, e ainda lhe construindo o túmulo, onde, na frieza da pedra, lhe consagrei a eternidade de minhas saudades.[30]



Noêmia Campêlo. Reprodução de Isis Salviano Roverso Soares. Fonte: CÂMARA, Stela.*A heroína de Kraonopolis,*p. 1.

Noêmia Stella Falcão Campêlo nasceu no bairro Santo Amaro, entre Olinda e Recife, no dia 10 de maio de 1906. Era a terceira filha de Julio César Marinho Falcão e Esmeralda Corrêia de Araújo Falcão. Seus pais aceitaram o evangelho de Cristo com a pregação de Salomão Ginsburg e se tornaram membros ativos da Primeira Igreja Batista do Recife, onde se casaram, em 1900.

Em 1912, com cinco filhos (Landelino, Carlos, Noêmia, Valdemar e Mário), colocaram a única menina no grupo escolar. Noêmia era uma garota inteligente que, desde os 5 anos, recitava versos e encantava a todos. Aos 15 anos, fez sua pública profissão de fé e foi batizada. Estudou na Escola Normal Pinto Júnior, mas não concluiu o curso normal a conselho médico, devido à sua fragilidade física.

Em 1925, a família se mudou para o bairro Casa Amarela, um dos locais mais pitorescos de Recife. Perto da residência ficava a singela casinha de cultos da Igreja Batista de Casa Amarela, que Noêmia passou a frequentar. Lá, ela conheceu o jovem seminarista Zacarias Campêlo, auxiliar do pastor.

A jovem ouviu atentamente a pregação dele sobre a evangelização dos silvícolas e seu apelo para ajudar na causa missionária. Tão persuasivo foi o rapaz que fez com que brotassem lágrimas em seus olhos. Ao final do culto, foram apresentados, e a partir de então iniciaram relações amistosas.

O amor para Noêmia era assunto sério, pois significava a mais pura virtude do coração, portanto, os dois jovens entregaram a Deus, em oração, seus ideais e o delicado assunto de sua futura união.

Como são insondáveis os caminhos do Senhor ao juntar duas vidas educadas de maneiras tão diferentes! Ela de uma família nobre da capital de Pernambuco, moça franzina e bonita; ele de uma família sertaneja do Maranhão, sem recursos financeiros. Eles só tinham em comum a saúde frágil e o mesmo ideal de divulgar a Palavra de Deus.

Assim que ficaram noivos, resolveram que, após o casamento, partiriam para o campo missionário. Os pais de Noêmia ficaram inconformados:

> – Minha filha – dizia-lhe o pai –, aqui também se pode pregar o evangelho. Aconselha o teu noivo a não ir para tão longe.
> – Meu querido pai, se Zacharias não mais quisesse ir aos índios, eu perderia todo o interesse em unir a minha vida à sua.
> – Mas não sabes, Noêmia, que és a alegria de nossa velhice? Que há de ser de nós sem ti!
> – Ah, papai, isto é o que me dói na alma, deixá-los assim. Mas a chamada de Deus é tão forte, que eu seria a criatura mais infeliz, se a ela não desse ouvidos. – Pois que Deus te abençoe, minha filha, em tua resolução.
> E grossas lágrimas corriam pelas faces do amoroso pai, as quais eram logo enxutas por Noêmia, que, encostando o seu rosto ao dele, e com os braços em redor do seu pescoço, chorava também e dizia-lhe:
> – O mesmo Deus que me protege há de protegê-los também, queridos pais.[31]

As sábias respostas demonstravam sua firme vocação missionária, assim como a de seu noivo, que procurou o doutor Muirhead, diretor do seminário, e lhe falou de sua resolução. E, em princípios de 1926, a Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira nomeou como missionários aos índios do norte de Goiás e sul do Maranhão Zacarias e Noêmia.

Em 8 de maio de 1926, eles se casaram e, poucos dias depois, Zacarias foi consagrado ao ministério pastoral na

Igreja Batista da Capunga, que se comprometeu a sustentá-lo, por intermédio da Junta de Missões Nacionais.

No dia 21 de maio, o casal partiu para seu campo missionário. No cais, dona Esmeralda, a mãe chorosa, perguntou à filha:

> – Ah, filha minha, quando te verei?
> – Quando o nosso Deus quiser, mamãe.
> – Ele te proteja e te abençoe, filha, mas a minha dor é tão grande, parece-me que não mais te verei [...][32]

O triste pressentimento, infelizmente, se cumpriu. E a moça que partiu no navio não mais retornou.

Na tribo dos craôs

> Em São Luís do Maranhão desembarcamos do "ginete da costeira" e logo embarcamos num vaporzinho fluvial, rumo às nascentes do Mearim, riozinho de curso longo, talvez um dos mais empestados de pernilongos do Brasil. Se ali não suportávamos os saltos do "cavalo bravo" nem o enjôo do mar, em contrapartida, tínhamos de lutar para sobreviver em meio àquela nuvem de mosquitos portadores do impaludismo.[33]

A missionária Noêmia enfrentou a viagem com abnegação. Ela, que nunca andara a cavalo nem adentrara matas, estava ali longe de seus queridos, sem parada para se refazer, somente alimentando seu coração de fé e de esperança de tornar realidade seu grande ideal.

Em Grajaú, reuniram-se para um culto ao ar livre e, enquanto cantavam, um grupo de desordeiros, subornado pelo clero, veio atacá-los com bacamartes e cacetes. O braço potente de Deus os livrou de maneira milagrosa.

Prosseguindo a viagem dentro da mata, o ar abrasador e o cansaço fizeram com que Noêmia sofresse vertigens e

suores frios. Não havia água por perto, e ficaram à sombra de um buritizeiro em oração.

Em Carolina, hospedaram-se na casa de Manu, a irmã de Zacarias, que os recebeu com alegria. Lá os aguardava cartas dos pais de Noêmia. Muitos apelos foram feitos ao casal para que trabalhassem ali ou em municípios vizinhos, mas sentiam que a vontade de Deus era que evangelizassem os craôs.

> Os índios craôs pertencem à grande tribo dos gês. Falam uma língua comum com os canelas, apinagés, gaviões e caiapós, com pequenas diferenças. Vivem ao norte de Goiás,[34] entre os rios Manuel Alves Grande e Pequeno, e não passam de quatrocentos, distribuídos pelas aldeias de Pedra-Branca, Donzela e Cabeceira-Grossa (ex-Craonópolis). A palavra craô é composta de icrá (filho) e hô (folha), ou seja, filho das folhas ou das selvas. Crêem que foram feitos das folhas pelo deus Put (Sol). Daí a razão porque adoram o Sol, e não há força humana que os afaste da prática desse culto.[35]

Foram quatro dias em uma pequena piroga, subindo o rio Tocantins. Noêmia cantava e conversava com os remadores sobre a salvação em Cristo. Aos poucos, eles já cantavam com ela o hino “Foi na cruz”. Do Tocantins, navegaram nas águas do rio Manuel Alves Pequeno, e depois caminharam a pé, com as bagagens às costas. Fatigada pela viagem, Noêmia precisou ser transportada na rede pelo seu irmão Carlos, que fora com eles, e pelo marido.

Eles nunca deixaram de cultuar a Deus, mesmo com a viagem difícil e perigosa. Depois de muitas dificuldades e sofrimentos, quatro meses após a saída de Recife, chegaram à aldeia dos craôs, ao sul de Carolina.

A humilde moradia foi construída, e se reuniram em culto de gratidão, assistido por índios curiosos. O trabalho evangelístico na aldeia teve início.

No primeiro contato de Noêmia com os craôs, ela os viu agachados e as mulheres vestidas de trapos sujos. Uma índia, chamada Penuá, a filha do chefe, uma das mais belas da aldeia, não usava vestuário algum, ostentando apenas um rolo de cordéis como adorno.

A jovem missionária, chocada e sentindo-se ferida em seu sentimento de pudor, resolveu solucionar o problema. Pegou uma tesoura, cortou um pedaço de fazenda grossa, dobrou-o, abriu um buraco para o pescoço, dois para os braços e, em trinta minutos, fez um vestido. Chamou-a, retirou os cordões e enfiou-lhe a roupa. A índia tirou o vestido improvisado e saiu aborrecida.

Reflete-se aqui a necessidade de preparo do missionário sobre seu campo de trabalho. É necessário muita sabedoria, auxílio do Espírito Santo e preparo na cultura que se irá evangelizar. A contextualização é fundamental para que haja boa comunicação em todos os sentidos. A missão, sem dúvida, é árdua, mas pode ser vitoriosa com a ajuda divina.

Noêmia e o início do trabalho em Craonópolis

A evangelização dos indígenas, à qual se propuseram Zacarias e Noêmia Campêlo, era uma tarefa difícil, pois os índios, orgulhosos de suas crenças e modo de vida, não desejavam nem sentiam necessidade de mudanças.

Como a vilazinha onde habitavam os craôs não tinha nome, Zacarias passou a chamá-la de Craonópolis. E eles gostaram do nome. A primeira tarefa dos missionários foi fundar uma escola, com Constância Campêlo, irmã de Zacarias, como professora. Foi construída uma barraca aberta e foram colocadas madeiras como bancadas.

Os chefes de família indígenas não consentiam que as meninas frequentassem a escola, porque estavam encarregadas dos trabalhos rudes de dentro e de fora da casa.

As pregações aconteciam no centro da taba, no mesmo lugar em que os índios se reuniam para suas danças e cultos. Os homens entendiam o português, mas as mulheres não compreendiam a língua e nada aprendiam.

Noêmia resolveu visitar a taba e ficou compadecida ao visualizar tanta miséria, vícios e falta de higiene. Em retribuição à sua visita, os índios a seguiam até sua cabana e pediam-lhe tudo o que viam, despojando-os de quase todos os alimentos, e, se Noêmia não lhes desse, levavam à força.

Zacarias precisou mostrar-lhes o mal que faziam e oferecer-lhes ferramentas e salário para que fizessem trabalhos manuais, mas as mulheres ociosas cercavam Noêmia e lhe pediam coisas. Ela chegou a passar fome, dando o que tinha aos índios, que passaram a amá-la e chamá-la de “deusa”.

Problemas de saúde e nascimento dos filhos

No final de gravidez e enfraquecida, Zacarias enviou Noêmia para Carolina, onde nasceu seu filho Saulo, em 16 de fevereiro de 1927. Quando ela se ausentava da aldeia, as índias, que a chamavam de “mãe”, sentiam sua falta. Quanto retornava, era tratada com muita ternura, quase com adoração, o que a incomodava e a fazia dizer que adorassem só a Jesus, o filho de Deus, que morreu por todos.

Noêmia encarregava-se de falar às mulheres, Constância, às crianças, e Zacarias, aos homens. Eles não tinham qualquer consciência do pecado e suas esperanças acabavam-se com a morte. Mas a missionária não desanimava.

Com sua Bíblia e seu *Cantor Cristão*, dirigia-se às tabas. Falava às índias à tardezinha, cantava, lia o evangelho e orava com elas. Nos domingos pela manhã, ia, de maloca em maloca, em busca delas para a escola dominical. Algumas iam para agradar-lhe, outras alegavam preguiça, e outras iam para roubar comida.

> A vida aqui nas aldeias é a coisa mais deplorável que se possa imaginar. Somente a chamada de Deus para tal serviço nos sustém. Dias e noites se passam, e só vemos semblantes duros e grosseiros dos índios, matas e matas em toda parte. Ainda não me adaptei à comida [...]. Tenho passado dias inteiros sem comer, não só a falta de alimento que os índios nos roubam, mas, especialmente, por falta de apetite. Mas não tenha cuidados, mamãe, não se aflija por nossa causa. Estamos nas mãos de Deus. Somos dele e ele cuidará de nós. [...] Sinto-me fraca, pois desde o nascimento de Saulo que um forte peso na cabeça me tem perseguido continuamente. Não desejava entristecer a minha mamãe, mas não posso deixar de desabafar meu coração nesse coração amigo. Ah! Quem me dera que estivesse ao pé de mim! Mas que seja feita a vontade de Deus. Parece-me que não posso resistir muito tempo a essa vida rude, mas que o nome de Jesus seja glorificado é o meu ardente anelo.[36]

Grávida novamente, as forças de Noêmia acabavam e sua saúde piorava; ela partiu para Carolina, sem imaginar que não mais voltaria. A viagem foi perigosa, a balsa que os levava quase naufragou, mas chegaram salvos para que a filha Esmeralda[37] nascesse e para que Noêmia testemunhasse, pela última vez, para o povo incrédulo daquela cidade.

No dia 1º de abril nasceu uma pequena menina, tão frágil que quase não sobreviveu. Quando parecia que tudo corria bem, Zacarias partiu para a aldeia. Quatro dias depois, um mensageiro foi ao seu encontro com a notícia de que sua esposa estava morrendo.

Noêmia: sua morte e seu legado

Quando chegou, ele encontrou uma multidão na casa onde estava Noêmia. A missionária pregava, em seu leito de morte, o evangelho a todos.

> Noêmia, durante doze dias, pertencera ao Clube dos Ex-Mortos ou dos redivivos. Teve síncope prolongada, e os presentes a tiveram por morta. Quanto voltou à vida, contou que estivera no céu e que vira a Jesus. Uma coisa ficou provada: ela nunca mais chorou nem se queixou da ausência dos seus queridos, como ocorria antes. Pedia que se lhe mostrassem os filhos. Pediu à cunhada que ficasse com o menino, mandasse a menina à avó e deixasse livre o viuvinho. Tudo isso num espírito de bom humor, e de quem está de posse de algo mais importante. Dizia mesmo que suas lágrimas já se tinham esgotado. Sentia o gôzo do céu, pelo que não mais se entristeceria. Foi o mais belo testemunho que já presenciei em toda a minha vida. Falar do invisível com a segurança de quem já o provou. De quem já está na posse do futuro.[38]

Antes de morrer, Noêmia ainda entoou o lindo hino “Eu avisto uma terra feliz”. Todas as pessoas presentes choravam e ela dizia: “Como chorar pelas cousas terrenas, quando o céu é tão feliz”. Após murmurar “Senhor Jesus, recebe o meu espírito”, faleceu. Houve choro em Carolina e na aldeia dos craôs, onde os índios gritavam em volta da palhoça em que Noêmia habitara.

> Noêmia Campêlo está hoje na galeria dos heróis pioneiros. Ela deu a sua vida em oferta alçada pela salvação dos índios. Mas que fez ela? Apenas instalou-se no meio deles; apenas os viu e contemplou sua miséria

> espiritual; apenas realizou sua oportunidade de guiá-los a Cristo, mas não chegou a ver nem uma alma ganha, não viu ninguém chegar-se para Cristo, não viu um batismo realizado; nem uma igreja fundada. Nada disso. Que fez então Noêmia? Humana e praticamente não fez muito. Mas oh! Que grandiosos os seus feitos! Ela abriu a porta, deu o primeiro passo e o primeiro exemplo de espírito missionário, de fé, de firmeza de propósito, de visão do invisível dos que irão à busca dos índios. Ela é um estímulo às jovens brasileiras crentes, é uma voz a clamar, um exemplo a seguir; uma inspiração a submeter-se na obra de missões.[39]

A Junta de Missões Nacionais construiu um túmulo em Carolina com o seguinte epitáfio: “Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida”. Com essa lápide, os batistas brasileiros perpetuam e exaltam a memória de sua primeira missionária aos índios, a heroína Noêmia Falcão Campêlo, falecida em 2 de maio de 1928. Em carta enviada à Junta de Missões Nacionais, seu esposo informou que ela faleceu de infecção puerperal após dar à luz sua filha.

Noêmia soube aproveitar bem sua curta vida. Sem saúde, até mesmo para concluir seus estudos, viveu pela fé e cumpriu uma missão que poucos conseguiriam concluir. Deixou grande herança moral e espiritual e muitas vidas foram inspiradas pela sua, sendo que serão contados aos milhares os frutos que graças a ela entraram na vida eterna.

MARCOLINA FIGUEIRA DE MAGALHÃES (1909–1988): A DESBRAVADORA DO SERTÃO[40]



Foto de Marcolina Magalhães.
Fonte: *O Jornal Batista,* 31 de janeiro de 1988, p. 1.

> Eu tenho chorado e desejado ser dez, para levar a essa gente a palavra de Cristo, mas nada posso fazer. A saúde me falta e o peso dos anos tira as minhas forças.
>
> (Marcolina Magalhães)[41]

Marcolina Figueira de Magalhães nasceu em Palmeira dos Índios, Alagoas, no dia 27 de março de 1909. Seus pais, José e Francisca Figueira de Magalhães, eram católicos praticantes e passaram por dificuldades para criar e educar os oito filhos. Três faleceram na infância, e Marcolina tinha apenas 8 anos de idade quando o pai se foi.

Sua família foi morar com amigos, em Maceió, e a menina, que era muito religiosa, tinha medo dos crentes e evitava andar na calçada da igreja evangélica, pois havia sido ensinada a não se aproximar deles.

Marcolina tinha um vizinho protestante, do qual fugia para não ouvir suas “heresias”. O homem, conhecedor da fé profunda nas imagens que ela possuía, disse-lhe para testar se a sua Nossa Senhora dos Navegantes tinha mesmo poder. Sugeriu que acendesse um fósforo na imagem, e se a santa fosse poderosa resistiria ao fogo.

A ingênua menina resolveu fazer o teste e saiu queimando suas imagens. Decepcionada, admitiu que o homem tinha razão. Como aqueles santos, que não conseguiam defender-se do fogo, protegeriam alguém?

Marcolina também comparou um bispo local com Jesus. Aquele bispo brigava, amaldiçoava, rogava pragas e mandava para o inferno. Jesus, com certeza, jamais agiria assim, pensou ela, ficando cada vez mais confusa.

Seu vizinho continuava a lhe ensinar o evangelho, e a filha mais velha da família com a qual morava a aconselhava a aceitar a Jesus, até que ela o fez. Porém, foi impedida de frequentar a igreja por sua mãe de criação, que, escandalizada com sua conversão, passou a persegui-la.

Só aos 13 anos Marcolina pôde ser batizada, com a licença de sua mãe. A perseguição amadureceu sua fé e a aproximou mais de Cristo. Ela cursou a quarta e quinta séries no Colégio Batista Alagoano. Em 1928, sentiu-se chamada para a obra missionária, e o doutor John Mein, que era o diretor do colégio, facilitou seu ingresso na Escola de Trabalhadoras Cristãs.

Ao ouvir o pastor Zacarias Campêlo falando sobre seu trabalho entre os índios e sobre Noêmia, a jovem sentia o Senhor lhe falando: “A quem enviarei, e quem irá por nós?”

(Is 6.8). Então, orava, em lágrimas, para que pudesse chegar ao interior, onde aquela heroína trabalhara e vivera por pouco tempo.

Enquanto estudava, Marcolina trabalhou na Igreja Batista da Rua Imperial, pastoreada pelo doutor Antonio Neves de Mesquita. Em 1931, formou-se e voltou para Alagoas, onde lecionou para crianças na Primeira Igreja Batista de Maceió e no Colégio 15 de Novembro, em Rio Largo.

Em janeiro de 1932, o pastor Manoel Avelino de Souza, secretário de Missões Nacionais, informado da vocação de Marcolina, procurou-a para convidá-la a ficar dois anos residindo numa pequena vila e abrindo uma escola anexa à igreja. Seria a primeira escola que os batistas manteriam no sertão. Marcolina aceitou, sentindo que Deus lhe abrira a porta que tanto almejava.

Nomeada como missionária para Porto Franco, no Maranhão, a jovem de 23 anos partiu no dia 5 de abril de 1932. De Maceió viajou para Belém do Pará e, após dez dias de viagem, embarcou num pequeno barco para subir o rio Tocantins, numa viagem de vinte longos dias sentada sobre sacos de sal.

Marcolina como missionária em Porto Franco

No dia 3 de maio de 1932, quatro anos após a morte de Noêmia Campêlo, chegou ao vale do Tocantins aquela que, inspirada por sua vida, desejava levar a mensagem de salvação aos sertanejos desprezados.

Dois dias depois de sua chegada, organizou a Sociedade de Senhoras, com dez sócias. Na companhia delas, viajava

para os pontos de pregação da igreja e fazia visitas evangelísticas às fazendas vizinhas.

Marcolina logo iniciou a escola, que era a única da vila. Embora houvesse cerca de duzentas crianças em idade escolar, apenas quatorze matricularam-se porque o povo fora ensinado que era melhor deixar os filhos sem instrução do que colocá-los na escola protestante. Outros não iam por serem muito pobres. Porém, todos os dias, a mensagem do evangelho de Cristo era pregada ali.

> Certo dia, o Governador do Estado visitou aquela pequena vila em campanha política. Depois de ver tudo, ofereceu a Marcolina um salário que era o dobro do que ela recebia da JMN, além de uma escola bem equipada, contanto que aceitasse ser nomeada professora estadual. Ela agradeceu tal distinção e continuou o seu trabalho, enfrentando dificuldades e sofrendo incompreensões, mas satisfeita com as bênçãos que recebia a cada dia do seu Senhor.[42]

Durante vinte anos, Marcolina trabalhou em Porto Franco e acompanhou o progresso daquela vila, sempre viajando a lugares vizinhos e, nas férias, às regiões mais distantes. Era aquele trabalho como itinerante evangelista que lhe dava maior prazer: visitava as fazendas, os sítios, as casas dos sertanejos e as aldeias dos índios.

Os apinagés a acolhiam com alegria e ouviam a mensagem de salvação. Porém, ela não via resultados animadores. Mas, anos mais tarde, quando encontrou um índio às portas da morte, ele lhe disse: “Vou para Jesus e lá vou me encontrar com Jesus e Marcolina”.[43]

Suas outras atividades

Convocada a auxiliar no Instituto Teológico, a missionária mudou-se para Carolina, onde durante seis meses ajudava

no preparo dos jovens vocacionados, e nos outros seis meses viajava como itinerante, abrindo pontos de pregação e falando de Cristo a centenas de pessoas.

Lá permaneceu de 1946 a 1949, mas não estava satisfeita, pois afirmava ter sido chamada para evangelizar. Partiu então, novamente, para Porto Franco, onde ficou mais um ano.

Depois morou por cinco anos em um município do outro lado do rio Tocantins, chamado Tocantinópolis. Ao iniciar o trabalho de evangelização, foi-lhe ordenado pelos padres que não entrasse nos lares católicos.

Em Araguatins, trabalhou como enfermeira-evangelista, abrindo um ambulatório, que ficou conhecido como o “hospital” e era procurado por pessoas que andavam até mais de 120 quilômetros para chegar até lá. Ela atendia mais de vinte doentes por dia, além dos que atendia nas casas e fora do município.

Naquele local, auxiliou a igreja batista, que tinha apenas onze membros, e liderou a construção do templo, situado na praça principal, voltado para o rio Araguaia. Lá permaneceu por cincos anos. Com o trabalho já fortalecido, escreveu à junta pedindo um pastor para o local.

Em 1962, após trinta anos no sertão, foi para Marabá, onde ficou por três anos e deixou mais uma igreja organizada. Sempre compassiva com as pessoas, declarou que não tivera filhos, mas fora chamada de mãe pelos leprosos de Marabá, e por isso dava graças a Deus.

De Marabá, foi para Colinas de Goiás, onde continuou fazendo visitas e pregando. Após quatro anos, foi organizada uma igreja, com um templo e uma escola anexa.

Em 1968, a Câmara Municipal de Goiânia homenageou Marcolina com um diploma de “Honra ao Mérito” por seus 37 anos de serviço ao povo de Goiás com o melhor dos seus talentos. O texto a seguir é a transcrição do requerimento do vereador Walter Silva, aprovado por unanimidade.

Requerimento de “Honra ao Mérito” para Marcolina Magalhães

Requerimento nº 1.222/68 – 2/10/1968
Exmo. Sr.
Presidente da Câmara Municipal de Goiânia

O vereador, que este subscreve, requer a V. Exa. que, após ouvir o Plenário, sejam enviadas as congratulações desta casa à Senhorita MARCOLINA RGUEIRA DE MAGALHÃES, pelos relevantes serviços prestados aos goianos do Norte do Estado, na formação espiritual, moral, física e cultural.

A Bandeirante do sertão goiano deixou Alagoas e seguiu para Recife, onde se preparou intelectualmente, vindo paras as terras goianas em 1932, radicando-se em Colinas de Goiás e adjacências, onde espargiu seus trabalhos em prol dos habitantes e continua, nos dias de hoje, contribuindo para a formação da gente daquela longínqua região.

Nossos votos são de perenes dias de felicidades múltiplas, dirigidas à sua pessoa e a todos os que lhe são caros.

Sala das sessões, em 26/09/1968.
Ass. Walter Silva, vereador.[44]

Após quarenta anos de atividades, Marcolina solicitou à Junta de Missões Nacionais que a transferisse para uma vila da Transamazônica e, em abril de 1973, chegou a São Domingos do Araguaia, no Pará.

Naquele local, a junta comprou uma casa para sua residência que também servia como local da congregação e do dispensário. Todo domingo eram realizados a escola dominical e o culto evangelístico. Às sextas-feiras tinham cultos de oração.

> Marcolina, no entanto, durante muitos anos, viajou a pé, de barco, de canoa, sobre lombo de burro e até em carroceria de caminhão. Tudo isso sem contar as vezes em que teve de atravessar rios sobre couro de animal. Viajou milhares de quilômetros, indo de povoado a povoado, fazenda após fazenda, de vila em vila, cidade em cidade, sempre ensinando a todos que Cristo é a única esperança para a salvação do homem.[45]

Marcolina demonstrou seu amor ao próximo. Poucos são aqueles cuja compaixão é visível aos olhos das pessoas. Certa vez, ela foi à localidade chamada Mosquito fazer visitas. Ao chegar a uma casa, uma criança, logo que a avistou, chamou sua mãe dizendo: “Mãe, vem cá! A mulher de Deus taí!”. Esses foram os tesouros que a missionária bandeirante foi garimpar. Nem todos as riquezas do mundo

são suficientes para comprar esse privilégio de trazer na face a identificação de discípulo de Jesus.

Aquela que foi perseguida e discriminada tornou-se reconhecida como prestadora de serviços relevantes à comunidade, sendo declarada cidadã tocantinopolina, conforme a Lei nº 263, de 27 de outubro de 1977.

Experiências marcantes de Marcolina Magalhães

O homem que quas perdeu o pé

Encontrei o homem caído no mato, fugitivo do hospital, onde deveria sofrer uma amputação. O mau cheiro era tal que não tive forças para me aproximar. Voltei para casa, ajoelhei-me e clamei ao Senhor, mostrando-lhe minha incapacidade e a necessidade daquele ser tão sofredor. O Senhor deu-me forças para ir à sua procura e trazê-lo para minha casa, onde usei todos os recursos ao meu alcance. Pela graça de Deus, puder dar-lhe "alta", limpo, feliz, tendo ouvido de Cristo. O pé? Perdeu um ou dois dedos [...][46]

Negócio entre Deus e eu

Marcolina, que saíra do sertão para ajudar na promoção junto às igrejas, foi à sede da JMN. O tesoureiro aproveitou para entregar-lhe o salário do mês pessoalmente. E ela aproveitou, também, para devolvê-lo integralmente, como oferta para o Dia Especial de Missões Nacionais.

- Mas como a senhora vai passar todo o mês?

E ela, com aquele jeito tão seu, tão isento de vaidade, respondeu:

- Isso é um negócio entre Deus e eu [...][47]

Quase afogada

Certa vez, Marcolina estava voltando ao campo missionário após um período de férias. Era uma noite escura. Ela e um bom número de passageiros estavam deixando o porto de Belém, rumo a Porto franco. O barco estava superlotado. Após alguns minutos de conversa, aqueles passageiros ficaram silenciosos. Com certeza, cada um orava à sua maneira, enquanto o pequeno barco cortava as águas do rio. Marcolina pedia a Deus que guardasse a vida de todos no decorrer da longa viagem. Ainda não haviam viajado duas horas quando, de repente, o barco recebeu uma forte pancada e virou de lado. Sentindo que havia um mundo de coisas sobre ela, Marcolina não podia se levantar. Pensou que não haveria mais jeito de sair dali. Pediu a Deus que, se ele ainda tivesse algo para ela realizar, a tirasse dali. Depois de lutar muito para sair e não conseguir, pensou que havia chegado a sua hora de pariupara a eternidade. Estava envolta em água. Orou mais uma vez, suplicando ao Pai que abreviasse a sua hora. Já não ünha mais esperanças de sobreviver, quando sentiu algo tocando seu pé. Empurrou, pensando que fosse uma das malas. Com isso, sentiu que saíra de dentro do barco. Contudo, logo encontrou algo em que se agarrar. Era o pé de um marinheiro

que segurava o mastro do navio, já todo coberto pelas águas. O homem segurou pela mão e puxou-a para cima. Ela havia bebido muita água. Havia gritos, choro e desespero por todos os lados. Foi uma hora de terrível angúsüa. Logo, porém, chegou outro barco, e algumas cordas foram jogadas. Com isso, conseguiram salvar algumas vidas. Marcolina foi arrastada por alguns homens. Ela agarrou-se nas cordas e foi puxada para cima. Enquanto isso, os gritos e lamentos confinuavam. A freira convidava todos a rezarem. Marcolina, porém, convocava-os a crerem em Cristo, que os salvara.[48]

Os pés de Marcolina Magalhães
(Rute S. Almeida)

Quão formosos foram
Esses benditos pés que levaram o evangelho
Ao abrasante e árido sertão.
Mesmo inchados, doídos, judiados,
Prosseguiram sem parar
Para anunciar, em Cristo, a salvação!

Assim como Noêmia Campêlo, que sempre teve a saúde frágil, a jovem Marcolina sofria constantemente de muitas dores nos pés. Quando cuidava de meninas no internato batista, após as visitas evangelísticas, chegava com os pés doendo. Certo dia, Dona Elizabeth, então, aqueceu água, banhou-lhe os pés e observou:

– Como pode você pensar em fazer trabalho missionário, Marcolina, se não agüenta caminhar algumas horas sem chorar por causa dos pés?
– Não sei, d. Essie, mas de uma coisa tenho certeza: o Senhor me chamou para a sua obra e por isso confio que ele providenciará tudo o que for preciso, respondeu Marcolina.[49]

No início de seu trabalho, ela escreveu uma carta para o secretário-executivo da Junta de Missões Nacionais, Manoel Avelino de Souza, em que relatava essa dificuldade:

Carta da missionária Marcolina Magalhães para Manoel Avelino de Souza

Porto Franco, 30-11-1932
Prezado irmão Avelino:
Saudações no Senhor.

Venho scientificá-lo que sigo no dia 8 proximo futuro para Carolina e de lá seguirei para a aldeia afim de passar estes dias de férias em casa do irmão Zacharias; voltando em janeiro, se Deus permittir.

Todo trabalho aqui vae bem, graças a Deus, porém o que acho que vae melhor e com mais animação é a Escola Dominical e a Sociedade Juvenil. A Escola augmenta cada domingo. Quando cheguei aqui a assitencia era de 15 a 20 e agora temos quase 60, e há muita attenção e interesse.

A escola diária este anuo não foi como desejávamos; ãemos uma pequena matricula de 14; mas para o anuo acho que teremos um bom numero. Encerrei as aulas no dia 26 e reabrirei no dia 2 de fevereiro p. futuro.

Este anuo não passei bem de saúde, mas espero para o anuo estar prompta para tudo. [...]

O que sinto é não poder andar a pé muitas léguas. Toda vez que faço uma viagem da distancia de uma légua, fico doente e as irmãs não querem ir sem mim. Por mais que eu queira não posso; por esse moão só saímos uma vez por mês e o povo pede para irmos sempre a suas casas.

Tenho gostado bastante do trabalho aqui, mas não posso fazer o que desejaria, porém Deus proverá.

Sem mais, da irmã em Christo,

Marcolina Magalhães.[50]

"O que sinto é não poder andar a pé muitas léguas" era a lamentação da jovem missionária. Como fazer o trabalho missionário no sertão nordestino, naquela época, sem caminhar? Mais uma vez ela afirmou: "Deus proverá".

E realmente ele proveu. As declarações de sua obra missionária revelam quanto ela caminhou, quantas léguas percorreu, quantas localidades que não conheciam o

evangelho de Cristo alcançou, quantas igrejas organizou. Só mesmo pela força do Espírito Santo de Deus.

Após algum tempo no campo missionário, Marcolina escreveu à dona Elizabeth, contando-lhe sobre o trabalho e como caminhava quilômetros. No final da carta, declarou: “E os meus pés não têm doído nen um tiquinho! Como o Senhor ouve as nossas mínimas súplicas”.[51]

Em 5 de setembro de 1971, portanto, quase quarenta anos depois daquela carta, *O Jornal Batista* destacou em sua primeira página o trabalho de Marcolina Magalhães e Beatriz Silva, com o seguinte título: “Correm e não se cansam as duas grandes missionárias ao Sertão”.[52]

A vida de Marcolina comprovou que “até os jovens se cansam e ficam exaustos, e os moços tropeçam e caem; mas aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças. Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam” (Is 40.30-31).

Falecimento

Tocantinópolis, no estado de Goiás (hoje no estado de Tocantins), foi a cidade onde Marcolina passou sua velhice. Com seus próprios recursos e a ajuda da JMN e de irmãos da Igreja Batista Memorial de Brasília, adquiriu uma casinha. Como não podia mais andar para fazer visitas, sentava-se à porta de sua casa e falava de Cristo a todos que passavam. Seus pés e pernas voltaram a doer muito, impedindo-a até de se levantar da cama. Mas nunca perdeu seu sorriso feliz ao testemunhar de Cristo.

No dia 14 de janeiro de 1988, a missionária descansou. Seus pés não mais doeriam nem precisariam caminhar nas

estradas poeirentas ou ruas enlameadas; agora andariam em ruas de ouro, nos céus.

No culto fúnebre da missionária bandeirante do sertão, compareceram o prefeito da cidade, o vice-prefeito, ex-prefeitos, vereadores, o secretário-executivo da Junta de Missões Nacionais, o presidente da Convenção Batista do Tocantins, missionários e muitos outros obreiros, pastores e irmãos em Cristo, todos participando, com emoção e fervor, do culto de saudades.

* * *

Essas missionárias fazem parte da memória dos evangélicos. Quantas pessoas conheceram a Cristo pela pregação delas! Quantos frutos espirituais foram colhidos! Quantos expressam seus nomes como doces recordações!

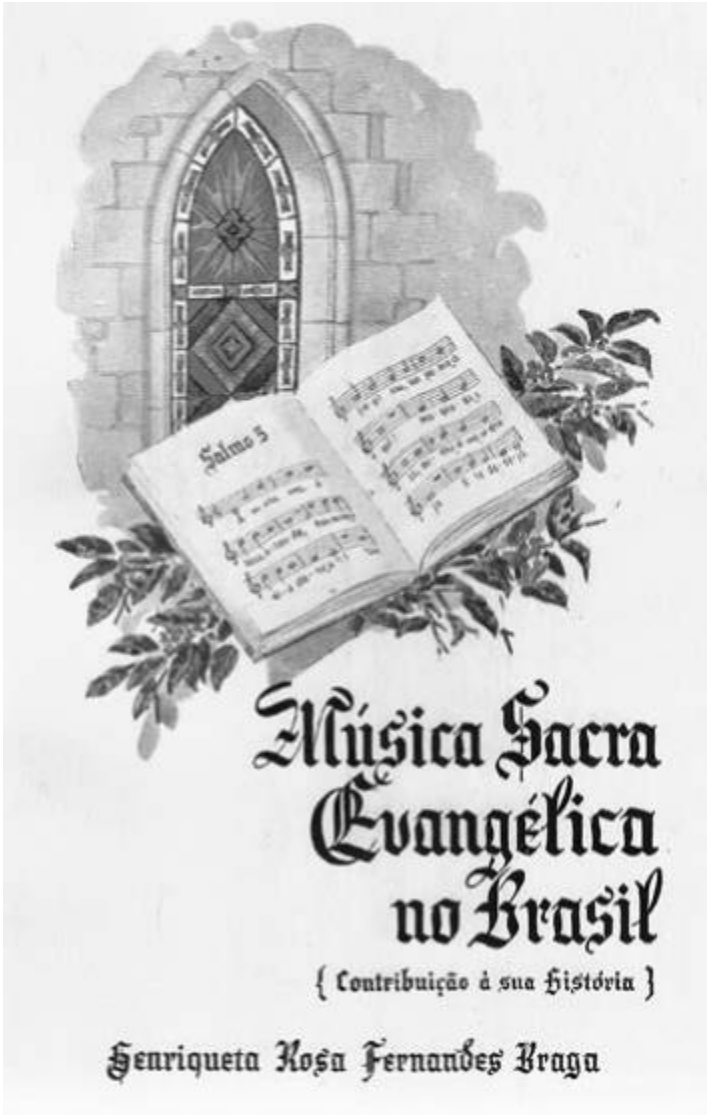
E muitas outras missionárias ainda estão trabalhando, cuidando de doentes nas enfermarias, atendendo crianças órfãs, lecionando nas escolinhas, tocando instrumentos musicais e ensinando o povo a cantar louvores a Deus.

Que o Senhor as abençoe e as motive a continuar na certeza de que o trabalho realizado na seara do Mestre nunca será inútil!

No capítulo a seguir, novo papel feminino poderá ser visualizado: o das pesquisadoras, historiadoras que buscaram informações sobre o passado evangélico brasileiro como se procurassem tesouros escondidos, descobrindo e apresentando as raízes, as origens, os começos.

Sua contribuição se deu pelas informações sobre cânticos e compositores, personagens e dados da história protestante brasileira, alguns desconhecidos ou

desconsiderados, deixando como herança obras preciosas para que os dias dos pequenos inícios jamais sejam esquecidos.



Capa do livro *Música sacra evangélica no Brasil*, 1961.

O livro *História da Música Sacra* é um valiosíssimo material que todos os estudantes e amantes da boa música sacra deveriam ter em suas cabeceiras; ele de forma minuciosa desliza pela linha do tempo nos fornecendo informações riquíssimas! Seu valor

histórico é incontestável e digno de ser sempre lembrado a gerações futuras. O livro em si é fonte de informação para pesquisas e de uma trama visível através do texto do que é homenagear, amar, partilhar e ter respaldo e admiração de pessoas que em sua volta falam/falavam de uma das maiores ferramentas que o bom Deus nos proporcionou – música.

(FERNANDES, Jonâtas. *História da música sacra* (livro). Ruy Wanderley, 20 de maio de 2020. Disponível em: http://www.hinologia.org/historia-da-musica-sacra-livro-ruy-wanderley/. Acesso em: 1º out. 2021.)

---

1. Noemi é o nome pelo qual a missionária é mais conhecida, porém em sua biografia consta Noêmia. É assim que escreve seu esposo, Zacarias Campêlo, em suas obras, e sua filha Esmeralda em seu site. Portanto, Noêmia será o nome adotado neste livro.↩
2. GONÇALVES, Margarida Lemos. *A que faz feliz.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962. p. 55.↩
3. BRATCHER, L. M. apud CÂMARA, Stela. *A heroína de Kraonopolis*: biografia de Noêmia Falcão Campêlo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1932 (epígrafe).↩
4. Fontes: CÉSAR FILHO, Erlie Lenz. *A saga de uma família*: uma história de fé e perseverança. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2007; FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil em comemoração ao seu 1º centenário*. v. II. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960; *SAF EM REVISTA*, julho a setembro de 1964. p. 17.↩
5. CÉSAR FILHO, Erlie Lenz. Op. cit. p. 94.↩
6. Ibid. p. 41.↩
7. Ibid. p. 96.↩
8. *Revista de Missões Nacionais,* março de 1911. p. 3 apud FERREIRA, Júlio Andrade. Op. cit. p. 141.↩
9. FERREIRA, Júlio Andrade. Op. cit. p. 141.↩
10. CÉSAR FILHO, Erlie Lenz. Op. cit. p. 97.↩

11. Ibid. p. 100-102.↩
12. Ibid. p. 104.↩
13. Fontes: ALMENARA. “Herodias Pinto”, *O Jornal Batista*, 30 de julho de 1936. p. 10; SILVA, Luís Pinto da. “Traços biographicos de Herodias Pinto”, *O Jornal Batista*, 10 de junho de 1937. p. 11; ALMENARA. “Brasil–Portugal: embaixada da fé e do amor christão”, *O Jornal Batista*, 29 de abril de 1937. p. 1; GOBIRA, Herodias Neves. “Ouvindo a nossa missionária a Portugal”, *O Jornal Batista,* 29 de julho de 1937. p. 6; GOBIRA, Herodias Neves. “Missionários e creanças: padre e professor, minha primeira experiência com as creanças”, *O Jornal Batista,* 12 de agosto de 1937. p. 9-10; GOBIRA, Herodias Neves. “Como o evangelho salvará duplamente a mulher portuguesa”, *O Jornal Batista,* 16 de dezembro de 1937. p. 8; HERLÂNDER, Felizardo. *História dos baptistas em Portugal.* Lisboa: CEBAPES, 1995; ICHTER, Bill H. “Uma vida a serviço de Deus”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1987. p. 1-6.↩
14. ICHTER, Bill H. Op. cit. p. 1.↩
15. SILVA, Luís Pinto da. Op. cit. p. 11.↩
16. ICHTER, Bill H. Op. cit. p. 1.↩
17. EPB: Escola Popular Batista, posteriormente Escola Bíblica de Férias.↩
18. ALMENARA. “Herodias Pinto”, *O Jornal Batista*, 30 de julho de 1936. p. 10.↩
19. Ibid. p. 10.↩
20. Ibid. p. 10.↩
21. Ibid. p. 10.↩
22. GOBIRA, Herodias Neves. “Ouvindo a nossa missionária a Portugal”, *O Jornal Batista,* 29 de julho de 1937. p. 6.↩
23. Ibid. p. 6.↩
24. GOBIRA, Herodias Neves. “Missionários e creanças: padre e professor, minha primeira experiência com as creanças”, *O Jornal Batista,* 12 de agosto de 1937. p. 10.↩
25. HERLÂNDER, Felizardo. Op. cit. p. 97.↩
26. GOBIRA, Herodias Neves. “Como o evangelho salvará duplamente a mulher portuguesa”, *O Jornal Batista,* 16 de dezembro de 1937. p. 8.↩
27. ICHTER, Bill H. Op. cit. p. 6.↩
28. Ibid. p. 6.↩

29. Fontes: CÂMARA, Stela. Op. cit; CAMPÊLO, Zacarias. Op. cit.; CAMPÊLO, Zacarias. *O índio é assim.* 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971; Site oficial da pr. Esmeralda Campêlo Vilela. Disponível em: http://www.esmeraldacampelo. com.br/pais.htm. Acesso em: 2 out. 2011.↩
30. CAMPÊLO, Zacarias. *Minha vida e minha obra*: memórias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970. p. 167.↩
31. CÂMARA, Stela. Op. cit. p. 48.↩
32. Ibid. p. 70.↩
33. CAMPÊLO, Zacarias. *Minha vida e minha obra*: memórias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970. p. 114. Impaludismo: malária.↩
34. Hoje, Tocantins.↩
35. CAMPÊLO, Zacarias. *O índio é assim.* 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971. p. 17.↩
36. CÂMARA, Stela. Op. cit. p. 106.↩
37. A pastora Esmeralda Campêlo Vilela fundou a Editora Rhema e foi autora de diversos livros, presidente da Fundação Esmeralda Campêlo, instituição filantrópica para crianças carentes, e da Comunidade Evangélica Betesda, em Belo Horizonte. Ela faleceu em 10 de agosto de 2021, aos 93 anos.↩
38. CAMPÊLO, Zacarias. *Minha vida e minha obra*: memórias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970. p. 165.↩
39. SOUZA, Manoel Avelino de. In: CÂMARA, Stela. Op. cit. p. 7.↩
40. Fontes: FREITAS, Ida de. *A missionária que abriu caminhos*: biografia de Marcolina Figueira de Magalhães. 3. ed. Rio de Janeiro: UFMBB, 2010; "Moldura para um retrato", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1988. p. 5; BARBOZA, J. A. "A última jornada da itinerante de Deus", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1988. p. 7; "Correm e não se cansam as duas grandes missionárias ao Sertão", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1971. p. 2.↩
41. FREITAS, Ida de. Op. cit. p. 27.↩
42. Ibid. p. 18.↩
43. Ibid. p. 19.↩
44. *A Pátria para Cristo*, Rio de Janeiro, n. 3, maio e junho de 1969. p. 18.↩
45. FREITAS, Ida de. Op. cit. p. 26.↩

46. “Moldura para um retrato”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1988. p. 5.↩
47. Ibid. p. 5.↩
48. FREITAS, Ida de. Op. cit. p. 24-25.↩
49. FREITAS, Ida de. Op. cit. p. 12.↩
50. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 23 de março de 1933. p. 9.↩
51. FREITAS, Ida de. Op. cit. p. 16.↩
52. “Correm e não se cansam as duas grandes missionárias ao Sertão”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1971. p. 1-2.↩

Capítulo 8

Vozes do passado: as pioneiras na pesquisa histórica

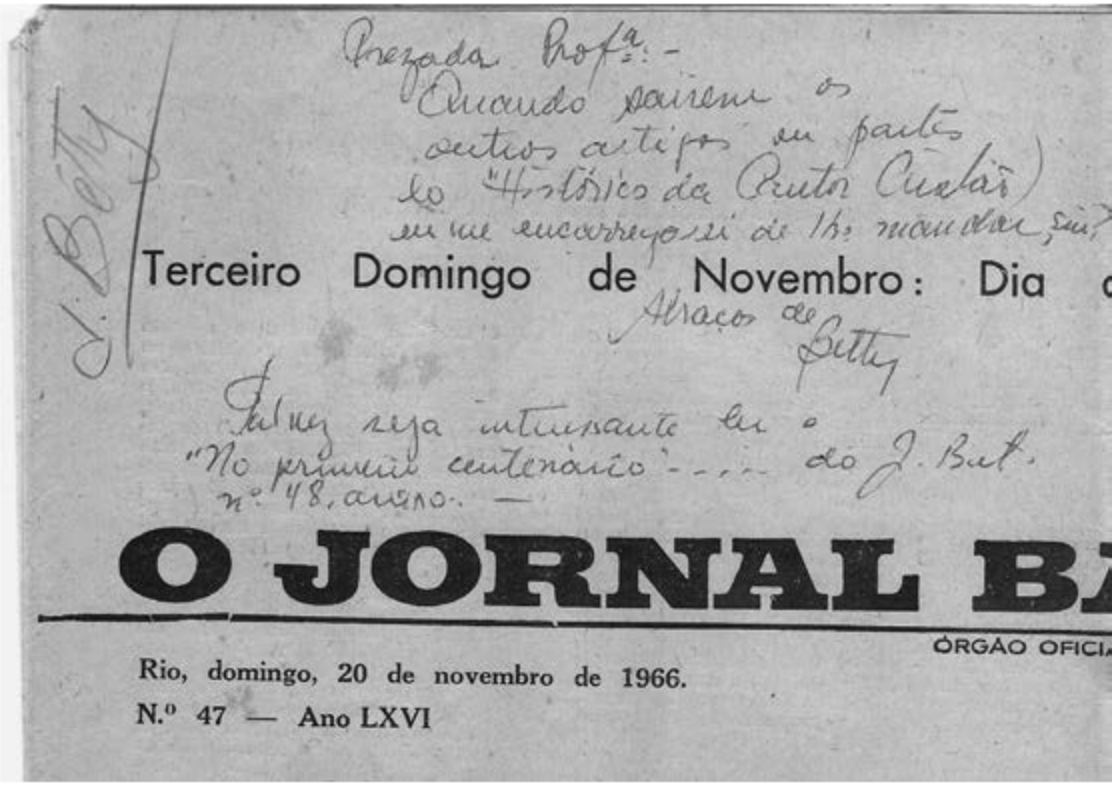
Sinto-me, pois, justificada em trazer aos meus leitores essas recordações do passado, essas estórias (sic) sobre os corajosos pioneiros do metodismo brasileiro. Portanto, desse meu depósito, meu velho baú dentro do qual tenho entesourado retratos velhos e desbotados, recortes de jornais, revistas, livros antigos de "orelhas de burro", desse meu velho baú vou retirando aquilo que peço a Deus nos leve nessa e em futuras gerações a emular aqueles que tanto sacrificaram pela causa do Senhor Jesus Cristo.[1]

As histórias de vida das pesquisadoras enfocadas neste capítulo foram bem parecidas e, em algum momento, até mesmo se cruzaram. Três diferentes denominações evangélicas – congregacional, metodista e batista – foram representadas por elas de maneira excepcional, pois honraram suas igrejas e deixaram rastros perfumados de dedicação à causa evangélica.

Henriqueta e Betty "trocaram figurinhas", isto é, ajudaram-se mutuamente em suas pesquisas. Henriqueta pesquisava a música evangélica e Betty lhe fornecia artigos sobre o hinário batista *Cantor Cristão* e outros relacionados à música em geral.[2]

Eula e Betty foram filhas de pastores pioneiros, esposas de pastores e ambas relacionaram antigos baús como guardadores de dados importantes sobre a história das denominações metodista e batista no Brasil.

Eula escreveu *Do Meu Velho Baú Metodista*, usando literalmente no título a fonte de seus dados, e Betty encontrou documentos e jornais em um baú e não parou mais de procurar documentos e informações, o que se tornou objetivo de sua vida por quarenta anos.


Prezada Profa.:-
Quando saírem os
outros artigos ou partes
do "Histórico da Rua Clarão)
eu lhe encarregarei de lhe mandar, sim?
Abraço de
Betty
Terceiro Domingo de Novembro: Dia
Talvez seja interessante ler o
"No primeiro centenário" ... do J. Bat.
nº 48, ano. —
O JORNAL B
ÓRGÃO OFICI
Rio, domingo, 20 de novembro de 1966.
N.º 47 — Ano LXVI

Bilhete de Betty Antunes de Oliveira, na primeira página de *O Jornal Batista* de 20 de novembro de 1966, para a professora Henriqueta Rosa Fernandes Braga.

Henriqueta e Betty escreveram obras volumosas e preciosas: *Música Sacra Evangélica no Brasil*, de Henriqueta,

tem 448 páginas de muita história e informações sobre a música; *Centelha em Restolho Seco*, de Betty, é uma obra densa de 768 páginas, com muitos documentos inéditos e descobertas que enriqueceram a história não somente da denominação batista, mas de toda uma época da introdução do protestantismo brasileiro.

Eula e Betty contestaram as datas dos marcos iniciais de suas denominações. Contudo, somente Betty logrou êxito, depois de muita resiliência, e pôde receber homenagem em vida pelo grande trabalho de pesquisa realizado que alterou o marco inicial da sua denominação.

HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (1909–1983): A PIONEIRA NA PESQUISA DA HISTÓRIA DA MÚSICA SACRA EVANGÉLICA NO BRASIL[3]

Henriqueta Rosa Fernandes Braga é uma giganta da música. O seu nome está firmemente escrito na história da música sacra evangélica brasileira. E como é esta giganta da música? Ela irradia simpatia. Capacitadíssima, mas modesta. Elegante, mas simples. Importante, mas acessível. E o "pioneirismo" que corre em suas veias vai deixando um importante legado para a música sacra do Brasil.[4]

Henriqueta tinha pioneirismo em suas veias. Além de descender de duas famílias tradicionais do início evangélico, foi pioneira na participação musical de programas radiofônicos, na gravação de hinos sacros para RCA Victor e Odeon, e na pesquisa da música sacra evangélica no Brasil.



Henriqueta Rosa Fernandes Braga, brasileira pioneira na música evangélica.
Fonte: Acervo da Associação Basileia – Campinas, SP.

A maior musicóloga evangélica, Henriqueta Rosa Fernandes Braga, nasceu em 12 de março de 1909, no Rio de Janeiro, filha de José Luiz Fernandes Braga Junior e Henriqueta Fernandes Braga. Sua avó paterna, Christina Faulhaber, foi aluna da escola dominical fundada por Sarah Kalley, em Petrópolis, em 1855. Seu avô paterno, José Luiz Fernandes Braga, português, foi colaborador direto do doutor Robert Reid Kalley. E seu pai, José Luiz, presbítero da Igreja Evangélica Fluminense, trabalhou ativamente na Associação Cristã de Moços, no Hospital Evangélico e fundou o jornal *O Cristão*.

Desde a mais tenra idade, Henriqueta participava com sua família dos cultos domésticos que eram realizados todos

os dias de manhã e à noite. Após a leitura e explicação do texto bíblico, o pai orava em gratidão a Deus.

Outra prática constante eram os momentos musicais. A família ouvia gravações de música clássica, hinos, corais e outras peças religiosas em gravações estrangeiras da discoteca de seu pai. Havia ainda o cântico de hinos em volta do piano, tocado pelos pais.

A maestrina, musicista e mestra

Henriqueta foi batizada na Igreja Evangélica Fluminense e, por longo período, foi professora da escola dominical e organista de sua igreja. Foi diretora do coro de 1932 a 1948, com o qual realizou concertos, atuou em programas radiofônicos e gravou discos.

> Como regente coral, a maior alegria que tive foi no momento em que percebi que o coro que dirigia – o da Igreja Evangélica Fluminense – havia se identificado tão bem com o estilo sacro, que vibrava com as peças que lhe eram apresentadas para estudo, e os coristas por si mesmos refugavam as de menor valia – harmonizações fracas, vazias, sem conteúdo que ressaltasse e enriquecesse as belas letras evangélicas que possuímos. Todos os coristas, sem exceção, aprenderam a amar a música de Bach e de Haendel, apreciando-a em seu justo valor, bem como a de outros autores de peças de elevado quilate.[5]

Formada em piano, composição e regência pelo Instituto Nacional de Música, obteve os títulos de professora, maestrina e doutora em música, sendo a primeira pessoa a receber diploma universitário de música no Brasil. Em 1950, Henriqueta fundou o coro do Instituto de Cultura Religiosa do Rio de Janeiro, com o qual realizou concertos e gravações.

Ela lecionou na Escola Nacional de Música, a partir de 1936, nas cadeiras de pedagogia, teoria e folclore nacional musical, e história da música, da qual se tornou professora titular em 1958. A partir de 1973, assumiu a chefia do departamento teórico e de matérias aplicadas. Foi também professora titular do Conservatório Brasileiro de Música e da Escola de Música Villa-Lobos.

Ela exerceu o magistério por 42 anos, de 1936 até 1978, aproveitando as oportunidades nas aulas para falar do evangelho e incentivar os alunos à leitura da Bíblia. Nas suas turmas passaram alguns padres e regentes de coros católico-romanos que se tornaram seus bons amigos.

Durante onze anos, como catedrática interina, lecionou folclore musical, uma experiência gratificante que lhe permitiu misturar-se às crianças, revivendo sua própria infância e registrando cantigas de roda, jogos e histórias.

Salmos e Hinos

O hinário congregacional *Salmos e Hinos* era sua menina dos olhos e, desde 1941, trabalhou em sua melhoria. Na época, atuando com o reverendo Manoel da Silveira Porto Filho, participou da comissão que pretendia produzir o *Hinário Evangélico*, revisão de *Salmos e Hinos.*

A ideia foi mudada, e ela se dedicou juntamente com o doutor Remígio Fernandes Braga, reverendo Porto Filho, reverendo Jônatas Thomás de Aquino e Doroteia Thompson a uma edição revisada do hinário, publicada em 1948.

Henriqueta participou por dezoito anos da comissão revisora de *Salmos e Hinos*, um trabalho difícil, feito muitas vezes de joelhos e com lágrimas, até que a quinta edição

fosse lançada, em 1975. Ela destacou o trabalho técnico difícil da revisão: “Pois os hinos em sua forma anterior já foram incorporados por milhares de crentes que os julgam seus, mesmo com suas imperfeições melódicas e incorreções nas letras”.[6]

A musicóloga gostava de tarefas grandiosas. Ela produziu uma série de artigos sobre o hinário que foi transformada no livro póstumo *Salmos e Hinos: sua origem e desenvolvimento*, e estava escrevendo *O Manual de Salmos e Hinos,* que seria um estudo crítico, pedagógico e histórico sobre os 651 hinos do mais antigo hinário evangélico brasileiro, que não foi concluído.

Como afirmou Marcílio de Oliveira Filho, “uma Henriqueta precisa ser substituída por uma porção de pessoas. Ela foi capaz em tantas áreas que agora dificilmente um só poderia fazer o que ela fez”.[7]

Suas obras

Henriqueta foi membro da Academia Nacional de Música e publicou diversos artigos em jornais e revistas, além de livros nos quais se misturam obras evangélicas e educativas: *Cânticos do Natal*, em 1947, com seis edições; *Peculiaridades Rítmicas e Melódicas do Cancioneiro Infantil Brasileiro,* em 1950; *Brinquedos Cantados*, em 1955; *Pontos de História da Música*, em 1956; *Do Coral e sua Projeção na História da Música*, em 1958; *Música Sacra Evangélica no Brasil: contribuição à sua história*, em 1961; *Os Trovadores e a Canção Medieval*, em 1962; *A Cultura Musical no Rio de Janeiro*, em 1966.[8]

O livro *Pontos de História da Música* foi escrito com seu mestre, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, para ser utilizado como apostila dos alunos do Conservatório Brasileiro de Música. Os *Cânticos do Natal* foram usados em diversas igrejas cristãs.

> Há alguns anos passados, na ocasião do Natal, quandos as rádios irradiavam músicas apropriadas à época, tive o privilégio de ouvir os hinos dessa coletânea em todas as emissoras do Rio de Janeiro, muitas delas lendo o respectivo histórico do hino [...]. Tenho também encontrado "Cânticos de Natal" em igrejas católicas-romanas do Rio de Janeiro e do interior, como aconteceu em São José do Rio Preto, onde sobre o harmônio vi um exemplar já gasto dessa coletânea demonstrando longo uso.[9]

Como compositora, Henriqueta destacou-se com a música do hino 168, "Senhor, eu preciso de ti", de *Salmos e Hinos*. Como hinóloga, colaborou para o *Hinário Evangélico*, de 1945; *Hinário Evangélico com Músicas*, de 1952; *Salmos e Hinos*, de 1948; e *Salmos e Hinos com Músicas Sacras*, de 1975.

Como periodista, escreveu artigos para as revistas *Unitas, Ultimato, Cultura Cristã* e *CBM,* os verbetes sobre música sacra para a *Enciclopédia Delta-Larousse*, em 1970, e os verbetes sobre assuntos musicais para a *Enciclópedia Internacional Mirador*, em 1975.

Morte e legado

> Henriqueta Rosa, musicista polivalente (professora, conferencista, periodista, historiadora, musicóloga, hinóloga, compositora, regente), muito recebeu dos mestres e muito deu à causa da música. Sua vida e sua obra delinearam uma figura ímpar no cenário musical do Rio de Janeiro, que se projetou muito além do espaço e do tempo no Brasil.[10]

Aposentada em 1979, a musicóloga continuou fazendo palestras e pesquisando. Na véspera de sua enfermidade fatal, 30 de maio de 1983, proferiu uma conferência ilustrada por solistas e por um conjunto vocal que destacou antigas figuras do ensino musical brasileiro.

Henriqueta estava trabalhando em quatro obras: *Corais de J. S. Bach*, com anotações históricas; *Cancioneiro Folclórico Infantil Brasileiro*; *História da Música*; e *Manual para Salmos e Hinos*. E ela desejava completar seu histórico sobre cada hino, porém Deus a chamou no dia 21 de junho de 1983.

No dia seguinte, às onze horas da manhã, um grande grupo cantava no cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, o hino “Senhor, eu preciso de ti', cuja música ela compôs. A família enlutada publicou uma nota no *Jornal do Brasil* e em *O Globo:*”De acordo com as convicções evangélicas da querida extinta e de toda a família, comunicam que não haverá missas por sua alma, porquanto esta foi resgatada pelo sacrifício de Cristo na Cruz do Calvário, sacrifício esse que não se renova, porque é eterno'.[11]

Foi lindo esse testemunho da família de que Henriqueta havia sido resgatada por Cristo e não necessitava de nenhum ritual pós-morte.

Os evangélicos no Brasil devem àquela que foi considerada a maior autoridade brasileira em música sacra a formação técnica de muitos de seus melhores músicos.

EULA KENNEDY LONG (1891–1979): HISTORIADORA DA IGREJA METODISTA[12]



Eula Kennedy Long.
Fonte: Acervo da família Long.

> A Igreja que não conhece a sua origem e nem o que praticaram os seus pioneiros não tem raízes profundas para alimentar o seu presente ou dirigir o seu futuro [...]. As próprias palavras do Mestre justificam tal pesquisa, pois não disse Jesus: “Todo escriba versado no Reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas”?[13]

Somente no seio da denominação metodista, que mais valoriza a atuação feminina, poderia surgir uma historiadora logo em seus primórdios. Eula foi testemunha ocular de muitos fatos da história de sua igreja. Como filha de missionário pioneiro, foi também pioneira, viajando em lombos de burros ou carros de boi, vitimada pela febre amarela e enfrentando muitas mudanças.

Eula Lee Kennedy nasceu em Taubaté no dia 25 de setembro de 1891. Era filha de James Lillbourne Kennedy e de Talitha Jane Wallace, ambos do Tennessee. Seu pai, missionário metodista estadunidense, chegou ao Brasil em 1881 e organizou a Primeira Igreja Metodista no Catete, Rio de Janeiro, juntamente com o reverendo Ramson.

Essa foi a primeira de muitas igrejas que organizou. O reverendo James Kennedy foi considerado o homem que mais ganhou almas para Jesus no Brasil, onde atuou como missionário por sessenta anos.

Após contrair a febre amarela e quase perder a vida, ele retornou à sua pátria. Nessa estadia, casou-se com Talitha Jane, em 16 de maio de 1883, e voltou para o Brasil. Sua esposa, conhecida como Jennie Kennedy, foi fundadora da primeira Sociedade de Mulheres Auxiliadoras no Brasil, em 1885.

Eula cresceu em um lar dedicado à evangelização; em sua casa liam-se histórias da Bíblia e oravam ajoelhados. Foram as longas orações do pai que deram aos filhos um bom vocabulário de termos teológicos.

As epidemias do Rio de Janeiro

A epidemia da febre amarela em 1901

Com a chegada do verão, o Rio foi outra vez assolado por epidemias, especialmente a devastadora febre amarela. Pobre do Rio, tão belo, tão encantador, mas tão raramente livre de doenças e mortes! E por quê? A culpa não cabia ao clima, isso era certo, pois antes de 1848 o Brasil

não fora visitado pela febre amarela. Ninguém sabia o que a causava, apesar de cismarem alguns que exisda certa conexão com lugares pantanosos e miasmáricos. Portanto, os que podiam fugiam para as montanhas, e os que ficavam evitavam o sereno e dormiam com as janelas bem fechadas, isso é, se ãessem janelas nos quartos de dormir, novidade naqueles dias. Não faziam isso porque suspeitassem ser o mosquito o causador da febre, mas porque queriam livrar-se do seu zumbido e das suas picadas.

Lembro-me que mamãe fez uns "saquinhos" de pano bem funo, dentro dos quais pôs quadrinhos de cânfora, e atou-os aos nossos pescoços, qual amuleto ou talismã, mas não por superstição, mas porque os mosquitos detestavam o cheiro de cânfora e, assim, nos deixavam sossegados.

Mas, apesar do povo em geral não estar ciente, o mistério da febre amarela já começava a ser desvendado, pois, funda a guerra hispano-americana, os cientistas americanos, sob a liderança do dr. Walter Reed, üztham provado que o vilão era o mosquito, então denominado Stegomyia fasciata – hoje, o Aedes aegypt – e os métodos de combate à febre amarela estavam sendo diftcultados pelo mundo. Dentro de poucos anos, o Brasil, com o dr. Oswaldo Cruz na dianteira, livrava-se das epidemias que aterrorizavam a sua população e ceifavam tantas vidas.[14]

Em prevenção contra a doença, a família de Eula mudou-se para Copacabana, considerada zona livre da febre. Os banhos de mar não adiantaram, e a febre acometeu a pequena Eula, aos 10 anos de idade. Desenganada pelos médicos, foi salva pela graça de Deus.

Não era só a febre amarela que assustava a família. Havia ainda a deformante varíola e a repugnante peste bubônica. O reverendo Kennedy levava os filhos para se vacinarem periodicamente e, durante as epidemias, ajudava as famílias das vítimas.

As diversões dos filhos de missionários

Eula viveu aventuras singulares acompanhando seu pai em suas viagens evan-gelísticas. Em uma casa, ofereceram a própria cama para o casal e as crianças dormirem em um quarto pequeno, em esteiras, com nove pessoas, mais nenês, gatos e cachorros. Para a menina aquilo era uma folia:

> O culto aquela noite realizou-se numa sala de frente, atulhada de cadeiras, bancos e tamboretes. Lamparinas primitivas iluminavam a sala, jogando nas paredes e nos rostos dos ouvintes sombras fantásticas e tremulantes. O único lampião estava na mesa que servia de púlpito, ao lado do qual mamãe tocava o órgão portátil que havíamos trazido conosco. Os dois dirigiam os hinos, sempre com nosso auxílio, pois os conhecíamos bem. Como aquela gente gostava de cantar! Depois de terminado o culto, ainda pediam que lhes ensinássemos mais hinos.[15]

A caravana evangelística não se importava com os incômodos físicos dos meios de transporte e seguia cantando e conversando alegremente. As comidas caseiras pelo caminho eram quitutes de reis para Eula.

Em uma viagem, o grupo precisou matar muitas cobras, mas nem elas ou as onças eram os piores inimigos, mas sim os carrapatos e micuins, uns carrapatos miúdos que deixavam todos atordoados.

Terminada a evangelização, a mãe voltava cansada e o pai, satisfeito com as conversões e a abertura dos pontos de pregação. E logo ele partia novamente para consolidar o trabalho árduo.

Mudanças, estudos e casamento



A jovem Eula. Reprodução de Isis Salviano Roverso Soares. Fonte: Acervo da família Long.

Em setembro de 1904, o pai de Eula foi convocado a Belo Horizonte para a construção de um templo e de um colégio. E, em 1905, Eula, com suas duas irmãs, estavam entre as cinco primeiras alunas matriculadas no Colégio Isabela Hendrix, fundado por Martha Watts.

Seu pai sempre dizia que não tinha propriedade ou dinheiro para legar aos filhos, por isso queria dar-lhes a melhor educação possível, portanto planejou levá-los para sua terra natal até que se diplomassem. Jennie permaneceu com os filhos nos Estados Unidos, e ele voltou para o Brasil.

Em 1908, Eula terminou o curso ginasial no Knoxville High School e regressou com a mãe e o irmão, indo morar em São Paulo, onde estudou no Colégio Mackenzie. Após um ano, retornou para os Estados Unidos para completar seus estudos, formando-se em 1913.

No retorno, depois da morte de sua mãe, a jovem conheceu no navio Frank Millard Long, com quem se casaria. Ele seguia para o Brasil aceitando um convite conjunto da Associação Cristã de Moços e da igreja metodista para lecionar inglês aos estudantes do Colégio Granbery, dirigir atividades atléticas e organizar uma associação cristã estudantil.

Eles se casaram no dia 13 de outubro de 1914, na Igreja Metodista Central de São Paulo, onde seu pai era responsável por seis pontos de pregação e cinco escolas dominicais.

Depois de passar quase dois anos no Granbery, em Juiz de Fora, Frank Long foi enviado para o Recife e para o Rio. Finalmente, em novembro de 1916, foi designado como secretário-geral da Associação Cristã de Moços de Porto

Alegre. Ele era um líder nato, esportista consumado e cristão convicto.

Em pouco tempo, ganhou respeito e apoio do povo e dos líderes políticos em Porto Alegre, sendo considerado o “Pai do Atletismo Rio-Grandense”, que introduziu esportes novos no Brasil: basquete, voleibol, corridas e acompanhou o primeiro time gaúcho às Olimpíadas no Rio de Janeiro.

O casal teve cinco filhos: James, Eulalee, Frank, Lewis e Edith. Ao lado do esposo, Eula tornou-se a motivadora e coordenadora de programações sociais na Associação Cristã de Moços (ACM), envolvendo pessoas da comunidade, associados e suas famílias.

A cointrodutora da primeira comemoração do Dia das Mães no Brasil

A primeira festa celebrando o Dia das Mães foi realizada em Porto Alegre, por Eula e Frank Long, no dia 12 de maio de 1918. O casal, que conhecia a celebração nos Estados Unidos, resolveu introduzi-la no Brasil, não imaginando que ela se tornaria tão valorizada pela sociedade brasileira a ponto de o presidente Getúlio Vargas colocá-la no calendário oficial em 1932.



Casal Long e filhos, em 1931.
Fonte: Acervo da família Long.

O dia marcado para a festa amanheceu chuvoso e frio em Porto Alegre. Mas o salão social da sede da Associação Cristã de Moços foi se enchendo de pessoas de toda a cidade que queriam comemorar o primeiro Dia das Mães.

Eula ficou na entrada colocando cravos nas lapelas: vermelhos para aqueles com mães vivas e brancos para os que não tinham mais suas mães. Ela organizou um quarteto que cantou o cântico "Querida m*ãe*". E a festa foi abrilhantada pela presença da poetisa e escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida, que declamou versos dedicados a ela por seu filho.

Desde aquele ano, as igrejas cristãs passaram a celebrar no segundo domingo de maio o Dia das Mães.

Sua atuação nas Sociedades de Senhoras e suas obras literárias

Eula sempre foi ativa nas igrejas das quais participou. Ela foi organista, professora da escola dominical, secretária correspondente, historiadora, presidente regional e autora do lema usado até hoje: “Viver para servir”, pelas Sociedades Metodistas de Senhoras.

Em 1929, a situação financeira do país e do mundo era muito instável. Porém, sem se preocupar com isso, um pequeno grupo de mulheres reuniu-se na Igreja Metodista Central de São Paulo para a fundação de uma revista evangélica destinada ao público feminino.

A Junta Interconferencial de Senhoras, composta por três presidentes e três secretárias, entre elas Otília Chaves e Eula Long, fundou a primeira revista metodista no Brasil. As senhoras queriam produzir mais e, “deixando seus lares e seus afazeres, viajaram de longe [...] e sob a inspiração de Leila Epps, aqui fundaram em 1930 a *Voz Missionária*, que se tem tornado a revista evangélica de maior circulação no Brasil”.[16]

A revista surgiu 28 anos depois do *Expositor Cristão,* órgão oficial da Igreja Metodista do Brasil. O período de maior sucesso foi sob o comando de Otília Chaves quando atingiu o número recorde de 80 mil assinaturas.

O nome foi dado em homenagem ao periódico *[he Missionary Voice* da igreja-mãe, nos Estados Unidos, e para reforçar o ideal missionário. A revista, com doze páginas e uma tiragem inicial de apenas mil exemplares, teve como primeira redatora Leila F. Epps, a dedicada visitadora-geral

das Sociedades de Senhoras. Sua substituta, Juanita Campos, informou:

> Numa palestra do escritor Érico Veríssimo, no auditório da Rádio Gazeta de São Paulo, deu aos assistentes a oportunidade de fazer-lhes perguntas. Uma delas pedia o nome da publicação periódica mais lida no Brasil. O escritor patrício, que não é evangélico, respondeu sem hesitação: "É a revista Voz Missionária, das senhoras metodistas".[17]

Eula foi autora de sete livros: *O Companheiro do Lar,* para as donas de casa, em 1923; *Conselho às Mães*, em 1926; *Corações Felizes*, para as famílias cristãs, em 1932; *Exercícios Bíblicos*, para escolas dominicais e departamentos da igreja, em 1934; *Mãe de Homens Célebres*, com dez breves biografias, em 1941; *O Arauto de Deus*, biografia de seu pai, James L. Kennedy, em 1957; e *Do Meu Velho Baú Metodista*, em 1968.

Um comentário de um professor de escola dominical de que não se devia gastar tantos domingos em estudos de histórias do passado a deixou perplexa e indecisa sobre a tarefa de escrever a história dos metodistas no Brasil. Porém, foi encorajada com as palavras de Sante Uberto Barbieri, que afirmou que não podemos viver sem a história, pois ela nos liga ao passado e nos impulsiona a prosseguir.

Eula entregou à sua denominação um livro precioso que fez parte das comemorações de seu centenário. No final da introdução, declarou que é mister olhar além dos pioneiros e além do fundador João Wesley: "Mister é que fixemos os olhos e os corações naquele que é o nosso real fundamento, Jesus Cristo, o autor e consumador de nossa fé, a rocha de que fomos cortados, a rocha da nossa fortaleza".[18]



Capa do livro *O companheiro do lar*, 2. ed., 1924.

Pérolas de Eula Kennedy Long recolhidas de seus livros de conselhos às famílias brasileiras, no início do século 20

Testamento de um alcoólatra em Nova York

1. **Deixo à sociedade um caráter detestável, um exemplo funesto e uma memória odiosa.**
2. **Deixo aos autores dos meus dias a dor que não sei como poderão suportar, estando em idade avançada.**
3. **Deixo a meus irmãos e minhas irmãs toda a vergonha e sentimento que lhes causei com meu modo de viver.**
4. **Deixo à minha esposa um coração quebrantado e uma vida de ignorância.**
5. **Deixo a cada um de meus filhos pobreza, ignorância, embrutecimento e a triste lembrança de que seu pai morreu vítima do maldito vício da embriaguez.**[19]

Ser mãe

A mãe ideal será boa dona de casa. No entanto, sem deixar dominar no seu lar a desordem e o relaxamento, não se escravizará ao serviço, fazendo deuses da ordem e da limpeza. São dos lares nos quais "não se mexe nisso, e não se entra com aquilo, e não toque nisso ou naquilo" que os filhos fogem para lugares frequentemente pouco desejáveis, mas onde têm liberdade de dar expansão às suas atividades normais. Claro que nenhuma mãe sensata poderá

deixar os meninos “carregar com a casa”, como se costuma dizer; não se achará agradável encontrar pelos cantos da casa latas velhas com minhocas ou sapinhos, não terá alegria em tropeçar sobre piões e pandorgas. Mas há um meio-termo a seguir que nem anarquiza a casa, nem reprime incessantemente o espírito justamente curioso, investigador, ou simplesmente aventureiro dos Juquinhas e das Marietas. Esse meio-termo, cada mãe inteligente terá de descobrir e traçar por si; será uma aplicação de valores que dependerá dum delicado balanço entre a disciplina dogmática e a disciplina flexível que impõe o respeito ao mesmo tempo que dá valor à personalidade da criança em desenvolvimento.[20]

Receita de batatas doces à americana

- **batatas para cinco pessoas**
- **Caneila conforme o gosto**
- **¾ de chicara de assucar**
- **1 chicara de leite (¾ ou de chicara de água)**
- **1 colher grande de manteiga**

Cortam-se as batatas cozidas, frias, em fatias, arranjando-as em camadas numa forma. Sobre cada camada, põe-se assucar, caneila e manteiga. Ajunta-se por fim o leite ou a água.

Leva-se ao forno por uns 25 minutos, ou até que parte do leite esteja absorvido pelas batatas, porém não se deixa seccar. O leite ou a água deve ficar como calda grossa. Serve-se na própria forma.[21]

Sobre o amor

É só o amor, o coração, que dá valor ao casamento, que pode cercar com o resplendor duma auréola rósea os más vulgares acontecimentos do dia. É o amor, unicamente, que sabe arancar o ferolho da monotonia diária de pequenas obrigações enfadonhas, que sabe transmudar em prazer os sacrifícios e pesares que possam vir com os anos.[22]

A discordância em relação ao marco inicial metodista

Eula não se conformava com a data fixada como início do metodismo brasileiro. Ela relatou um diálogo de um pastor com um zelador sobre o fato:

> – Pois, meu irmão, disse o pastor, o metodismo tem a honra de ter sido, em tempos modernos, o primeiro a implantar o Evangelho em solo brasileiro. Isso foi em 1835 quando chegou ao Rio de Janeiro o evangelista de nome Fountain Pitts.
> – Como é, reverendo? Perguntou o zelador. O senhor não se enganou na data? Se foi em 1835, por que é que o centenário é agora em 1967?[23]

Na conferência geral de maio de 1835, os metodistas dos Estados Unidos resolveram enviar à América do Sul um jovem ministro de 27 anos, o reverendo Fountain E. Pitts,

que apresenteou um bom relatório, possibilitando a nomeação de outro pastor para o trabalho missionário no Brasil.

Esse foi o reverendo Justin R. Spaulding, que, chegando ao Rio de Janeiro, pregou para cerca de quarenta pessoas, denominadas por ele de “uma pequena sociedade de pessoas piedosas”. E a seguir iniciou uma escola dominical da qual fizeram parte crianças brasileiras.

Esse início, já narrado no primeiro capítulo, contou também com a participação dos reverendos Pitts e Daniel Kidder. Para Eula, a primeira missão metodista no Brasil deveria ser atribuída a esse trio de pioneiros.

Contudo, a liderança metodista não lhes outorgou a primazia por causa da interrupção de continuidade por 26 anos (1841–1867), o que ocorreu pela questão da escravatura, que provocou a divisão dos metodistas em Igreja Metodista Episcopal do Norte e Igreja Metodista Episcopal do Sul.

A Guerra de Secessão fez alguns metodistas desgostosos imigrarem para o Brasil, onde fundaram, em 1866, a colônia americana de Santa Bárbara, formada por evangélicos presbiterianos, metodistas e batistas.

Com eles veio o reverendo Junius E. Newman, nomeado como obreiro da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos, na esperança de poder se dedicar neste país à disseminação das boas novas do evangelho.

Newman permaneceu por dois anos no Rio de Janeiro. Em 1869, foi para São Paulo, morando em Saltinho, entre Limeira e Vila Americana, e ali organizou a primeira igreja

metodista no Brasil, em agosto de 1871. Foi enviado para auxiliá-lo o missionário John J. Ransom, em 1879.

A igreja, que fora organizada com elementos estrangeiros, no ano seguinte começou a receber brasileiros. Entre seus membros, estava a família Walker, que pertencera à missão Spaulding e representava o elo entre o primitivo trabalho temporário e o da segunda fase, já permanente.

Após alguns debates e mudanças de datas, os metodistas escolheram o reverendo Newman como o fundador da obra missionária e a data de sua chegada ao Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1867, como a do início da denominação metodista em solo brasileiro.

Além de confusa, foi incoerente a data de início da denominação a partir da data de chegada de um missionário, e não após uma igreja organizada. As ponderações de Eula foram:

> – Que pai cujo primeiro filho tenha falecido na infância ou na juventude sem deixar uma grande obra pela qual possa ser lembrado deixa de reconhecê-lo como seu primogênito – ou risca-o do livro da família como seu filho?
> – Que lástima, pois, que grande pena, que a Comissão Histórica abrisse mão da grande honra que cabe ao metodismo ser mais do que centenário, para cedê-la a outras denominações que aqui vieram um quarto de século depois!
> – Que desonra ignorar os sacrifícios e perseguições, os ingentes esforços feitos por esses desbravadores, em favor de outro pastor que, apesar de RE-ENCETAR o metodismo em solo brasileiro – nunca pregou uma só vez aos brasileiros e nem foi perseguido por amor do Evangelho!
> – Por que a Comissão, ao invés de basear a sua decisão sobre a palavra permanente, não a baseou sobres as palavras, primeira a pregar o Evangelho no Brasil, assim conservando para os metodistas a honra que lhes é justa e merecida?[24]

Ela afirmou que a maioria dos estudantes da história do metodismo brasileiro não concordou com a decisão, entre eles Otília Chaves, membro fundadora da Sociedade Histórica, que, declarando seu desacordo, apresentou os documentos históricos da missão Pitts.

Mudança para os Estados Unidos e morte

Devido à Depressão estadunidense, o esposo de Eula foi chamado de volta para sua terra, pois a Associação Cristã de Moços teve que cortar seu programa missionário no exterior. Foi um choque para o casal Long, que estava no ápice de seu trabalho.

Frank era missionário também da Junta de Missões, que não desejava sua partida, mas não conseguiria sustentar a família com meio salário e teria de partir. A família conseguiu permanecer no Brasil até que a construção do novo prédio de três andares da ACM – Porto Alegre fosse concluída.

Após a inauguração da sede, em maio de 1934, embarcaram para os Estados Unidos. Morando no estado de Virgínia, Eula se tornou membro correspondente da Academia Literária Feminina e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Dos Estados Unidos, enviava artigos informativos e espirituais para boletins das igrejas e outras publicações seculares. Aos domingos, seus artigos eram publicados pelo jornal local *Estado* e, semanalmente, o jornal *Correio do Povo* publicava seus escritos, que inspiravam mulheres e jovens cristãos.

Em 1942, a família sofreu um duro golpe, quando o filho deles Frank Junior morreu na batalha de Guadalcanal, com 21 anos. O pai, entristecido, retirou-se do secretariado da ACM para se dedicar aos que serviam na guerra.

Em 1955, já aposentados, vieram ao Brasil visitar familiares, contudo Frank sofreu um ataque cardíaco e precisou ser hospitalizado. Ele retornou ao seu país, recuperado; mas, em 31 de maio de 1958, faleceu aos 74 anos. A prefeitura de Porto Alegre o homenageou em 1960, denominando uma praça pública de “Frank Long, introdutor do Dia das Mães”.

Dez anos antes, em 1950, a cidade natal de Eula, Taubaté, a havia homenageado durante a Semana Monteiro Lobato como cofundadora do Dia das Mães e com a denominação de uma rua da cidade como Rua Kennedy, em homenagem ao seu pai, que dirigira um colégio em Taubaté, onde Monteiro Lobato foi um dos primeiros alunos matriculados. A escritora também é a patrona da cadeira nº 30 da Academia Taubateana de Letras.

Eula foi considerada a mãe do ano da Virgínia, em 1959. Ela faleceu em 21 de novembro de 1979, em Roanoke, Virg*í*nia.

BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA (1919–2016): UMA VOZ FEMININA NA PESQUISADO INÍCIO HISTÓRICO DOS BATISTAS NO BRASIL[25]



Betty Antunes de Oliveira.
Fonte: Acervo da família Antunes de Oliveira.

> Minha mãe é de fato uma pessoa linda por fora e ainda mais por dentro. Tem um semblante de paz e agradecimento, apesar de ter sofrido momentos dolorosos e difíceis lá em Manaus, onde passou cinqüenta anos trabalhando para o Senhor em situações demais precárias. Como era concebido antigamente, a esposa de pastor tem que trabalhar muito em casa e na igreja, porque é uma esposa de pastor. Sem ganho financeiro, é claro! Papai sempre dizia: “Sem o meu Bem (era como eles se tratavam) eu não sou o que sou'. O semblante dela até hoje e seu modo de ser não nos deixam perceber o quanto ela sofreu naquele lugar, que naquele tempo era considerado”fim-de-mundo'. Ir para aquele rincão era considerado loucura.[26]

Betty Pitrowsky nasceu em 13 de maio de 1919, no Rio de Janeiro, como primogênita do pastor Ricardo Pitrowsky, de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, e de Eugenia (Thomas) Pitrowsky, de Santa Bárbara do Oeste, São Paulo. Betty era bisneta do pastor Robert Porter, um dos membros

fundadores da primeira igreja batista no Brasil, organizada em 10 de setembro de 1871, em Santa Bárbara do Oeste.

O pai de Betty foi pastor da Igreja Batista de Engenho de Dentro no Rio de Janeiro por mais de 38 anos e musicista a vida toda, tendo traduzido e adaptado músicas para o *Cantor Cristão* e feito parte da equipe que preparou a primeira edição com música.

Além de compor hinos para corais, para congregação, e fazer arranjos e traduções, ele compôs ou traduziu letras de 23 hinos do *Cantor Cristão*, entre eles um dos hinos preferidos pelos evangélicos: "Vencendo vem Jesus'.[27]

Com ambos os pais músicos – Eugenia era pianista –, foi natural o talento musical de Betty. Aos 7 anos, iniciou seus estudos em letras e música, e aos 13 tornou-se aluna da Escola Nacional de Música, formando-se em 1936 no curso superior de piano e matérias correlatas.

Betty foi batizada aos 11 anos, participou de todas as organizações de sua igreja e, ainda adolescente, cantou no coro feminino dirigido por Aline Muirhead e foi pianista do coro infantil.

Ela ficou noiva do seminarista Albérico Antunes de Oliveira, membro de sua igreja, em novembro de 1936. O jovem era natural da Bahia, filho de Segifredo e Júlia Antunes de Oliveira. Para ela e seus pais, o que chamava a atenção no rapaz moreno de grandes olhos negros era o fato de ser comprometido com seu trabalho e vocacionado ao ministério pastoral.

Aquele casamento rompeu barreiras de duas tradições bem enraizadas: uma da cultura imigrante que não desejava o casamento dos filhos com brasileiros e a outra, a

tradição pratiarcal de que a mulher devia sempre submeter-se à programação do marido.

O jovem Albérico aceitou a decisão de Betty de só se casar após terminar seu curso de ciências e artes da educação, que incluía o curso de obreira do Colégio Batista do Rio de Janeiro, e foi sozinho, em 1937, pastorear a Primeira Igreja Batista de Manaus.

Esposa, mãe e administradora do lar

Albérico e Betty casaram-se em janeiro de 1938 e, em fevereiro, partiram para Manaus.

> Meu namoro? Sim, houve, e era na casa de meus pais, na sala de visitas, nas quintas-feiras, depois das aulas. Se houvesse reunião à noite na igreja, o namoro restante da semana estava anulado. Na igreja, nada de namoro, nem sentar juntos! Ficamos noivos em novembro de 1936. O noivo? Ele era Albérico Antunes de Oliveira. Em 1937, ele assumiu o pastorado da Primeira Igreja Batista de Manaus. No meu arquivo tenho as inúmeras cartas trocadas durante o noivado. Cada carta levava mais de 35 dias para chegar ao destino! Ao Rio ele retornou para o nosso casamento em janeiro de 1938. Juntos participamos da Convenção Batista Brasileira, realizada no Edifício Love, do Colégio Batista do Rio de Janeiro, na Tijuca. Assim, o meu esposo, o "Meu Bem", e eu, que era agora o "Meu Bem" dele, recém-casados, passamos a "lua de mel" viajando de navio, do Rio de Janeiro para Manaus, durante 31 dias! Que maravilha![28]

A maravilha do início do casamento deu lugar a uma dura realidade. Betty relatou que os anos de 1939 a 1941 foram atribulados, pois o cenário mundial estava conturbado devido à Segunda Guerra Mundial e o pastor Albérico passava por um tratamento de tuberculose.

Foi nesse período difícil que nasceram os filhos: Nancy, Betty, Nelson e Junnia. Em setembro de 1945, aconteceu um terrível incêndio em torno da igreja, e o templo serviu

de amparo para os desabrigados. O pastor Antunes sofreu intoxicação ao ficar preso sob a parede de uma casa e foi hospitalizado. Betty perdeu a criança que gerava, sendo também hospitalizada, e quase morreu.

Em 1946, nasceu a quinta filha, Gláucia, e, em 1954, chegou o tão esperado caçula, Lincoln.

Betty precisava administrar seu tempo diário entre o ministério e a casa, e ainda confeccionar as próprias roupas. Ela criou os filhos dando responsabilidades a todos, sem "tarefas de mulher" e "tarefas de homem":

Minha mãe é perspicaz. Tem sagacidade e enxerga bem. É o dom da profecia. Tem a mente de um matemático e consegue resolver um problema de várias formas chegando a um mesmo resultado. Ela testa a operação. Fazia a escala de serviços para todos os da casa, sem haver desencontros de funções e horários. Colocava à vista de todos o "Quadro da Semana".[29]

A concepção de igualdade não se referia somente às tarefas da casa, mas a todas em geral, inclusive na igreja: "Aprendíamos que qualquer tipo de discriminação é abominável e não condiz com o princípio de igualdade de todos perante Deus".[30]

O pastor Albérico Antunes de Oliveira, na liderança da Igreja Batista de Constantinópolis, dava o exemplo dessa concepção, escalando obreiros leigos para a pregação e entregando a direção da igreja a uma mulher, fato inédito e estranho aos batistas daquele tempo e até mesmo de hoje. Segue seu depoimento sobre aquela igreja, considerada "diferente" pelas demais:

Uma igreja diferente organizada em plena Segunda Guerra Mundial

Desde o início de nossa vida cristã entendemos que uma Igreja com o seu pastor deveria se guiar por um sistema de liderança. Assim é que desde o tempo quando a congregação funcionou, estabelecemos esse sistema entregando as responsabilidades a um e outro para se treinarem. Durante os 25 anos da Igreja, temos mantido essa forma, ainda que não bem compreendidos por alguns. Isto, porém, não nos fez esmorecidos. Foi-nos necessário muito esforço para prosseguir nessa linha. Os resultados positivos são inúmeros. Temos, inclusive, cerca de 10% dos membros da Igreja que podem pregar, podem dirigir os trabalhos administrativos; naturalmente, tendo sempre, a orientação do pastor, nas suas vigas mestras.

Houve ocasião quando uma jovem, srta. Maria Júlia Mitouso de Melo, ficou como vice-moderadora da Igreja, durante a ausência do pastor. Não fosse o sistema usado, ela não poderia arcar com essa responsabilidade. Tudo funciona, mesmo o Pastor estando presente, sendo que, por vezes, ele permite que a própria sessão da Igreja seja dirigida pelo primeiro Vice-Moderador. Só a

Ceia e o batismo são ministrados pelo pastor. As sessões da Igreja têm-se realizado sempre, em 1ª Convocação, com número legal, excetuando-se uma única vez. Por certo que há alguns inconvenientes nesse sistema desde que não haja a devida supervisão ministerial, ou mesmo com ela. As vantagens, porém, são grandes. Há compensação farta.

Dentro dessa forma, temos também ensinado e praticado os princípios democráticos, de modo que dentro da equipe há liberdade para discordar, se preciso, do próprio pastor. Assim, estimulamos a coragem para pensar e ensinamos como saber perder. Não temos tido problemas com "grupelhos", exatamente pela prática desses postulados.[31]

Betty incentivou seus filhos a participarem de todas as atividades da igreja. Eles aprendiam a fazer atas e balanços da tesouraria. Na União Intermediária, de crianças de mais de 12 anos, exerciam outras atividades, dirigindo cultos e preparando sermões a partir de uma passagem bíblica.

A excepcional esposa de pastor

Na década de 1930, a Primeira Igreja Batista de Manaus abriu um ponto de pregação no bairro de Educandos. O casal de missionários Eurico e Ida Nelson cooperou durante algum tempo com aquele trabalho.

Em 3 de setembro de 1940, quando Betty estava no Rio de Janeiro, foi organizada a Igreja Batista de Constantinópolis, no bairro de Educandos, com 24 membros. O primeiro pastor foi Albérico, seu esposo.

Foram tempos de situação financeira crítica, agravada com a doença do ministro da igreja. O bairro era desprovido de qualquer saneamento e assistência governamental. Animais andavam soltos, e a doença, a pobreza e o desemprego abundavam.

Mas Deus proveu, recuperando a saúde do pastor e provendo-lhe com uma esposa, considerada por ele a responsável pela concretização de todas as suas realizações, com seu trabalho organizado, eficiente, constante e calmo.

Betty sempre creu que a mensagem de Cristo não é uma coisa de igreja, mas é uma direção de vida. Portanto, seu papel como esposa de pastor não era limitado a falar da mensagem de Cristo, mas a vivê-la diariamente.

Ela deu testemunho de sua fé, quando em culto público na praça da Saudade, no centro de Manaus, surgiu um grupo de pessoas com pedras e paus nas mãos agredindo os crentes ali reunidos:

No dia do apedrejamento, estava ao órgão tocando e cantando: “Paz, paz, paz! Em paz eu vou andando [...]”. Mas seus olhos estavam controlando seus filhos e dizia, no meio do canto: “Fiquem juntos a mim! Cantem, cantem, e fiquem encostados uns nos outros!”. Suas palavras estavam cheias de sabedoria! O Espírito Santo estava ministrando sobre ela uma unção de sabedoria. Seu rosto estava resplandecente. Eu a amei mais naquele momento de caos e, até os dias de

hoje, quando revejo esta cena o Senhor acrescenta algo mais a mim. O sábio se deixa atravessar pela Luz.[32]

Aquela Igreja Batista de Constantinópolis foi seu maior desafio. Dentro do templo, dedicava-se ao ensino sobre a vida cotidiana e o aperfeiçoamento espiritual e, fora do templo, fazia visitas aos lares, orientando as donas de casa. Grande parte das moradias era de paredes de palha, e ela ensinava:

> – Como limpar chão batido de terra sem fazer poeira;
> – Como aproveitar o girimum (abóbora) que nascia pelas ruas ainda sem pavimento e quintais sem cerca e era dado aos porcos, que eram criados soltos nas ruas;
> – Como tirar o "bicho-de-pé" sem deixar infeccionar e poder colocar o tamanco ou chinelo feito com pneu velho de carro, que eram os calçados possíveis para a maioria das pessoas naquele tempo;
> – Como tirar lêndeas e piolhos dos cabelos e mantê-los sem eles;
> – Como construir os móveis com caixotes de madeira encontrados em terrenos baldios ou nos lixos;
> – Como usar jornal para cobrir, com arte, latinhas que serviam de vasos de plantas para embelezar o ambiente caseiro.[33]

A dedicada esposa do pastor Antunes ensinou as primeiras letras para os muitos analfabetos da comunidade. Ela orientava os líderes dos departamentos a fazer atas e balancetes financeiros e incutia neles a responsabilidade com a história da igreja.

Outra atuação de Betty foi no cuidado de crianças enfermas, resgatando da morte até mesmo as desenganadas pelos médicos pelo estado grave de desnutrição no qual se encontravam.

Betty pôde ajudar aquela pequena igreja com seu conhecimento musical, lecionando música sacra, formando quartetos, ensinando piano e organizando cultos de Natal,

com peças teatrais e corais. Ela ensinou também o manuseio de fantoches e teatrinho de sombras.

Além de seu ministério eclesiástico, Betty foi professora do Colégio Estadual e da Escola Técnica Federal do Amazonas, e coordenadora para assuntos culturais da Secretaria da Educação e Cultura.

Em 1950, por ocasião das comemorações dos 50 anos do trabalho batista no Amazonas, formou um coro com membros de diversas igrejas e conseguiu que fosse cantado “Aleluia”, de Handel, no Teatro Amazonas, atuando como regente e pianista ao mesmo tempo.

Sua formação musical e em outras áreas

Desejosa de aprender sempre mais, Betty foi para o Rio de Janeiro estudar jornalismo na universidade federal, formando-se em 1962. Dedicada desde criança à música, trinta anos depois da formatura em piano, iniciou estudos de órgão, composição e regência, graduando-se, em 1971, em órgão e, em 1972, em composição e regência.

Betty foi professora de piano e órgão, regente coral, compositora de música sacra e assessora da Seção de Música da Biblioteca Nacional. Fora do âmbito evangélico, tocou em recitais de piano e órgão como solista e como organista da Associação de Canto Coral e Orquestra Sinfônica Brasileira.

Capacitada com dons espirituais de seu pai celeste, herdou o talento do pai terreno. Ela preparou várias adaptações de composições corais. O Coro Eclésia, da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, apresentou, sob sua regência, algumas de suas próprias composições, como

o “Dize ao povo de Israel que marche”, para as comemorações do centenário da igreja, em 1984.

Sua vida estudantil encoraja as mulheres. Aos 43 anos tornou-se bacharel em jornalismo, aos 53 anos graduou-se em composição e regência e aos 66 anos publicou *Centelha em Restolho Seco,* fonte de raras informações para recuperação do marco inicial do trabalho batista no Brasil.

Suas pesquisas e obras

Tudo começou na década de 1960, com o interesse de Betty pela história de seu bisavô Robert Porter Thomas, que batizou Antônio Teixeira de Albuquerque, ex-padre e o primeiro pastor batista brasileiro.

Durante dezoito anos, ela recolheu material sobre a trajetória de seus antepassados. À medida que pesquisava, entendeu que o conteúdo ultrapassava a genealogia de sua família e relatava a história de uma denominação evangélica. Então, incansavelmente, passou sete anos, entre 1978 e 1985, escrevendo o livro que deu base ao início da história dos batistas.

Outros livros surgiram dessa pesquisa: *Movimento de Passageiros Norte-Americanos no Porto do Rio de Janeiro de 1865 a 1890* (1981), *Antônio Teixeira de Albuquerque, o Primeiro Pastor Batista Brasileiro* (1982), *Imigração Norte-Americana ao Brasil: registros de lápides do Cemitério do Campo,* Santa Bárbara, SP (1978) e *Do Arado ao Cajado: biografia do pastor Ricardo Pitrowsky* (inédito–1991).

Na Academia Evangélica de Letras do Brasil, Betty tomou posse no dia 26 de junho de 1992, na Igreja Batista de

Itacuruçá, como segunda ocupante da cadeira nº 37, que tem como patrono José dos Reis Pereira.

Morte do esposo: o pastor Albérico morreu orando

Em janeiro de 1988, o casal Antunes de Oliveira completou suas bodas de ouro. O pastor Albérico estava diferente, esquecido e pensativo, sem conversar muito. Em 11 de julho, ele acordou bem cedo e se ajoelhou para orar, como de costume. Betty o chamou para o café e, como não respondia, foi ao seu encontro. O seu esposo estava de bruços no chão, morto, com semblante sereno. O missionário da Amazônia Eurico Alfredo Nelson e o pastor Albérico morreram aos 76 anos e foram sepultados no mesmo túmulo.

> Ambos ultrapassaram o jubileu do trabalho naquele campo. A pequena e pobre embarcação "Galiléa" serviu a ambos nas viagens difíceis pelos rios do Amazonas. Enfrentaram mosquitos, mucuíns, mutucas, fome, exaustão, temporais ou sol escaldante. Viram noites tremendamente belas com o céu pintadinho de milhões de estrelas refletidas no "espelho" das águas dos rios amazônicos. Contemplaram o belíssimo nascer dourado e o pôr do sol colorido! Visitaram aquelas igrejas pequenas e seus pastores heróis, que semearam a Palavra de Deus.[34]

A esposa sentiu muitas saudades do moço moreno de olhos grandes e negros, cheio de vida e ideais, que foi o seu esposo amado durante cinquenta anos.

O marco inicial dos batistas brasileiros[35]

Para Betty, os fatos históricos sobre o início do trabalho batista no Brasil precisavam ser conhecidos, analisados e

contextualizados, para que a história da denominação fosse fiel ao processo histórico transcorrido.

Em 1964, enquanto pesquisava o assunto, José dos Reis Pereira, o editor do jornal oficial dos batistas, *O Jornal Batista*, informou que seria comemorado o primeiro centenário dos batistas brasileiros em 1982, tendo por referencial a organização da Igreja Batista da Bahia por Bagby e Taylor.

A decisão, não proposta, de Reis Pereira levantou vozes contrárias de outros historiadores em defesa do marco inicial de 10 de setembro de 1871. Ebenézer Cavalcanti, em 1967, declarou que considerava o não reconhecimento do marco inicial com a igreja em Santa Bárbara como um dos piores equívocos históricos, porque os quatro missionários pioneiros pertenceram àquela igreja.

Na 50ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, em Fortaleza, no dia 30 de janeiro de 1968, foi oficializada a data do início batista no Brasil como 15 de outubro de 1882, com a organização da Primeira Igreja Batista da Bahia.

Com o argumento de que a igreja fundada em Santa Bárbara era de língua inglesa e servia exclusivamente aos colonos estadunidenses, não evangelizando os brasileiros, a proposta foi ratificada na convenção de 1969.

Para refutar a ideia de que a igreja em Santa Bárbara não era evangelista e dar maiores informações sobre o batismo do ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, Betty continuou suas pesquisas.

Em 1971, quando deveria ser comemorado o centenário dos batistas no Brasil, Ebenézer Cavalcanti, em um corajoso desabafo, declarou que no dia 10 de setembro daquele ano

ajoelharia-se, agradecendo a Deus por um século dos batistas no Brasil. E completou que, se sobrevivesse aos patriotas nacionalistas, “proporei à Convenção Batista Brasileira que retifique o lamentável equívoco de apagar mais de dez anos da História Batista no Brasil”.[36]

Betty nunca desanimou, com extrema paciência e confiança, não entrou em polêmicas, mas não desistiu de apresentar os resultados de suas pesquisas. Ela cria que “nenhum poder é eterno e que o tempo faria valer os fatos históricos apresentados, independentemente de sua própria voz e/ou sua vontade, ou da vontade de quem quer que seja”.[37]

E esse dia finalmente chegou. Na 83ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, em 2003, foi criada uma comissão especial, a qual ela integrou, para fazer uma nova avaliação do marco inicial dos batistas no Brasil.

Em 2004, na 84ª assembleia, em Belo Horizonte, a comissão deu seu parecer e um prazo para contestações. Como não houve manifestações, foi encaminhado o parecer definitivo:

1. “Que reconheçamos a data de 10 de setembro de 1871 como a data de início do trabalho batista no Brasil, com a organização da Igreja Batista de Santa Bárbara d’Oeste, que gerou a segunda igreja, a Igreja Batista da Estação, em 2 de novembro de 1879”.
2. “Que reconheçamos a importância da data de 15 de outubro de 1882, com a organização da Primeira Igreja Batista da Bahia, quando novo impulso foi dado ao trabalho batista no Brasil, para alcançar, com sucesso, os brasileiros”. Assim, reconhecemos que a inserção do trabalho batista no Brasil se deu por duas vias: a via da imigração (1871) e a via de missão (1882).

Brasília, 16 de janeiro de 2009.

PARTICIPANTES:

Pr. Ebenézer Soares Ferreira (Relator da Comissão)
Bruno Seitz (Secretário)
Betty Antunes de Oliveira
Othon Ávila de Amaral
Irland Pereira de Azevedo
Zaqueu Moreira de Oliveira
Walter dos Santos Baptista
Israel Belo de Azevedo[38]

A Convenção Batista Brasileira, em 2009, em sua 89ª assembleia, em Brasília, substituiu a decisão de 1969. Portanto, foram necessários quarenta anos para que a tese de Betty Antunes de Oliveira fosse aceita.

Betty, já idosa, acompanhava os acontecimentos. Ao receber a notícia, manteve-se calada por alguns instantes e depois sorriu. Foi um belo presente para seu aniversário de 90 anos e uma lição de que a obediência e a luta, sem a imposição de poder, mas com persistência e paciência, alcançam a paz.

A celebração dos 140 anos ocorreu de 8 a 10 de setembro de 2011, quando cerca de 9 mil pessoas se reuniram em Santa Bárbara d'Oeste. O presidente da Convenção Batista do Estado de São Paulo, o pastor Manoel Ramires Filho, declarou que aquilo que começou com poucos irmãos estadunidenses multiplicou-se em todo o país: "E nós estamos aqui para celebrar essa história. Não poderíamos começar de outra maneira que não com um culto no qual Missões é a ênfase. Se estamos aqui é porque missionários vieram até nós".[39]

Na última noite, Betty Antunes de Oliveira recebeu justa homenagem. Com 92 anos, impossibilitada de comparecer ao evento, foi representada pelo filho Nelson Ajuricaba

Antunes de Oliveira. Ele declarou sua emoção e honra e transmitiu a mensagem da autora de *Centelha em Restolho Seco*, que registra a pregação inicial do evangelho e pode contemplar 140 anos depois essa mensagem espalhada por todo o Brasil, como uma centelha no capim seco.

Carta-discurso de Betty Antunes de Oliveira lida por seu filho Nelson Ajuricaba, no dia 10 de setembro de 2011, nas comemorações dos 140 anos dos batistas no Brasil

Irmãos batistas e irmãos de outras denominações,

Ao ensejo das comemorações dos 140 anos do trabalho batista no Brasil, desejo congratular-me com os batistas brasileiros e suas lideranças denominacionais que assumiram corajosamente o reconhecimento do marco histórico de 10 de setembro de 1871, ocasião da fundação da Primeira Igreja Batista do Brasil, na vila de Santa Bárbara, hoje cidade de Santa Bárbara d'Oeste, conforme referenciado no relatório do pastor Richard Ratcliff, seu primeiro pastor para a Junta de Missões Estrangeiras, conhecida como Junta de Richmond.

Posteriormente, em 2 de novembro de 1879, sob o pastorado de Elias H. Quilhn, foi fundada a segunda igreja com o nome de Igreja Batista da Estação (no local onde era a estação da estrada de ferro, hoje cidade de Americana).

Em 20 de junho de 1880, o pastor Robert Porter Thomas, de quem sou bisneta, batizou o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, passando este a ser membro da nova igreja.

Essas duas igrejas concederam cartas de transferência para cinco de seus ex-membros: William B. Bagby e sua esposa, Anne, e Zachary C. Taylor e sua esposa, Kate, e o ex-padre, em mudança para Salvador, na Bahia, onde, em 15 de outubro de 1882, fundaram a Primeira Igreja Batista da Bahia.

Essas são as pinceladas relevantes da história que hoje destacamos. Entretanto, a relevância maior é a constatação de que o evangelho foi pregado, anunciado, difundido e se espalhado como uma centelha em restolho seco, frase profética do missionário Bowen e inspiradora do livro que o Senhor me deu o privilégio de escrever.

O objetivo deste livro, a par de resgatar alguns fatos

históricos importantes para o registro da trajetória dos pioneiros que nos trouxeram as boas novas; é muito mais, é um testemunho de
que a Palavra nunca volta vazia e que a Grande Comissão estava impregnada na mente e no coração daqueles que vieram desbravar uma nova terra, enfrentar novos e desconhecidos desafios e conquistar
expressivas vitórias nos seus lavores e nas suas profícuas vidas.

Queira Deus que os feitos dos nossos antepassados continuem a inspirar as novas gerações para a continuidade da grande obra que nos foi outorgada por Cristo, ampliando-a cada vez mais até que volte o Mestre.

Betty Antunes de Oliveira
10 de setembro de 2011.

No dia 9 de novembro de 2011, na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, realizou-se um culto de gratidão a Deus pela vida da profa. Betty Antunes de Oliveira e lhe foi concedido o título de Doutora em Divindade (*Honoris Causa*). A Convenção Batista Brasileira, a Convenção Batista do Estado de São Paulo, a Faculdade Teológica Batista de São Paulo e a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro uniram-se para lhe prestar essa devida homenagem.



Placa de homenagem a Betty Antunes de Oliveira.
Fonte: Acervo da família Antunes de Oliveira.

Nos arquivos celestes o trabalho de Betty Antunes de Oliveira já aparece. Na área de música, existem diversos instrumentistas, regentes e professores atuando nas igrejas locais, e na área de história seu grande legado *Centelha em Restolho Seco* apresentou e esclareceu dados e serviu de base para a mudança do marco inicial batista brasileiro.

Betty faleceu em 11 de outubro de 2016, no Rio de Janeiro, aos 97 anos, deixando um grande legado aos batistas brasileiros e uma grande saudade nos corações de seus familiares, amigos e irmãos em Cristo.

* * *

Não é fácil o trabalho de pesquisa. É demorado e, muitas vezes, ingrato e desgastante. Mas, quando ocorre a descoberta e ela rende frutos, proporciona satisfação imensa e, nas palavras da historiadora Betty Antunes de Oliveira, é como encontrar uma pérola.

No próximo capítulo serão apresentadas as vozes avivadas e que foram pioneiras no movimento de renovação espiritual no Brasil. Stela Câmara Dubois será destacada como poetisa inspirada e inspiradora, uma mulher espiritual que viveu em profunda comunhão com Deus. Ela foi musicista talentosa, educadora dedicada e, principalmente – fato singular – foi voz que contou sobre o céu porque lá esteve.

Entrelaçada à sua história está Rosalee Appleby, a missionária estadunidense que anelava por um avivamento brasileiro.



Capa e contracapa do livro *Amor, beleza máxima da vida.*
Fonte: APPLEBY, Rosalee Mills; DUBOIS, Stela Câmara. *Amor, beleza máxima da vida.*
São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1985.

---

1. LONG, Eula Kennedy. Op. cit. p. 15.↩
2. Na fase de pesquisa, foi encontrada, entre jornais batistas antigos, uma preciosa relíquia que demonstra a cooperação entre as pesquisadoras

enfatizadas neste capítulo: um bilhete da aluna Betty enviando *O Jornal Batista* para sua mestra Henriqueta. Que surpresa gratificante!↩

3. Fontes: ICHTER, Bill H. *Vultos da música evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1967. p. 35-39; COSTA, João Arantes. "Uma vida no altar da música", *Boletim Dominical da Igreja Evangélica Fluminense*, ano 59, n. 28, 10 de julho de 1983. p. 2-3, 6; PORTO FILHO, M. S. "Henriqueta Rosa Fernandes Braga", *Vida Cristã*, julho a setembro de 1981. p. 22-25; MULHOLLAND, Edith Brock, comp. *Hinário para o culto cristão*: notas históricas. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 225-226; NASSAU, Rolando de. "Magistra Dixit" (entrevista com d. Henriqueta Rosa Fernandes Braga), *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1981. p. 2; NASSAU, Rolando de. "Adeus à mestra", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1983. p. 2; OLIVEIRA, Domingos Pessôa da Silva. "A madrinha de salmos e hinos", *O Cristão*, novembro/dezembro de 1984. p. 14-15; OLIVEIRA FILHO, Marcílio de. "Uma pausa para a saudade", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1983. p. 11.↩
4. ICHTER, Bill H. *Vultos da música evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1967. p. 39.↩
5. NASSAU, Rolando de. "Magistra Dixit" (entrevista com d. Henriqueta Rosa Fernandes Braga), *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1981. p. 2.↩
6. OLIVEIRA, Domingos Pessôa da Silva. Op. cit. p. 14.↩
7. OLIVEIRA FILHO, Marcílio de. Op. cit. p. 11.↩
8. *Curriculum vitae* de Henriqueta Rosa Fernandes Braga. Acervo da Associação Basileia.↩
9. NASSAU, Rolando de. "Magistra Dixit" (entrevista com d. Henriqueta Rosa Fernandes Braga), *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1981. p. 2.↩
10. NASSAU, Rolando de. "Adeus à mestra", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1983. p. 2.↩
11. OLIVEIRA, Domingos Pessôa da Silva. Op. cit. p. 15.↩
12. Fontes: LONG, Eula Kennedy. *O arauto de Deus*: a vida de James L. Kennedy, missionário pioneiro do metodismo no Brasil. São Paulo: Imprensa Metodista do Brasil, 1968.; LONG, Eula Kennedy. *Mães de homens célebres*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1970.p. 121-143; LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968*;* LONG, Frank Lee.

Manuscrito não publicado sobre a família Long, parte 3: *Frank Millard Long and his wife Eula Lee Kennedy*; RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Op. cit. p. 175-185.↩

13. LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista.* São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968. p. 13.↩
14. LONG, Eula Kennedy. *O arauto de Deus*: *a vida de James L. Kennedy, missionário pioneiro do metodismo no Brasil.* São Paulo: Imprensa Metodista do Brasil, 1968. p. 168.↩
15. Ibid. p. 174-175.↩
16. LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968. p. 204-205.↩
17. *Voz Missionária*, São Paulo: Imprensa Metodista, ano 25, n. 4, abril a junho de 1954. p. 2 apud RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Op. cit. p. 158.↩
18. LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968. p. 15.↩
19. LONG, Eula Kennedy. *Corações felizes.* 7. ed. São Paulo: Imprensa Metodista (s.d.). p. 217.↩
20. Ibid. p. 131-132.↩
21. LONG, Eula Kennedy. *O companheiro do lar*. 2. ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1924. p. 106.↩
22. LONG, Eula Kennedy. *Corações felizes.* 7. ed. São Paulo: Imprensa Metodista (s.d.). p. 73.↩
23. LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista.* São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1968. p. 247.↩
24. LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968. p. 252-253.↩
25. Fontes: OLIVEIRA, Betty Antunes de. Op. cit.; SANTOS, Marcelo dos. *O marco inicial batista*: história e religião na América Latina a partir de Michel de Certeau. São Paulo: Ed. Jorge Pinheiro, 2003. p. 84-111; Depoimentos de familiares.↩
26. E-mail de 9 de agosto de 2011 enviado por Betty Antunes de Oliveira (filha) para Rute Salviano Almeida.↩
27. Sua linda tradução do hino 239 do *Cantor Cristão*: “A luz do céu”, a nossa preferida: “Deixa a luz do céu entrar! (bis). Abre bem a porta do teu coração! Deixa a luz do céu entrar!”.↩

28. OLIVEIRA, Betty Antunes de. “O Dia dos Namorados”, *Coluna da Verdade*, ed. 19. Disponível em: http://www.acoluna.org.br/textos_view.asp?id=89.Acesso em: 4 out. 2011.↩
29. AGUIRRE, Junnia Pitrowsky. “Minha vida com mamãe”. Depoimento em 18 de setembro de 2006.↩
30. OLIVEIRA, Betty Antunes de (filha). *Alguns comentários sobre a tese de doutorado de Alberto Kenji Yamabuchi,* p. 6.[YAMABUCHI, Alberto Kenji. *O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil.* Uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista do Brasil dos anos 1960-1980, defendida na UMESP, em março de 2009, p. 1-11.] E-mail de Betty Antunes de Oliveira (filha) para Rute Salviano Almeida em 9 de agosto de 2011.↩
31. OLIVEIRA, Albérico Antunes de. *Histórico da Igreja Batista de Constantinópolis em seu Jubileu de Prata: 1940–1965*. p. 1-31.↩
32. AGUIRRE, Junnia Pitrowsky. “Minha vida com mamãe”. Manaus, 18 de setembro de 2006. p. 2.↩
33. OLIVEIRA, Betty Antunes de (filha). “Depoimento da Betinha sobre sua mãe, Betty Antunes de Oliveira”. São Carlos, 16 de setembro de 2006.↩
34. OLIVEIRA, Betty Antunes de. “O Dia dos Namorados”, *Coluna da Verdade*, ed. 19. Disponível em: http://www.acoluna.org.br/textos_view.asp?id=89.Acesso em: 4 out. 2011.↩
35. Fontes: CAVALCANTI, Ebenézer Gomes. “Antônio Teixeira de Albuquerque até 1886”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1967. p. 1-5; CAVALCANTI, Ebenézer Gomes. “Um centenário batista no Brasil”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1971. p. 4-5; AMARAL, Othon Ávila de. “A proposta J. Reis Pereira”, *O Jornal Batista*, 20 de abril de 2003. p. 7; SANTOS, Marcelo dos. Op. cit. p. 84-111; YAMABUCHI, Alberto Kenji. *O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil*: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960–1980, tese defendida na UMESP, em março de 2009; OLIVEIRA, Betty Antunes de (filha). *Alguns comentários sobre a tese de doutorado de Alberto Kenji Yamabuchi:* o debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil.↩
36. CAVALCANTI, Ebenézer Gomes. “Um centenário batista no Brasil”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1971. p. 4.↩
37. OLIVEIRA, Betty Antunes de (filha). *Alguns comentários sobre a tese de doutorado de Alberto Kenji Yamabuchi,* p. 2.[YAMABUCHI, Alberto Kenji. *O*

debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil. Uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista do Brasil dos anos 1960-1980, defendida na UMESP, em março de 2009, p. 1-11.] E-mail de Betty Antunes de Oliveira (filha) para Rute Salviano Almeida em 9 de agosto de 2011.↩

38. "Marco inicial é definido", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 2009. p. 9.↩

39. ROSÁRIO, Myrian. "Celebração dos 140 anos marca momento histórico da denominação", *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2011. p. 8.↩

Capítulo 9

Vozes avivadas: as pioneiras na renovação espiritual no Brasil

Duas vidas cheias do poder de Deus, transbordantes da graça do céu, vidas que se derramaram no altar do Senhor em holocausto santo e puro; vidas que viveram perto de Deus, que inspiraram outras a palmilhar o mesmo caminho de luz e amor; vidas que expressaram bondade divina, foram refúgio para os viajores cansados, batidos por violentas tempestades, desanimados e abatidos; viajores que se dirigiam para os precípios dos infernos; nelas encontraram alento, nova disposição e coragem para prosseguir na batalha e empunhar a Espada do Espírito; vidas que encarnaram a verdade, a humildade, a mansidão, a sinceridade e a beleza da vida nos seus lindos matizes.[1]

Este capítulo enfocará duas mulheres avivadas, escritoras talentosas e poetisas inspiradas pelo Espírito Santo de Deus que foram as pioneiras no movimento de renovação espiritual no Brasil, na década de 1960. Stela Câmara Dubois, a brasileira, será destacada desde seu nascimento, infância, casamento e ministério. Rosalee Mills Appleby será evidenciada no período em que sua vida cruzou com a de Stela e em que, juntas, desenvolveram um papel relevante para a edificação espiritual das igrejas evangélicas.

STELA CÂMARA DUBOIS (1905–1987): EDUCADORA DEDICADA, MUSICISTA COMPETENTE, ESCRITORA TALENTOSA E POETISA INSPIRADORA[2]

Stela Câmara Dubois foi uma serva escolhida por Deus, desde antes da fundação do mundo, para Nosso Senhor Jesus Cristo, e especificamente para a nossa época (Efésios 1.4-5). Sua vida, desde a mais tenra idade, foi de completa dedicação ao Nosso Senhor Jesus Cristo, a Quem ela sempre se referia como Amado Mestre. Seu amor a Ele devotado era completamente apaixonado! Que rica vida terrena foi a dela! Cheia do Espírito Santo! Mesmo antes de seu nascimento, o Pai já a havia separado para o serviço sagrado, especialmente na parte de Louvores e Adoração.[3]



Stela Câmara Dubois.
Fonte: Acervo da família de Stela Câmara Dubois.

Todos que conviveram com ela foram privilegiados, pois puderam constatar suas qualidades cristãs e devoção ao serviço de Deus, estando aptos a testemunhar que Stela foi uma das pessoas mais fortes na fé que conheceram em seus dias.

Possuidora de raríssima inteligência e dons espirituais, Stela “jamais usou os dons que Deus lhe deu para benefício próprio, ou para enaltecer-se, ou para enriquecer. Depositou toda a sua vida, seus dons e seu coração aos pés do Mestre”.[4]

Durante meio século comunicou sua fé com poesias, músicas, dramatizações e, como mestra querida, instruía e amava os alunos.

Infância e primeiros estudos

Stela Câmara nasceu em 1º de abril de 1905, em Nazaré da Mata, Pernambuco, como primogênita de José Paulino da Câmara, oficial do Exército do Rio Grande do Norte, e de Emília Galvão da Câmara, de Pernambuco. Ambos possuíam talento musical e a música era a nota marcante naquele lar cristão. Sua bela mãe era organista e tinha uma linda voz de soprano, e seu pai tocara pistão na banda de música da Escola Militar de Fortaleza.

Seus primeiros anos foram passados em sua cidade natal, onde o pai era comerciante. Antes dos 5 anos, já sabia ler e começou a fazer versos. No lar cristão musical de José e Emilia, o culto doméstico era sagrado, a família reunia-se diariamente para oração, leitura da Bíblia, cânticos de hinos e apresentação musical dos filhos.

A família cresceu e Stela, com seus oito irmãos (Elizabeth, Carmen, Alina, Helcias, Carlos, Paulo, Graciete e Romualdo), passou uma infância feliz, morando em um sítio com árvores frutíferas, banhos no riacho e brincadeiras.

Dos 5 aos 10 anos, ela morou em Natal, no Rio Grande do Norte, onde estudou no Grupo Escolar Augusto Severo e frequentou a igreja presbiteriana. O pastor era o reverendo Jerônimo Gueiros, professor, escritor e poeta, um dos mais eloquentes oradores do Brasil.

Seu pai foi à falência naquela cidade, no período inicial da Primeira Guerra Mundial. Recebendo o convite para ser chefe de contabilidade do Colégio Americano Batista em Recife, aceitou-o e a família se transferiu para lá.

Em Recife, Stela estudou no Colégio Americano de Pernambuco (depois nomeado Colégio Presbiteriano Agnes Erskine) e aprendeu inglês. O curso secundário foi no Colégio Batista. Um de seus professores foi o reverendo Jerônimo, seu pastor em Natal, e foi ele seu grande incentivador, a quem deveu o gosto pela literatura.

Além dos estudos básicos, Stela cursou técnica vocal no Conservatório de Música, onde se formou com especialização em canto. Lá aprendeu técnica vocal com a professora francesa Vera Janacópulos, e harmonia e regência com o maestro Ernani Braga. A esposa dele, Eponine, foi sua professora de francês e dicção. Também fez o curso de ciências contábeis, que concluiu em 1922.

Antes de completar 15 anos, Stela precisou trabalhar para ajudar a família e foi auxiliar da secretaria do Colégio Americano Batista, ao mesmo tempo em que estudava.

Excelente datilógrafa e já tradutora, traduziu textos para o doutor Muirhead, diretor do colégio.

Desde jovem, começou a fazer composições musicais com seus próprios versos. Durante a Assembleia Batista de 1926, entregou-se totalmente a Deus e conheceu Rosalee Appleby, com quem escreveu: *A Vida Vitoriosa*; *Ouro, Incenso e Mirra*; *Melodias na Alvorada*; e *Asas Resplandecentes.*

Na mesma época, publicou a maravilhosa biografia de Noêmia Campêlo, *A Heroína de Kraonopolis*, e auxiliou Marcolina Magalhães em seus estudos.

Casamento e chegada em Jaguaquara

Ocupada com estudos, trabalho e sua arte, Stela quase não tinha tempo para o amor. Até que conheceu o jovem sulista Carlos Dubois, professor de francês no Colégio Americano Batista, por quem se apaixonou e de quem ficou noiva. O casamento foi celebrado pelo pastor Munguba Sobrinho em 12 de dezembro de 1934. Em 1936, nasceu o primeiro filho do casal: René.

Com suas atividades no Colégio Americano, o casal pensava que permaneceria em Recife. Mas Deus tinha planos maiores para eles. O missionário White sugeriu a Carlos que conhecesse o campo baiano. O jovem se interessou e visitou a Toca da Onça, significado de Jaguaquara, no interior da Bahia.

Em 7 de dezembro de 1937, o campo baiano recebia o casal Dubois e o filho de apenas onze meses. Como pastor evangélico e professor, Carlos foi designado para dirigir o Colégio Taylor-Egídio.

> No dia seguinte minha mãe olhava melhor o que a rodeava: – o pobre casario de interior, a montaria roceira, as ruas enlameadas, tudo muito primitivo. Meu pai a encontrou no muro da frente, chorando. Saudade dos seus? Sua casa em Recife? Seu piano vendido? Quem sabe bem o que tocava seu sentimento! Sempre contou com muito amor de como o companheiro a animou: – iria continuar compondo, ensinando música, quem sabe fazer teatro no Colégio, ensinar jovens a cantar e declamar, descobrir valores [...] A Escola haveria de crescer; oficializariam o ginásio, 2º grau, até uma Universidade Rural [...] aos poucos as lágrimas secaram. Ele já sabia que ali estava uma mulher inteligente e valente, que iria sonhar e realizar com ele; enfrentar o que viesse com a força da vitória de uma serva temente a Deus, escolhida para seus desígnios.[5]

Em 1938, Stela deu à luz uma menina que recebeu seu nome e, depois de quatro anos, outra menina, que se chamou Emilie.

Esposa de pastor

> Ao lado de Carlos Dubois sempre esteve uma extraordinária mulher e seria absolutamente impossível imaginar este homem construindo a sua obra maravilhosa e realizando os seus magnânimos ideais sem a cumplicidade da professora Stela Câmara Dubois. Neste livro, pela sua proposta, dona Stela aparece como esposa de prócer, mas que fique bem claro, ela teve brilho próprio, o qual, em nenhum momento, foi ofuscado pela luz de seu marido. Muito pelo contrário, ela foi uma verdadeira coluna de sustentação na vida de Carlos Dubois. Certamente vai aparecer alguém credenciado para escrever a história da vida desta admirável mulher. E Deus permita que esta pessoa não tarde a aparecer.[6]

Acumulando atividades na igreja e no colégio, Stela foi secretária pessoal do esposo. Como mestra nas letras, traduzia obras do francês e inglês, pesquisava e até mesmo executava as tarefas mais burocráticas, como datilografar e colocar ordem nos documentos e na correspondência.

Os sermões do pastor eram sempre datilografados por ela, que, para enriquecê-los, traduzia ilustrações e citações. Após prolongado estudo, ele os elaborava com a ajuda dela, que incentivava, opinava e discordava do esposo.

> Mais de meio século de parceria. Tinham divergências teológicas. Ele, mais conservador, mantinha-se na linha tradicional da Teologia Evangélica Batista. Ela, mais revolucionária, defendia a doutrina da Renovação Espiritual.[7] Neste campo tiveram discussões, algumas das quais tive oportunidade de presenciar. Lamentavelmente esses debates não foram feitos em público e não foram gravados. Os evangélicos, sobretudo as novas gerações, teriam muito a lucrar se pudessem hoje se aprofundar nos temas do pensar e do sentir de Carlos e Stela Dubois.[8]

Os filhos vivenciaram esse apoio e trabalho cristão mútuo. A filha Stela declarou: “Sou testemunha do ânimo forte de minha mãe junto ao trabalho social, educacional e ministerial de meu pai. Sempre pisando juntos num mesmo espírito”.[9]

Esposa de pastor dedicada e trabalhadora incansável na denominação batista, Stela ocupou posições de liderança no trabalho de crianças, intermediários, jovens e Sociedade de Senhoras.

O Espírito Santo os conduziu à Jaguaquara, na Bahia, para que realizassem um grande trabalho na educação e pregação. Dubois era devotado ao ensino da Palavra e um educador muito amado e admirado por todos. Stela dizia que ele era um prêmio de Deus para ela.



Família Dubois: pr. Carlos, Stela, René, Stelinha e Emilie.
Fonte: Acervo da família Dubois.

O Colégio Taylor-Egídio

Aquela mulher com alma de poesia, música e vida, que olhava o céu e embriagava-se com as cores do amanhecer e do pôr-do-sol, deu força e vida a gerações quase incontável de alunos.[10]

O Colégio Taylor-Egídio é o mais antigo colégio batista do Brasil. Foi fundado em 1898, na cidade de Salvador, por Zacarias Clay Taylor e pelo coronel Egídio Pereira de Almeida. A instituição funcionou em Salvador até 1921, quando foi transferida para Jaguaquara, pequena cidade do sudoeste da Bahia, onde o coronel Egídio foi morar.

A partir de dezembro de 1937, o casal Dubois conduziu o trabalho do colégio e da igreja com entusiasmo e eficiência.

Stela ensinou música, história da educação, filosofia da educação, história do Brasil, história das Américas e história geral no ginásio e na escola normal.

Como historiadora autodidata, pesquisava na obra completa de Cesare Cantei e, quando lecionava sobre a Reforma Protestante, usava citações e compêndios de Rui Barbosa. Ela possuía uma boa biblioteca pessoal, com muitos livros em português e em outros idiomas.

> Não é fácil definir a função que a professora Stela exercia no Colégio Taylor--Egídio. Talentosa e detentora de uma inteligência fulgurante, em sala de aula formal, ensinava música com paixão, era uma brilhante professora de português e também encantava os alunos com suas aulas de história. Competentíssima, organizadora de atividades extraclasse, a professora Stela fazia o Colégio Taylor-Egídio cantar, sorrir e sonhar com belíssimos corais e peças teatrais que organizava com seus alunos. Educadora vocacionada, mulher generosa e sensível, sempre estava disponível para dar uma orientação, um conselho ou simplesmente afagar seus alunos. Pelo seu desembaraço, não era raro vê-la no salão nobre fazendo preleções para os estudantes do colégio.[11]

Não somente Stela, mas também o esposo, diretor e professor, era muito querido dos alunos. No orfeão, eram dirigidos pela maestrina, poetisa, compositora, tradutora, dramaturga e educadora Stela. E ouviam os discursos eloquentes de Carlos Dubois, que "era um excelente comunicador, no discurso e na conversação. Tinha um sorriso espontâneo, fraterno, comunicativo. Estivesse conversando, escutando, ou gesticulando, ou discursando'.[12]

Diariamente eram realizados cultos no colégio. Os cânticos dos hinos, a inspiração da vida dos diretores, professores e funcionários contribuíram para a criação de

uma atmosfera moral e espiritual que deixou marcas profundas nas vidas dos alunos. Stela escreveu o hino oficial do Taylor-Egídio, no qual o compara a um templo do saber, da paz e do amor.

No centenário do colégio foi destacada a boa liderança do casal: "Dr. Carlos Dubois, com sua esposa, a brilhante poetisa Stela Câmara Dubois, o dirigiu de 1937 a julho de 1992. Foram mais de 50 anos de lutas renhidas, de sonhos e de vitórias. Foram mais de 50 anos de influências e bênçãos incontáveis'.[13]

Após o falecimento de Carlos Dubois, assumiu a direção a profa. Stela Dubois, sua filha, que igualmente se dedicou com carinho e competência à direção do colégio.

Foi, portanto, em Jaguaquara, uma cidadezinha no interior da Bahia, que o casal Dubois realizou uma grande e maravilhosa obra de educação e pregação por mais de cinquenta anos. Muitos alunos saíram daquele pequeno lugarejo e, com a cultura recebida, influenciaram dentro e fora do país como advogados, jornalistas, deputados, professores, ministros, prefeitos, poetas etc.

Suas composições musicais

A talentosa musicista escrevia música como ninguém. Sentava-se ao piano, e em minutos, sobre uma pauta em branco, de repente, surgiam letra e música, numa composição perfeita, com melodias belíssimas.

Quase todos os dias ela “madrugava”, tirando algum tempo, e quando podia, muito tempo, para ler, meditar, traduzir, compor e escrever louvores ao Criador. De repente,

murmurava alguma música, sentava-se ao piano e compunha, ao mesmo tempo, letra e música.

Stela podia ser vista trabalhando incessantemente. Tinha tanta agilidade para datilografar seus escritos que parecia que suas mãos voavam sobre as teclas da máquina, e todos ficavam impressionados, pois, em pouco tempo, surgiam palestras, crônicas, músicas, poesias, peças teatrais, cantatas etc.

Sua produção musical foi numerosa. Em 1973, quatorze anos antes de sua morte, já havia produzido: 29 peças folclóricas, 43 peças patrióticas, líricas e sociais, 34 hinos sacros, 38 corinhos (cânticos) e 24 poemas cantados.



Stela Câmara Dubois em sua mesa de trabalho.
Fonte: Acervo da família Dubois.

Escritora e tradutora

Stela também se destacou na escrita literária. Ela escreveu 21 dramas, mas, infelizmente, nenhum foi publicado. Seus livros publicados foram: *Primícias* e *Ramalhete de Mirra,* poesias; *A Heroína de Kraonopolis*, biografia de Noêmia Campêlo; *O Hoje Eterno*, cantata de Natal; *O Vento Assopra Onde Quer*, ensaio biográfico de John Wesley; *Corina* e *Lenço-Relíquia*, novelas; e *Amor, Beleza Máxima da Vida,* biografia de dona Rosalee M. Appleby.

Ninguém foi mais capacitado do que ela, naquela época, para realizar traduções de obras evangélicas do inglês. Foram muito úteis as traduções dos livros da missionária e amiga dona Rosalee.

Algumas dessas obras foram escritas em parceria, e em todas elas Stela acrescentou poesias e apontamentos pessoais: *A Vida Vitoriosa*; *Ouro, Incenso e Mirra*; *Melodias na Alvorada*; *Filho do Rei*; *Desperta Tu que Dormes*; *Asas Resplandecentes*; *Sarça Ardente*; *Maná Escondido.*

No prefácio do seu livro *O Vento Assopra Onde Quer*, Enéas Tognini escreveu: “D. Stela Câmara Dubois é uma das mais exímias escritoras evangélicas da Terra do Cruzeiro da Sul. Inúmeros livros de sua lavra fazem ministério entre nosso povo, nas igrejas e fora delas”.[14]

A criação do distrito Stela Dubois

O Colégio Taylor-Egídio e a igreja batista acompanharam o progresso do município de Jaguaquara, com a chegada da

luz elétrica, da BR 116 (Rio– Bahia), da colônia agrícola (italianos), da criação do Orfanato Taylor-Egídio e da Maternidade Maria José de Souza Santos, entre outros.

Stela compôs letra e música do hino do município, que foi instituído pela Lei 246 de 18 de maio de 1971, em homenagem ao 50º aniversário de emancipação política do município:

> No Alto plantada, ó terra dadivosa
> Imagem do heroísmo a renascer,
> Teus filhos querem ver-te na vanguarda,
> Pois tens nas mãos o facho do saber.
>
> Avante, avante, Jaguaquara!
> Surge uma voz na manhã clara,
> E o desafio pede força varonil,
> Mais estradas vão se abrindo,
> Mais escolas vão surgindo
> A crescer no mesmo ritmo do Brasil! (bis)
>
> Nas matas verdes, tu cantas a esperança,
> E ao por-do-sol tens o ouro a esbanjar.
> No azul sem fim completas a bandeira,
> E o teu país de ti vai se orgulhar.
>
> Voltas o olhar ao Deus que te abençoa,
> Fazes de todos um querido irmão.
> Acolhes com ternura o visitante,
> Porque tu és Cidade Coração.[15]

No dia 18 de julho de 1989, o povoado denominado “Entroncamento de Jaguaquara” foi desmembrado do município e se tornou o distrito Stela Dubois, numa justa homenagem àquela que se dedicou por cinquenta anos à comunidade.

Na ocasião, seu esposo telegrafou ao autor da proposta, o deputado estadual Carlos Alberto Simões, e declarou:

“Considero natural aspiração habitantes próspera localidade. O que surpreende e emociona, apesar de sabê-la merecida, é a homenagem à saudosa e heróica companheira de tantas jornadas, ao longo meio século de serviço do bem e da Pátria”.[16]

A espiritualidade de Stela

A tônica da vida de Stela foi a pregação do evangelho. Ela tinha sempre um modo de citar um trecho bíblico nas salas de aula. E falava de Jesus a todos: aos amigos, ao telefone, aos pedintes à sua porta, orientando com palavras de bom ânimo e de esperança, junto ao pão concedido.

Stela orava muito nas madrugadas e sempre mantinha grupos de oração no “Jardim de Oração”, o seu recanto predileto, no jardim da casa do colégio onde morava com a sua família.

Ela atendia a todos que a procuravam; telefonava e fazia visitas constantes. Sempre estava pronta a levar uma palavra de alento e fé a quem precisasse. Quando necessário, aplicava correções e disciplinava até mesmo com dureza, mas totalmente pautada na Palavra de Deus. E suas valiosas reprimendas calavam nos corações daqueles que ela aconselhava.

Stela escreveu hinos oficiais e corinhos inspirados para os acampamentos batistas na Bahia, que eram verdadeiras festas espirituais, sempre enfatizando o desejo ardente de um avivamento espiritual no Brasil. Foi por toda a vida avivalista em sua obra, coração e exemplo.

Na orelha do livro *Asas Resplandecentes*, de 1962, escrito em parceria com Rosalee Appleby, consta sobre Stela: “Uma

alma que conhece as coisas profundas do Espírito de Deus. Coração que se volta para o Senhor".[17]

A vida de Stela Dubois foi impregnada da presença de Deus. Era uma pessoa extremamente espiritual, que se alegrava com companhia divina:

> Esta nova alegria que me alcança,
> Com a gratidão dentro de mim vibrando,
> Teve a visão de pássaros em bando,
> Que nas asas trouxeram a esperança.
>
> A paz que veio, tão serena e mansa
> Como se o próprio céu fosse baixando,
> Venceu a noite e o abismo... E ei-la, cantando,
> Como sabe cantar uma criança.
>
> Esta alegria que não vê barreiras
> E quer subir com as asas mais ligeiras
> Para buscar o alento nesse Amor.
>
> Essa alegria interior, profunda,
> Que, silenciosa, o coração inunda,
> Vem da Tua presença, ó meu Senhor![18]

Em suas poesias e hinos, Stela colocava ensinamentos recebidos de seu Salvador Jesus Cristo. Em uma poesia sobre o Natal, ela destacou a certeza de que ele é o único Salvador:

> NATAL DE 1983
>
> Tanta guerra e tantas lágrimas...
> E uma Paz, uma só: Jesus Cristo!
>
> Tantos caminhos errados
> levando ao abismo,
> e um só Caminho Certo: Jesus Cristo!
>
> Tantas vidas se estragando na miséria e na incredulidade e um só Dono da Vida: Jesus Cristo!
>
> Tantas religiões perturbando as mentes

E uma só Religião capaz de religar o homem a Deus: Jesus Cristo!

Tantas filosofias, tantos livros guias, e um só livro
– Regra de Fé e Prática – a Bíblia Sagrada,
que aponta o Caminho-Verdade-e-Vida,
o Restaurador da raça decaída: Jesus Cristo!

Tantos natais de papel colorido... de árvores iluminadas...
de presentes e banquetes...
Tantos natais de carência,
de terrorismos e de violência,
numa correria sem fim...

E um só Natal de Salvação Gratuita!
Um Único Natal de Felicidade nos lares!
Um Único Natal de Fraternidade dos povos!
Um Único Natal de firme segurança
alimentada pela esperança de
uma Pátria Ideal,
numa Perfeição de Amor sem limites,
uma Pátria Sublime alimentada pela fé
"Num só rebanho e num só pastor",
Jesus Cristo, o Senhor![19]

Sua visão do céu

Um relato seu, em especial, demonstrou a aprovação do mestre amado para com a querida discípula. Entre seus maravilhosos poemas, encontra-se um que misturou prosa e poesia e relatou sobre os céus.

Para que muitos não ficassem chocados e impressionados com o relato, ela escreveu que *O retrato da morte e o retrato da vida* era a transcrição de um sonho. Contudo, afirmou muitas vezes que realmente esteve nos céus.

Em 1963, Stela necessitou passar por uma intervenção cirúrgica. No final da operação, ela sofreu uma parada cardíaca. Os cirurgiões atestaram sua morte clínica. Ela, porém, retornou e, alguns meses depois, relatou:

Relato de Stela Dubois sobre sua ida aos céus

– Stelinha, querida, eu avistei a Cidade Santa!

Stelinha então lhe disse:

– Mãe, conte-me tudo, direitnho!

E então ela passou a relatar o que lhe havia acontecido:

– De repente, me vi suspensa por debaixo dos braços, e levantada por dois anjos, um de cada lado. Eu não os via, mas estava furmemente segura por eles. Num piscar de olhos, fui transportada para os céus, para as regiões estratosféricas, e os meus pulmões se encheram de tanto ar, de um ar tão puro, que não é possível descrever, tão intenso e pleno era o meu respirar.

– E então eu vi que tudo era Verdade!

– Tudo o que está escrito é Verdade! Todas as promessas do Pai são verdadeiras!

– Os céus existem realmente e eu vi a Cidade Santa!

– E fui com os dois anjos, eles me conduzindo de uma forma segura e precisa, meus pés se moviam, mas eu não podia vê-los, ao mesmo tempo, eu ƒnha a sensação de que voava, a velocidade era descomunal, o clima era excelente, delicioso, a atmosfera levíssima, e o brilho, a luz, as cores... ah, as cores eram lindas, eram cores especiais não avistadas dentre as do arco-íris. E os anjos me conduzindo,

porém, eu não podia vê-los, apenas senƒ-los, até que cheguei à Cidade Santa.

– Sim, toda ela esplendorosa e luminosa em simples palavras. É como está descrito em algumas partes da Bíblia para o nosso pequeno entendimento, mas muito mais impressio-nante do que qualquer um de nós poderia relatar. Toda de pedras preciosas,
esplêndida, grandiosa, reluzente! Não há palavras que possam descrevê-la.

– Durante o percurso a minha alegria era imensa, meu espírito
exultava, e em júbilo meu coração gritava: Vou ver o Meu
Senhor!

– Quando toquei o meu pé no patamar, no pórƒco de entrada que
levava ao interior da Cidade Santa, escada feita das mais
maravilhosas pérolas, o meu Senhor me disse:

– Minha serva! Volta, pois não é chegado o teu momento! O teu
companheiro ainda precisa de ƒ!

– Vi-me, então, sendo trazida de volta à terra. Mas eu não queria
voltar. O meu espírito ansiava o “alto”. Suspendendo a cabeça, foi difícil retornar ao corpo físico. Eu chorava. Oh, te•a de
dores e calamidades. Eu havia experimentado as elevadas paragens celesƒais! E ao voltar, vi, em

espírito, o meu Olho
René, em prantos, debruçado sobre o meu corpo na mesa
cirúrgica. Vi o meu esposo, Dubois, com o amigo padre
Palmeiras na varanda do hospital em espírito de oração. E
foi-me mostrado Dubois em desespero futuro, clamando:
– Meu Deus, a Stela não! Não ainda! Eu não estou preparado![20]

Stelinha ainda lhe perguntou se ela se sentiu sem fôlego. Stela respondeu que sua respiração era tão ampla que parecia que possuía dez pulmões. Após a cirurgia, teve um restabelecimento imediato e sua saúde melhorou. O diabetes que a molestava, pois era insulino-dependente, desapareceu. As palpitações e taquicardias noturnas também. Dias mais tarde, em um relato bem vívido, ela escreveu a experiência em prosa e verso.

Trechos de O retrato da morte e o retrato da vida

(Sonhei que, ao atravessar uma rua, pisei num fio de tensão elétrica e fiquei carbonizada.)

1) Vi-me, de repente, numa Nova Manhã.
Brilhava um sol alvíssimo, incandescente,
um sol de meio-dia tropical, mas num clima excelente,
de excelência descomunal.
Rápido, como o pensamento,
o meu espírito chegara a esse Lugar.
– Onde estou? – indago.
– Estás na Casa das Muitas Moradas.
– Então eu não morri?

– Não! Deus não é Deus de mortos!
Ele é Deus dos vivos!

2) Eram dois anjos que me falavam.
Seus nomes tinham a significação
de Louvor e Adoração.

3) – Venha por aqui ... – disseram.
Eu pisava, de leve, sobre um tapete vasto,
macio como pétalas dos lírios.
Um Coro imenso ouvi cantando,
e harpas, flautas, órgãos e carrilhões acompanhando...
E era isto a morte?
Não! Era a Vida! A Vida Eterna,
no plano da Bem-aventurança!

4) Por entre nuvens douradas,
sorria, compassivo,
para abrandar o meu espanto,
o Salvador redivivo,
Jesus glorificado!
Caio de joelhos, dizendo as palavras de Tomé:
– Senhor meu e Deus meu! [...]

6) E era tudo isto o novo plano da eternidade,
o céu depois da morte!

7) Corríamos como a luz... os dois anjos e eu...
Sentia possuir mãos, pés, rosto e todos os sentidos,
porque via melhor sem olhos.
E sem o corpo eu mais sentia
as vibrações da eterna Alegria.
E o bafejar da Fé no seu clímax. [...]

22) Neste sonho experimentei,
como quem prova uma colherinha só,
por assim dizer, do Maná mais carinhosamente preparado.
Vislumbrei
O céu depois da morte, porque Deus não é Deus de mortos, mas dos vivos!
O Deus de Abrãao, de Isaque e de Jacó,
O Deus dos remidos pelo Sangue de Jesus Cristo,
O Deus Único e Verdadeiro, Criador dos céus e da terra.
O céu depois da morte!

23) Glorificado seja o nome do Senhor,
pelos séculos dos séculos,
anos contados aqui na terra;
e por toda a eternidade,
onde os anos não se contam mais.

24) Faze-me chegar ao Teu rio, Senhor!
Pois tudo é verdade![21]

Para sempre nos céus

Stela continuou ativa até a morte. Semanas antes de falecer, ainda traduziu dois importantes trabalhos enviados pela missionária Rosalee. No entardecer de 7 de março de 1987, partiu ao encontro de seu amado mestre uma das mais apreciadas escritoras batistas, grande poetisa e educadora.

S tela, serva fiel, vem!
T udo preparei para ti.
E, por tua fidelidade,
L inda coroa de glória
A tua espera aqui está.

C hamei-te agora para Mim,
A pesar de saber quão preciosa
M ãe, esposa, irmã, amiga
A í na terra tu és!
R einarás no céu comigo e,
A espera dos teus, ficarás.

D urante mais de oito décadas
U m plano te dei para cumprir.
B em feito, inigualável, o fizeste –
O rgulho-me de ti!
I ncansável e dedicada filha Minha:
S abes que te amo. Vem![22]

Esse acróstico foi feito por sua sobrinha Célia Câmara Reis. A ela Carlos Dubois declarou: “Filhinha, eu é que devia

ter ido primeiro! Não vai ser fácil viver sem ela, mas em breve eu irei também ao encontro do meu Rei e da minha rainha!”.[23] Ele faleceu seis anos depois, no dia 13 de julho de 1993.

O escritor Enéas Tognini, na dedicatória de seu livro *História dos Batistas Nacionais*, publicado logo após o falecimento de Stela, escreveu:

> Homenagem póstuma
>
> À dedicada serva do Senhor
> Stela Câmara Dubois
> Exemplo de humildade e consagração ao Senhor,
> Recolhida nos tabernáculos eternos em
> 7 de março de 1987, em Jaguaquara – Bahia,
> Nosso preito de saudade e amor e gratidão!

ROSALEE MILLS APPLEBY (1895–1991):[24] A PARCEIRA ESPIRITUAL DE STELA

> Uns constroem neste mundo com a cabeça: são os intelectuais; outros com as mãos: são os artífices; e há aqueles que edificam e laboram com o coração cheio do Espírito: são os santos. Estes fazem para a eternidade e tratam com almas. Dona Rosalee pertence a esta categoria. Buscou a Deus e o encontrou e da sua presença tem esparzido sobre milhares fragrâncias perenes. Avivamento, um avivamento no Brasil, terra a que sabe amar, é o tema constante de sua vida.[25]

Considerada a “mãe do movimento de renovação espiritual” no Brasil, a missionária estadunidense Rosalee Mills Appleby, nascida em 1895, veio para o Brasil jovem e recém-casada com o missionário David Appleby, fixando residência em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Em 15 de outubro de 1925, um dia antes do nascimento do filho, David faleceu. Antes, disse para a esposa: “Estão

me chamando lá em cima [...] cuide de nosso filho [...] faça dele um homem [...] Realize o meu trabalho e o seu [...] Eu estou completamente feliz [...] Bendize, a minha alma, ao Senhor [...]".[26]

Enquanto o corpo do marido estava na sala da frente, Rosalee dava à luz, no quarto mais afastado, seu filho, David. O sofrimento pelo qual passou ao perder o marido, recém-chegada ao Brasil e sem se comunicar bem em português, levou-a a buscar maior comunhão com Deus e afetou todo o seu ministério de pregação da mensagem da cruz na unção do Espírito Santo.

Morando em Belo Horizonte, Rosalee dedicou sua vida para encorajar um avivamento nas igrejas evangélicas, a partir da década de 1950. Pregava nas igrejas, principalmente para os jovens, pelos quais era muito querida, e se tornou conhecida por seus livros de crescimento espiritual e santificação.

A missionária foi autora de dezenas de livros, alguns dos quais *best-sellers* nos Estados Unidos e na Inglaterra. O livro de devocionais diárias que escreveu em parceria com Stela Dubois, *Ouro, Incenso e Mirra*, foi publicado pela Casa Publicadora Batista, com cinco tiragens de 3 mil exemplares cada.

Rosalee fundou muitas igrejas em Belo Horizonte. A última foi no Barreiro, quando saía no domingo pela manhã, com duas bananas na bolsa: "Trabalhava o dia todo, sem esmorecimento. Seu lanche e seu almoço eram as bananas. Quantas vezes se privou de roupa bonita para empregar seu dinheiro no querido orfanato em terras mineiras que hoje traz seu nome".[27]

Ela implementou o movimento de renovação espiritual entre os batistas e demais denominações evangélicas históricas, e orou muito por um avivamento que viesse incendiar com o fogo do céu as igrejas.

Batista do sul dos Estados Unidos, nunca foi abalada em suas convicções denominacionais, crendo que um batista, presbiteriano, metodista, congrega-cional ou luterano avivado deveria permanecer em sua igreja e aquecer o seu povo. Muitas igrejas foram despertadas por essa mensagem e começaram a experimentar com mais fervor o poder do Espírito.

Rosalee e Stela, ao se conhecerem, fizeram um pacto de trabalharem juntas para o movimento de renovação. Stela inicialmente traduzia as poesias de Rosalee e depois passou a traduzir literatura devocional e folhetos, sendo coautora de muitas obras.

A ela Rosalee dedicou o livro *Sarça Ardente,* declarando sobre sua amizade: “Uma parte dos meus sonhos com as suas doces reminiscências; é uma parte das melodias da vida com os seus cânticos de vitória; por isto, eu te agradeço, Senhor, esses trinta e oito anos de mútua colaboração para o teu serviço”.[28]

As duas foram amigas como irmãs, por toda a vida. Após vinte anos dessa dedicatória, com a parceria completando 58 anos, Enéas Tognini, líder do movimento, afirmou que uma se completava na outra: “São almas gêmeas, como foram Davi e Jonâtas [...] D. Stela e D. Rosalee, consumidas pelos anos, corações unidos, mãos dadas, olhando uma para a outra, caminham firmes, olhando para o Autor da Vida”.[29]

Rosalee também escreveu a Stela: “Hoje, depois de tantos anos de convivência literária e fraternal, continuamos a labuta, produzindo mais um livro e, quem sabe, talvez o útlimo das duas em parceria”. E realmente o foi, pois Stela faleceu dois anos depois.

Após décadas de incansável ministério de evangelismo e avivamento, Rosalee retornou aposentada para os Estados Unidos. Em 1980, Ida de Freitas e Peggy Pemble a visitaram:

> Como foi bom rever essa serva de Deus, tão empenhada ainda em orar por um avivamento no Brasil e nos Estados Unidos! [...] Sua fisionomia tranqüila espelhava aquela beleza que só os que vivem em comunhão íntima com o Pai ostentam. No momento em que a vi, lembrei-me de Moisés ao descer do Monte Santo, onde estivera por tantos dias, na presença do Senhor. Já com seus 86 anos e havendo deixado o Brasil, em 1965, ainda tem o mesmo amor por nossa pátria, o mesmo interesse em vê-lo evangelizado e os brasileiros ganhos para o reino do Senhor.[30]

Em 1985, com 90 anos, Rosalee continuava vibrando pelo Brasil e orando sem cessar pela terra do Cruzeiro do Sul. Enxergando pouco, escrevia cartas com letras grandes, como fazia o apóstolo Paulo, para seus queridos amigos brasileiros. E animava os jovens, confortava os idosos, pregava a Palavra de Deus sem se cansar, enquanto ele lhe renovava as forças.

No dia 20 de maio de 1991, ela faleceu aos 96 anos de idade, em Canton, Mississippi.

* * *

As histórias da vida de Stela e Rosalee encerram este livro e despertam o desejo de uma vida mais próxima de Deus. Que o exemplo dessas duas cristãs avivadas e as palavras deixadas em suas obras, inspiradas pelo Espírito Santo,

desafiem cada um ao crescimento espiritual e à verdadeira prática cristã.

Stela e Rosalee já estão com Cristo, mas os cristãos que ainda labutam aqui na terra podem e devem cooperar cada vez mais para o crescimento do reino de Deus. Stela, que viu o céu em vida, já desfruta de seu resplendor maravilhoso, e para lá também irão todos aqueles que aceitarem, pela fé, a salvação em Jesus, que é o único caminho, verdade e vida (Jo 14.2-3).

---

1. TOGNINI, Enéas. “Duas vidas”. In: APPLEBY, Rosalee Mills; DUBOIS, Stela Câmara. *Amor, beleza máxima da vida*. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1985. p. 7-8.↩
2. Fontes: ICHTER, Bill H. *Vultos da música evangélica no Brasil*. Rio de janeiro: JUERP, 1967. p. 16-29; BARCELLOS, Ilma Câmara. “Stela Câmara Dubois: rememorando com saudade a benção de sua vida”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1987. p. 8-9; REIS, Célia. “Stela Dubois nome de Município”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1989. p. 1; ROSA, Armando Barreto. *Carlos Dubois*: o artista da palavra. Salvador: Gráfica e Editora Dacosta, 2000; BARCELLOS, Ilma Câmara. "Estive nos céus! Vi! Tudo é verdade!". Depoimento enviado por e-mail para Rute Salviano Almeida, em 6 de outubro de 2011.↩
3. BARCELLOS, Ilma Câmara. “Estive nos céus! Vi! Tudo é verdade!”. Depoimento sobre Stela Câmara Dubois.↩
4. Ibid.↩
5. BARCELLOS, Ilma Câmara. “Stela Câmara Dubois: rememorando com saudade a benção de sua vida”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1987. p. 8.↩
6. ROSA, Armando Barreto. Op. cit. p. 70.↩
7. “Renovação Espiritual é uma mensagem bíblica no poder do Espírito para sacudir as igrejas que existem, mas que dormem embaladas pelo comodismo e pela inatividade” (José Rego do Nascimento).↩
8. René Dubois apud ROSA, Armando Barreto. Op. cit. p. 71-72.↩

9. BARCELLOS, Ilma Câmara. “Stela Câmara Dubois: rememorando com saudade a benção de sua vida”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1987. p. 8.↩
10. Ibid. p. 8.↩
11. ROSA, Armando Barreto. Op. cit. p. 70.↩
12. MENEZES, Luiz Modesto. “Carlos Dubois – um carvalho exemplar no bosque batista baiano”, *O Jornal Batista*, 13 de fevereiro de 1994. p. 9.↩
13. FERREIRA, Ebenézer Soares. “Centenário do 10 Colégio Batista organizado no Brasil”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 7 a 13 de dezembro de 1998. p. 10.↩
14. TOGNINI, Enéas. *História dos batistas nacionais.* Brasília: Convenção Batista Nacional, 1987. p. 6.↩
15. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_munic%C3%ADpio_de_ Jaguaquara. Acesso em: 10 abr. 2011.↩
16. REIS, Célia. Op. cit. p. 1.↩
17. APPLEBY, Rosalee Mills; DUBOIS, Stela Câmara. *Asas resplandecentes*, orelha.↩
18. APPLEBY, Rosalee Mills. *Sarça ardente.* São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1966. p. 58-59.↩
19. DUBOIS, Stela Câmara. “Natal de 1983”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1983.↩
20. BARCELLOS, Ilma Câmara. “Estive nos céus! Vi! Tudo é verdade!”. Depoimento sobre Stela Câmara Dubois.↩
21. DUBOIS, Stela Câmara. “O retrato da morte e o retrato da vida”. Depoimento enviado por Ilma Câmara Barcellos.↩
22. REIS, Célia Câmara. “Stela Câmara Dubois”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1987. p. 1.↩
23. REIS, Célia Câmara. “Mais um à minha espera!”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1993.↩
24. Fontes: BARCELLOS, Ilma Câmara. “Stela Câmara Dubois: rememorando com saudade a benção de sua vida”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1987; TOGNINI, Enéas. “Duas vidas”, apresentação do livro. In: APPLEBY, Rosalee Mills; DUBOIS, Stela Câmara. *Amor, beleza máxima*

da vida. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1985. p. 7-11; Depoimentos avulsos.↩

25. APPLEBY, Rosalee Mills; DUBOIS, Stela Câmara. *Asas resplandecentes*. São Paulo: Renovação Espiritual, 1962. Orelha.↩
26. APPLEBY, Rosalee Mills; DUBOIS, Stela Câmara. *Amor, beleza máxima da vida*. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1985. p. 19.↩
27. Ibid. p. 9.↩
28. APPLEBY, Rosalee Mills. *Sarça ardente.* São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1966, dedicatória.↩
29. APPLEBY, Rosalee Mills; DUBOIS, Stela Câmara. *Amor, beleza máxima da vida*. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1985. p. 10.↩
30. FREITAS, Ida de. “Visitando Rosalee Appleby”, *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1980. p. 9.↩

Epílogo

Este livro apresentou personagens marcantes da história do protestantismo no Brasil. Que reflexões o leitor pode fazer a partir desses relatos? Quais as lições que essa história traz? Qual mandamento essencial do cristianismo não foi cumprido, provocando incompreensões e dificuldades?

O amor é a marca do discípulo de Cristo, e percebe-se que, mesmo no nobre propósito de levar as boas novas da salvação, alguns cristãos não foram compassivos e deixaram que a cultura sobrepujasse o amor e o substituísse pela intolerância, uma característica não cristã.

De um lado, os católicos discriminavam os protestantes, chamando-os de “bíblias”, “bodes” e “hereges”. Do outro, os protestantes chamavam o catolicismo de “besta” e de “anticristo”.

A fé, sem a qual é impossível agradar a Deus, estava ausente da religiosidade popular. A veneração cega e o misticismo contribuíam para que sobrevivesse apenas uma mera credulidade. Praticava-se uma religião porque era a crença dos pais, sem entendimento e contestação.

A necessidade do “deus” próximo fazia do fiel um idólatra que precisava possuir seu objeto de adoração, no desconhecimento das Escrituras de que o verdadeiro adorador deve adorar a Deus em espírito e em verdade.

O descontentamento com o santo assemelha-se ao procedimento de muitos “evangélicos”, na atualidade, que buscam a Deus somente quando precisam de um bom

emprego ou de cura para suas enfermidades. Eles querem um “deus” para barganhar, manipular e dar ordens. E, quando não são atendidos, revoltam-se contra o Criador, colocando nele ou no “inimigo” toda a culpa. Porém, esquecem-se de atribuir o erro a eles mesmos.

Quando ao povo serão ensinadas as doutrinas bíblicas: o poder transformador do evangelho, a importância do novo nascimento e a mudança radical de vida? Quando será ensinado que Deus deve ser adorado pelo que é, e não pelo que concede? Quando cessará a comparação de Deus com a vida? Se a vida é boa, Deus é bom; se ocorrem dissabores, Deus não se importa com sua criatura e, portanto, não merece adoração.

Quando as pessoas olharão apenas para Cristo, o autor e consumador da fé, e se encantarão com seus ensinos e exemplo? Quando deixarão de olhar para líderes e outros cristãos que são falhos em seu proceder? Quando, em vez de procurarem defeitos nos outros, se preocuparão consigo mesmos e em reproduzir o fruto do Espírito Santo?

Quando voltarão ao convívio de seus irmãos na fé, perdoando suas faltas, chorando e se alegrando com eles? Quando deixarão de ser evangélicos não praticantes? Quando o cristão terá Cristo não somente como seu Salvador, mas principalmente como seu Senhor, a quem deve submissão? Quando será fiel e comprometido com a mensagem cristã e não se deixará modelar pela filosofia individualista contemporânea?

Quando amarão sem julgamentos e não proferirão piadas e xingamentos inadequados? Das bocas que louvam a Deus

não deveriam sair palavras torpes. São perguntas que não querem calar e necessitam de respostas.

Algumas características marcantes do cristianismo, felizmente, podem ser observadas na implantação do protestantismo brasileiro, constituindo aspectos positivos que servem de lição para os dias atuais.

Em primeiro lugar, destaca-se a beleza da cooperação entre as denominações, quando havia mais proximidade e comunhão. Os pastores se conheciam e se ajudavam, revezando seus púlpitos e auxiliando uns aos outros nas crises pessoais.

Outro aspecto positivo, mesmo que por imposição da lei, era a simplicidade das casas de orações, quando a singeleza das primeiras capelas maravilhava mais que as grandes catedrais atuais. As primeiras congregações eram chamadas simplesmente de igrejas evangélicas ou casas de oração. Atualmente, contudo, existem mais igrejas com nomes diversos e estranhos do que membros comprometidos com a prática cristã.

E em relação às mulheres: quando serão reconhecidas pelo dedicado trabalho que executam? Quando as páginas dos livros de história do cristianismo as citarão? Quando desfrutarão de liberdade para o exercício de seus dons espirituais?

Neste livro pode-se contemplar uma verdadeira galeria de heroínas evangélicas. Mulheres solteiras, educadoras dedicadas e abnegadas; e mulheres casadas, companheiras dos missionários pioneiros. Todas em um mesmo propósito, a evangelização do povo brasileiro.

Em outra parede da galeria, estão as mulheres que evangelizaram o sertão: a intrépida apologista pernambucana, a doutora nordestina, o anjo dos lázaros, a mártir entre os indígenas e a que caminhou mil léguas sem se cansar na busca de pedras preciosas: as almas dos sertanejos. Que sublime vocação! Quanto desprendimento!

Mais à frente, contemplam-se as talentosas e polivalentes protestantes: as professoras e líderes femininas, a pregadora e promotora de missões, as evangelistas pesquisadoras, as musicistas historiadoras e a historiadora avivada que contou sobre os céus.

Em interessante retrospecto, podem ser observadas algumas semelhanças em suas mortes: Herodias Neves Cavalcanti, a missionária emérita, morreu em viagem de promoção missionária e foi enterrada no Dia de Missões Mundiais. Cecília Siqueira, a dedicada mestra, sentiu-se mal na secretaria do colégio, onde passou grande parte de sua vida, morrendo no dia 15 de outubro, Dia do Professor.

No decorrer da leitura, o querido leitor deve ter percebido o esforço, a ousadia e, ao mesmo tempo, a humildade dessas mulheres, que não se consideravam capazes de realizar a enorme tarefa à sua frente.

Porém, confiantes na capacitação divina, prosseguiram sem esmorecer. Deus é o capacitador e não cabe aos homens considerar incapacitado ou inapropriado quem quer que seja. Para ser eficaz, o ministério cristão não depende de sexo, raça, nível intelectual ou qualquer outro fator humano, mas apenas dos dons do Espírito Santo de Deus.

As missionárias solteiras puderam dedicar-se integralmente a seu ministério e realizaram muito. E

aquelas que tiveram a bênção da parceria conjugal, com a soma das forças, divisão das dificuldades e oração conjunta, foram abençoadas por seus esposos, eles foram abençoados por elas e o reino de Deus cresceu.

Contudo, quando líderes cristãos não entendem a importância de liberdade para o exercício dos dons femininos, quando cerceiam as vozes das mulheres e definem suas tarefas, o reino de Deus perde em uma dimensão que só a eternidade poderá aquilatar.

Os missionários estadunidenses permitiam a fala das mulheres apenas em ambientes privados e para pessoas de seu próprio sexo ou para crianças. A proibição do falar feminino em público lembra a mentalidade medieval, quando era considerada herética a mulher que pregasse publicamente.

A mentalidade discriminadora do ministério feminino não tem base bíblica, nem o endosso do Mestre, que valorizou, honrou, elogiou e desfrutou dos serviços de suas discípulas, reconhecendo sua fé e importância para o reino de Deus. O processo de redenção social da mulher, iniciado por Cristo, quando as tratou com dignidade e amor, deveria ter continuado.

É difícil reverter esse padrão, que teve muita força nos primeiros anos do protestantismo no Brasil e continua tendo atualmente. Nem as palavras bíblicas de que “Deus não faz acepção de pessoas” e “em Cristo não há judeu, grego, servo, livre, homem ou mulher” são capazes de mudar a opinião daqueles que preferem seguir uma tradição.

A concessão que era e é feita à liderança feminina ocorre somente na ausência do pastor. As missionárias abrem

pontos de pregação, iniciam escolas dominicais, evangelizam, pregam e lideram igrejas, na ausência do pastor. Será que o pastor não merece ouvir a mensagem de uma pessoa consagrada e dedicada ao reino de Deus?

Mulheres capacitadas por Deus e vocacionadas ao ministério cristão foram destaques nesta obra. E elas prosseguem, como maioria da membresia nas igrejas evangélicas, atuando com dedicação nos seus ministérios e exercitando seus dons e talentos.

É fundamental para a igreja evangélica contar com o serviço delas e dos homens comprometidos com Cristo. Que as vozes femininas prossigam ecoando, transmitindo palavras abençoadoras, em livros inspirativos, em mensagens edificantes, em serviço compassivo.

Nossa oração é que todas as mulheres cristãs possam exercer livremente em suas igrejas os dons concedidos por Deus, o galardoador, capacitador e Senhor de suas vidas!

Amém.

Referências

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil 1865-1866.* Trad. João Etienne Filho. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil.* Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. V. 2.

APPLEBY, Rosalee. *Sarça ardente.* São Paulo: Ed. Enéas Tognini, 1966.

APPEBLY, Rosalee; DUBOIS, Stela Câmara. *Asas resplandecentes.* São Paulo: Renovação Espiritual, 1962.

_____. *Amor, beleza máxima da vida.* São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1985.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo*. A formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996.

_____. *As cruzadas inacabadas*. Introdução à História da Igreja na América Latina. Rio de Janeiro: Gêmeos, 1980.

AZZI, Riolando. *O clero no Brasil.* Uma trajetória de crises e reformas. Brasília: Rumos, 1992.

BARBEIRO, Heródoto. *História do Brasil.* São Paulo: Moderna, 1978.

BARRETO, Archiminia. *Mitologia dupla.* Ou religião católica e sua máscara. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1971.

BEOZZO, José Oscar (Org.). *História da igreja no Brasil.* Ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda época. A

igreja no Brasil no século XIX. 2. ed. Petrópolis: Vozes, Tomo II/2, 1985.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro – Século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. *Música sacra evangélica no Brasil.* Contribuição à sua história. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Livraria Kosmos Editora, 1961.

CÂMARA, Stela. *A heroína de Kraonópolis.* Biografia de Noêmia Falcão Campelo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1932.

CAMPÊLO, Zacarias. *Minha vida e minha obra.* Memórias. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.

_____. *O índio é assim.* 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil.* São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2005.

_____. *Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta.* São Bernardo do Campo: Edição do autor, 2001.

CÉSAR FILHO, Erlie Lenz. *A saga de uma família.* Uma história de fé e perseverança. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2007.

CHAVES, Otília de Oliveira. *Itinerário de uma vida.* Memórias de Otília de Oliveira Chaves. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1977.

COARACY, Vivaldo. *Memórias do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

CRABTREE, A. R. *História dos Baptistas do Brasil até o anno de 1906*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1937.

CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da (Sup.). *Nosso século: Brasil (1900/1910).* São Paulo: Abril Cultural, 1985. v. 1.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.* Trad. e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. v. 2.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance.* As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos – 1890-1930. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ELIAS, Beatriz Vicentini. *Vieram e ensinaram.* Colégio Piracicabano, 120 anos. Piracicaba: Unimep, 2001.

_____. *Memória, encantamento e beleza.* Colégio Piracicabano, 125 anos. Unimep, 2006.

EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil.* Trad., prefácio e notas de Gastão Penalva. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FARIA, Ricardo de Moura e outros. *História*. Belo Horizonte: Lê, 1989. v. 1.

FELIZARDO, Herlânder. *História dos baptistas em Portugal*. Lisboa: Centro Baptista de Publicações (CEBAPES), 1995.

FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana no Brasil: em comemoração ao seu primeiro centenário.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960. v. 1.

Referências 271

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

FREITAS, Ida de. *A missionária que abriu caminhos.* Biografia de Marcolina Figueira de Magalhães. 3. ed. Rio de Janeiro: UFMBB, 2010.

GAMMON, Clara. *Assim brilha a luz.* A vida de Samuel R. Gammon. Trad. Jorge Goulart. Lavras: Imprensa Gammon, 1959.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. *Religião, educação e progresso.* A contribuição do *Mackenzie College* para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

GONÇALVES, Margarida Lemos. *A que faz feliz.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

GRIPP, Roberto e outros. *História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá***.** Belo Horizonte: Betânia, 1991. p. 154 -193.

HACK, Osvaldo Henrique. *Protestantismo e educação brasileira.* Presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil.* Trad. Antonio Gouvêa Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino.* A luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940. Trad. Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

HARRISON, Helen Bagby. *Os Bagby do Brasil:* uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

HOORNAERT, Eduardo. *O cristianismo moreno do Brasil.* Petrópolis: Vozes, 1991. ICHTER, Bill H. *Vultos da música*

evangélica no Brasil. Rio de Janeiro: JUERP, 1967.

KALLEY, Sarah Poulton. *A alegria da casa.* Ou raios de luz sobre a vida familiar. 5. ed. Lisboa: Barata & Sanches, 1894.

KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil.* Trad. Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro* – Século XIX. São Paulo: HUCITEK, EDUSP, 1993.

LÉONARD, Émile–Guillaume. *O protestantismo brasileiro.* Estudo de eclesiologia e de história social. Trad. Linneu de Camargo Schützer. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações; São Paulo: ASTE, 1981.

LIMA, Lana Lage da Gama (Org.). *Mulheres, adúlteros e padres.* História e moral na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Dois pontos, 1987.

LÔBO, Yolanda e FARIA, Lia (Org.). *Vozes femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Quartet/FARPEJ, 2008.

LONG, Eula Kennedy. *O companheiro do lar.* São Paulo: Imprensa Methodista, 1924.

_____. *O arauto de Deus.* A vida de James L. Kennedy, missionário pioneiro do metodismo no Brasil. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957.

_____. *Do meu velho baú metodista.* São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1968.

_____. *Mães de homens célebres.* São Paulo: Imprensa Metodista, 1970.

_____. *Corações felizes.* 7. ed. São Paulo: Livraria Liberdade, s.d.

LOPES, Eliana Marta Teixeira e outros (Org.). *500 anos de educação no Brasil.* 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LUZ, Fortunato (Coord.). *Esboço histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense.* 1855-1932. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1932.

MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina (1859-1919).* Uma face do conservadorismo. 2. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2008.

MATHEWS, Ruth Ferreira. *Ana Bagby, a pioneira.* Rio de Janeiro: UFMBB, 1972.

MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900).* Missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____. *Erasmo Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira.* Perspectivas sobre a missão da igreja. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de Dom Pedro II (1831-1889).* Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1991.

MESQUITA, Antonio Neves de. *História dos Batistas do Brasil.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. 1940. v. 2.

_____. *Historia dos baptistas em Pernambuco*. Recife, Tipografia do CAB, 1929.

MESQUITA, Zuleica (Org.). *Evangelizar e civilizar.* Cartas de Martha Watts, 18811908. Trad. Anna Magdalena Machado Bracher e outras. Piracicaba: UNIMEP, 2001.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras de mulheres no século XIX.* Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MUIRHEAD, H. H. *O cristianismo através dos séculos*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1947. v. 3.

MULHOLLAND, Edith Brock (Comp.). *Hinário para o culto cristão: notas históricas.* Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 225-226.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco.* Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2005.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Perseguidos, mas não desamparados.* 90 anos de perseguição religiosa contra os batistas brasileiros (1880-1970). Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1999.

Referências 273

PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil.* 1882-1982. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.

_____. *Breve história dos batistas.* 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

PINHEIRO, Luiz Fernando (Ed.). *80 anos de bênçãos*. Diadema: Prol Editora Gráfica, 2004.

PORTO FILHO, Manoel da Silveira. *O congregacionalismo brasileiro.* 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Educação Religiosa e Publicações/UIECB, 1997.

PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil.* 2. ed. São Paulo: Contexto; UNESP, 1997.

QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher.* O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viageiros do século XIX. Petrópolis: Vozes, 1996.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil.* 3. ed. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira.* Aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. *Rastros e rostos do protestantismo brasileiro.* Uma historiografia de mulheres metodistas. São Leopoldo: *Oikos*, 2009.

RIO, João do. *As religiões no Rio.* Organização e notas de João Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado.* Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Primeira Fase – 1855 a 1864. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1941. v. 1.

_____. *Lembranças do passado.* Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Segunda Fase – 1865 a 1867. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1944. v. 2.

_____. *Lembranças do passado.* Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Terceira Fase – 1868 a 1872. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1946. v. 3.

_____. *Lembranças do passado.* Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil,

do qual resultou a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, pelo Dr. Robert Reid Kalley. Quarta Fase – 1872 a 1888. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, 1956. v. 4.

ROCHA, Patrícia Souza. *Mulheres sob todas as luzes.* A emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Leitura, 2009.

ROSA, Armando Barreto. *Carlos Dubois, o artista da palavra.* Salvador: Gráfica e Editora Dacosta, 2000.

SANTOS, Marcelo dos. *O marco inicial.* História e religião na América Latina a partir de Michel de Certeau. São Paulo: Edição Jorge Pinheiro, 2003.

SILVA JÚNIOR, Ismael da. *Heróis da fé congregacionais.* Dr. Roberto Reid Kalley e

D. Sara Poulton Kalley. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1972. v. 1.

STEWART, Dorine Hawkins. *Esther, estrela singular.* A vida de Esther Silva Dias. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária Batista do Brasil, 1984.

SYDENSTRICKER, Margarida. *Carlota Kemper.* Trad. Jorge Goulart. São Paulo: São Paulo Editora Ltda, 1941.

TOGNINI, Enéas. *História dos batistas nacionais.* Brasília: Convenção Batista Nacional, 1987.

TRUETT, George W. *Os baptistas e a liberdade religiosa.* Discurso proferido do alto da escadaria do Capitolio Nacional de Washington, em 16 de maio de 1920, na reunião convencional annual dos Baptistas do sul dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista do Brasil, s.d.

VEDDER, Henry C. *Breve historia dos baptistas.* Trad. A. E. Hayes. Recife: Faculdade Theologica Baptista do Recife, 1934.

VIANA, Juracy Fialho. *Cecília*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

Revistas e jornais

ALMENARA. “Herodias Pinto”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 10, 30 jul. 1936.

ALMENARA. “Brasil-Portugal: Embaixada da fé e do amor christão”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1, 29 abr. 1937.

AMARAL, Othon Ávila. “A proposta J. Reis Pereira”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 abr. 2003.

_____. “Batistas celebram quatro séculos”. *Visão Missionária*, ano 87, n. 4, p. 14-15, out.-dez. 2009.

BARBOZA, J. A. “A última jornada da itinerante de Deus”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 ago. 1988.

BARCELLOS, Ilma Câmara. “Stela Câmara Dubois: rememorando com saudade a bênção de sua vida”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 8-9, 11 out. 1987.

BARRETO, Archiminia. “Cobrir os céos com os dedos ou a immaculada conceição de Maria”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 3, 30 jun. 1905.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé. “Esperando na janela”. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 5, n. 54, p. 39-42, mar. 2010.

CAVALCANTI, Ebenézer. “Archiminia Barretto”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1, 2, 8, 2 nov. 1969.

_____. “Mulheres não falavam”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 7, 21-25 jan. 1970.

_____. “Antônio Teixeira de Albuquerque até 1886”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1-5, 29 jan. 1967

_____. “Um centenário batista no Brasil”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 4-5, 12 set. 1971.

COSTA, João Arantes. Uma vida no altar da música. *Boletim dominical da Igreja Evangélica Fluminense*, ano 59, n. 28, p. 2-3, 6, 10 jul. 1983.

DUBOIS, Stela Câmara. “Natal de 1983”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1, 25 dez. 1983.

FERREIRA, Ebenézer Soares. “Centenário do 1º Colégio Batista organizado no Brasil”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 10, 7-13 dez. 1998.

FREITAS, Ida de. “Visitando Rosalee Apleby”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 9, 12 out. 1980.

GOBIRA, Herodias Neves. “Ouvindo a nossa missionária a Portugal”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 6, 29 jul. 1937.

_____. “Missionarios e creanças. Padre e professor, minha primeira experiência com as creanças”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 9-10, 12 ago. 1937.

_____. “Como o evangelho salvará duplamente a mulher portuguesa”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 8, 16 dez. 1937.

GRIPP, Renée Sathler. “D. Cecília Rodrigues Siqueira”. *SAF EM REVISTA*, p. 9-10, jul.-set. 1969.

HILTSDORF, Maria Lucia S. “Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação”. *Revista de Educação do COGEIME*, ano 11, n. 20, p. 93-98, jun. 2002.

ICTHER, Bill H. “Uma vida a serviço de Deus”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1, 6, 26 abr. 1987.

LÉON, A. Ponce de. “A cidade sem pecado”. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 599, p. 98-101, 12 out. 1963.

LOPES, J. Luciano. “Salvemos o Brasil”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 7, 23 mar. 1933.

LOPES, Olinda Silveira. *O que eu ia dizer. O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 6, 24 maio 1961.

MACHADO, José Nemésio. “Anna Bagby, a educadora”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 14, 13-19 out. 1996.

MATOS, Alderi Souza de. “Para memória sua”. A participação da mulher nos primórdios do presbiterianismo no Brasil. *Fides Reformata*, São Paulo, v. III, n. 2, p. 95-112, jul.-dez.1998.

MENEZES, João Barreto de; MAGALHÃES, Symphronio de. “A queima de Bíblias e o nosso protesto”. *O Jornal* Batista, Rio de Janeiro, 10 out. 1903.

MENEZES, Luiz Modesto. “Carlos Dubois – um carvalho exemplar no bosque batista baiano”. *O Jornal* Batista, Rio de Janeiro, p. 9, 13 fev. 1994.

MIRANDA, Batista. Discurso proferido na Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais por ocasião da outorga do título de "Cidadã Honorária do Estado’ à D. Cecília R. de Siqueira, no dia 29 de janeiro de 1966. *SAF EM REVISTA*, p. 1-2, jan.-mar. 1968.

MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX”. *Revista Estudos Feministas.* Florianópolis, 11 (1): 336, p. 225-233, jan.-jun. 2003.

NASSAU, Rolando. “Adeus à mestra”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 2, 17 jul. 1983.

_____. *“Magistra Dixit”.* Entrevista com D. Henriqueta Fernandes Braga. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 abr. 1981.

NICHOLS, Sophia. “União Geral de Senhoras - auxiliar à C.B.B.” In: BERRY, William H. (Dir.). Álbum do Brasil Batista. Junta Patrimonial Batista do Sul do Brasil. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1955. p. 60-61.

NÓBREGA, Marlene Baltazar da. “Jubileu de Brilhante”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 5-8, 19 jun. 1983.

OLIVEIRA, Domingos Pessôa da Silva. “A madrinha de salmos e hinos”. *O Cristão*, nov.-dez. 1984.

OLIVEIRA FILHO, Marcílio de. “Uma pausa para a saudade”. *O Jornal Batista,* p. 5, 11, 11 set. 1983.

PORTO FILHO, M. S. “Henriqueta Rosa Fernandes Braga”. *Vida Cristã*, p. 22-25, jul.-set. 1981.

REILY, Duncan Alexander. *Igreja Metodista em 3 tempos.* Folheto publicado pelo COGEIME, Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino, Piracicaba, SP.

REIS, Célia Câmara. “Stela Câmara Dubois”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1, 26 abr. 1987.

_____. “Stela Dubois, nome de Município”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1, 1 out. 1989.

_____. “Mais um à minha espera!”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 8 ago. 1993.

ROSÁRIO, Myrian. “Celebração dos 140 anos marca momento histórico da denominação”. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 8-9, 25 set. 2011.

SILVA, Luís Pinto da. “Traços biographicos de Herodias Pinto”. *O Jornal Batista,* Rio de Janeiro, p. 11, 10 jun. 1937.

SIQUEIRA, Cecília Rodrigues. “Alguém orava”. *SAF EM REVISTA*. Jul.-set. 1968, contracapa.

Referências 277

ZILBERMAN, Regina. “Leitoras de carne e osso: as mulheres e as condições de leitura no Brasil do século XIX”. *Revista de Estudos Literários*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 31-47, out. 1993.

(Revista Comemorativa) *Presbiterianismo no Brasil.* 1859-1959 – Projeto da Comissão Presbiteriana Unida do Centenário – São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.

Sem indicação de autoria

D. Carlota Kemper. *O Instituto.* Mensário do Instituto Gammom. Ano III. n. 15. Lavras, agosto de 1932, p. 1.

“Marco inicial é definido”. *O Jornal Batista.* Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 2009, p. 9. “Moldura para um retrato”. *O Jornal Batista.* Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1988, p. 5.

“Correm e não se cansam as duas missionárias ao Sertão”. *O Jornal Batista.* Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1971, p. 2.

Baptista Paulistano. São Paulo, fevereiro de 1911.

SAF EM REVISTA. Julho-setembro de 1964, p. 17.

A Pátria para Cristo. Rio de Janeiro. N. 3, maio e junho de 1969, p. 18.

Baptista Paulistano. São Paulo, dezembro de 1912.

O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 23 de março de 1933, p. 9.

O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1971, p. 1.

Teses e dissertações

LOUREIRO, Noemi Paulichenco. *Anna Bagby, educadora batista (1902-1919).* Dissertação de pós-graduação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Elisete da. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia.* Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

YAMABUCHI, Alberto Kenji. *O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil.* Uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasil dos anos 1960-1980, defendida na UMESP, em março de 2009.

Sites

ALCAFORADO, Marcelo. “Uma mulher de verdade”. *Algo mais – a revista de Pernambuco.* 6 set. 2010. Disponível em: <http://www.revistaalgomais.com.br/noticias/print. php/?not=6634>. Acesso em: 9 jan. 2011.

BRANT, Vera. “Eunice Weaver: uma vida para o bem”. Disponível em <http://www. verabrant.com.br/quadro01.htm>. Acesso em: 21 out. 2011.

CASCÃO, Regina Lucia. *Genealogia Pernambucana.* Disponível em <http://www.araujo. eti.br/familia.asp?numPessoa=1885&dir=cascao>. Acesso em: 30 set. 2011.

GUIMARÃES, Mário V. “As pioneiras da Medicina no Brasil e Pernambuco”. Disponível em <http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=noticias&codigo=132>. Acesso em: 10 jan. 2011.

MARQUES, Ruy João. Dra. Maria Amélia Cavalcanti – uma vida, um ideal – tentativa biográfica da primeira médica do Norte/Nordeste do Brasil. Academia Pernambucana de Medicina. Oficinas Gráficas da Universidade Federal de Pernambuco, p. 57 a 87, 1983. Disponível em: *<www.delanocarvalho.com/maca1.aspx>. Acesso em: 12 jan. 2011.*

OLIVEIRA, Betty Antunes. “Dia dos Namorados”. *A Coluna da Verdade.* Edição 19. Disponível em: <http://www.acoluna.org.br/textos_view.asp?id=89>. Acesso em: 4 out. 2011.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. “Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX nos caminhos da civilização”. *XII Simpósio Internacional – Processo civilizador* – 10 a 13 de novembro de 2009 – Recife. PE. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdf>. Acesso em: 12 jan. 2011.

SOUZA, Alderi Matos de. *Presbiterianos: origem e significado do termo.* Disponível em: <http://thirdmill.org/files/portugueses/23860~ 11_1_0 1_10-25-49_AM~Presbiterianos_origem_e_significado_do_termo.html>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Disponível em: <www.delanocarvalho.com/maca1.aspx>. Acesso em: 10 jan. 2011. Disponível em:

<www.vozmissionaria.org.br>. Acesso em: 25 set. 2011.

Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_munic%C3%ADpio_de_ Jaguaquara>. Acesso em: 10 abr. 2011.

Site oficial da pastora Esmeralda Campelo Vilela. Disponível em: <http://www.esmeralda campelo.com.br/pais.htm>. Acesso em: 2 out. 2011.

Caro leitor:

Acesse www.ultimato.com.br e faça seu comentário sobre este livro. Conheça também outros títulos da Editora Ultimato.

Caro leitor:
Acesse www.ultimato.com.br **e faça seu comentário sobre este livro. Conheça também outros títulos da editora e a revista Ultimato.**

VOZES FEMININAS NO INÍCIO DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO CATEGORIA: Cristianismo / Igreja / História

Copyright © 2022 por Rute Salviano Almeida

Primeira edição: Abril de 2022
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Natália Superbi
Diagramação: Bruno Menezes
Capa: Ana Cláudia Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A447
Almeida, Rute Salviano.

Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro : a religiosidade, o papel feminino, as denominações e suas pioneiras / Rute Salviano Almeida. — ed. — Viçosa : Ultimato, 2022.

"Título original: What Christ Thinks of the Church"

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86173-89-5

1. Mulheres protestantes – História - Brasil. 2. Mulheres no cristianismo - História - Brasil. 3. Protestantismo - História - Brasil. I. Título.
CDD 280.40981

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-970 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500
www.ultimato.com.br
facebook.com/editora.ultimato twitter.com/ultimato instagram.com/editoraultimato